

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**LÍNGUAS EM CONTATO NA TRÍPLICE FRONTEIRA: A INFLUÊNCIA DA
LÍNGUA ESPANHOLA NO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM
TABATINGA - AM**

Manaus-AM

2019

DAYANE LIMA VIANA

**LÍNGUAS EM CONTATO NA TRÍPLICE FRONTEIRA: A INFLUÊNCIA DA
LÍNGUA ESPANHOLA NO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM
TABATINGA - AM**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-
-graduação em Letras, como requisito para
obtenção de título de Mestre pela
Universidade Federal do Amazonas-UFAM.

Área de concentração: Estudos da
Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Herbert Luiz Braga
Ferreira

Manaus-AM

2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

V614l Viana, Dayane Lima
Línguas em contato na tríplice fronteira: A influência da língua espanhola no léxico do português falado em Tabatinga-AM. / Dayane Lima Viana. 2019
302 f.: 31 cm.

Orientador: Herbert Luíz Braga Ferreira
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Línguas em contato.. 2. Variação.. 3. Mudança.. 4. Léxico.. I. Ferreira, Herbert Luíz Braga II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

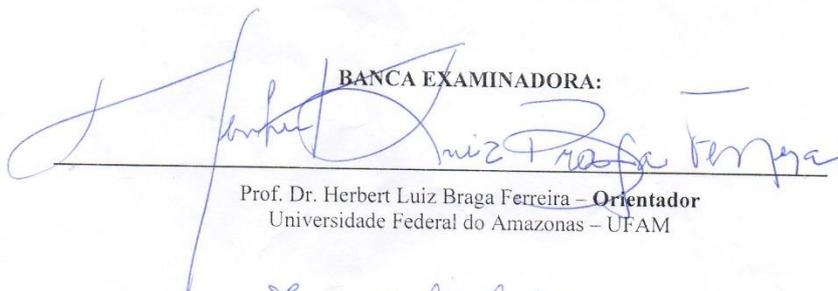
Dayane Lima Viana

“Línguas em contato na tríplice fronteira: A influência da língua espanhola no léxico do português falado em Tabatinga”

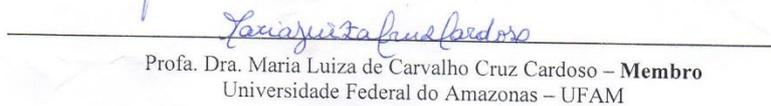
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 23 de abril de 2019

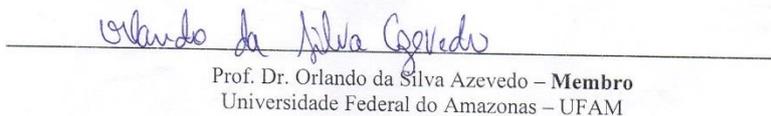
BANCA EXAMINADORA:



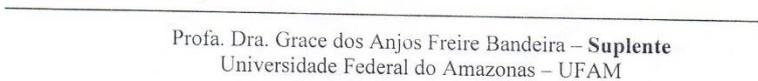
Prof. Dr. Herbert Luiz Braga Ferreira – **Orientador**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



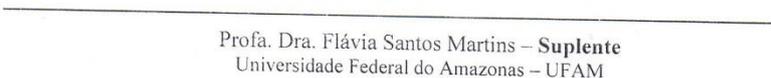
Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Profa. Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Profa. Dra. Flávia Santos Martins – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

*Dedico este trabalho aos
meus pais, Aldeney e Mirian,
embora com pouca instrução
fizeram-me amar a ciência*

“Confia no senhor as tuas obras e teus pensamentos serão estabelecidos”.

Provérbios 16:3

AGRADECIMENTOS

Honra e Glória ao nome do senhor, pois ele nunca soltou a minha mão e sempre me fez acreditar que o céu inteiro é comigo.

Agradeço à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) pela experiência proporcionada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior - CAPES, pela concessão de bolsa de estudo que possibilitou a concretização desta pesquisa.

Ao meu Orientador professor Herbert Luiz Braga Ferreira, à professora Maria Luiza Carvalho Cruz Cardoso e ao professor Orlando da Silva Azevedo, pela contribuição e apoio que me foi dado.

Aos meus pais, Aldeney e Mirian, razão desta conquista, música da minha vida. Por terem ensinado a mim o valor da vida e por sempre terem mostrado que os estudos me levariam a lugares inimagináveis. Toda essa conquista é o fruto dos conselhos, do amor e das orações de vocês. Certamente, não há na terra amor maior que esse.

Aos meus irmãos que mesmo distante se fizeram presente nesta jornada. Ao meu companheiro de vida, Cleudson, o qual me apresentou com o primeiro livro de linguística ainda na graduação, por ter sonhado com o mestrado antes mesmo de mim. Por ter feito minha inscrição e dado a mim todo o suporte necessário para que esse sonho fosse possível. Agradeço pelos simples gestos de amor, por muitas vezes ter preparado meu lanche para as aulas, enchido minha garrafinha de água, pelas madrugadas que acordou comigo, apenas para partilhar a "dor de acordar cedo" e deixar-me até a parada de ônibus, mesmo quando ela é tão perto do apartamento.

Também - por ter mudado de cidade e pedido afastamento do trabalho, só para me acompanhar na trajetória acadêmica. Por ter renunciado o conforto de sua casa e de sua família para que ficássemos juntos. Obrigada por todas as viagens e as belas experiências que temos vivido.

Sua existência faz-me perceber o quanto sou abençoada, por ter um amigo, um admirador, um coaching e um amor. Tudo ao mesmo tempo, tudo em uma só pessoa. Por ser tão dedicado a mim e aos meus sonhos, você merece essa homenagem.

A todos vocês, meus agradecimentos, sem vocês eu nada seria. Foi por vocês que nas horas de fraqueza mantive-me em pé. Foi por vocês que mesmo antes da conclusão do mestrado "atrevi-me" à seleção do doutorado. O que muitos consideraram "meter os pés pelas mãos" tenho preferência a chamar de desejo voraz de mudança, não qualquer mudança, mas a minha mudança e de minha família.

Mesmo com todo os obstáculos, tudo deu certo. Hoje, no fechamento desse ciclo, sinto-me feliz e realizada torcendo para que agora no doutorado eu sofra e desfrute igualmente.

Sim, eu digo, “sofra”, pois essa é a sina de quem carrega no peito um sonho maior do que o mundo, mas também que eu desfrute, pois esse é o resultado da dedicação e empenho impetrado no sonho.

Em cada lauda escrita, tem marcas da força, do incentivo e do amor de cada um. Foram muitos os obstáculos e várias as lutas, mas - hoje vejo, o que Deus preparou para mim, supera todo o sofrimento que passei.

RESUMO

Ao fazer fronteira com a cidade de Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru), a cidade de Tabatinga possui uma incontestável característica pluriétnica. Logo, o contato entre as línguas torna-se um imperativo natural cuja as relações são condicionadas por “um conjunto complexo de correlações sociais” MOLLICA (2015), que atuam como ferramentas da variação linguística que, em princípio, modificam o vernáculo tabatinguense.

É nessa perspectiva que a sociolinguística variacionista LABOV (2008), e a dialetologia CARDOSO (2010), CHAMBERS E TRUDGILL (1998) abrem o campo de observação e análise, uma vez que as variações ocorrem por um conjunto de fenômenos não estritamente linguísticos, mas também extralinguísticos. A pesquisa foi realizada de acordo com os princípios teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional (THUN,1998), que por meio do recorte sincrônico contempla as diferenças espaciais concomitante as variáveis sociais.

Como hipótese inicial do nosso estudo, consideramos que o português é predominante na cidade, mas o contato com a língua espanhola está ofertando variação à fala dos moradores da cidade por meio da difusão das lexias hispânicas.

Nesse sentido, nosso objetivo foi descrever as particularidades sociodialetal do falante de Tabatinga. Para tanto, utilizamos as cartas linguísticas a fim de demonstrar como o léxico da cidade de Tabatinga tem sido influenciado pela língua espanhola.

Realizamos a pesquisa em 4 pontos da cidade, que compreendem os bairros de Santa Rosa, São Francisco, Vila Paraíso e Comara. Nossa investigação contemplou os níveis diatópicos, diastráticos, diagenéricos e diageracional.

Foram entrevistados 8 informantes por ponto de inquérito no total de 32 entrevistas e o questionário foi constituído por 106 questões dos mais variados campos semânticos.

Como resultado, pudemos constatar que a Tabatinga apresenta características linguísticas marcadamente heterogênea, uma vez que, as lexias hispânicas foram observadas em diversos graus de frequência, inclusive com arealizações. Também pudemos verificar como os diferentes estratos sociais moldam seu repertório verbal diante do contato português-espanhol.

Palavras Chave: Línguas em contato. Variação. Mudança. Léxico

ABSTRACT

When bordering the city of Letícia (Colombia) and Santa Rosa (Peru), the city of Tabatinga has an undeniable multi-ethnic characteristic. Therefore, the contact between languages becomes a natural imperative. The relations established in the frontier space are conditioned by "a complex set of social correlations" MOLLICA (2015), which act as tools of linguistic variation that, in principle, modify the tabatinguense vernacular.

It is in this perspective that the variant sociolinguistics LABOV (2008), and the dialectic CARDOSO (2010), CHAMBERS and TRUDGILL (1998) open the field of observation and analysis, since the variation occurs by a set of phenomena not strictly linguistic, but also extralinguistic. The research was carried out according to the theoretical-methodological principles of multidimensional geolinguistics (THUN, 1998), which through the synchronic clipping contemplates the spatial differences concomitant with social variables.

As an initial hypothesis of our study, we consider that Portuguese is predominant in the city, but the contact with the Spanish language is offering variation to the speech of the inhabitants of the city through the diffusion of the Hispanic lexias.

In this sense, our objective was to describe the sociodialetal particularities of the Tabatinga speaker. To do so, we use linguistic charts to demonstrate how the lexicon of the city of Tabatinga has been influenced by the Spanish language.

We carried out the research in 4 points of the city, that comprise the districts Santa Rosa, San Francisco, Vila Paraíso and Comara. Our research contemplated the study of the variation in the diatopic, diastetic, diageneric and diagenerational levels.

Eight informants were interviewed per point of inquiry in a total of 32 interviews. Our questionnaire consisted of 106 questions from the most varied semantic fields.

As a result, we could verify that the city presents with markedly heterogeneous linguistic characteristics, since, the Hispanic lexias were observed in several degrees of frequency, even with arealizations. We could also verify how the different social strata shape their verbal repertoire in front of the Portuguese-Spanish contact.

Keywords: Languages in contact. Variation. Lexicon

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa da tríplice fronteira.....	22
Figura 2 Marco divisório	22
Figura 3 Fronteiras: Avenida da Amizade (Brasil) vs Avenida Internacional (Colômbia).....	23
Figura 4 Casa do Relógio	30
Figura 5 Perfumaria	30
Figura 6 Loja de bebidas	31
Figura 7 Joalheria	31
Figura 8 Panorama da tríplice fronteira.....	52
Figura 9 Zona Portuária de Tabatinga	59
Figura 10 Panorama dos bairro Santa Rosa (Brasil) e Bairro Por Venir (Colômbia)	61
Figura 11 Colônia Turca	63
Figura 12 Festival Cultural da tríplice fronteira: La confraternidad	106
Figura 13 A beleza da mulher brasileira-colombiana e peruana Fonte:Jr, 2015.....	106
Figura 14 Placas publicitárias em espanhol-Avenida da Amizade	108
Figura 15 Placa publicitária em espanhol: Avenida da Amizade.....	108
Figura 16 Placa publicitária em espanhol: rua T-12	109
Figura 17 Placa publicitária em espanhol: mercado municipal.....	109
Figura 18 Placa publicitária em espanhol: rua Santos Dumont.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Os pontos de inquérito.....	110
Quadro 2 Questões introduzidas no QSL	113
Quadro 3 Perfil do informante.....	119
Quadro 4 Dimensões e Parâmetros.....	124

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Mapa da tríplice fronteira	21
Mapa 2 Mapa base da dissertação	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Frequência da carta prostituta	249
Tabela 2 Frequência da carta Gay.....	251
Tabela 3 Frequência da carta lesa	269
Tabela 4 Lexias em espanhol.....	276

LISTA DE CARTAS

4.5.1 Redemoinho.....	121
4.5.2 Relâmpago.....	123
4.5.3 Raio.....	124
4.5.4 Arco-íris.....	125
4.5.5 Orvalho.....	126
4.5.6 Lua.....	128
4.5.7 Ontem.....	129
4.5.8 Anteontem.....	131
4.5.9 Urubu.....	133
4.6 Galinha.....	134
4.6.1 Frango.....	135
4.6.2 Papagaio.....	137
4.6.3 Surubim.....	138
4.6.4 Pacu.....	139
4.6.5 Pirarara.....	141
4.6.6 Piranha.....	142
4.6.7 Tambaqui.....	143
4.6.8 Piratinga.....	144
4.6.9 Poraqué.....	145
4.7 Porco.....	146
4.7.1 Vitória-régia.....	148
4.7.2 Cupuaçu.....	149
4.7.2 Tucumã.....	150
4.7.3 Pupunha.....	151
4.7.4 Jambo.....	152
4.7.5 Morango.....	154
4.7.6 Amora.....	155
4.7.7 Limão.....	157
4.7.8 Salsão.....	158
4.8 Graviola.....	160
4.8.1 Mingau de caridade.....	163
4.8.2 Mojica.....	164
4.8.3 Moquear.....	165
4.8.4 Aguardente.....	166
4.8.5 Curite.....	167
4.8.6 Cheetos.....	169
4.8.7 Empanadas.....	170

4.8.8 Morcilla	173
4.8.9 Gaseosa	174
4.9 Picada.....	175
4.9.1 Lechona	177
4.9.2 Arroz chauffa	179
4.9.3 Patacão.....	180
4.9.4 Michelada	182
4.9.5 Arepa.....	184
4.9.6 Tapioca.....	185
4.9.7 Ovos mexidos	186
4.9.8 Salchipapa.....	188
4.9.9 Tacate	190
4.10 Lechuga	191
4.11 Faca.....	193
4.12 Aço.....	194
4.13 Água sanitária.....	195
4.14 Bar	196
4.15 Caneta	198
4.17 Absorvente	202
4.18 Mamadeira	204
4.19 Guardanapo.....	205
4.20 Pinhata	207
4.21 Desdentado	209
4.22 Fanhoso.....	210
4.23 Caolho.....	212
4.24 Vesgo	213
4.25 Terçol	214
4.26 Soluço	216
4.27 Canhoto.....	217
4.28 Manco	219
4.29 Cambota.....	220
4.30 Axila.....	222
4.31 Cecê	224
4.32 Curumim.....	225
4.33 Bêbada	226
4.34 Massagem	228
4.35 Menstruação.....	230
4.36 Gêmeos	231

4.37 Abortar	232
4.38 Caçula	233
4.39 Chifrudo	234
4.40 Prostituta	237
4.41 Madrasta	238
4.42 Gay	239
4.43 Peteca	241
4.44 Baladeira	242
4.45 Esconde-esconde	243
4.46 Cabra-cega	245
4.47 Pega pega	246
4.48 Amarelinha	248
4.49 Acessa	249
4.50 Avexada	251
4.51 Desmentido	252
4.52 Empachado	254
4.53 Fofqueira	255
4.54 Lesa	257
4.55 Mau-olhado	258

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. DESCRIÇÃO DO ASPECTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA REGIÃO	21
1.2 Colonização e povoamento de Tabatinga	21
1.2.1 Colonização	22
1.2.2 Povoamento	22
1.2.3 Aspectos socioeconômicos	24
1.2.4 Aspecto histórico Geográfico de Letícia Colômbia	26
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LÍNGUAS EM CONTATO	31
2.1 Bilinguismo e as diversas perspectivas de estudo	33
2.1.2 Propostas conceituais do bilinguismo	33
2.1.3 Bilinguismo segundo vertente social	43
1.3 Plurilinguismo: A etnografia linguística de Tabatinga	45
1.3.1 A comunidade plurilíngue e a identidade social de seus falantes	46
1.3.2 A Colônia peruana	47
1.3.3 A colônia colombiana	51
1.3.4 Colônia Árabe	54
1.3.5 Colônia indígena: tribo Tikuna	55
2.2 Sociolinguística e Dialectologia: Percursos e fundamentos	57
2.2.1 A Sociolinguística	58
2.4 Comunidade de fala	60
2.2.2 A Dialectologia	60
2.2.3 Uma síntese das fases da dialectologia no Brasil	67
2.2.4 Primeira fase	69
2.2.5 Segunda fase	71
2.2.6 Terceira fase	71
2.6.7 Os Atlas linguísticos	72
2.3 Língua e linguagem	73
2.5 A Sociolinguística e a Dialectologia como ciência da variação: Línguas em contato	74
2.6 Condicionadores linguísticos e não linguísticos	77
2.7 Diglossia e Domínios linguísticos	82
2.8 A variação no espaço fronteiriço: As práticas sociais e discursivas	85
2.8.1 Fronteira: um espaço de mudanças	88
2.8.2 As práticas sociais e discursivas na fronteira	89
2.8.3 Os casamentos interétnicos	90

2.8.4 Políticas educacionais	90
2.8.5 Exposição midiática – TV	91
2.8.6 Atividades laborais	92
2.8.7 Festividades culturais	92
2.9 Teorias do Léxico	93
2.9.1 Os empréstimos como recurso linguístico de fronteira	94
3. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	95
3.1 Apresentação do método	101
3.2 A seleção dos Pontos	101
3.4 Descrição dos pontos de inquérito.....	103
3.4.1 Bairro São Francisco	103
3.4.2 Bairro Comara	104
3.4.3 Bairro Santa Rosa.....	104
3.4.4 Bairro Vila Paraíso	105
3.5 O questionário.....	105
3.6 O perfil dos informantes	105
3.7 Dimensão e Parâmetros.....	110
3.7.1 Dimensão diatópica	112
3.7.2 Dimensão diatópico-cinética	113
3.7.3 Dimensão diastrática.....	113
3.7.4 Dimensão diageracioanal.....	114
3.7.5 Dimensão diagenérica.....	115
3.7.6 Dimensão diafásica.....	116
3.7.7 Dimensão diarreferencial.....	117
3.7.8 Dimensão dialingual	120
3.8 Instrumentos de coleta de dados e procedimentos de aplicação.....	115
3.9 Tratamento estatístico e cartográfico.....	116
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	119
4.5 Apresentação das cartas linguísticas.....	120
CONCLUSÃO.....	242
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	249

INTRODUÇÃO

O Brasil estabelece fronteira com 10 países da América do Sul possuindo, portanto, 3.225 km² de extensão fronteiriça, dos quais 15.719 são fronteiras terrestres.

Nesse sentido, surge a seguinte pergunta, quais as consequências que o fenômeno de contato produz nas línguas?

Sabemos que as consequências são muitas, pois o contato entre línguas resulta em diversos fenômenos passíveis de estudos. Esta pesquisa por sua vez, abordará as variações lexicais observadas no português falado pela população de Tabatinga que podem estar ocorrendo pelo contato com a língua espanhola.

Tabatinga é a última cidade do extremo Oeste do Amazonas e por ser interligada com a cidade de Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru) apresenta-se com um inegável contexto multifacetado, onde dialetos diversos convivem em um pequeno espaço físico que entrecruzam as fronteiras linguísticas por meio da interação.

Nesse contexto, a interação entre falantes está ligada pelo estreitamento dos laços sociais culturais, comerciais e históricos que a tríplice apresenta e apesar da pouca extensão territorial, há um alto fluxo de pessoas, fato que possibilita à coexistência de línguas como o árabe, o espanhol colombiano, o espanhol peruano e também a língua Tikuna confirmando que as fronteiras físicas não limitam as fronteiras linguísticas.

Esse frequente contato pode estar configurando a fala tabatinguense por meio das influências externas que integram o “conjunto complexo de correlações sociais” MOLLICA (2015), pois além da cotidiana interação entre brasileiros, colombianos e peruanos através das relações comerciais, sociais, culturais, os casamentos interétnicos também imprimem suas marcas no vernáculo desses falantes, reforçando o transculturalismo que de acordo com Peixoto (2009) são pontos de contato entre diferentes culturas que formam contornos distintos na dinâmica social de dada sociedade.

Muitas pesquisas dedicam-se a estudar os impactos do contato entre línguas, e a concepção de influência é bastante difundida, pois nestes cenários singulares podem conduzir o falante a desenvolver a competência linguística em ambas as línguas, e como consequência criar pressões para absorção de determinados traços do dialeto em contato, mesmo quando estes estão em uso de sua língua materna.

Com tal conjuntura vivenciada em Tabatinga, entendemos que os fatores extralinguísticos podem estar atuando de forma determinante para o surgimento da variação lexical dos falantes dessa região.

Através desta pesquisa, pretendemos discutir os efeitos desse contato, uma vez que há poucos estudos linguísticos realizados.

Podemos mencionar a tese de doutorado de Martins (2013) intitulada como “A variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões” e a tese de doutorado de Cruz (2004) “Atlas linguístico do Amazonas” - ALAM, cujos trabalhos enfocam no caráter macro-linguístico do vernáculo Amazonense.

Contudo, até o presente momento, não há pesquisas publicadas acerca do contato linguístico na fronteira brasileira, fato que faz desta pesquisa a primeira a abordar os impactos do fenômeno do contato português-espanhol na fronteira norte brasileira.

Diante do exposto, a relevância deste trabalho está no fato de ser a primeira pesquisa a investigar as consequências do contato Português - Espanhol com o objetivo de demonstrar as particularidades linguísticas do traço dialetal desses falantes.

Por meio deste trabalho, discutiremos as possíveis influências de léxicos hispânicos que permeiam repertório verbal da comunidade, para que assim, seja possível descrever o panorama linguístico que constitui o léxico e as respectivas variações da fala.

Nosso principal objetivo é demonstrar como a língua espanhola tem influenciado a formação lexical do falar Tabatinguense. Também traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Mapear as variantes linguísticas de modo pluridimensional.
- Analisar a frequência da utilização dos léxicos hispânicos falado em Tabatinga.
- Elaborar cartas semântico-lexical a fim de demonstrar como se dá o processo de influência linguística.

Nesse sentido, poderemos verificar quais as lexias hispânicas que estão se difundindo à fala tabatinguense e como os diferentes estratos sociais moldam seu repertório linguístico a partir do contato português e espanhol.

Dessa forma, compreendemos que há uma gama de possibilidade de estudos linguísticos.

Esta pesquisa está dividida em quatro capítulos, no primeiro capítulo está a descrição histórico-geográfico de Tabatinga (Br) e Letícia (Col), povoamento, colonização, os aspectos socioeconômicos e culturais que foram traçados para demonstrar o panorama social que a comunidade de fala está imergida, entendendo que esses são

aspectos relevantes a serem considerados aos moldes dos estudos dialetológicos como nos confirma Borstel (2009:163) “É necessário traçar os aspectos sociais, históricos, culturais, religiosos, o movimento migratório, o enraizamento da comunidade, os conflitos identitários/ interétnicos, os fatores geográficos, econômicos e educacionais (...)”. Compreendemos assim que estes fatores poderão influenciar diretamente ou indiretamente na preservação/alteração da língua materna no contexto comunicativo.

No segundo capítulo - discutiremos o fenômeno de contato dentro da tradição historiográfica dos estudos linguísticos. O fenômeno será abordado desde o contexto internacional até as pesquisas realizadas no Brasil. Trabalharemos também as diversas perspectivas de estudo do bilinguismo, bem como, as múltiplas concepções do fenômeno.

Outro tema também abordado no capítulo, são os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista e da Dialetologia, teorias nas quais fundamentam esta pesquisa. Trataremos da variação linguística sob a ótica das duas teorias, embora diferenciem-se no tratamento dos dados, ambas têm como o foco o fenômeno de variação.

Discutiremos ainda o fenômeno da variação no espaço de fronteira, analisando os resultados advindos das práticas sociais e discursivas implementados pelos condicionadores linguísticos e sociais, discutiremos também - a teoria lexical e os empréstimos linguísticos que dão realce para o surgimento da variação e mudança linguística.

No terceiro capítulo, serão tratados os fundamentos metodológicos da pesquisa, e na ocasião apresentaremos o arcabouço metodológico da geolinguística, e alguns aspectos relevantes como – os pontos de inquérito, o questionário semântico-lexical, o perfil dos informantes, os instrumentos de coletas e o tratamento estatístico e cartográfico da pesquisa.

No quarto capítulo, faremos a apresentação e análise dos dados, momento em que discutiremos os resultados conforme os critérios diatópico, diagenérico, diastrático e diageracional de acordo os resultados estatísticos gerado pelo programa SGVclin.

Com a visualização das cartas linguísticas, poderemos analisar quais as lexias hispânicas que estão se difundindo no português, bem como a frequência de uso entre os falantes. Desse modo, poderemos demonstrar dois pontos indispensáveis: (i) as variantes linguísticas oriundas do contato e, (ii) como os diferentes estratos sociais de Tabatinga apropriam-se das variantes hispânicas nem seu contexto comunicativo.

1. DESCRIÇÃO DO ASPECTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DA REGIÃO

1.1. A história de Tabatinga

Localizada no extremo Oeste do Amazonas, Tabatinga, está distante 1.105 quilômetros de Manaus (em linha reta) e 1.607 quilômetros (em via fluvial), possuindo índice demográfico de 63.635 habitantes de acordo com a estimativa do IBGE 2017.



Mapa 1 Mapa da tríplice fronteira
PRODERAM/ CIAMA



Figura 2 Marco divisório: Tabatinga e Letícia Fonte:
Fonte: PRODERAM/ CIAMA

É uma cidade que faz divisa com a Colômbia e Peru, e por sua situação geográfica é conhecida como a cidade das tríplices fronteiras. De acordo com Oliveira (2006) esta peculiaridade espacial, dá a Tabatinga um alto índice de movimentação migratória, desenvolvendo-se a partir da concentração de migrantes colombianos e peruanos.

O contingente migratório viabiliza a interação sócio-cultural entre tabatinguenses, leticianos e os moradores da cidade peruana de maneira livre, e com alto fluxo de pessoas entre os três países.

É bem verdade, que o fator de interação e contato é mais evidente com os moradores da cidade de Letícia, pois a fronteira entre Tabatinga e Letícia consiste simplesmente por uma avenida separando as duas cidades.

A conurbação permite que em poucos minutos os moradores dos três países tenham acesso as diferentes culturas. De um lado da rua estamos em Tabatinga-Brasil; do outro já nos encontramos em território de Letícia-Colômbia. A respeito disso, Stelma (2002) explica que se não fosse as placas comerciais e a utilização do espanhol, os eixos

divisórios dos dois países passariam despercebidos. Por causa dessa estrutura espacial, ambas cidades recebem o título de cidades gêmeas.



Figura 3 Fronteiras: Avenida da Amizade (Brasil) vs Avenida Internacional (Colômbia)

Fonte: Santos, Patrícia. 2000

Santa Rosa (Peru), é uma ilha localizada a frente da cidade de Tabatinga, as duas cidades estão divididas por via fluvial com apenas 2 quilômetros de distância, ida e vinda entre ambas é de apenas 10 minutos de barco. Essa pouca distância possibilita com que os moradores transitem livremente, dessa forma o contato português/espanhol é apenas um reflexo natural de uma realidade multiétnica.

1.2 Colonização e povoamento de Tabatinga

1.2.1 Colonização

Em entrevista, Luiz Ataíde, escritor e historiador de Tabatinga nos forneceu informações relevantes acerca do processo de colonização e povoamento do município. Em seu livro intitulado “Tabatinga: Crônicas fronteiriças” publicado em 2017, relata o processo de colonização, emancipação e os fatos históricos mais relevantes da cidade.

Conforme o autor, o nome Tabatinga possui etimologia da língua Omágua, e significa “barro branco” Ataíde (2017), terras que até então eram habitadas exclusivamente por índios, sem nenhum contato com o homem branco.

Entretanto, este cenário começou a mudar com o desejo de exploração entre Portugal e Espanha, em 1494, ao perceberem que estavam disputando o mesmo território, assinaram o *Tratado de Tordesilhas*, isto, mesmo antes do ‘descobrimento do Brasil’. Neste tratado os dois países assinaram um acordo que através de uma linha imaginária as áreas que hoje pertencem ao Estado do Amapá até Laguna (Rio Grande do Sul) ficariam sob o domínio de Portugal, deixando esta área de fronteira para Espanha.

Contudo, os espanhóis estavam bem mais interessados nas minas de ouro do Peru, e não fizeram questão pelo território, os portugueses percebendo isso, avançaram seus limites, invalidando o tratado de Tordesilhas obrigando-os a assinar um novo tratado em 13 de janeiro de 1750 denominado *Tratado de Madri* no qual foi instaurado o princípio *Uti Possidetis*, isto é, “as terras são de quem as conquistar”.

É importante salientar, que mesmo antes do Tratado de Madri a coroa portuguesa já se mostrava interessada em colonizar estas áreas, fato este demonstrado no livro “Novo descobrimento do Amazonas” do padre Cristóvão del Acuña, relator da primeira expedição de Pedro Teixeira em 1637.

No livro da expedição consta a passagem dos portugueses pela área que hoje constitui a cidade de Tabatinga, pois ao percorrer o alto Solimões no sentido contrário do rio, Cristóvão del Acuña documentou que desde o rio Nabo até os afluentes do rio Iça eram domínio dos Omáguas. Ele descreve ainda que por sua dimensão, era dividida em três cacicados, cujos comandos eram fixados no rio Nabo, outro em Tabatinga e por último no rio Içá.

Posteriormente, entre 1708 a 1709, a coroa Portuguesa movida pelo anseio de expansão, começou a fixar sua soberania na área enviando uma grande expedição para combater os Omáguas. Segundo dados documentais, esta expedição foi a mais sangrenta de todas, razão pela qual muitos historiadores descrevem que o Rio Solimões se tornou em sangue, que culminaram em mortes de milhares de nativos, na tentativa frustrada para defender suas terras e sua liberdade.

Este fato, desencadeou no afastamento dos resistentes, deixando a área exposta a Portugal, e em 1710, os primeiros padres Carmelitas foram enviados com dois objetivos, primeiro, catequizar os índios e logo, ensinar a língua portuguesa, proibindo, então, a utilização da língua geral, o Nheengatu.

Nesta situação de imposição, até mesmo o nome Omágua foi extinto, visto que, os padres Carmelitas passaram a chamá-los de Cambebas “cabeças chatas”. Ao impor a

língua portuguesa e o novo nome, iniciou-se aí as primeiras tentativas de descaracterização do índio, imposições que romperam a tradição e cultura indígena.

De acordo com Freire (2008, p. 203), numa visão etnocêntrica os catequistas viam a língua dos nativos como um impedimento para seus fins, considerando-a como “mañas y astucias del demonio” ferramenta de empecilho da propagação do evangelho.

Em 1752, o governador do Grão Pará enviou o primeiro padre Jesuíta para fundar a missão de São Francisco Xavier do Javari, hoje município de Benjamin Constant, a missão expandiu-se grandemente, no entanto, em 1759 houve a expulsão dos jesuítas, concretizada finalmente em fevereiro 1760 por uma guarnição militar vindo de Barcelos antiga capital do Amazonas, tomando para si o território das missões jesuítas e logo mudaram o nome de São Francisco Xavier de Javari para São José do Javari em homenagem ao rei de Portugal.

Foi somente em 1766, que o comandante militar Alferes Francisco Coelho enviou uma tropa com um sargento Mor e nove soldados para espionar se os espanhóis haviam demarcado o território para seu domínio.

Ao ver a área desocupada, sem a bandeira espanhola, fixaram uma guarnição militar em 15 de julho de 1766 consolidando como território da coroa Portuguesa. Ao perceber que os Portugueses tinham invadido seu território, os espanhóis tentaram reconquistá-lo, entretanto, Portugal apelou ao princípio legal *Uti Possidetis* que foi acordado no tratado de Madri “as terras são de quem as conquistar” nascendo assim a cidade que no futuro iria ser chamada de Tabatinga,

Desde el siglo XVIII el área donde hoy se encuentra la ciudad binacional Leticia-Tabatinga ha tenido una importancia fundamental, porque refleja, simultáneamente, las diferencias y las afinidades entre el mundo de origen hispánico y el portugués. Allí se concentraron las luchas entre los misioneros jesuitas y los bandeirantes del Pará por la permanencia o exterminio de los pueblos Omagua; allí se enfrentaron las comisiones de límites, en los siglos XVIII, XIX y XX, para determinar las fronteras, (GOBERNACIÓN DEL AMAZONAS, 1999: 53)

1.2.2 Povoamento

Em 1852, quando o Amazonas se tornou província, percebeu-se a necessidade de políticas públicas para resolver o vazio demográfico que a área fronteiriça estava imergida.

O cenário, começou a mudar a partir de 1870 com o advento do ciclo da borracha, em que políticas governamentais incentivaram a utópica busca do enriquecimento pela

extração do látex. Nesta época, muitos nordestinos começaram a migrar e fixar-se na região. Porém, foi no segundo ciclo da borracha que de acordo com o historiador Luiz Ataíde, a região recebeu um contingente estimado de mais de 100 mil nordestinos, que inicialmente ficaram no vale do Javari.

Com o fim da segunda guerra mundial em 1945, e o declínio da exploração da borracha, os nordestinos abandonaram os seringais e passaram a povoar outras regiões formando novas comunidades como Atalaia do Norte, Benjamim Constant, etc.

Muitos desceram o rio Solimões e ficaram em um pequeno povoado chamado de Marco divisório, localizado ao lado da cidade de Letícia (Colômbia). A área de fronteira estava resguarda desde 1966 com a forte presença militar, fato que dificultou o desenvolvimento enquanto Município, devido a localização conflituosa.

O exército então a requereu como área de segurança nacional, criada em 4 de julho de 1968, por meio da Lei Federal nº 5.449 promulgada pelo General Artur da Costa e Silva. Ao declarar o território como área militar, sua emancipação foi impossibilitada, pois alegava-se que por ser área de fronteira era necessário ser comandada pelas forças armadas.

A escolha de muitos nordestinos em ficar no povoado próximo a cidade de Letícia, foi em decorrência das oportunidades de emprego que a cidade colombiana dispunha, por ser bem mais desenvolvida economicamente.

Ainda segundo o historiador, a chegada dos migrantes nordestinos no marco divisório, ocorreu simultaneamente ao final da guerra entre Colômbia e Peru que disputavam as terras de Letícia. O governo colombiano saiu vencedor e para consolidar o território, foram criadas ações governamentais que injetaram recursos financeiros, como a construção do Aeroporto Internacional Alfredo Vásquez Cobo e a construção da estrada que liga Letícia à Tarapacá.

Estes fatos, geraram oportunidades de trabalho, o que ficou óbvio para os migrantes nordestinos que ficar próximo a cidade colombiana seria uma oportunidade de subsistência, já que “a cidade de Letícia era moderna, projetada, com saneamento básico, luz elétrica, bancos, comércios, etc. ” (SOUZA, *apud* Stelma, 2006, p. 88) nesse contexto, os primeiros habitantes civis começaram a formar um pequeno povoado, ao lado de Letícia.

O marco divisório desenvolveu-se por duas esferas sociais separadas, a militar e a civil. Segundo Ataíde (2017, p.18), a sociedade civil “era composta por gente humilde, [seringueiros], agricultores, pescadores, carpinteiros, estes eram os excluídos”.

Stelma (2002, p.39) descreve o início do povoamento de Tabatinga como “a periferia da periferia amazônica, a faixa fronteira norte permaneceu por muitos anos praticamente desligada do resto do país”.

Muitos foram expulsos e migraram para o solo colombiano, outros resistiram e continuaram sendo subjugados pelo sistema militar. O próprio historiador, filho de seringueiros e contemporâneo aos acontecimentos, recorda que a comunidade civil era impedida de realizar todo e qualquer tipo de reunião sem a prévia autorização do comandante militar, reprimindo qualquer manifestação civil pública. Todavia, com o passar dos anos, o quadro começou a mudar:

(...) o povoado de Tabatinga resistiu ao tempo. Aparece no recenseamento de 1840 como povoado, e como freguesia em 1850. Com a criação da comarca do Alto Solimões, em 1891, é integrada ao município de São Paulo de Olivença, sede da comarca. Mais tarde, com a criação do município de Benjamin Constant em 1938, passa a ser zona distrital daquele município. STELMA (2002, p. 2)

O pequeno povoado desenvolveu-se, começando então as primeiras tentativas de emancipação, a luta para que o povoado fosse reconhecido como município, levou o próprio historiador a fundar o Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Tabatinga, que segundo ele “foi o embrião na luta pela emancipação”.

Foi somente em 10 de dezembro em 1981, que a Assembleia Legislativa do Amazonas promulgou a Ementa Constitucional nº 12 declarando a criação do Município de Tabatinga, onde autor declara que a vitória foi de todos os tabatinguenses pois “não existe pátria sem povo, porque o povo somos todos nós”.

1.2.3 Aspectos socioeconômicos

A atual conjuntura econômica de Tabatinga está basicamente fundamentada no setor primário e no mercado informal. No setor primário, algumas famílias são donatários de pequenas terras no assentamento do INCRA, agricultores que cultivam em caráter de subsistência familiar, porém, a ausência de estrutura e as precárias estradas dificultam o escoamento de suas produções, deixando o setor reduzido e rudimentar.

Por ser área de fronteira, Tabatinga também recebe um grande contingente de instituições públicas que direta e indiretamente geram empregos à população. “A cidade de Tabatinga se beneficia da grande presença de instituições públicas federais e estaduais

no município”, instituições como: Forças Armadas em sua totalidade, Exército, Marinha e Aeronáutica, bem como; Receita Federal, SUFRAMA, Delegacia da Capitania dos Portos, Correios, Companhia de Saneamento do Amazonas (COSAMA), Companhia Energética do Amazonas (CEAM), e Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e Fundação Nacional do Índio (FUNAI). STELMAM (2002)

Com a ausência de indústrias, e pouca oferta de emprego, uma opção para os moradores é o setor autônomo, que pelo fluxo migratório e linha de transição ofertam à economia de Tabatinga um animoso setor de compras.

Como consabido, as áreas de fronteiras estabelecem relações comerciais uma com as outras, realidade também de Tabatinga, Letícia e Peru, pois ao partilharem o biculturalismo, elas mantêm vínculos econômicos ativos.

É interessante ressaltar a dinâmica das relações comerciais da tríade fronteiriça, uma vez que o vínculo financeiro é transformado estrategicamente em regime de cooperação e integração. De acordo com a pesquisa “Comércio Y Ocio en la transformación del espacio urbano fronterizo de Letícia y Tabatinga, Dissertação de Mestrado de Motta, 2011 que aponta:

Letícia e Tabatinga são duas cidades fronteiriças que surgiram de um prolongado e penoso processo de luta pela definição de áreas de influência e controle territorial na Amazônia, primeiro das potências coloniais e depois dos estados nacionais”. Elas cresceram pelos intercâmbios transfronteiriços que as vinculam com mercados regionais e globais, pelos fluxos migratórios que decorrem pela bacia do rio Amazonas, assim como pelos esforços de brasileiros, peruanos e colombianos de fazer destes postos fronteiriços cidades articuladas às economias nacionais.

Outro fator favorável ao comércio são os acordos internacionais realizados entre Brasil, Colômbia e Peru, os quais estipulam benefícios fiscais, que a certo ponto abrem caminho para produtos importados. Em Letícia, o setor de cosméticos, bebidas, joias, perfumaria e combustível lideram as vendas pelas baixas cargas tributárias comparado os mesmos produtos em solo brasileiro, mesmo com as diferenças das taxas cambiais.



Figura 4 Casa do Relógio
Fonte: St. Pereira, 2016.



Figura 5 Perfumaria
Fonte St. Pereira, 2016.



Figura 6 Loja de bebidas
Fonte: St. Pereira, 2016.



Figura 7 Joalheria
Fonte St. Pereira, 2016.

Em contrapartida, a população de Letícia também movimentava o mercado financeiro de Tabatinga, os setores mais procurados pelos colombianos é o da construção civil e de insumos alimentícios, o interesse de compra se dá por dois motivos, o primeiro de ordem econômica, através dos ganhos advindos das taxas de câmbios, isto é, alta do peso colombiano com relação a moeda brasileira.

Outro motivo, é a dificuldade de mobilidade de mercadorias em Letícia, já que só há possibilidade de conexão com outras cidades por via aérea, acarretando um alto

custo dos transportes nas mercadorias, o que inviabiliza a mobilidade desses materiais “o que a obriga a manter a relação de complementaridade comercial com Tabatinga”. op. cit. (2002)

Também a respeito disso, Suarez, (2013, p.11,12) conclui que:

Deve-se ter em conta que o espaço ocupado pelas cidades gêmeas de Tabatinga e Letícia e toda a sua área de influência apresentam características comuns que lhes permiti desenhar estratégias de cooperação desde o nível local e regional até a necessária e coordenada articulação com o nível nacional onde suas relações decorrem por uma longa integração natural e de fato, relações de boa vizinhança e não de confronto.

Portanto, a dinâmica econômica transfronteiriça que as cidades envolvidas mantêm entre si, reforçam os laços comerciais, e estreitam as relações em caráter de cooperação mútua entre os três países, isto porque as cidades que compõem o trapézio Amazônico mantêm-se praticamente isoladas das demais cidades, e uma das saídas para o desenvolvimento é o intercâmbio de serviços e mão-de-obra, “razão pela qual Tabatinga, Letícia e [Peru] permanecem unidos economicamente” BARBOSA, (2004, p.10)

Ainda de acordo com o historiador Luíz Ataíde, a cidade de Letícia foi fundada em 25 de abril 1867.

Na sua fundação foi batizada de San Antonio, por Benigno Bustamante, entretanto, em 15 de fevereiro de 1867, o também peruano Manuel Charón em homenagem a sua amada Leticia Smith, mudou o nome de San Antônio para Letícia.

O historiador destaca que em 1911, a área era reivindicada pelos dois países. Por esse motivo houve um grande conflito entre a Colômbia e Peru.

De acordo com o Centro de Pesquisa e História Contemporânea do Brasil – CPDOC, em 1922, o governo brasileiro ajudou nas negociações onde os dois governos assinaram um tratado que ficou conhecido como Salomón-Lozano, o qual garantia a posse das terras a Colômbia.

Contudo, não demorou muito para que o Peru requeresse novamente as terras como propriedade peruana, onde alegava que o tratado foi assinado sob o regime ditatorial.

Foi então, que em 31 de agosto de 1932 uma forte operação organizada em Lima-Peru enviou embarcações, aviões e “artilharia pesada” que desencadeou na guerra entre os dois países. Ao suceder isso, o governo brasileiro precisou intervir, pois os constantes embates entre Colômbia e Peru poderiam colocar em risco a soberania do país.

Por esta razão, em 1932 o Chanceler Afrânio de Melo Franco com apoio do Departamento de Estado norte-americano, realizou uma conferência do Itamarati no Rio de Janeiro e nesta conferência o antigo tratado Salomón-Lozano foi revisado e como decisão “restituiu a Colômbia” mais uma vez o direito ao território leticiano.

Mas, foi somente em 24 de maio de 1934 “sob o patrocínio da liga das nações”, que finalmente ficou decidido que o território pertenceria a Colômbia e como troca o Peru teria o direito sob a área também disputada de Putumayo, rica em minérios e de grande interesse do governo peruano.

Atualmente, a cidade de Letícia tem 151 anos de fundação, com uma população estimada de mais 37 mil habitantes. Ao se desenvolver, tornou-se a capital do departamento (estado) da Amazônia colombiana, e pela conurbação existente entre as duas cidades muitos a denominam como “cidades gêmeas”.

Letícia, assim como Tabatinga foi projetada a margem esquerda do rio (Amazonas), o mesmo (Solimões) de Tabatinga, o contexto em que a cidade está situada confere características singulares as duas cidades, uma vez que operam em regime de cooperação mútua nos amplos sentidos sociais.

Por ser um ponto de partida para os demais lugares do mundo, nos últimos anos a cidade de Letícia ascendeu para um alto desenvolvimento no setor do turismo, a “*isla de los micos*” é um exponencial ponto turístico da região.

O crescente mercado de turismo, fica evidente quando entramos em Letícia e percebemos um enorme contingente de agências de turismo. Essa alta no mercado, deve-se ao fato da grande procura de passagens, não somente por colombianos, mas principalmente por brasileiros, que mesmo com as diferenças cambiais os valores das passagens ficam com os preços bem abaixo do mercado, comparado as agências brasileiras.

Como aqui já discutido, Tabatinga e Letícia são rodeadas pela floresta Amazônica, fato que as deixa isolada das demais cidades. Por esse motivo, ambas cidades se articulam mutuamente, conformando um grupo quase homogêneo.

Se não fosse suas especificidades tão marcantes, poderíamos dizer que ali vive um só povo, que de modo pluricultural se assimilam e ao mesmo tempo se contrastam, nos costumes, no gosto musical, na gastronomia, na cultura e principalmente na língua, tudo em um intenso jogo paradoxal.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA

Línguas em contato

Segundo Gorovitz (2012, p.75), a definição do fenômeno do contato de línguas “refere-se usualmente à situação humana e social em que um indivíduo ou um grupo de indivíduos são levados a fazer uso de duas ou mais línguas ou a entrar em contato com uma ou mais línguas distintas da sua”.

No tocante aos estudos linguísticos, a primeira vez que se fez menção ao termo, foi no início do século XIX, quando Humboldt (1883, *apud* Gorovitz, 2012) propôs uma abordagem histórica para descrever a influência de uma língua sobre a outra.

Em 1648, John Amos Comenius construiu as primeiras hipóteses seguindo a perspectiva sócio-histórica na tentativa de descrever os fundamentos de variação e mudança das línguas imergidas nesta realidade.

Foi então que Uriel Weinreich, em 1953, na obra “*Languages in contact*”, ocupou-se com maior profundidade acerca do estudo de contato. Na visão de Weinreich, os falantes que experimentam outras línguas podem fazer a alternância de código durante o processamento verbal, “e ele de fato considerava que as línguas estavam em contato quando eram utilizadas alternadamente pela mesma pessoa”. (CALVET, 2002, p. 28)

O foco do seu trabalho foi centrado no indivíduo, dispensando o estudo da interferência nas línguas. Para Gorovitz (*idem*), Weinreich constrói o conceito do fenômeno de contato partindo do funcionamento psicolinguístico do falante, divergindo da concepção de multilinguismo que admite esses impactos incorporado no espectro social.

Com o surgimento da Sociolinguística, em 1960, as consequências do contato entre as línguas foram privilegiadas por Fishman (1965) e Labov (1966). Segundo os moldes sociolinguísticos, os aspectos sociais configuram os atos da fala, imprimindo suas marcas e contornos. Nessa concepção, a linguagem identifica o falante.

Diante de tais considerações, passou-se a adotar a estratificação social como um instrumento para a variação das línguas, isto é, a partir da perspectiva sociolinguística, os estudos do contato linguístico, são norteados prioritariamente pelos vínculos advindos das relações que ambas sociedades mantêm e “o resultado dos contatos é um dos primeiros objetos de estudo da sociolinguística”. (CALVET, 2002, p. 27)

Foi somente em 1970, com o surgimento da sociolinguística interacional, que John J. Gumperz (1972) discutiu os contextos de interação bilíngues e multilíngues, o que

permitiu a partir de então, para construção de concepções mais objetivas dos resultados do fenômeno de contato entre as línguas, os conceitos por ele trabalhados foram *code Switching* (alternância de código), bilinguismo, multilinguismo, entre outros.

No Brasil, o estudo de línguas em contato é um tema relativamente novo. Mas nos últimos anos muitas pesquisas têm se dedicado a discutir situações de contato, principalmente em contexto de fronteira, onde o bilinguismo, imigração, transculturalismo e outros fatores imprimem modificação à língua.

Ao estudar o contato do português com o espanhol no sul do Brasil, Espiga (2006) relata que a história do contato linguístico está ligada às disputas históricas entre portugueses e espanhóis, pelo espaço do Rio Prata e da Banda do Oriente. Segundo ele, “trata-se de um contato permeado de rivalidades antigas e cunhado nos tempos da colônia, a ferro e fogo”.

Nos vaivéns das fronteiras e dos tratados, os limites definidos resultaram de um processo histórico marcado por sucessivos litígios entre hispânico e lusitanos pela posse da terra, das riquezas naturais e dos recursos estratégicos da banda Oriental e, ainda, pelo controle comercial da região do Prata. As peculiaridades do processo de formação e fronteira configuram e determinam, em grande parte, a variabilidade do grau de contato entre português e o espanhol, em toda sua extensão. (ESPIGA, 2006:264)

Ainda segundo Espiga (op.cit), não se pode pensar o fenômeno de contato entre línguas somente na esfera linguística, pois ele incide também no escopo cultural, onde suas marcas projetam mudanças nas línguas, como confirmam Trindade et al (1995):

O português que se fala no extremo meridional do Brasil é, assim um continuum linguístico permeado, em várias dimensões, pelo espanhol que historicamente lhe faz contato. Geograficamente, tal continuum linguístico distribui-se ao longo das fronteiras políticas do Rio Grande do Sul com os países do Prata, tendo sido, por isso, denominado no âmbito de alguns estudos como PGF – Português Gaúcho de Fronteira.

O lado oposto da linha de fronteira, foi privilegiado nos estudos de Elizaincín (1987) intitulado “Nos falemo brasileiro”, a pesquisa ocupou-se no contato do português com o espanhol nas regiões norte e nordeste do Uruguai.

O objetivo do estudo foi verificar a influência da língua portuguesa no contexto hispânico, o autor constatou que grande parte da população uruguaia tinha o português como língua materna, esses dialetos foram chamados de DPU – Dialetos Portugueses do

Uruguai, deixando claro que falantes de ambos os lados da fronteira foram influenciados pelo contato linguístico.

Outro relevante estudo, é o de Margotti (2004) que em sua tese de doutorado privilegiou o estudo da difusão socio-geográfica do português em contato com o italiano na região sul do Brasil.

Segundo ele, “a região Sul caracteriza-se do ponto de vista linguístico, como uma área *sui generis*”, uma vez que os aspectos históricos e geográficos contribuem para a diversidade linguística da região. Ele destaca três principais fatores que a marca, a primeira, é a sua disposição geopolítica, a segunda, são as disputas territoriais por espanhóis e portugueses, e por último, a imigração europeia principalmente de italianos e alemães.

Nos séculos XIX e XX a região recebeu mais de 5 milhões e meio de italianos, foi esse motivo que o levou a demonstrar a “dinâmica da difusão do português no espaço pluridimensional de contato com o italiano no sul do Brasil, ou mais especificamente a estudar “a difusão de variantes do português não marcado pelo contato com os dialetos italianos” (MARGOTTI, 2004; 2008).

Seu estudo foi embasado aos moldes da dialetologia pluridimensional, método que contempla a variação linguística em diferentes dimensões. Na análise dos dados foram considerados tanto nos eixos horizontal (dialetologia) quanto no eixo vertical (sociolinguística).

Ao utilizar esse parâmetro metodológico, Margotti analisou o grau de difusão existente na região sul e demonstrou as ocorrências linguísticas através de mapas geolinguísticos.

Dentre os vários resultados que o estudo mostrou, alguns merecem destaque, a pesquisa, ficou comprovado que a faixa etária jovem é mais receptiva à difusão das variações do português, enquanto os mais velhos mantêm as variantes ítalo.

Ao inverso disso, o estudo mostrou que falantes luso-brasileiros utilizam-se em determinados contextos de características do português marcado pelo contato com o italiano, apontando que há difusão reversa do italiano no português.

Outro fato revelado, foi que em determinadas cidades a difusão do português é bem mais acentuada, fato que permitiu delinear as áreas conservadoras, inovadoras e as áreas de transição.

Como já citado, as imigrações italianas e alemãs integram a composição histórica da região sul do Brasil, em vista disso, Clarice von Borstel (2006) também pesquisou acerca da *interface: língua e identidade alemã no Brasil*.

Em sua pesquisa, a autora privilegiou os aspectos interlinguísticos da língua alemã em contato com o português. Com as mais variadas perspectivas, sua pesquisa foi fundamentada nos diversos estudos já realizados na região sul e através do levantamento bibliográfico encontrou inúmeras denominações para a hibridação da língua alemã com o português.

Borstel, com o objetivo de demonstrar as características subjetivas no tocante à língua e identidade, revelou a situação das comunidades colonizadas por alemães, abrangendo a ‘hibridação cultural’ e a ‘hibridação linguístico’.

Logo, “a sociolinguística despontou como uma área fértil e desafiadora, dada a necessidade de compreender a realidade linguística de um país que existem diferentes e diversas dimensões sociais e culturais em contexto complexo”. (2006, p. 281)

Segundo Borstel (2000), (2003), (2004) e (2006), no que concerne à interação de línguas em contato “(...) elas permeiam-se de modo natural, e logo são manifestas como linguagem cultural que integram o discurso dos que ali estão envolvidos, revelando a heterogeneidade e dinamismo inerente às línguas, mesmo quando dispostas em culturas distintas”.

Outro trabalho desenvolvido pela autora foi “*As situações enunciativas de alternância de códigos em línguas de fronteira*”, ela passou a analisar o uso de *code Switching* (alternância de código) no português-espanhol da cidade de Guaíra-Paraná, a qual faz fronteira com o Paraguai.

Ela teve como enfoque as características das línguas de fronteira, demonstrando as diferentes funções que os recursos linguísticos assumem em situações de contato, propondo um paralelo de análise na escrita nos contos em prosa de João Simões Lopes Neto, com objetivo de demonstrar os reflexos linguísticos “para a formação de novas unidades lexicais do português e do espanhol da região sul”.

Ela advoga que a partir do contato linguístico se cria e recria novas palavras, nessa projeção revela-se as nuances do contato entre as línguas através das manifestações criativas:

A riqueza e a criatividade no uso da linguagem se dão pela originalidade e pelas inovações marcadas no léxico, configurando o uso de dois códigos linguísticos, como uma forma que veicula essas manifestações socioculturais

e linguísticas, mostrando formas comportamentais através dos enunciados que caracterizam um dado grupo regional descrito em situações enunciativas. (BORSTEL, 2011)

Os recursos linguísticos provenientes do contato, são destacados por ela como ‘hibridismo linguístico’ que de acordo com Bakhtin (2002) quando dois códigos linguísticos são utilizados podem originar “uma hibridação involuntária e inconsciente (...) uma modalidade mais importante da existência histórica das transformações das linguagens”

Dessa forma, em regiões de comunidade de falas interétnicas e ou de fronteiras geográficas, as línguas se transformam história e culturalmente na memória dos usuários imigrantes e seus descendentes, por meio de uma hibridação de mistura de línguas, empréstimos, transferências gramaticais, lexicais e alternância de código de mais de uma língua, sendo que essa hibridação coexiste no cenário de variações linguísticas da língua nacional, com outras línguas de fronteiras em várias regiões brasileiras (...). (BORSTEL, 2011)

A autora conclui seu estudo, afirmando que as consequências do hibridismo linguístico estão presentes até hoje na comunidade de Guaíra-Paraná, e confirma que os traços das línguas de fronteira são permeados de expressões de interlíngua, pois o hibridismo é reforçado pelas alternâncias de códigos, e como consequência renovam as línguas e “conferem expressividade e originalidade em sua linguagem de cultura folclórica, regionalista e de fronteira”. (*idem*)

Paulino Vandresen, um grande estudioso do fenômeno do contato entre línguas no Brasil, também realizou pesquisa em comunidades Teuto-brasileira, mais especificamente nas cidades de Rio Fortuna e Vale do Tubarão, ambas cidades de Santa Catarina.

O autor começa seu trabalho destacando que “muitas são as razões para falantes de diferentes línguas viverem uma situação de contato”, e os motivos do contato das regiões, ora citadas, são de ordem econômica e política.

A crise econômica da Europa, fez surgir diversos problemas sociais, dentre eles o desemprego, obrigando muitos europeus a procurarem melhores condições de vida, e logo migraram para o sul do Brasil.

Nesse contexto, muitos brasileiros prometiam subsídios através de políticas de ocupação. Essa política tornava os imigrantes recém-chegados em donatário de terras, e

os países europeus por sua vez, incentivavam a saída em massa de cidadãos na tentativa de estabilizar o cenário de desemprego.

Em conformidade com o autor, foi exatamente esta conjuntura que possibilitou o contato entre as línguas alemã e o português, e como resultado fez surgir o bilinguismo “em diferentes graus e competência”.

Para ele, quando o falante tem à disposição dois códigos linguísticos, o falante baseia-se em três critérios, (i) na função da língua; (ii) na atitude linguística do falante; (iii) nas políticas linguísticas que foram implantadas nas instituições de ensino. Ele ainda ressalta que a efetivação dessa política pode conduzir a comunidade a desenvolver diferentes graus de bilinguagem, podendo eliminar uma das línguas ou até mesmo a instaurar o monolinguismo.

Ao tratar o bilinguismo como resultado do contato entre duas línguas, ele direcionou seus estudos na inserção da língua portuguesa nas comunidades de imigrantes europeus, dando ênfase às várias etapas que ela percorreu nas cidades de Rio Fortuna e Vale do Tubarão, já que os primeiros moradores “eram descendentes de alemães e falavam um dialeto do baixo-alemão e católico”.

De acordo com o autor, esses imigrantes alemães “ficaram isolados geograficamente das demais comunidades lusas”, e logo foram criadas instituições de ensino particular interligada às autoridades religiosas, que por sua vez, enfatizavam “a lealdade cultural, religiosa e linguística em favor da língua dos imigrantes”.

Fica claro no estudo de Vandresen, que a inserção da língua portuguesa nas comunidades europeias, se deu de modo institucionalizado, pois ao analisar os três momentos importantes no que tange às políticas linguísticas, percebe-se a atuação do poder público na imposição da língua portuguesa em sala de aula.

Por outro lado, muitos desses imigrantes já haviam sido escolarizados no alemão padrão. Ao citar Ferguson (1959), Vandresen afirma que foi justamente essa condição que criou a situação de diglossia. Ele advoga ainda, que o dialeto Westfaliano era comumente usada em situações informais, isto é, a língua veicular da família (Low) e o alemão padrão, que era utilizado em ocasiões específicas, como em cultos religiosos e situações mais formais (Higt).

Desse modo, houve três momentos importantes que a escola desempenhou para a inserção da língua portuguesa nessas comunidades de imigrantes. Primeiro, foi a criação da escola particular alemã, logo após ocorreu a Reforma Oreste Guimarães de 1911, onde

foram tomadas medidas no qual passou-se a exigir a língua portuguesa em todas as escolas da região.

Esta reforma, foi organizada pelo professor Oreste Guimarães que propôs entre outras medidas que em comunidades formadas por imigrantes tornava obrigatório o ensino do português em escolas étnicas, e a implantação das disciplinas de geografia e de história, deveriam contemplar a realidade do Brasil e não da Alemanha. Para Vandresen (2011) “estas medidas levou a população a uma assimilação gradual da língua portuguesa”.

Em uma visão diacrônica, o autor demonstra as consequências dessas medidas, pois quarenta anos depois, apenas um pequeno grupo de idosos falam o dialeto westfaliano em Rio Fortuna.

Ele atribui esse resultado às reformas e também a criação do Ginásio em 1959 e do ensino médio em 1969 e acrescenta que atualmente não se percebe nenhum traço linguístico do alemão nas gerações mais jovens. Ele conclui que “Rio Fortuna, apresenta claros sintomas de perda de uma das línguas: a westfaliana, em marcha acelerada para o monolinguismo português”.

Ao citar Silva-Corvalán (1989), Garcia (2011, p. 228) afirma que “duas línguas estão em contato quando são usadas pelos mesmos indivíduos, ou seja, quando existe uma situação bilíngue ou multilíngue que constituem o *locus* de contato”. Ela enfatiza que nesses contextos, constitui-se uma área favorável às mudanças linguística, tornando-se propícia para empréstimos e transferências entre as línguas.

Considerando a atuação dos aspectos sociais, ela admite que existem cadeias de fatores sociais que operam nas línguas durante o ato discursivo entre os falantes, nesse sentido, as variações são vistas como uma “heterogeneidade ordenada”.

De acordo com a autora, na visão de Weinreich (2006) - os falantes bidialetais e falantes com características heterogêneas são os responsáveis em propagar as transferências de uma língua a outra. As mudanças linguísticas ocorrem “à medida que um falante aprende uma forma alternativa, ou durante o tempo em que duas formas existem em contato dentro de sua competência; ou quando uma das formas se torna obsoleta”.

Ao citar Linton (1940), ela conclui que quando dois grupos de línguas distintas entram em contato, a aculturação se manifesta como um conjunto de fenômenos que modificam a situação original de ambos os grupos.

Pereira (2009), também desenvolveu estudos acerca do contato linguístico na fronteira entre Brasil e a Guiana Francesa, mais precisamente na fronteira de Oiapoque com Saint Georges. Ela pesquisou a língua veicular e as políticas linguísticas adotadas no espaço plurilíngue.

Um fato interessante, mencionado no trabalho de Pereira, é acerca das placas publicitárias da cidade de Oiapoque. Ao discutir respeito disso, ela afirma que ao andar pelas ruas da cidade “os muros e as paredes *falam* através de sua marcação linguística”, e somente ao olhar para as fachadas denota-se que aquela comunidade é bilíngue, tendo competência no português e Francês. Em contramão dos fatos, ao cruzar para o território de Saint-Georges as paredes *emudecem*, sem a presença da marca do português no lado oposto da fronteira.

Ela destaca ainda, que na fronteira entre Oiapoque e Saint-Georges coexistem duas políticas linguísticas distintas, a (in vivo) e a (in vitro) postulado por Calvet (2002).

No lado brasileiro, ocorrem inclinações individuais na fala do francês (in vivo), e do governo estadual e municipal (in vitro). Mas do lado oposto da fronteira, houve a promulgação das leis Bas-Lauroil de 1975, e a lei Toubon de 1994 que tornou obrigatório a utilização da língua francesa nos anúncios das atividades profissionais e placas publicitárias de Saint-Georges.

Ela enfatiza que as fronteiras podem ser delimitadas através de marcos como rios, lagoas, e imagens orbitais. Contudo, o mesmo não acontece com a língua, pois as fronteiras podem ser demarcadas fisicamente, enquanto nas línguas fogem essa possibilidade, não sendo possível impor limitação a ela nem tampouco aos seus reflexos.

Nesta discussão, podemos apresentar algumas implicações acerca da dinâmica das relações no contexto fronteiriço. Pereira (2009) nos aponta os trabalhos apresentados por Chareille (2004) e Sturza (2005) onde é possível notar o panorama linguístico de algumas regiões de fronteira como o *portunhol* que possui bases do português, mas, com influências da língua espanhola.

Vale salientar que foram os processos históricos e geográficos os responsáveis pelo desenvolvimento da interlíngua, e os efeitos do contato entre línguas devem ser estudo no amplo espectro, pois, “o problema do contato linguístico tem que ser considerado no contexto amplo do contato cultural: as línguas, é sabido, fazem parte das culturas, e é impensável um contato só linguístico”. (ELIZAINCÍN ,2008:181)

Ao discutir os impactos do portunhol em contexto de fronteira, o Uruguai esforçou-se em implantar medidas na padronização da língua em seu território, e privilegiou o monolinguismo em espanhol através da Ley de Educación Comum de 1877 onde ficou determinado que todas as escolas, deveriam padronizar o ensino da língua espanhola.

Com perspectiva diferente, no Brasil, promulgou-se a lei 11.161/2005, que tornou obrigatório o ensino da língua espanhola nas escolas cujas cidades fazem fronteira com países hispânicos.

Dessa forma, as políticas linguísticas podem atuar de forma dicotômicas, uma vez que (i) pode-se adotar a política de adição linguística, como no caso das escolas brasileiras, ou (ii) através de medidas a língua pode ser resguardada das influências de fronteira, como por exemplo as manobras adotadas no Uruguai. (*ibidem*)

Semino e Escobar (2011), aprofundaram estudos na fronteira Uruguai-Brasil sob o título “*Las interferências en la frontera Uruguay-Brasil: Un estudio de caso sobre las restricciones*”. As autoras têm como hipótese inicial que o contato do português com o espanhol fronteiriço atua como códigos linguísticos, que se fundem no mesmo contexto geográfico, fazendo surgir as interferências.

Elas pretenderam comprovar que não há restrições para a ocorrência de interferências linguísticas na fronteira Uruguai-Brasil, a pesquisa está embasada no livro – *Español y Portugués: Desenredando las lenguas: Guia para profesores y alumnos brasileños* (SEMINO, 2007).

As autoras esclarecem que muitos pesquisadores brasileiros estudam o fenômeno de interferências do português atuando no espanhol. Elas no entanto, privilegiaram o inverso, as interferências de base portuguesa, que com o passar dos tempos expandiu-se da fronteira para o norte do Uruguai, comumente chamado de (DPU) Dialeto Português do Uruguai, formulado no ADDU (Atlas lingüístico, diatópico y Diastrático del Uruguay) que de acordo com (Elizaincín) “(...) os DPU tem um centro histórico de irradiação, na cidade uruguaia de Rivera, na fronteira com a gaúcha de Sant’Ana do Livramento.

Em termos de língua, Rivera é considerada como “arena movediza” no qual as interferências “não se mostram de forma fixa e nem estável”. Ao entrar no universo do contato linguístico português-espanhol, o principal objetivo da pesquisa foi confirmar se há restrições absolutas nas transferências, já que sabemos que no caso de interlíngua não existem essas restrições. Os dados do ADDU, somam quatro mil horas de questionários, totalizando 1.324 informantes.

Através da divisão dialetal realizado por Rona (1963, p.21), ficou constatado que em Rivera a variedade linguística não “corresponde nem ao português nem ao espanhol, mas uma mistura das duas línguas”.

Nos trabalhos de Semino e Escobar (2011), a mistura linguística do espanhol e português fica comprovada em várias categorias, a mistura dos dois códigos no nível gramatical morfológico está representada nos exemplos a seguir: a) “*Él* dice que es porque la gente de antes entiende, sabe como *é ele*”, b) Claro, y *ele, ele* toma *el* mate como mate, pero (...).

Com estas e várias outras ocorrências linguísticas a pesquisa refutou a proposta de Tim (1978, *apud* Semino e Escobar, 2011) pois com relação as restrições gramaticais os primeiros estudos de misturas de línguas do espanhol/inglês, a premissa sustentada era que os pronomes e objetos devem estar na mesma língua que o verbo principal, entretanto, conforme os exemplos ora citados, observa-se que a proposta de Tim (1978) não se confirma na interação linguística espanhol-português.

Na conclusão do estudo, elas destacam que o português uruguaio (DPU) possui diferenças do português padrão, no nível lexical, gramatical, morfossintático e fonológico e postulam que pode ser em decorrência a distância que Rivera tem dos centros urbanos brasileiros, outra possibilidade é a atuação da interferência das duas línguas, já que se sabe que:

A língua nativa é originalmente portuguesa, e deve-se ter em conta que a mistura de línguas originada por tal situação gerou formas muito híbridas e caracterizou o nosso conhecido ‘portunhol’. (...) por essa razão, houve muitos empréstimos, mudanças de código, expressões rurais, misturas de morfemas que geram neologismo e fazem do DPU algo tipicamente fronteiriço. (SEMINO E ESCOBAR, 2011, p. 347)

Analisando o cenário dos estudos de contato, alinhamo-nos a constatação de Gorovitz (2012) que afirma:

Chega-se paulatinamente à constatação de que as comunidades linguísticas em que as dinâmicas de língua se atualizam, além de gerarem formas inusitadas de mudança e de evolução, não são absolutamente homogêneas. São espaços sociolinguísticos de contatos em que, seja qual for a natureza da interação e da situação discursiva, a produção se inscreve em uma organização discursiva que a marca, a sanciona e a determina. Não há língua sem discurso e não há discurso sem referência histórica e social, sem constrangimentos e sem normas; ou seja, toda produção é espacializada, coagida e condicionada pela sanção coletiva, que não tem objetividade.

Nesse sentido, entende-se que as fronteiras físicas não limitam as linguísticas, pois o contato entre as línguas é uma consequência inevitável. Com suas marcas, o contato linguístico imprime novas configurações, que são permeados através das redes comunicativas, favorecendo a diversidade lexical o que conseqüentemente contribui para um cenário heterogêneo e diversificado. MOLLICA (2004).

E o que costumamos chamar de contato entre línguas “é na verdade, entre falantes”. Longe de ser neutro, esse contato é sempre marcado pelas atitudes, sentimentos, e julgamentos de valor que os falantes desenvolvem entre si e em relação as línguas que falam. Em consequência é entendido como “línguas em conflito” (HAMEL,1988; HELLER,1996 e 2003, *apud* Mello, 2011)

Assim, fica claro que as línguas em contato podem perfeitamente conduzir o falante a desenvolvê-las como fator social e como consequência elas podem se influenciar mutuamente, abrindo caminho para empréstimos e criação de novas formas léxicas.

De acordo com Sousa & Albuquerque (2012), o processo de influência é notado desde a chegada de Anchieta, tema muito explorado desde o século XVIII em vários lugares do mundo. As pesquisas eram voltadas a entender como as línguas influenciam uma as outras.

Nesse sentido, Thun (1999: 41) afirma que “é preciso documentar não somente a coexistência de língua e variedade, mas também as mútuas influências que exercem umas sobre as outras”. A respeito do contato português/ espanhol, Antenhofen (2008) acredita “que o português fronteiriço dever ser considerado os seus diversos níveis de influências”.

2.1 Bilinguismo e as diversas perspectivas de estudo

Na tradição historiográfica dos estudos linguísticos, o conceito do bilinguismo não é tratado pacificamente, isto porque ele é estudado por diferentes perspectivas teóricas metodológicas que segundo Barreto (2009, p.121) resulta em estudos isolados e pouco sistematizado. Estes recortes conferem conceitos diversificados ao termo, e ao atribuir estas abrangências de múltiplos conceitos, concedem ao bilinguismo um solo fértil e frutífero à pesquisa.

Na pesquisa de Doutorado de Mônica Maria Guimarães Savedra Barreto, a autora apresenta uma nova proposta conceitual acerca do bilinguismo e traz a análise de

diferentes situações e estágios de bilinguismo em que a mesma denomina de bilinguagem. Neste trabalho ela apresenta um apanhado bibliográfico dos contornos conceituais assumidos pelas diferentes vertentes dos estudos linguísticos, e é o que se passará a discutir.

A discussão dos múltiplos conceitos e suas abordagens teóricas teve início por Weinreich (1953) que, ao estudar o fenômeno de contato, dedicou-se em compreender como ocorre a interferência entre duas línguas.

Já em 1960, o enfoque dos estudos acerca do bilinguismo foram as pesquisas psicológicas, que mediados por experimentos tinham como finalidade fazer a comparação do rendimento escolar de crianças monolíngues e bilíngues. Esta corrente de estudo revelou-se limitada, pois ocupou-se apenas em demonstrar a inteligência e a competência linguística dos bilíngues com relação aos monolíngues.

A partir de 1970, novas perspectivas teóricas dedicam-se a estudar os fenômenos de interação entre duas línguas, a saber a Linguística Aplicada, a Sociolinguística e a Neurolinguística. Os estudos mais notáveis desta corrente é o da psicolinguística e neurolinguística cujas teorias de aquisição da linguagem foram os temas mais explorados, tendo como enfoque de estudo a relação entre mente e linguagem, para assim compreender o desenvolvimento cognitivo e linguístico no processamento mental, bem como o armazenamento e organização no falante bilíngue.

Posteriormente, várias ramificações teóricas foram apresentadas, isto porque, alguns teóricos acreditam que tanto a aquisição monolíngue quanto a bilíngue estão passíveis dos mesmos processos mentais, não havendo nenhuma distinção entre uma e outra no processo de aquisição.

Os estudos sociolinguísticos, por sua vez, voltam-se para a relação entre língua e sociedade, isto é, os sociolinguísticos entendem que em determinados contextos sociais o bilinguismo pode ser oriundo da conjuntura social, e a convivência lado a lado de línguas diversas.

Na linguística aplicada a preocupação inicial foi demonstrar as diferenças entre aquisição de L1, L2, Língua estrangeira e Língua alvo. Nesta vertente, as discussões giram em torno de como os indivíduos bilíngues desenvolvem a aquisição e quais papéis subjazem esses processos.

Nesta vertente de estudo, as pesquisas voltam-se a compreender como a L1 interfere na aquisição de L2, bem como, investiga as melhores metodologias de ensino e aprendizagem e de como os fatores extralinguísticos interagem no processo de aquisição

das línguas, como modelos desta vertente a autora apresenta os trabalhos de JAMES, 1969, HARTMANN E STORK, 1972.

2.1.2 Propostas conceituais do bilinguismo

Nos últimos anos, o bilinguismo tem sido um tema amplamente estudado. O atual cenário global e a mobilidade internacional, tem contribuído para que os estudos em região de fronteira sejam cada vez mais focados sob as mais diversas perspectivas teórico-metodológicas.

Sabe-se que o Brasil margeia suas fronteiras geográficas com 9 países da América do Sul, com isto, é evidente que os falantes das regiões brasileiras ficam expostos ao contato com outras línguas. São estes contatos que tem conferido ao falante de área de fronteira possibilidade de acesso a um segundo código linguístico que em conjunto a fatores sociais proporcionam o surgimento do bilinguismo.

Segundo Barreto (2009), somente na obra de FTHENAKIS et alii (1985) encontram-se a primeira tentativa de sistematizar as propostas conceituais do bilinguismo, o livro discorre os caminhos metodológicos da educação bilíngue de imigrantes na Alemanha. Com isto, demarcam-se duas ramificações teóricas, uma de natureza linguística, que considera a competência e outra de natureza psicolinguística, que enfoca a função.

A primor, o aspecto principal de *natureza linguística* admite os múltiplos conceitos, tornando o bilinguismo relativamente abrangente, isto é, nos estudos de natureza linguística os extremos das definições são considerados, ainda que com nuances conceituais distintas.

Deste modo, Barreto (op.cit) sublinha as várias concepções atribuídas ao bilinguismo fazendo os contrastes conceituais dos mesmos, começando por Blomfield (1933) que definiu bilinguismo como “o controle nativo de duas línguas”, e MacNamara (1969) que propôs como “a mínima competência em uma das quatro habilidades: ouvir, falar, ler e escrever e Diebold (1964) e Pohl (1965) que propuseram que o bilinguismo consiste basicamente na compreensão das línguas, e Hall (1952) que define como a noção da estrutura gramatical da L2.

Como é perceptível, esta tendência de estudo tem características de amplas dimensões conceituais e abarca até mesmo definições absolutas, em que o desdobramento linguístico (competência) das duas línguas é o objeto de estudo.

Os aspectos de *natureza psicolinguística* por seu turno, são fundamentados em definições mais específicas e restritas, partem de princípios mais subjetivos, ocupando-se nos objetivos da utilização das línguas. Neste aspecto, o caráter individual do falante em interação social é investigado, com finalidade em demonstrar as maneiras que o bilíngue utiliza a língua.

Nesta corrente, Ogliari (1999) aponta o trabalho de Mackey (1968) “que define o bilinguismo como um fenômeno individual e fundamenta sua análise por um complexo de características inter-relacionadas (grau, função, alternância e interferência) ”.

Outro estudo relevante é o de Oksaar (1971), que em sua concepção o bilinguismo é a capacidade de utilização das línguas em diferentes contextos, também chamado de *code switching*, que ocorre quando o falante se utiliza de duas línguas a depender do contexto comunicativo, ou seja, a utilização de um código ao invés de outro é automática ficando a critério do falante.

A autora ainda discorre que há tendência de estudos que relacionam o bilinguismo com o biculturalismo, e afirma que “nesta perspectiva o bilinguismo é definido como a capacidade do indivíduo de se identificar com ambos os grupos linguísticos em contato. Garcia (2009 p.229), ao citar Wolk (1981) define bilinguismo como “uso simultâneo ou alternativo de duas línguas, Altenhofen (2002) recorre a Mackey e Titone, explica que não se pode tornar a concepção de bilinguismo com uma definição absoluta, e sim relativa, cuja importância não está em detectar presença ou ausência do bilinguismo e sim os graus ou estágios de sua condição bilíngue.

Pelos variados contextos de pesquisas aqui já citados e a não definição unânime, fica evidente a imprecisão conceitual do termo, no entanto, alinhamo-nos ao conceito de Barreto (2009, p. 121) que define o bilinguismo como um “fenômeno relativo, uma condição particular, identificada pelo contexto e a forma de aquisição das duas línguas (...).

2. 1.3 Bilinguismo segundo vertente social

Já é de corrente afirmativa que o bilinguismo também é resultado da conjuntura social, assim, entende-se que a interação que convive o português em contato com o espanhol colombiano pode estar subsidiando no deslocamento de léxicos da língua espanhola para o processo comunicativo do falante local.

Bloomfield nos fornece o conceito clássico do bilinguismo, que define como “controle de falante nativo de duas línguas”, todavia, não se pode adotar de modo absoluto essa definição por ser limitadora, porquanto entende-se que no tocante ao domínio de uma língua, a variação das habilidades pode variar, implicando necessariamente na proficiência: compreensão, fala, leitura e escrita e que essas habilidades vão sendo aperfeiçoadas ao longo da vida. Desse modo, as definições segundo critérios específicos de Butler; Hakuta (*apud* FLORIS E SOUZA. 2009, p.7) que definem Bilinguismo como “um comportamento linguístico, psicológico e sócio-cultural complexo com aspectos multidimensionais” nesta abertura de conceitos admite-se as variadas dimensões.

Ao considerar o bilinguismo na ótica sócio-cultural, abre-se espaço para o bilinguismo social ou bilingualidade que Freire (2004, p. 63-64) descreve como a sociedade que tem mais de uma língua veicular como ferramenta de comunicação, mesmo que nem todos os falantes sejam perfeitamente bilíngues, a preferência do falante estará pautada na questão social, político, econômico e ideológico. Em algum aspecto a escolha da língua vai resultar na manutenção de uma delas.

Ainda de acordo com Freire (*op.cit*) essa situação de contato, gera mudanças nas línguas envolvidas, principalmente na utilização de empréstimos de léxicos chamado também como efeito do substrato: “Os empréstimos ocorrem em línguas vivas, quando falante da língua A passa a usar com diversos graus de competência, a língua B, mas continua falando a língua A, incorporando elementos de B em sua fala”.

É justamente das consequências do contato de línguas que Espiga (2006) forneceu estudos do contato do português com o espanhol no Sul do Brasil, e apontou que quando há proximidade de fronteira em que os falantes se entrecruzam e partilham de ambos os lados da linha, as relações geográficas, históricas, culturais e linguísticas são impregnadas aos falantes. Em seus estudos, confirmou a influência do Espanhol em algumas regiões do sul do Brasil, na qual demonstrou a presença de variantes hispânicas na região estudada, deixando claro que as fronteiras linguísticas são receptíveis às absorções da língua vizinha.

1.3 Plurilinguismo: A etnografia linguística de Tabatinga

Com diferentes realidades culturais, a cidade de Tabatinga apresenta-se com a incontestável característica pluriétnica, isto a torna dinâmica ao ponto que a diversidade

cultural e linguística seja um imperativo natural. Nesse sentido Gutierrez (2005) afirma que os termos plurilinguismo e pluriculturalismo são palavras chaves que definem a situação sociolinguística em sociedades que apresentam características marcadamente multicultural.

Mesmo com o pequeno espaço territorial, com uma extensão de aproximadamente de 3.225 km², na pequena cidade de Tabatinga coexistem diferentes línguas que convivem lado a lado. Este convívio faz com que as fronteiras linguísticas não sejam delineáveis uma vez que elas extrapolam os domínios conferindo um cenário plurilíngue.

É interessante aqui destacar que a convivência dos moradores com os diferentes códigos linguísticos não é apenas pela proximidade entre as fronteiras da Colômbia e Peru, pois outro fator que acentua a diversidade de línguas é a dinâmica que a fronteira proporciona ao atrair contingentes de migrantes colombianos, peruanos e turcos que residem em solo brasileiro que movimentam o setor de comércio.

Portanto, na cidade de Tabatinga além do dialeto amazonense e nordestino, têm-se a presença do espanhol colombiano, o espanhol peruano, a língua turca, e a língua indígena tikuna que somados tornam a cidade num conglomerado de línguas e multiculturas.



Figura 8 Panorama da tríplice fronteira

Viana, 2018.

Antes de fazer a apresentação de como se dá o processo multicultural na cidade, preferimos inicialmente discutir as implicações teóricas do termo *plurilinguismo* para assim entender como ocorre e quais os resultados na cultura linguística que esse fenômeno se faz presente.

Ao citar o documento do conselho da Europa (2001, p.23), Pinto (2013) afirma que o termo plurilinguismo “é o conhecimento de um certo número de línguas ou a coexistência de diferentes línguas numa dada sociedade”.

De acordo com Gilvan Muller Oliveira (2008) para entendermos a questão no Brasil é necessário trazer dados que demonstram as proporções que o fenômeno alcança. Ele destaca, que atualmente no Brasil são faladas aproximadamente 210 línguas.

Dessa estimativa, 170 são línguas indígenas e 30 são línguas de descendentes imigrantes que aqui formaram comunidades. Ele ainda acrescenta duas línguas, a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e a língua de sinais Urubu-Kaapor.

Ao se reportar a esses dados, o autor declara que “somos, portanto, um país de muitas línguas – plurilíngue”, ele ainda advoga que no passado, o plurilinguismo era bem mais marcado, pois há 500 anos quando os portugueses vieram ao Brasil, falavam-se aproximadamente 1.078 línguas indígenas de acordo com Rodrigues (1993: 23), uma demonstração de que desde a gênese da nossa história, éramos naturalmente plurilíngues.

Entretanto, no decorrer dos tempos, essas variadas línguas sofreram um alto índice de violência simbólica, sobretudo, a língua geral, o nheengatu, língua veicular falado por brancos, negros e índios que de acordo com Freire (1983, p.65) marcou o início da guerra contra a língua geral pela chamada revolução Cabanagem de 1834 a 1841 que culminou na morte de mais de 40 mil falantes do nheengatu.

Não foi somente as línguas indígenas que sofreram intentos de extinção, isto porque o chamado “crime idiomático” criado pelo Estado Novo estipulou uma espécie de “repressão linguística” na região sul do Brasil, mais especificamente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As medidas tomadas pelo Estado Novo foram as de proibir qualquer veiculação de línguas estrangeiras dentro do território brasileiro, pois as consideravam como um atentado contra a soberania do país. Nesse sentido, alemães e italianos foram impedidos a utilizar suas línguas, a respeito disso, Oliveira (2008) pontua que,

Durante o Estado Novo, mas sobretudo entre 1941 e 1945, o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas. Instaurou-se uma atmosfera de terror e vergonha que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas.

Ao olhar para nossa história podemos perceber que desde o início o plurilinguismo foi considerado algo a ser combatido, isto permitiu com que muitas línguas fossem mitigadas e até dizimadas por intervenções linguísticas sem nenhum critério que a justificasse e aos poucos perderam seu espaço pela chamada “soberania idiomática” que forçou seus falantes a “usá-las apenas oralmente e cada vez mais na zona rural, em âmbitos comunicacionais cada vez mais restritos”.

Esse fato revela que o plurilinguismo é também um fator de conflito, a respeito disso, Calvet (1999) afirma que a noção de conflito, é uma metáfora “porque as línguas não fazem guerra entre si, são os homens que a fazem” segundo ele, em toda parte do mundo ocorrem rivalidades entre línguas principalmente em línguas veiculares. O plurilinguismo é também considerado “um fator de dominação” a proposta de Ferguson (1964) trouxe o modelo diglósico que ilustrou as diferenças funcionais dentro de uma comunidade que coexistam mais de uma língua, onde cada uma tem sua função determinada de acordo com fatores contextuais Mello (2011).

É importante aqui salientar que de acordo com a concepção de Calvet (1999) o monolinguismo e plurilinguismo não são determinantes fixos, isto porque “um indivíduo pode viver em uma sociedade plurilíngue, mas ser monolíngue, bem como outro pode ter competência em várias línguas, todavia, viver em uma comunidade monolíngue”.

Ele ainda advoga que existem duas formas de contemplar o plurilinguismo, a primeira na perspectiva individual que pode ser o indivíduo que domina várias línguas, ou vive entre várias línguas, ou porque é filho de pais de nacionalidade diferentes e que por isso domina mais de uma língua, ou alguém que viaja e estuda muito. A segunda perspectiva propaga-se no corpo social, por ser uma comunidade linguística que nela coexistam várias línguas em que seus falantes convivam em seu dia a dia.

Isto demonstra que a coexistência de diferentes línguas, requer a “democratização linguística”, pois “todas as línguas têm seu espaço, sua utilidade, sua necessidade” CALVET (1999)

Isso significa dizer que em sociedades plurilíngues cada código linguístico tem sua função determinada, e de acordo com Oliveira (op.cit) as tensões e conflitos linguísticos não ofuscam a diversidade cultural própria de cada povo, pois a história nos mostra que “não **fomos** apenas um país multicultural e plurilíngue: **somos** um país pluricultural e multilíngue, (...) o que obscurece o preconceito: o de que o português é uma língua sem dialetos”.

Ao analisar o exposto percebemos que a cidade de Tabatinga possui uma população multiétnica, onde vivem brasileiros, colombianos, peruanos, árabes e indígenas de várias etnias, com esta realidade Tabatinga constitui-se num vasto campo de estudo da variação e contato linguístico.

De acordo com o Quadro Comum Europeu, o conceito de plurilinguismo está ligado ao ensino de línguas estrangeiras. Diferindo-se, portanto, de multilinguismo que está relacionado basicamente à oferta de diferentes línguas. Dessa forma o termo plurilinguismo não se refere apenas ao domínio de diversas línguas, mas também à estreita relação entre língua e cultura.

Afirma o Documento:

A competência plurilíngue e pluricultural refere-se à habilidade de usar línguas para propósitos de comunicação e tomar parte em interação intercultural, onde uma pessoa vista é como um agente social que tem proficiência, de níveis variados, em diversas línguas e experiência de diversas culturas (CONSELHO da EUROPA, 2001, p. 168).

Sobre o assunto, Gonçalves e Andrade (2007, p. 64), argumentam que desenvolver a competência plurilíngue é valorizar a construção da identidade através do contato com outras línguas e culturas pela promoção de uma educação para a cidadania de abertura e respeito pela diferença. Para estas autoras, o contato com outras vivências e outros modos de ser e estar na vida promovem o enriquecimento humano e fomenta uma maior abertura de espírito, condições fundamentais para a construção de uma competência plurilíngue e intercultural que conduza à compreensão e aceitação de outras maneiras de pensar, de encarar a realidade e de agir.

1.3.1 A comunidade plurilíngue e a identidade social de seus falantes

Ao discutir os impactos do plurilinguismo nos falantes imergidos nesta realidade, Calvet (1999) apresenta-nos um exemplo tipológico da proporção que o fenômeno

alcança dentro do processo identitário de seus falantes. Ele afirma que um senegalês falante da língua *peul* que também fale o *wolof* e em seu trabalho utilize o francês, sua identidade linguística vai depender do ponto de vista que se empregue, isto porque podem acontecer três casos:

- (i) pertencer a apenas a comunidade de fala *peul*;
- (ii) pertencer as três comunidades linguísticas;
- (iii) ou melhor pertencer a uma comunidade que possui características plurilíngue.

Para ilustrar a importância dessa discussão, ele declara que o debate não é somente de interesse acadêmico, já que é uma realidade vivenciada por milhões de pessoas ao redor do mundo e logo faz os seguintes questionamentos: Será que podemos atribuir a existência de várias identidades para uma única pessoa? Um angolano que fale tanto o português como a língua bantú, possui uma identidade lusófona e *bantú* ao mesmo tempo?

Calvet (1999) ainda afirma que os mesmos questionamentos se aplicam às diferentes realidades linguísticas, já que os exemplos são “tipologicamente extensivo para várias partes do mundo”, aqui gostaríamos de propor os mesmos questionamentos proferido por Calvet (ibidem) a comunidade linguística de Tabatinga, uma vez que, a diversidade de línguas existentes na região expõe seus falantes a um cenário indubitavelmente plurilíngue. Este fato, permiti-nos indagar: Será que filhos de brasileiros com colombianos ou peruanos possuem mais de uma identidade linguística?

O falante de Tabatinga, que porventura trabalha na cidade colombiana e que no exercício de sua profissão utiliza do espanhol, pode ser considerado pertencente as duas comunidades linguísticas?

Para essas e outras questões Calvet expõe seu posicionamento. Ele advoga que sim, é possível um falante que oscila em diferentes códigos linguísticos ter mais de uma identidade linguística. E para demonstrar sua concepção, retoma o exemplo do senegalês e esclarece que em situações plurilíngues o que acontece é a alternância de identidade, assim, a escolha de determinada língua está vinculada a fatores identitários que estão além da instrumentalização comunicativa, pois “cuando un wolof habla en francés en una oficina a otro wolof, en cierto modo opta por una puesta en escena, se atribuye un papel, quiere ser percebido de un modo determinado (...) Porque la lengua desempeña una *función identitaria*”.

Para ele, a língua revela o que temos de peculiar, ela é como um documento de identidade, pois revela nossos traços culturais, sociais e étnicos.

Dessa forma, o falante inserido em uma comunidade que vincula mais de uma língua, é natural que haja a alternância de identidade linguística. Isto ocorre porque o falante molda seu repertório verbal de acordo com o contexto e, principalmente, ao se reportar a outro de identidade linguística diferente:

Así un maliense de lengua songay se sentirá songay em su país, frente a un bambara o un peul y, por tanto, su lengua tendrá una fuerte función identitaria, la hablará, en familia o con sus amigos, para marcar su pertenencia a un grupo. Se sentirá maliense en otro país africano o ante otro africano súbdito de otro país y su forma de subrayarlo lingüísticamente será hablar bambara, la lengua vehicular dominante, o bien hablar el francés de Malí. (CALVET,1999)

De acordo com a discussão, sociedades plurilíngues proporcionam variadas identidades linguísticas a seus integrantes. Calvet (1999), (2002) chama atenção para as políticas linguísticas adotadas em realidades plurilíngues, isto é, como determinadas sociedades organizam-se no convívio direto com diferentes línguas em seu território. Ele então nos apresenta o plurilinguismo *in vitro* e plurilinguismo *in vivo*, no primeiro caso, *in vitro*, a gestão das línguas são fomentadas por ações governamentais e municipais, no segundo caso, *in vivo*, os responsáveis pela utilização das línguas são os falantes que por critérios próprios decidem onde, quando e qual código linguístico a utilizar, assim, as práticas sociais que emanam nestes contextos são intermediadas pelas línguas que coexistem, seja ela, a língua materna ou a língua que lhe faz contato, transformando em línguas “gregárias” de uso cotidiano.

Ao concluir seu estudo acerca dos fatores identitários da língua, o autor francês enfatiza que quando há diversidade de línguas, deve se considerar simultaneamente os fatores externos e internos, vertical e horizontal, (externo ou horizontal). Isto porque devemos analisar as correlações de práticas sociais em que se envolvem os grandes grupos linguísticos, a solidariedade, o respeito, a cooperação mútua entre os países envolvidos, etc. (interno ou vertical).

Essa visão, permite-nos perceber as relações de identidades nos diferentes grupos linguísticos e auxilia na defesa da diversidade de línguas com intuito de preservar a identidade linguística dos que ali estão envolvidos, para assim considerar que “dentro destes grandes conjuntos existem outras identidades, outras diversidades, outros plurilinguismos”.

1.3.2 A Colônia peruana

Localizado na parte Oeste de Tabatinga, mais especificamente no final da rua Santos Dumont e rua Pedro Teixeira está concentrado o maior índice de imigrantes peruanos em solo Brasileiro, esta concentração decorre porque nessa área encontra-se a maior movimentação do setor de comércio.

Como se sabe a cidade é o último município do extremo Oeste do Amazonas, distante 1.105 quilômetros de Manaus (em linha reta) e 1.607 quilômetros (em via fluvial) ao chegar no aeroporto da cidade e passar pelo 8º batalhão de infantaria de Selva, lê-se a seguinte afirmação: “aqui começa o Brasil”, evidenciando que a cidade pertence a uma cidade que faz limite próximo com outros países, no caso em especial (Colômbia e Peru).

Dessa forma, a distância da capital Manaus, acarreta na demora dos produtos que são transportados por balsas, podendo chegar a mais vinte dias para chegar em Tabatinga. Esse fato ocasiona o alto custo dos produtos brasileiros, em concorrência com os produtos peruanos que levam apenas 15 minutos para serem transportados da cidade peruana Santa Rosa ao porto de Tabatinga.

A facilidade de transporte e o baixo custo de mercado faz com que muitos brasileiros atravessem o rio para comprar seus produtos em Santa Rosa, os produtos mais procurados por brasileiros são materiais de construção e combustível, e comparando os mesmos produtos em terras brasileiras nota-se uma diferença exorbitante.

No entanto, para ter acesso aos produtos peruanos, nem sempre é preciso ir a Santa Rosa, isso porque percebendo a alta procura por seus produtos, muitos comerciantes peruanos instalaram-se em um dos centros comerciais, ao redor da Feira Municipal de Tabatinga, onde percebe-se que 90% são comerciantes peruanos, vendedores de estivas em geral, hortaliças, grãos e verduras, alguns são tão exclusivos que só são encontrados em tendas peruanas.

Portanto, o fluxo migratório e o aquecido setor de comércio ofertou a economia de Tabatinga, um animoso setor de compras, organizada não somente por peruanos da cidade de Santa Rosa, mas também de Lima, Iquitos, etc. Com o passar dos tempos, esta conjuntura gerou a formação de uma espécie de colônia peruana, que deixa seu registro não somente no setor de comércio, mas também na cultural e, por consequência, imprime suas marcas na língua, pois ao incorporar-se com as demais culturas, junta-se ao acentuado aspecto plurilíngue



Figura 9 Zona Portuária de Tabatinga Fonte: Viana, Aldenilson, 2018.

1.3.3 A colônia colombiana

Pela extrema proximidade com bairro *Colômbia*, área de Tabatinga com maior concentração de imigrantes colombianos localiza-se no bairro Santa Rosa. Outro fator que condiciona o alto índice de residentes colombianos em Tabatinga, são as políticas de acolhimento a imigrantes, que somados a falta de fiscalização, colaboram para a formação do maior agrupamento de colombianos residentes em terras brasileiras.

A recíproca não é verdadeira do outro lado da fronteira, uma vez que não é comum encontrar um tabatinguense residindo na cidade colombiana. Isso ocorre pela pouca abertura do país para residentes imigrantes e pelas políticas internas que destina uma corporação chamada *Policia de migración* com a finalidade de fiscalizar e controlar a imigração ilegal no país.

Ao entrar no bairro já se percebe que duas línguas são faladas, é bem comum, brasileiros que lá residem terem como vizinhança imigrantes colombianos, e pela pouquíssima distância entre as casas, ouvir as músicas, as festas, as discussões, e todos os aspectos que envolvem a dinâmica de uma comunidade, o que a certo modo, pode influenciar diretamente na cultura dos moradores próximos.

Outro fato relevante a destacar é a criação de uma nova área de ocupação, justamente na área que demarca os limites entre os dois povos. Em 2008, houve uma

ocupação em terras brasileiras, e 80% eram imigrantes colombianos e pessoas com casamentos interétnicos (brasileiros-colombianos-peruanos) que queriam fixar residência em Tabatinga, o ocorrido teve grande repercussão, fato que virou manchete nos telejornais da região. Em entrevista com o Secretário de Políticas Públicas Senhor Marcos Guedes Parente afirma que houve relutância para não reconhecer a área ocupada como jurisdição brasileira, e apesar da área não ser formalmente considerada como bairro, hoje é reconhecidamente é chamado de bairro Vila Brasil, e declara ser apenas questão de tempo para emancipá-lo como circunscrição brasileira, uma vez que os moradores da área já tributam IPTU, energia elétrica e o sistema de fornecimento de água que são concedidos pelas instituições públicas brasileiras.

Portanto, juntos os bairros Santa Rosa e bairro Vila Brasil, formam a colônia com maior agrupamento de colombianos em Tabatinga, que por sua vez contribui para a diversificação linguística e cultural, pois somados as culturas já preexistentes enaltecem a qualidade pluricultural que a cidade apresenta, que seguramente colabora para os diversos impactos ao vernáculo tabatinguense.



Figura 10 Panorama dos bairros Santa Rosa (Brasil) e Bairro Por Venir (Colômbia)

Fonte: Viana, Aldenilson, 2018

1.3.4 Colônia Árabe

As situações discursivas e os domínios linguísticos em Tabatinga são muito bem demarcadas, de um lado ouve-se o espanhol colombiano, do outro o espanhol peruano, e a língua árabe, distinta de todas estas já mencionadas.

Apesar dos poucos falantes, a comunidade árabe merece igual destaque. Em entrevista Mohammed Taweel afirma que desde 1968 os primeiros imigrantes árabes vindos da Palestina chegaram na cidade de Tabatinga. Os recém-chegados eram refugiados que buscavam melhorias no Brasil, pois estavam em constante conflito com Israel que pleiteava para si as terras Palestinas.

Como estratégia política, Israel aliou-se com os Estados Unidos e por sua grande influência concedeu a Israel o direito de posse do território Palestino. Foi justamente nesse cenário que muitos árabes imigraram para o Brasil, dentre estes, seu irmão Izat Mustaffa foi o primeiro da família a fixar residência em Tabatinga, como comerciante nato, abriu a primeira loja de sapatos da família Taweel na cidade.

Com o passar dos anos, todos seus irmãos vieram para o Brasil e a exemplo de Izat Mustaffa cada um deu prosseguimento aos negócios no setor de calçados. Um fato interessante, é que todos os irmãos Taweel vieram solteiros, mas com o decorrer dos anos casaram-se com brasileiras nativas da cidade. E como resultado destes casamentos interétnicos atualmente a segunda geração possui competência nas duas línguas, na língua portuguesa, e na língua árabe.

De acordo Mohammed Taweel na religião muçulmana é perfeitamente aceitável homens árabes casar-se com mulheres estrangeiras, diferentemente das mulheres, que são proibidas de casar com homens que não sejam muçulmanos, e explica que de acordo com os princípios de sua religião se um homem Palestino casar com uma mulher estrangeira, os filhos desse casamento serão por direito do homem, na qual fará de tudo para conduzir sua vida de acordo com as tradições da religião muçulmana, todavia, se uma mulher palestina casar-se com um estrangeiro, sob a ótica muçulmana todos os filhos serão do homem estrangeiro, e a mulher não terá quase nenhuma influência para repassar os princípios muçulmanos, que a certo ponto limita a propagação de sua tradição e religião.

Por isso, já é de se esperar que os filhos homens da segunda geração que residem em Tabatinga, deem continuidade aos casamentos interétnicos e as mulheres nascidas na cidade retornem a Palestina para casar-se com outros Palestinos em obediência a sua cultura.

Ao analisar o exposto, de início já se percebe que a comunidade árabe faz parte do conjunto de línguas que integram a fronteira norte brasileira, que somadas realçam o caráter plurilíngue da cidade de Tabatinga.

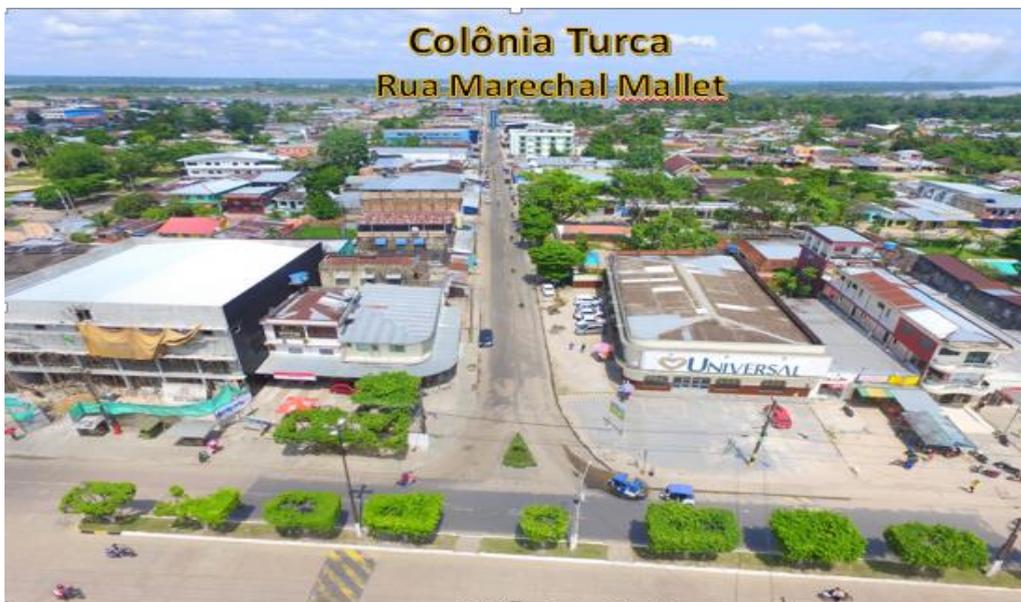


Figura 11 Colônia Turca

Fonte: Viana, Aldenilson, 2018

1.3.5 Colônia indígena: tribo Tikuna

De acordo com Salzano et al (1979) os Tikunas, “são provavelmente o maior grupo de descendentes de uma tribo que ainda vive no Brasil”. Os dados documentais indicam que no início do século XVII eles se restringiam apenas na região de Putumayo (fronteira entre a Colômbia e Peru).

Entre 1708 a 1709, a coroa portuguesa movida pelo anseio de expansão, começou a fixar sua soberania na área dos Omáguas enviando uma grande expedição para o Alto Solimões a fim de combatê-los. A expedição resultou no derramamento de sangue que os dizimou da região.

Foi a partir de então que os Tikunas passaram a ocupar o terreno de seus inimigos onde atualmente vivem, no Umariçu I e II e demais regiões adjacentes. (Oliveira, 1964); (Salzano et al, 1979)

Ao citar os dados do SIT (Sistema de informação territorial) a pesquisa de Carvalho (2017) mostra que no alto Solimões a tribo Tikuna está dividida em 120 comunidades indígenas e em Tabatinga divide-se em Umariáçu I e Umariáçu II, com dado populacional de 7.396 de acordo com o (sistema de atenção à saúde indígena -SIASI (2015)

Um fato instigante, é a formação da aldeia Tikuna, pois se não fosse por legislação específica as duas aldeias poderiam ser consideradas como extensão da cidade de Tabatinga, uma vez que o bairro da Comara se confunde com os limites do Umariáçu. A fácil acessibilidade a aldeia indígena é pontuada por Carvalho (2017) ao declarar ser possível observar a dinâmica da etnia Tikuna “quando adentramos na comunidade para comprar produtos agrícolas ou até mesmo quando estamos de passeio de motocicleta pelas ruas da comunidade já que o trânsito é livre e podemos observar mesmo que informalmente, o dia a dia da comunidade”.

A organização social da cultura Tikuna é exogâmica, isto é, os casamentos ocorrem com membros de clãs distintos, os clãs são herdados de pai para filho, cuja representação é feita por aves, plantas, insetos, e outros animais (ex: clã da arara, clã da saúva, clã da onça) e cada clã representa uma posição social do índio Tikuna.

Quanto ao aspecto da língua, na pesquisa de Carvalho (op.cit) a autora advoga que pelo cenário multicultural em que a comunidade está envolvida há o desafio de garantir a preservação da língua e identidade do povo indígena.

Como resultado de sua pesquisa, a autora revelou que o uso da língua tikuna vem sendo utilizado de modo predominante, e declara que em rápida análise é possível perceber as crianças e os adultos brincando e falando na língua nativa, “famílias reunidas na varanda de suas casas interagindo em tikuna”, e até mesmo quando estão em Tabatinga comunicam-se com os membros de sua tribo em Tikuna, fato que mostra claramente a forte presença da língua indígena na cidade de Tabatinga.

Só utilizam a língua portuguesa, quando se reportam ao branco, em transações comerciais, nas compras no supermercado, em bancos, e outros domínios. Desse modo, o visitante que chega a cidade poderá perceber as diversas culturas existentes, bem como experimentar audivelmente as diversas línguas que ali são faladas. Em um mesmo percurso, poderá ouvir o português, o espanhol (colombiano e peruano), o árabe, e a língua indígena, que em conjunto demarcam e caracterizam esta sociedade de modo tão, pluricultural e linguístico.

2.2 Sociolinguística e Dialetologia: Percursos e fundamentos

2.2.1 A Sociolinguística

Antes de aprofundarmos acerca dos pressupostos teóricos da sociolinguística, consideramos necessário, discutir como o caráter social da língua foi gradualmente considerado nos estudos linguísticos. Essa retomada possibilita-nos compreender em que contexto a sociolinguística desenvolveu-se e se firmou como ciência da linguagem.

No início, como se sabe, o fenômeno linguístico era compreendido segundo as características da natureza. Nesta linha de investigação temos Schleicher que se propôs em colocar a linguística como ciência natural, distanciando-a da tradição dos estudos históricos-comparativos.

Para Alkmim (2012) na ótica de Schleicher, a linguagem humana era um organismo natural, estando passiva dos conceitos evolucionistas de Darwin, pois de acordo com ele “elas nascem, crescem e morrem segundo as leis da física”, o que na concepção de Alkmim distanciou a linguística do viés social e cultural.

Nesse sentido, a linguística do século XX teve um papel decisivo na questão da consideração da relação, linguagem-sociedade: é esta que se encarrega de excluir toda a consideração de natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico. (ALKMIM, 2012)

A consideração naturalista da linguagem começou a mudar a partir da publicação do trabalho de Ferdinand Saussure, que na ocasião inaugurou a tradição estruturalista. Nesse sentido, Camacho (2012:51) afirma que “todos concordam que o principal marco para o surgimento da linguística moderna, e, ao mesmo tempo, do estruturalismo, é a publicação do *Curso de linguística geral* de Saussure, em 1916”.

Em 1977, Saussure fez a dicotomia entre *langue* (língua) e *parole* (fala). Para Saussure essa distinção era necessária pois a língua é a ‘essência’, e a segunda ‘acessória’. Arrivé (1936)

Ao dicotomizar os termos, Saussure privilegiou em seus estudos a linguística formal (língua), pois a seu ver “a língua é um todo”, e essa concepção permitiu que por muitos anos os estudos linguísticos fossem centralizados nos aspectos intralinguísticos.

E importante aqui salientar que Saussure não negou a existência dos aspectos externos à língua, pois no *Curso de linguística geral* dedicou um capítulo a “Linguística

da língua e linguística da fala”. A respeito disso Saussure (1916, *apud* Arrivé, 1936) esclarece:

“A rigor, podemos atribuir o nome de linguística a cada uma dessas duas disciplinas e falar de uma linguística da fala. Mas, é necessário não confundi-la com a linguística propriamente dita, aquela cujo objeto é a língua”.

Neste fragmento retirado do Curso de linguística geral, fica claro que para ele, os interesses da linguística deveriam estar voltados somente ao próprio sistema que é a língua, inaugurando, portanto, o caráter da imanência linguística que consistia nas próprias palavras de Saussure (1916, *apud* Arrivé, 1936) que: “(...) a linguística devia se restringir ao estudo da língua em si mesma e por si mesma”. Isto é, de acordo com os postulados saussuriano, “o estudo do fenômeno linguístico externo é muito frutífero; mas é falso dizer que sem estes não seria possível conhecer o organismo linguístico interno”.

Embora, tenha privilegiado a linguística formal, ele abriu uma fresta para as considerações dos fatos sociais sobre a língua, mesmo que de modo sutil e limitado, ele admite a língua como produção social, como nos confirma Alkmim (2012, p.25):

Interessantemente, para Saussure, a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema, convencional, adquirido pelos indivíduos no convívio social. Mais precisamente, ele aponta a linguagem como a faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua. Em consequência, a língua se caracteriza por ser “um produto social da faculdade da linguagem.

Diferentemente de Saussure, o linguista francês Antoine Meillet, percebe a língua não apenas como “uma parte social da linguagem”, ou mera “instituição social”, isto porque, para ele, as considerações sociais da língua estão além das limitações estabelecidas por Saussure, que propõem a parte social de modo muito distante da verdadeira essência que ela admite, “para Meillet, essa afirmação deveria ser ao contrário, ter implicações metodológicas, deveria estar no centro da teoria linguística: a língua é para ele, ao mesmo tempo, “um fato social”, e um sistema que tudo contém” Calvet (2002:15).

A respeito do caráter social da língua, Meillet (1906 *apud* Alkmim, 2012) destacou:

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social, tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhe atribuir uma existência autônoma, um ser particular. (...) pois se a realidade de uma língua não é substancial, isto

não significa que não seja real, esta realidade é ao mesmo tempo, linguística e social.

De acordo com Calvet (op.cit) os pensamentos de Miellet fazem dele um precursor, isto porque, “enquanto Saussure opõe-se a linguística externa, Miellet se associa; enquanto Saussure distingue abordagem sincrônica de abordagem diacrônica, Miellet busca explicar a estrutura pela história”. Dito isto, podemos afirmar que ao seguir suas convicções na ênfase social da língua, Miellet relaciona a variação linguística às mudanças dentro da sociedade, “por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao que se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social” Miellet (1965 *apud* Calvet, 2012).

Bakhtin (1929), por sua vez, fixa o interacionismo linguístico como aporte teórico em sua análise e tece duras críticas aos pensamentos saussurianos, trazendo a cena, “a noção de comunicação social”.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela anunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal* realizada através da enunciação ou das anunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1929)

O linguista russo Jakobson também concorda com “a noção de comunicação social”. Contudo, para ele, a relação linguagem e contexto social não deveria ser pautada apenas nas características estruturais da interação, em virtude desta negação. Ele propõe que a linguagem deve ser analisada conforme os aspectos funcionais da língua.

Outro fato contrariado por Jakobson, é o caráter homogêneo postulado por Saussure, pois acreditar na homogeneidade linguística, “não passa de uma ficção desconcertante”. Assim, ele nega a visão homogênea da língua, e expande a noção de que “dentro de um código, existem outros subcódigos”, que se relacionam em redes de comunicação diversas e em determinados pontos se interceptam. Alkmim (op.cit)

Noam Chomsky surge no panorama das discussões linguísticas, em 1957, com sua obra *Syntactic Structures*, mesmo com nova configuração teórica, o corte saussuriano continuou a ser considerado por Chomsky, a língua passou a ser encarada como um conhecimento intuitivo, uma habilidade puramente cognitiva, no qual denominou como competência, e mais uma vez os aspectos formais foram postos em evidência em detrimento aos elementos externos a ela.

A respeito disso Camacho (2012, p.52) destaca: “com o descarte simultâneo dos atos da fala, infinitamente variáveis e variados, que, relegados ao conceito de desempenho, ficaram destituídos de qualquer importância teórico-metodológica”

Foi somente em 1963, que o linguista francês Benveniste ao se pronunciar acerca da relação língua e sociedade nos traz a célebre afirmativa: “é dentro da, e pela língua, que indivíduos e sociedade se determinam mutuamente”, esta premissa resistiu ao tempo e pode ser considerada como um marco que antecedeu aquela que se ocuparia irrestritamente dos fenômenos extralinguísticos, por meio de suas considerações teóricas e metodológicas. A sociolinguística.

Alkmim (op.cit) confirma a relação intrínseca que Benveniste aponta ao afirmar que “a linguagem sempre se realiza dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular”. Logo, língua e sociedade não podem ser concebidas uma sem a outra”.

Finalmente, é no cenário da recusa aos paradigmas externos da língua que William Labov em 1964, inaugura concretamente a corrente sociolinguística, mais especificamente. Ela surgiu no congresso realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona, William Bright e o próprio William Labov, entre outros que participaram para debater diversos temas acerca da correlação linguagem e sociedade.

Nesse escopo, a sociolinguística passou a considerar que “a linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável, (...) efetivamente, não é posto em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre o fenômeno linguístico”. Alkmim (2011)

William Bright, foi o organizador do evento e na introdução de seu texto, advogou que a ocupação da sociolinguística é “demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”. Bright (1966), (1974) *apud* Alkmim (2011)

De perspectiva diferente de Bright, Labov (1972), (2008), concebe a relação língua e sociedade não apenas de “modo acessório”, pois ela passa a ser ‘encarada como metodologicamente indispensável’. (CAMACHO, 2011:53)

Em seu trabalho na comunidade da ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts, essa correlação foi empregada metodologicamente por Labov. Em suma, ele ocupou-se em relacionar os fatos externos a língua de modo estratificado: idade,

gênero, grau de escolaridade, ocupação, considerando-os como influenciadores sociais responsáveis pela variação linguística dentro comunidade.

Essa Perspectiva de estudo faz de Labov o fundador da *Sociolinguística Variacionista*, que consiste na explicação dos fatos linguísticos correlacionados aos agentes externos, entendendo que elas “operam num conjunto de complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”. Mollica (2015)

Na visão sociolinguística, a língua rompe com o paradigma Saussuriano, na qual Mollica (2015) enuncia como o “mito da homogeneidade”. A partir de então instaurou-se, o princípio da heterogeneidade linguística como fator constitutivo de todas as línguas, visto que, “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas” e cabe a sociolinguística o comprometimento para investigar a fenômeno em variação e mudança mensurando as ocorrências linguística de modo regular e sistemático.

Ao concluir que todo código linguístico está passivo e sujeito a pressões externas, os fatos extralinguísticos são admitidos como propulsores no canal da variação e mudança linguística, provando assim, que todo sistema linguístico não é estável, nem fixo, nem imutável.

Compreendendo esses preceitos, a sociolinguística atribui as variações da língua aos mecanismos estruturais e sociais dentro de um conjunto de correlações, seja ela interna ou externa e compreendendo de igual modo que as variações e mudanças não agem de forma isoladas ou aleatórias, como nos confirma Coelho et al (2015:22)

A Sociolinguística assume, portanto, que existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, tanto de uma ordem “micro”, envolvendo nosso grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagimos no dia a dia, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma estratificação social mais ampla.

De acordo com Reis et al (2011) “é justamente a diversidade linguística”, o objeto de estudo da sociolinguística, e com seus pressupostos teórico-metodológicos permitem um direcionamento descritivo criterioso na compreensão dos fatos, de modo que as interferências linguísticas e não linguísticas são analisadas conjuntamente, entendendo também que um mesmo indivíduo posiciona-se de modos diferentes dentro do corpo social.

Portanto, tais reflexões nos permitem compreender os diversos processos que os estudos linguísticos enveredaram, embora tratando de um mesmo objeto, [a língua], foram postos em diferentes direções.

Enquanto Schleicher vislumbrava a língua como organismo natural em evolução, Saussure a enxergava como um “fato social” [mesmo que de modo limitado], e ao criar os termos diacronia e sincronia, representou uma ruptura com a tradição histórico-comparativa, abrindo caminhos para o estudo dos fatos linguístico sem qualquer ligação com sua história. Chagas (2015)

Mielliet, por seu turno, ampliou a ênfase social da língua. Ele a considera como fato muito mais representativo que proposto por seu antecessor. Com isso, Calvet (2002) esclarece: “mesmo que Saussure e Mielliet utilizem quase a mesma fórmula, eles não lhe dão o mesmo sentido”. Chomsky, por sua vez, considerou a língua, como objeto infinito, tornando os indivíduos criativos no uso dela, ocupou seu estudo no conhecimento linguístico interno (linguagem-mente), acreditando na existência do falante ideal inserido em uma comunidade ideal.

Nesse sentido, nem o estruturalista, nem os saussurianos, tampouco os gerativistas discípulos de Chomsky (Chagas, op.cit), deram os merecidos créditos a noção de língua de acordo com sua abrangência social.

Foi Labov, o precursor, que elevou a linguística para as considerações de que os fatores sociais são metodologicamente indispensáveis na discussão dos fenômenos linguísticos, assim, concebe-se que as pressões externas agem nos elementos internos da língua, e por consequência fixam o dinamismo inerente a ela, pois sabe-se que a língua nunca está pronta, ela é sempre algo por refazer” CORISEU (1979)

2.4 Comunidade de fala

De acordo com Monteiro (2000), o termo comunidade de fala tem sido aplicado em diferentes concepções. Ao se referir ao termo, Labov (1972), afirma que uma comunidade de fala não é necessariamente um grupo de falantes que falam do mesmo modo, mas sim um grupo que se orienta por um conjunto de regras específicas que regem seu processamento verbal.

Vanin (2009) declara que para Labov, o que fundamenta a comunidade de fala é “compartilhamento de normas e **atitudes sociais** perante a língua ou variedade linguística”, pois:

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso. (LABOV, 1972)

De acordo com esse princípio, Labov prioriza a ação consciente das atitudes linguísticas dos falantes, e estabelece que o compartilhamento linguístico é moldado a partir de normas e regras que regem todo o sistema. Ele atribui ainda o caráter homogêneo tanto para as atitudes sociais quanto para a própria comunidade de fala.

Ao considerar a comunidade de fala com características homogêneas, Severo (2008) critica a posição de Labov, pois para ela “se o conceito de comunidade de fala tivesse esse *status*, pressupor-se-ia que todos os indivíduos concordariam em suas avaliações sobre as variantes linguísticas”. Mas, ocorre justamente o contrário, pois o caráter heterogêneo, plural e diversificado é o que constitui as línguas, sendo uma característica extensiva também as comunidades de fala. Para Severo (2008) a noção de homogeneidade dentro da comunidade de fala é facilmente derrubada ao considerarmos os múltiplos falares dentro de uma única comunidade.

Ao mesmo tempo que Labov estabelece o caráter homogêneo da comunidade de fala, ele também advoga a coexistência de diferentes comunidades de fala em uma mesma língua. Ele aplica esse conceito na cidade de Nova Iorque quando faz distinção entre comunidade de fala de idosos e comunidade de fala dos mais jovens, e por especificidades próprias os mais idosos, não pertenceriam a mesma comunidade dos mais jovens, deixando claro que dentro de uma mesma sociedade podem conviver diferentes comunidades de fala.

Fishman (1972) contemporâneo de Labov, caracteriza a comunidade de fala como membros que partilham ao menos uma variedade linguística e suas regras de emprego.

Nesse sentido, Monteiro (op.cit) critica essa posição por não alcançar definições em termos práticos, pois baseiam-se em critérios de “atitudes idênticas”, isto é, é necessário que todos os membros do grupo balizem sua atitude linguística de forma análoga para assim ser considerada como comunidade de fala.

A crítica de Monteiro tem fundamento, pois como avaliar se os falantes de diferentes países do mundo que falam a língua portuguesa são pertencentes ou não a uma mesma comunidade de fala?

Monteiro discute algumas definições que são desde as mais restritas a mais abrangentes e apresenta a visão de Lyons (1970) que considera a comunidade de fala como pessoas que se utilizam da mesma língua ou dialeto. Hockett (1958) advoga que a própria língua tem a responsabilidade em definir uma comunidade de fala, e para ele uma comunidade de fala é o agrupamento de pessoas que interagem direta ou indiretamente em uma mesma língua.

Bloomfield (1933) considera uma comunidade de fala como “um grupo de pessoas que interagem por meio da fala. Gumperz, “é um agrupamento humano caracterizado, por frequente e regular interação, efetiva através de um mesmo sistema de signos verbais, e separado de agrupamentos similares por significantes diferentes no uso da linguagem”.

A imprecisão objetiva de conceitos levou a alguns linguistas a propor o termo *comunidade linguística* em distinção a *comunidade de fala*. Nessa discussão Romaine (1994) apresenta sua visão acerca de comunidade de fala definindo-a como um grupo cujos membros não compartilham obrigatoriamente a mesma língua, o que compartilham é o conjunto de normas e regras comum a ela e acrescenta que uma comunidade de fala não é exatamente uma comunidade linguística.

Ao citar Morales (1993) Monteiro esclarece que comunidade linguística e comunidade de fala não evocam a mesma definição, uma vez que falantes podem participar de uma mesma comunidade linguística, porém, pertencerem a diferentes comunidades de fala, ele explica que isso acontece porque nem todos partilham da mesma atitude linguística de determinada variedade, e que por sua vez, modificam as regras linguísticas durante o uso.

Entretanto, com o passar do tempo, tanto o termo comunidade linguística como comunidade de fala são constantemente evocados no mesmo sentido, esse fato levou a alguns teóricos a introduzir o termo *comunidade de comunicação*, a respeito disso, Dittmar (op. cit apud Monteiro 2000) esclarece que,

Se as relações comunicativas representam um aspecto das relações sociais, segue-se que os respectivos indivíduos em comunicação se tornam constantemente parceiros reais ou potenciais de comunicação na medida em que formam uma unidade social que, por sua vez, deve sua existência essencialmente à comunicação linguística (...). As comunidades de fala, portanto, correspondem as unidades dos diversos níveis estruturais da sociedade; elas apenas realçam seu aspecto comunicativo.

Como se pode analisar, o termo comunidade de comunicação é mais uma tentativa de trazer objetividade as considerações acerca da comunidade em uso linguístico, todavia, como se pode perceber a nova designação não ganhou forças. Com a ineficácia das abordagens, Freitag (2015) sugere a retomada do significado social da variação e afirma que o erro está no desvio do foco, ao citar Eckert (2005) propõe a mudança de termo *comunidade de fala* para *comunidade de práticas*, e considera que o estudo deve pautar-se não na comunidade em si, mas nos atravessamentos sociais existentes nela.

Ao considerar que as relações sociais interferem na linguagem, entende-se que de igual modo os fenômenos em variação são o reflexo simbólico da mesma sociedade. Para Eckert isso de fato representa uma comunidade de fala.

Freitag (2005) discorre que muitas são as pesquisas sociolinguísticas que enveredam o caminho da investigação acerca das interferências sociais nos estilos de fala, e grande parte das pesquisas fornecem resultados mitigados por não conseguir aferir objetivamente as dimensões desta.

Para solucionar o problema, ela afirma ser necessário lançar um outro olhar, pois, “não é verdade que o fenômeno não é sensível a fatores sociais; o fenômeno só não é sensível a fatores sociais **controlados**”, (grifo do autor) e explica que de acordo com Labov (1978: p,4) “os resultados quantitativos são respostas a inputs qualitativo”.

Desse modo, Penelope Eckert advoga que para se chegar a resultados objetivos, a mudança de foco deve ser projetada na *comunidade de práticas*, também conhecido como estudo da terceira onda sociolinguística, esta tendência de estudo vislumbra o caráter dinâmico das línguas, e ocupa-se em dois fundamentos básicos, primeiro, na atuação dos condicionadores sociais, e também na relação de poder existente nas línguas.

A mudança de foco proposto por Eckert e Freitag parte do princípio que no decorrer do dia o falante tem a possibilidade de transitar por diferentes comunidades de práticas; como a comunidade de trabalho, lazer, de estudo, família, e até mesmo a sala de aula, por isso destacam a necessidade de se estudar as práticas sociais que se envolvem uma sociedade, para então aprofundar estudos dentro da mesma comunidade.

Como foi possível perceber, as definições oscilam entre restrições e abrangências, o que de acordo com Dittmar (1997) comprometem um entendimento objetivo do conceito. Em vista disso, categorizou as definições em três grupos.

O primeiro, é representado pelas definições propostas por (Lyons, Hockett, Blomfield, e Gumperz) que conclamam a interação e as normas utilizadas dentro da

língua. O segundo grupo de definições é representado por (Fishman, Amusategi, entre outros), estes estudos recaem sob os aspectos pragmáticos da comunicação, isto é, a frequência com que ocorrem a interação comunicativa, e não há obrigatoriedade da utilização da mesma língua.

Por fim o terceiro grupo, representado por Halliday que evoca a “identidade social” para explicar que a comunidade de fala é o grupo de pessoas que se identifica socialmente como usuários de uma mesma língua.

Contudo, na presente pesquisa alinhamo-nos ao conceito proposto por Alkmin (2012) que afirma que uma “comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes de comunicação diversas e que orientam seu comportamento verbal por meio de um conjunto de regras”, desta maneira a percepção de comunidade de fala é concebida como “usufruto social” em que cada falante pode transitar a um ou mais grupos linguísticos o que permite-o experimentar diferentes “legados linguísticos”. (AZEVEDO, 2013)

2.2.2 A Dialetoлогия

De acordo com Cardoso (2010), a dialetologia se firmou como ciência no século XX, entretanto, já em 1807 ela começou a desenvolver-se dando os primeiros passos através do inquérito por correspondência organizado por Charles-Étine Coquebert de Montbret. O inquérito foi baseado na parábola do filho pródigo, por ser um texto de fácil compreensão e de conhecimento geral.

O questionário foi enviado para cada região por meio dos prefeitos e subprefeitos, destinaram-no aos falantes que representassem o vernáculo de cada região, cuja intenção era traduzir a parábola de acordo com a variedade linguística de cada área. Como resultado desse trabalho, foram catalogadas 86 traduções representando as variedades existentes do francês e do Provençal. Logo, Pop (1950 *apud*, Cardoso, 2010) confirma o marco representativo para a dialetologia:

(...) deve-se considerar esta coleção como o primeiro inquérito linguístico que teve enorme repercussão em muitos países (...). Esses materiais deram, até por volta do fim do século XIX, uma orientação sobre patois da língua francesa e sobre o Provençal.

No percurso dialetológico, um segundo trabalho que merece destaque, é de Adrian Balbi, que em síntese foi denominado de *Atlas ethnographique du Globe*, na qual classificou as línguas dos povos antigos e modernos. Sua contribuição dialetológica chegou ao Brasil ao solicitar dados do português brasileiro a Visconde de Pedra Branca e Domingos Borges de Barros onde foi possível contrastar termos lexicais do português brasileiro com o português europeu, assim, as equivalências e as diferenças puderam ser registradas, obra reconhecidamente elogiada por Balbi. Ao apreciar a obra, Pop (1950 *apud* Cardoso, 2010) afirma que a obra contribuiu significativamente enquanto pesquisa dialetológica.

Contudo, o marco principal que consolida a dialetologia como ciência foi o trabalho do alemão George Wenker (1876) que empreendeu em documentar dados de mais de 40.736 localidades. Ele enviou questionário contendo 40 frases em alemão padrão para 50.000 professores do norte da Alemanha, e pedia-os que devolvessem transcrito com objetivo em registrar as variantes regionais de cada localidade.

No período de 1877 começaram os envios dos questionários e só em 1887 toda a área foi coberta. Apesar da abrangência da pesquisa, houve muitas críticas ao trabalho de Wenker, uma vez que a demora na amostra dos resultados durou mais de quatro décadas, tempo que ficou recompilando os dados, e somente em 1881 foi publicado em Estrasburgo um fascículo com apenas seis cartas por seu discípulo Ferdinand Wrede.

Muito embora o trabalho de Wenker seja sobrecarregado de críticas pela execução de resultados e processos metodológicos adotados, ele deu a partida inicial para os estudos dialetológicos com preocupação em registrar diferentes dialetos regionais. A respeito de sua importância Cardoso (2010, p.42) pontua: “a obra de Wenker tem seu mérito, de ser o marco inicial da geografia linguística (...)”.

Conquanto Wenker seja o representante dos estudos dialetológicos de grande amplitude diatópica, o empreendimento de aprimorar o método, é de Gilliéron. Uma vez que foi Gilliéron quem substituiu o questionário postal, onde a coleta passou a ser feita por pessoas treinadas a sistematizar os dados. Ao se propor, no desenvolvimento do *Atlas linguistique de la France*, Gilliéron elegeu Edmond Edmont “uma figura legendária entre os dialetólogos” Chambers e Trudgill (1998). Entre 1896 a 1900 ele percorreu de bicicleta 639 localidades aplicando um questionário contendo mais de 1.400 perguntas, totalizando 1.900 no final da pesquisa.

Mesmo com esforços para aprimorar o método, Gilliéron foi acusado de omitir dados e não ter controlado as variáveis sociais. Outra acentuada crítica foi por ter

escolhido um único inquiridor, que embora dotado de sensibilidade para os fenômenos da fala, não tinha experiência suficiente para catalogar dados e constituir um atlas.

Apesar das críticas, seu trabalho ganhou forças e adeptos, Karl Jaberg, Jakob Jud, discípulos de Gillierón começaram suas próprias pesquisas no dialeto italiano e Suíço. Posteriormente, Jakob Jud e Paul Sheur foram aos Estados Unidos realizar o treinamento de pesquisadores para o projeto que viria a ser o Atlas linguístico dos Estados Unidos e Canadá.

Em virtude de sua contribuição, os estudos dialetológicos unem Gillierón a várias pesquisas até hoje realizadas no mundo, seja ela regional ou nacional, sua relevância para a dialetologia é confirmada por Chambers e Trudgill (1998 p.41): “A pesquisa francesa de Gillierón tem influenciado enormemente devido a eficácia do projeto desde o início até sua publicação, e também pela qualidade de seus resultados, ele se transformou no ponto de contato para qualquer pesquisa posterior”. Assim, a ele é atribuído o “mérito de marcar o início da aplicação do método da geografia linguística”.
CARDOSO (op.cit)

2.2.3 Uma síntese das fases da dialetologia no Brasil

2.2.4 Primeira fase

A dialetologia começou seus primeiros passos nas pesquisas brasileiras com a contribuição de Domingos de Borges e Visconde Pedra Branca, em 1826, que solicitados por Adrien Balbi realizaram estudos acerca dos diferentes vocábulos do português brasileiros comparados ao português europeu.

Nesta fase predominam trabalhos voltados ao estudo do léxico e suas diversidades, estudos de caráter estritamente vocabular regional, Cardoso (2010) caracteriza como uma fase “(...) de caráter lexicográfico, constituído, basicamente de glossário ou dicionários, que imprimem, [portanto], um tom da primeira fase”.

São obras pertinentes a primeira fase brasileira dos estudos dialetológico: *Glossário de vocabulários brasileiros* (1883 a 1884), por Visconde de Beurepaire-Rohan, *o tupi na geografia nacional* (1901), de Theodoro Sampaio, *Glossário paraense* (1905), por Vicente Chermont de Miranda, *A criação dos gados de Marajó* (1912) por Carlos Teschauer e o *Dicionário brasileiro* (1912) por Rodolfo Garcia e *O idioma do hodierno Portugal comparado com a do Brasil* (1879) por José Jorge Paranhos da Silva.

2.2.5 Segunda fase

Passados mais de um século, a obra *O dialeto caipira* (1920) de Amadeu Amaral inaugura a segunda fase e se fixa até 1952. Nesta fase, os estudos lexicográficos transcendem para abrangência de análise em outras direções, pois nota-se a preocupação com os fenômenos fonéticos fonológicos e morfossintático, deixados a margem durante a primeira fase.

Para Amaral (1976, p 43 apud Cardoso, 2010) no tocante aos estudos dialetais seria imprescindível “observadores imparciais, pacientes e metódicos, (...) eliminando por completo tudo que fosse hipotético, incerto, não verificado pessoalmente”. Nas palavras de Amaral, percebe-se a preocupação com o registro do dialeto brasileiro, enfatizando que os dialetos regionais deveriam ser descritos com precisão e rigor metodológico, visto que, se tornaria uma representação simbólica de cada região pesquisada. A relevância de Amaral para a dialetologia brasileira é destacada por Aragão (2008):

A obra de Amaral é um marco nos estudos dialetais brasileiros por se preocupar em estudar o chamado falar brasileiro, com métodos e técnicas bastante adiantados para a época em que foi feita. Seu trabalho deu início às pesquisas sistemáticas em determinada área geográfica, levando em conta não apenas a imparcialidade dos pesquisadores como também as formas de buscar os dados diretamente junto aos falantes, o que já era uma antecipação dos métodos da sociolinguística.

Com a publicação de *O linguajar carioca*, em 1922, Antenor Nascente privilegiou em seus estudos os aspectos fonéticos-fonológicos da língua carioca. Ele também realizou a divisão dos falares brasileiros, e mesmo com o passar dos anos, a validade de sua interpretação dos dados, foi constatada pelo *Atlas prévio dos falares baianos* (1963) e o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (1977), demonstrando que o trabalho de Nascente não perdeu a validade e nem a pertinência.

Outro relevante trabalho pertencente a segunda fase é o de Mario Marroquim, intitulado *A língua do nordeste*, de 1934, ao estudar o dialeto de Alagoas e Pernambuco, mereceu uma publicação editada pela Companhia Editora Nacional.

Ao apreciar a obra de Marroquini, Gilberto Freire (1966, p.6 apud Cardoso, 2010) enaltece sua contribuição, pois para ele, Marroquini, “não se perde em bizantinismos de gramatiquice” e pelo seu interesse em desvendar a fala regional em estudo, desvenda “as particularidades regionais de um idioma”.

Outros trabalhos fazem parte da segunda fase da dialetologia, a construção de glossários regionais ainda se fez presente nesta fase, como: *O vocábulo gaúcho* (1926) de

Roque Callage, *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul: Linguagem dos praiheiros* (1933) de Dante Laytano, *O vocabulário pernambucano* (1937) de Pereira Costa.

Em outro grupo de obras estão: *O português do Brasil* (1937), de Silvo Elia, *A língua do Brasil* (1946) de Gladstone Chave de Melo. E em outro grupo reservado a estes apresentam-se os trabalhos: *O falar mineiro* (1938), *O estudo da dialetologia portuguesa: a linguagem de Goiás* (1944) por José aparecido Teixeira e *A língua popular da Bahia* (1951) de Édison Carneiro.

Uma última vertente de estudo nesta fase é: *O elemento afro-negro na língua portuguesa* (1933), de Jacques Raimundo, e *A influência africana no português do Brasil* (1933), de Renato Mendonça.

2.2.6 Terceira fase

Com a obra *Diferenciação e unificação do português do Brasil, e capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil* (1946), Serafim da Silva Neto abre a terceira fase dos estudos dialetológicos no Brasil. Entretanto, o marco que a consolida é a promulgação do decreto 30.643 de 20 de março de 1952 por Getúlio Vargas, onde na ocasião o ministro da Educação e Cultura Ernesto Simões Filho propôs a Comissão de Filosofia da Casa de Rui Barbosa outorgando-lhe a elaboração do *Atlas linguístico do Brasil*.

A importância dessa fase está na consideração da diversidade linguística existente no vasto território brasileiro. As abordagens teóricas aprofundaram-se no sentido de estabelecer uma visão ampla dos aspectos regionais, como nos esclarece Cardoso (2010) “era necessário que uma nova visão se introduzisse na abordagem dos fenômenos da variação linguística”.

Os primeiros direcionamentos metodológicos para o atlas brasileiro foi dado por Antenor nascente, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi, Aragão (2008) recorda que: “eles foram os desbravadores das trilhas e caminhos hoje por nós seguidos”.

Cada um, com sua contribuição, firmou a Dialetologia no rol dos estudos linguísticos. Foi Antenor Nascente, que forneceu direcionamento através da publicação *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* na qual instaurou-se os primeiros passos a serem seguidos no percurso metodológico rumo ao Atlas nacional.

De igual objetivo de Nascente, Serafim Silva Neto, empenhou-se em implementar urgência aos estudos que contemplassem a realidade linguística de cada

região. Motivado pela “preocupado com as questões relativas a uma política portuguesa”, Celso Cunha esforçou-se para a execução do atlas linguístico brasileiro. Pela consciência das impossibilidades de um atlas linguístico nacional, Celso Cunha e Serafim da Silva Neto apontaram que o caminho a percorrer deveria começar por atlas regionais.

Mas foi somente em 1963, que a Geolinguística iniciou de fato com Nelson Rossi e Dinah Isensee com publicação do *Atlas linguístico dos falares baianos*, onde propuseram a dialetologia de modo contextual, Rossi (1967, p.104 *apud* Cardoso, 2010) não se reservou em afirmar que:

Convirá, porém nunca esquecer que a dialetologia é essencialmente contextual: o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com fato correspondente – ainda que por ausência em outro ponto ou em outra área.

O trabalho de Rossi (1963) o tornou precursor na utilização da Geolinguística no Brasil, com implementação teórico-metodológico aprimorada solidificou o solo para que estudos posteriores enveredassem por caminhos até então desconhecidos, dando luz “luz, força e sentido” aos registros linguísticos regionais.

Ao analisar o percurso dos estudos dialetológicos, é inegável as várias contribuições que integram o conjunto de empreendimento linguístico que tornaram a dialetologia tal como é hoje” não apenas a pré-geolinguística, mas a Geolinguística Brasileira, que, sem qualquer favor, está à altura dos estudos geolinguísticos em qualquer país do mundo. ” ARAGÃO (2008)

2.6.7 Os Atlas linguísticos

De acordo com Siqueira et al (2014) a inserção da dialetologia no meio científico iniciou-se quando a *École Pratique des Hautes Études de Paris* ofertou a disciplina de dialetologia no currículo da instituição, todavia, o grande passo da ciência dialetológica foi a publicação do *Atlas Linguístico da França (ALF)* que demonstrou a “realidade dialetal” do vernáculo francês.

A partir de então é de consentimento de todos que o marco da dialetologia foi o método da geografia linguística que surgiu com publicação do (*ALF*).

Para Montes (1999), é justamente nesta circunstância que a dialetologia “adquire o status de disciplina autônoma”. A publicação do *ALF* gerou efeitos representativos em

muitos países que também empreenderam a pesquisa dialetológica através do registro dos diversos falares.

No Brasil, a dialetologia surgiu com o trabalho de Domingos de Barros e Visconde de Pedra branca em 1826. O segundo trabalho de grande importância foi a publicação da obra *O dialeto Caipira* em 1920 de Amadeu Amaral que enfocou a categoria lexical e suas especificidades no português brasileiro.

Nascentes (1952); (1953) atribui apenas duas fases para o estudo dialetal no Brasil, a primeira fase compreende o período de 1826 (Domingos Borges de Barros), a segunda foi a publicação do livro *O dialeto Caipira*, em 1920. Entretanto, Ferreira e Cardoso (1994) propuseram que o decreto n 30.643, promulgado por Getúlio Vargas em 20 de março de 1952 que outorgou a Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a elaboração do Atlas linguístico do Brasil inaugurou a terceira fase da dialetologia brasileira.

Para tanto, não bastava apenas pôr em vigor o decreto, era necessário a criação de uma equipe com uma “mentalidade dialetológica”, sucede que alguns integrantes selecionados para empreender o Atlas linguístico do Brasil também se dedicavam a pesquisa na vertente da sociolinguística variacionista, que de fato contribuiu consideravelmente para imprimir novas mudanças ao método geolinguístico.

Com a modificação do método passaram a: (i) utilizar elocuições livres; (ii) utilizar seis números de informantes por pontos; (iii) organizar os informantes em três faixas etárias diferenciada; (iv) uniram a sociolinguística e dialetologia em busca da variação. (Brandão, 2013)

Ao retrocedermos o olhar para a jornada dialetológica alguns trabalhos tornam-se indispensáveis destacar, como o estudo de Antenor Nascentes com a publicação *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (1958,1961); Serafim da Silva Neto que empenhou esforços para criação da “mentalidade Dialectológica” através do *Guia para estudos dialectológicos*.

Ao reconhecer que a extensão territorial do Brasil inviabilizava a realização do atlas nacional, Celso Cunha propôs a realização de atlas regionais que facilitaria o trabalho dialetológico. Serafim da Silva Neto (1958, p. 12) também aconselha a realização de atlas regionais, mas não deixa de enfatizar a necessidade de um atlas em nível nacional.

[...] Imagine-se como será difícil e demorada, com a imensa extensão do Brasil, com as dificuldades de comunicação e sem as tomadas prévias, a realização do atlas linguístico. Podia pensar-se que se fugiria a tais dificuldades e

inconvenientes organizando uma série de atlas regionais. Todavia, como ainda agora nos adverte Jaberg¹, com a sua indiscutível autoridade, os atlas regionais não substituem os atlas nacionais, são diferentes os objetivos de uns e de outros e eles, por isso, se completam, mas não se excluem.

Apesar de todas estas contribuições, foi Nelson Rossi quem inaugurou o caminho da Geografia Linguística com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)* (1963) tornando-se precursor do método no Brasil, abrindo caminhos para a publicação de diversos trabalhos de cunho dialetal.

Em 1987 foi publicado o *Atlas linguístico de Sergipe (ALS)* por Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. O primeiro volume do *O esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG)* foi publicado em 1977 pelos autores José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio.

Anos depois, em 1984 Maria do Socorro da Silva Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes publicaram o primeiro de três volumes do *Atlas linguístico da Paraíba (ALPB)*. Dez anos depois, em 1994, Vanderci de Andrade Aguilera apresentou o *Atlas linguístico do Paraná (ALPR)* sob forma de tese de doutorado publicado em dois volumes.

Já no ano 2002 Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Wilson Altenhofen publicaram o *Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil* com dois primeiros volumes.

Com a coordenação de Abdelhak Rasky em 2004 é publicado o *Atlas linguístico sonoro do Pará*, sendo o primeiro atlas brasileiro a ocupar-se estritamente do caráter sonoro da língua portuguesa.

Apresentado como tese de doutorado em 2005 o *Atlas linguístico de Sergipe II* é publicado por Suzana Alice Marcelino Cardoso. Em 2008, sob a coordenação de Dercir Pedro de Oliveira, é publicado o *Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)*.

De autoria de Maria Luiza de Carvalho Cruz, no ano de 2004 foi apresentado sob forma de tese de doutorado o *Atlas linguístico do Amazonas-ALAM*. Em 2007, Maria das Neves Pereira publicou o *Atlas linguístico do litoral Potiguar*, e no ano de 2008, Fabiana da Silva Campos Almeida publica o *Microatlas fonético do Estado do Rio de Janeiro*.

Como é possível depreender pelo exposto, as pesquisas dialetais desenvolveram-se e tornaram-se um campo frutífero no meio científico, foram vários os trabalhos publicados, e muitos ainda estão em andamento. Romano (2014) enuncia que é inegável a contribuição da dialetologia para os estudos da linguagem, uma vez que é por meio dela

que se pode demonstrar uma “fotografia autêntica” dos variados dialetos existentes dentro dos grandes e pequenos territórios, e das mais variadas realidades linguísticas.

2.7 A Dialectologia e a Geolinguística

Esta pesquisa está baseada nos pressupostos metodológicos da Dialectologia pluridimensional, com a utilização do método da geolinguística. Os aportes teóricos pluridimensionais partem do princípio de que o percurso metodológico deve ser construído por meio de uma visão diatópica correlacionada com os fatos sociais.

Antes de aprofundarmos acerca das implicações metodológicas da pesquisa, julgamos necessário discutir o percurso que a dialectologia pluridimensional trilhou para então se consolidar como ciência no campo dos estudos linguísticos.

No início, a dialectologia tradicional ocupava-se apenas das diferenças entre áreas geograficamente distintas. A respeito disso Radtke e Thun (1998) alegam que a dialectologia tradicional e sociolinguística eram disciplinas “historicamente separadas”, cada uma com perspectiva de estudo bem delineados.

O método da geolinguística se utiliza de mapas para demonstrar as formas linguísticas em ocorrências, sejam elas fônicas, sintáticas, lexicais, morfológicos. Siqueira et al (2014) A geolinguística tem por objetivo demonstrar os fenômenos linguísticos através de “redes de pontos de determinado território, ou que, pelo menos, tem conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados”. (BRANDÃO, 1991:12)

Ao expressar sua opinião, Cristal (1994, p.26) esclarece que:

Tradicionalmente, a dialectologia tem estudado os dialetos regionais e para muitos este ainda é seu principal objetivo. Entretanto, nos últimos anos os dialectólogos têm focado mais atenção no espaço social, que o geográfico, para explicar o alcance da variação linguística.

Por isso, foi com o surgimento da sociolinguística em 1964 que a dialectologia tomou novos rumos, pois inicialmente limitava-se ao registro da variação diatópica (geográfica), porém Edgar Radke e Harald Thun (1998; 2000) ampliaram seu campo de atuação, passando a introduzir em seus estudos o controle das variáveis sociais, tornando-os precursores da agora então chamada Dialectologia pluridimensional.

De acordo com Padovani & Sanches (2006) a denominação do termo *dialetologia pluridimensional* é meramente “relacional”, isto porque ao se desenvolver como ciência, ganhou várias nomeações diferentes, geolinguística multidimensional (CARDOSO, 2010), geossociolinguística (RAZKY, 2003), sociodialetoлогия (GUY, 2012), Variantologia Varietätenlinguistik (THUN, 1998).

Montes (1999) ao citar Martinet advoga que a evolução dos pressupostos teóricos-metodológicos da dialetologia consiste na inquestionável evolução da dialetologia, e aponta que a transição pluridimensional é uma “articulação histórica” do desenvolvimento da própria linguística.

Vale aqui distinguir a mudança de foco que houve na dialetologia tradicional para a dialetologia pluridimensional, mudança aqui é entendida como expansão de análise, uma vez que a dialetologia tradicional se ocupava estritamente no caráter geográfico, enquanto a nova proposta pluridimensional introduz a consideração dos aspectos sociais, evidenciando, portanto, “a interface dialetologia e sociolinguística”.

Nesse entendimento, a geolinguística considera que o processo de diversificação linguística é influenciado por fatores espaciais e sociais. Dessa forma, entende-se que ambas ciências são áreas demasiadamente traçáveis no percurso da pesquisa, como nos mostra Brandão e Moraes (1991, p.49) “Já se tornou corrente a afirmativa de que o destino da dialetologia horizontal depende da sua capacidade de assimilação dos princípios metodológicos da sociolinguística”.

Dessa forma, entende-se que a sociolinguística e a dialetologia são ciências diferenciadas, contudo, atuam em limites quase imperceptíveis, unidas por tênues fronteiras de atuação, restando-nos afirmar que ambas ciências são complementarias, indispensável na busca da variação dos diversos níveis da língua. A respeito disso, Silva (2003) expõe sua visão acerca do papel das duas ciências,

Para fins de organização de tarefas, tem-se por desejável que os fatos recolhidos de diferenças horizontais, regionais, estariam afeitos à Dialetologia, enquanto os verticais, sociais, seriam do interesse da Sociolinguística. Dizendo doutra forma: a Dialetologia tem por centro de interesse o estudo das unidades sintópicas e, sobretudo, as diversidades diatópicas, enquanto à Sociolinguística caberia o estudo das unidades sinstráticas e diastráticas, ficando com a estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica.

Ao discutir a respeito, Siqueira et al (2014) cita Blanch (1978: 42) que contraria “a equação: dialetologia =linguística diatópica; sociolinguística = linguística diastrática),

(...) Se a Dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal quanto do vertical. (...) O fato de a Dialetologia ter dedicado o melhor do seu esforço para o estudo de falas regionais, especialmente rurais, não pode ser interpretado como um fato definidor, mas uma circunstância transitória.

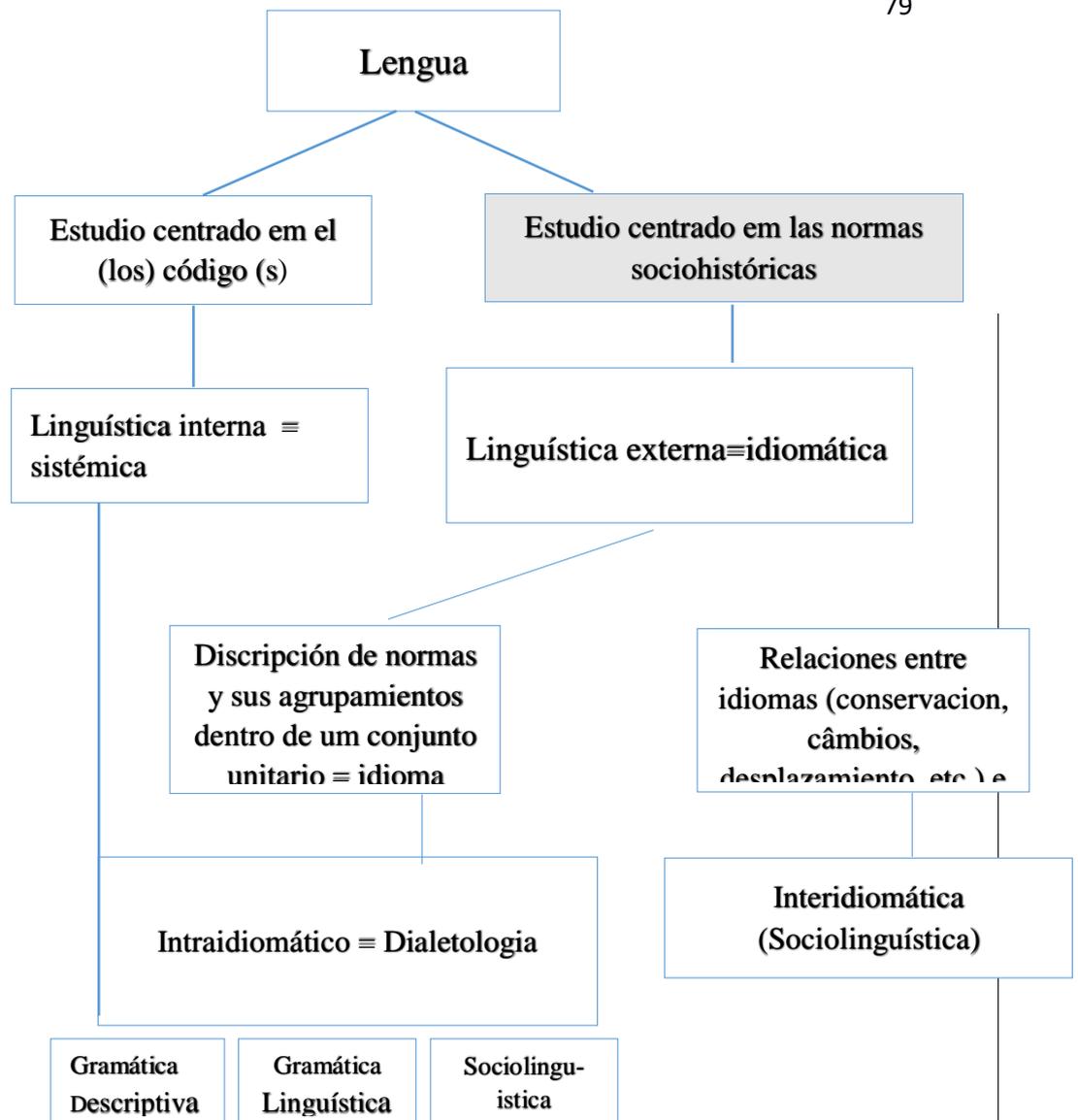
Esta visão evidencia que a dialetologia tem desde sua gênese o papel de estudar tanto os eixos horizontal e vertical que, todavia, por uma questão de foco os aspectos sociais foram transitoriamente posto de lado, apenas com a fusão da sociolinguística os fatores diastráticos foi considerado em conjunto com os diatópicos.

Padovani & Sanches (op.cit) ressaltam que o foco do estudo das duas teorias é a variação e a diversidade linguística que coexiste naturalmente em todo sistema linguístico.

Ambas as disciplinas perseguem a variação e mantêm o controle de variáveis diversas (...). Em termos gerais, entende-se que a dialetologia e a sociolinguística são duas perspectivas de observação e análise linguística que não se opõem, mas que se encontram e se completam.

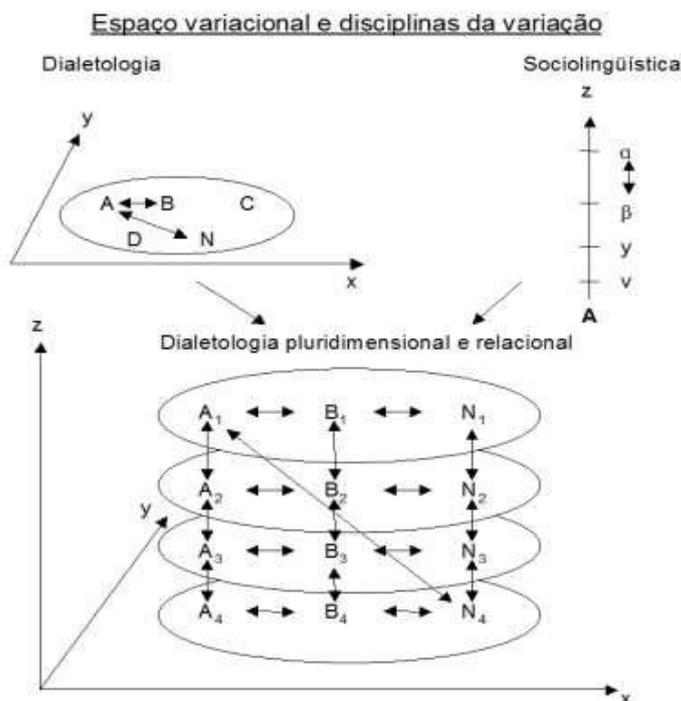
De acordo com Montes (1999) foi justamente o auge da sociolinguística que permitiu que a dialetologia assimilasse o componente social inerente as línguas, e ao se converter na dialetologia pluridimensional, cada ciência se ocupa em suas funções correspondentes.

Para ele, a dialetologia ocupa-se da parte intraindiomática da língua e tem a função de descrever os dialetos, subsistemas, e todas as articulações dinâmicas do diasistema, ficando a cargo da sociolinguística a interdiomática, isto é, todas as relações que as línguas mantêm com os aspectos sócio-históricos, desde a conservação, deslocamento, mudanças entre outros, ele ilustra no esquema abaixo os ambos campos de atuação:



O comprometimento com o estudo em profundidade através do eixo vertical (dialetologia) e horizontal (sociolinguística) demonstra as múltiplas dimensões, fazendo da dialetologia pluridimensional uma ciência completa que busca o percurso da variação por meio dos princípios plurais que envolvem as línguas.

Radtke e Thun (1998) afirmam que o método e análise bidimensional (horizontal = Dialetoлогия + Vertical = sociolinguística) formam o espaço tridimensional que devem compreender todos os planos, “os níveis de a – v; zonas parciais dos níveis; pontos das respostas: A – N; fragmentos dos pontos: grupos e indivíduos e todas as relações” (2016), ficando por ele assim representado:



Fonte: RADTKE e THUN (1996)

Como ora discutido, a dialetoлогия pluridimensional é regida por princípio “plural e social” (op.cit, 2016) que Thun (1998) o apresenta como um conjunto de dimensões: diatópica (variação geográfica); diastrática (variação por classe social); diageracional (variação pela faixa etária); diagenérica (variação por gênero), dialingual (variação por meio do contato linguístico); diafásica (variação pelo grau de formalidade da língua).

Diante do exposto, as variáveis sociais: idade, gênero, classe social, escolaridade e as características gerais de cunho sociocultural, “tornam-se elementos de investigação na busca da identificação de áreas geográficas do ponto de vista dialetal” Cardoso (2010, p.25).

A presente pesquisa ocupa-se em descrever as variações lexicais sob o processo de influência com a língua espanhola, que podem estar ocorrendo devido à proximidade

com a fronteira hispânica, uma vez que o contato linguístico é inevitável e, portanto, um potencializador das mudanças linguísticas.

A escolha da geolinguística, justifica-se pela amplitude pluridimensional que o método compreende, razão pelo qual contempla as diferenças espaciais concomitante as variáveis sociais, através do recorte sincrônico de cunho horizontal e vertical.

O levantamento do corpus da variação semântico-lexical, contribuiu para a elaboração dos mapas linguísticos, que tem por objetivo situar as variações lexicais de acordo com a ocorrência geográficas e sociais. Por meio desta perspectiva, “o falante é visto como o ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido em múltiplas direções”. CARDOSO (2010, p.63)

Dialetologia no Amazonas: Trabalhos realizados no campo lexical

Como é consabido, a dialetologia ganhou força em todas as regiões do Brasil. No Amazonas não foi diferente. O primeiro trabalho de cunho dialetológico, foi a pesquisa de mestrado de Correa (1980), sob o título “O falar do caboco amazonense (aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves).

A pesquisa de Correa (1980), teve como objetivo demonstrar o vernáculo da fala cabocla sob as perspectivas fonético-fonológica e semântico lexical. A autora realizou o estudo na cidade de Itacoatiara e Silves, a fim de revelar as peculiaridades linguísticas da região.

No aspecto fonético-fonológico, Correia estudou o alçamento da vogal /o/ em variação [u], outro fenômeno estudado por ela foi a transformação de ditongos em monotongos, isto é, o ditongo /ow/ em variação [u].

No aspecto semântico-lexical, a autora demonstrou as diversas entradas lexicais do falar caboclo, principalmente as lexias que fazem parte da vivência do ribeirinho, como a pesca, a caça e a juta.

Outro trabalho de grande relevância para a dialetologia amazonense, foi a pesquisa de doutorado de Cruz (2004), a autora teve como meta de pesquisa a realização do Atlas linguístico do Amazonas-ALAM, com o objetivo de revelar a fala amazonense. Foram estudados 9 municípios da região que compreendem os municípios de Barcelos (Alto Rio Negro), Tefé (Jutaí-Solimões-Juruá), Benjamin Constant (Alto Solimões), Eirunepé (Juruá), Lábrea (Purus), Humaitá (Madeira), Manacapuru (Rio Negro Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas) e Parintins (Baixo Amazonas).

Para isto, mesmo baseado no ALiB o questionário contemplou as questões relativas à vivência ribeirinha, como caça, pesca e aspectos do plantio. O questionário foi constituído por 383 perguntas, considerando tanto o aspecto fonético-fonológico e semântico-lexical.

Foram entrevistados 54 informantes no total, 6 informantes por ponto de inquérito, sendo divididos em 3 mulheres e 3 homens, divididos em três grupos (18-35), (36-55), e (56 em diante). Dessa forma, o Atlas linguístico do Amazonas, resultou na elaboração de 257 cartas linguísticas, que revelam o vernáculo amazonense nos aspectos fonético-fonológico e semântico-lexical.

Portanto, em virtude das amplas dimensões que o trabalho de Cruz (2004) alcançou, atualmente é considerado um divisor de águas da dialetologia amazonense, sendo por isso, inegável sua importância para os estudos dialetológicos do Amazonas.

Outro trabalho que merece destaque é o trabalho de Campos (2005), que objetivou descrever os aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semântico dos falantes da zona rural de Borba. A pesquisa foi realizada com 24 informantes, entre homens e mulheres, com idade acima de 40 anos.

Os fenômenos estudados por campos foram, a neutralização de alguns fonemas, o rotacismo, a ocorrência de monotongo e ditongo e certos arcaísmos oriundos desde a colonização portuguesa ainda existentes na fala dos informantes de Borba.

No trabalho de Barbosa (2013, intitulado “Um perfil lexical do Português falado nas comunidades Quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico”, foi realizado em três comunidades de Barreirinha.

A pesquisa foi moldada de acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da geolinguística, o questionário do ALAM foi utilizado, para que assim fosse possível fazer comparação com os resultados do atlas linguístico do Amazonas.

A pesquisa de Barbosa revelou, que traços da língua africana estão presentes no falar da região, ela também observou uma forte influência da língua indígena no vocabulário dos informantes entrevistados.

A pesquisa de Azevedo (2013) intitulada “Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)”, foi constituída aos moldes da dialetologia pluridimensional e objetivou o estudar as pretônicas /e/ e /o/ simultaneamente o aspecto lexical do baixo Amazonas (PA) e médio Solimões (AM).

Na pesquisa, foram entrevistados 8 informantes por ponto de inquérito, divididos em 4 homens e 4 mulheres, de faixa etária (de 18 a 30 anos) e (de 50 a 65 anos), com dois níveis de escolaridades, escol.1 (analfabetos ou alfabetizado até a 4ª série), e escol.2 (acima da 4ª série).

O questionário fonético-fonológico foi constituído por 101 questões e o questionário semântico-lexical por 192 questões.

Com o resultado de pesquisa, foram geradas 82 cartas fonéticas e 75 cartas lexicais. O autor explica que conforme os resultados, obtidos houve o alçamento [e] e [o], para [i] e [u] e o abaixamento para [ɛ] e [ɔ].

No aspecto cartográfico, a variação lexical demonstrou-se presente, mais de forma pouca expressiva nas regiões do médio Solimões e do Baixo Amazonas. Em virtude do amplo espectro estudado por Azevedo, a pesquisa tornou-se um ponto de referência para todas as pesquisas que embrenham o caminho dialetológico na região por ele estudado.

Outra pesquisa que aqui merece destaque é a dissertação de mestrado de Batista (2019) sob o título “Aspectos dialetais do médio amazonas: um estudo sobre o léxico”.

A pesquisa foi realizada de acordo com os princípios teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional, tendo como principal objetivo o estudo dos traços dialetais da cidade de Itacoatiara e Silves. Como resultado de pesquisa, a autora fez comparação com os dados da pesquisa de Corrêa (1980), Cruz (2004), Campos (2005) e Azevedo (2013), onde foi possível constatar a frequências de variantes e constituir as normas que predominam nas duas cidades.

O levantamento oral foi realizado a partir do questionário semântico-lexical constituído por 106 questões. O estudo da variação léxica contemplou os aspectos diatópicos, diagenéricos, diastráticos, diageracionais e diazonais.

Desse modo, a autora pode verificar as frequências e as normas predominantes na fala dos informantes da região, revelando os traços dialetais do falante de Itacoatiara e Silves.

Diante do exposto, todas as pesquisas dialetológicas já realizadas no Amazonas, são de grande relevância para o estudo da linguagem. Conquanto hajam diferentes prismas e objetivos, todos unanimemente revelam o vernáculo amazonense.

E ao trilhar diferentes realidades e perspectivas, tornam-se referência para todas as pesquisas que enveredam o percurso dialetológico do Amazonas.

2.5 A Sociolinguística e a Dialetoлогия como ciência da variação: Línguas em contato

Diferenciando-se apenas no tratamento dos fenômenos estudados, a dialetologia e a sociolinguística são ciências que estudam o processo da variação em seus diversos níveis, dialetologia abarca as variações espaciais, e a sociolinguística ocupa-se nas relações sociais.

Quando as línguas em contato passam a conviver no mesmo contexto social, as relações comunicativas são desencadeadas por diversos fatores externos à língua, de caráter social, comercial e cultural. É nesta perspectiva sociológica que os termos linguagem e sociedade são intrinsecamente evocados por Benveniste (apud Alkmin, 2012 p. 28) “que é dentro da, e pela língua que indivíduos e sociedade se determinam mutuamente”.

A determinação mútua proposta por Benveniste (1963) recai também sobre os fenômenos de contato, uma vez que a realidade entre as fronteiras linguísticas não é limitada. Dessa forma, abre portas às configurações sociais que por consequência variam as línguas.

Ao citar Fasold (1996) Padovani e Sanches (2016) esclarecem que quando se trata da variação dentro do corpo social é necessário considerarmos os múltiplos aspectos que a determinam, uma vez que as variantes não estão “exclusivamente” associadas a um grupo ou outro. Isto porque, quando falantes de diferentes comunidades interagem, ambos os grupos podem usar as variantes que lhes são próprias, e no mesmo instante utilizar as variantes do grupo que lhe faz contato. É justamente o contato com distintas comunidades que “favorece a entrada de novas formas linguísticas”, e permite que de modo natural as línguas sejam recriadas a partir de ações individuais que imprimem modificação ao coletivo:

Isto se dá porque, por meio da língua, o homem recria a realidade, interpretando-a e repassando-a aos demais. Aprisionado às suas estruturas, obediente às regras que lhe garantem a intercomunicação, preserva formas tradicionais; sensível às modificações que se operam a sua volta, nela imprime suas marcas, renovando-a a cada apelo externo. (BRANDÃO, 2013)

Com isso, podemos aqui afirmar que a realidade vivenciada pelo falante de zona de fronteira, pode determinar no surgimento de fenômenos em variação. Ao conceber esse fato consideramos o próprio falante como agente modificador de sua língua, a respeito

disso Espiga (2006) enuncia: “há comunidades e passos de fronteira que conhecem e partilham, a ambos os lados da linha, a mesma geografia, história e cultura local, descritas e vivenciadas em português e espanhol ou em dialeto próprio, misto das duas línguas”.

A consideração dos fatos sociais como fator determinante na língua é também defendida por Èmile Littre (1983 *apud* Oglioni 2006) quando esclarece que os: “estudos sobre situações vivenciadas entre línguas coexistentes, consideram como postulado básico a afirmação de que a história das línguas, ou mesmo da língua, associa-se intimamente a história social do povo que a fala”

A dialetologia também abre campo de observação, pois de acordo com (CHAMBERS e TRUDGILL, 1998, p.19) a dialetologia ocupa-se em estudar os dialetos, cujo objetivo é identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua diversifica (CARDOSO, 2010).

É sabido que as variações ocorrem por um conjunto de fenômenos não estritamente linguísticos, mas também extralinguísticos, que somados formam um conjunto de correlações que atuam diretamente nas línguas. Ao citar Bright, Alkmim (2012, p.30) enuncia que: (i) a identidade social do emissor ou falante, (ii) identidade social do receptor ou ouvinte, (iii) e o contexto social” atuam como fatores que promovem a variação e diversidade linguística. Para a autora, a Sociolinguística tem um papel fundamental em demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e sociais, isto é, relacionar os fatos linguísticos em dada comunidade às diferentes estruturas sociais dentro da mesma sociedade.

Diante do exposto, não se pode negar a eficácia dos dois campos teóricos, que juntas, prescindem maior produtividade aos resultados da pesquisa, como nos confirma Callou (2010, p.33):

Não se pode negar que o conhecimento sobre a realidade linguística brasileira teve início no âmbito da Dialetologia e atingiu o ápice com a Sociolinguística, mais especificamente, com a sociolinguística variacionista laboviana e os sofisticados métodos de análise estatística, um modelo de análise seguido em centenas de estudos na área.

Nesse sentido, os aportes teóricos da sociolinguística objetivam estudar a diversificação e as covariações por meio de fatores de ordem social. A dialetologia por sua vez “é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes níveis da fala, conforme a sua distribuição espacial (...)” CARDOSO (2010, p 1), em síntese, é a ciência que se ocupa da variação do falante em seus diferentes

contextos. A dialetologia constitui-se de princípios fundamentais que consente com a ideia de que as mudanças na esfera social refletem também nos aspectos linguísticos. Ao constatar tal fato, rompemos com a noção de que as línguas são “estáticas e imutáveis”, e admitimos a variação trajada do ciclo perfeito que atende a demanda sócio-histórica, política e linguística dos que a falam. Com relação a isso, Romano (2014) esclarece:

[...] as palavras mudam continuamente; não só do ponto de vista fônico, mas também do ponto de vista semântico, uma palavra nunca e exatamente a mesma (...), em nenhum momento se pode fixar um sistema estático concreto, porque em cada momento o sistema se quebra para constituir-se e romper-se novamente – essa mudança continua é, precisamente, o que chamamos de realidade da linguagem.

Logo, o contexto social em que duas ou mais línguas convivem lado a lado, pode resultar em modificações dialetais, que Calvet (2002, p. 34), explica:

Quando um indivíduo se confronta com duas línguas que utiliza vez ou outra, pode ocorrer que elas se misturem em seu discurso e que ele produza enunciados “bilíngues”. Aqui não se trata mais de interferência, mas podemos dizer de colagem, de passagem em um ponto do discurso de uma língua a outra, chamada de mistura de línguas.

Consoante a afirmativa de Calvet, quando há o “confronto” entre línguas, podem ocorrer fenômenos de colagem, passagem e até mesmo de mistura entre elas, deixando claro que elas podem sofrer variação. No livro *Falares Crioulos: Línguas em Contato*, Tarallo (1987) declara ser comum que nesses contextos aconteçam dois fenômenos característicos nas línguas envolvidas:

[...] (i) elas podem viver simplesmente em contato, uma na vizinhança da outra, lado a lado, mantendo-se integralmente independente e resguardando, portanto, seus limites e fronteiras individuais ou; (ii) que elas possam se misturar, se confundir, se cruzar, se mestiçar, se baralhar, enfim, se mesclar.

Nesta visão, as inovações linguísticas podem ser geradas pelo convívio frequente com influência estrangeira, e ao se permear incorpora-se ao falar regional, resultando na difusão das fronteiras linguísticas, COOK (2003, p. 1) declara que:

As mudanças que experimenta a língua daqueles que conhecem outras línguas têm consequências para a pesquisa em ensino/aprendizagem, com isso há a socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos e acesso a bens culturais.

Alckmin (2001, p. 41) também enfatiza que a variedade linguística, não ocorrem no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pelas estruturas sociopolíticas de cada comunidade de forma “lenta e gradual”. Ao citar Faraco (1998), Coan (2006) advoga que as línguas não são transformadas de modo direto e abrupto, substituindo um elemento pelo outro rapidamente, pois tudo se inicia com uma envolvente concorrência, o que leva o falante a operar com “regras variáveis” e um “padrão sistemático” (...).

Segundo Fisham (MUSSALIN; BENTES, 2001, p. 40) os membros de qualquer comunidade adquirem as competências comunicativas de forma lenta e inconscientemente. Deste modo, as línguas em contato, podem ser influenciadas em diversos níveis, pois de acordo com Bagno (2000) “somos muito mais do que meros “usuários” da língua...” e como usuário permiti-nos modificar as várias formas linguísticas a disposição.

Labov (apud MONTEIRO LEMOS, 2000) ressalta que se deve atribuir as variantes linguísticas, a sistemas diferenciados, pois o caráter heterogêneo das línguas possibilita as numerosas oscilações, contradições e alterações durante o processo discursivo.

Em virtude da amplitude que a variação linguística alcança adota-se nesta pesquisa duas vertentes investigativas, a dialetologia, e a sociolinguística, embora tenham o mesmo objeto de estudo, distinguem-se em suas perspectivas, pois a dialetologia, considera os elementos externos, contudo, sua ocupação a priori é demonstrar as diferenças espaciais. A sociolinguística por seu turno, focaliza as estruturas sociais para respaldá-las como agentes da variação. Nesse sentido, Corvalán (1988) citado por Cardoso (2010) enfatiza que a “sociolinguística e a dialetologia se tem considerado até certo ponto sinônimas, uma vez que ambas estudam a língua falada”, é bem verdade que a fronteira entre as duas ciências é difícil de ser demarcado como apontam Ferreira e Cardoso (1994, p.19)

Na verdade, definir objetivo e metas de vários ramos de estudo da ciência da linguagem (...) é sempre muito difícil porque são fluídos e poucos nítidos esses limites, mais fluídos e pouco nítido quando se fala de dialetologia e sociolinguística que têm – ambas como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala.

2.6 Condicionadores linguísticos e não linguísticos

As investigações sociolinguísticas passam a conceber a língua como um sistema inerentemente heterogêneo, aberto as alterações e mudanças, seja por fenômenos internos

ao próprio sistema ou externo a ele. Assim, chega-se a discussão dos influenciadores internos e externos, que Coelho et al (2015:19) denomina-os como *condicionadores*, ela advoga que “existem forças dentro e fora da língua que fazem um grupo de pessoas ou um único indivíduo falar da maneira como fala.

Segundo a perspectiva sociolinguística, a atuação desses condicionadores que também são chamados de *variáveis dependentes e independentes*, orientam e condicionam as escolhas linguísticas do falante.

As variáveis dependentes, são aquelas de natureza fonológica, morfológica, sintática, semântica, etc. E, portanto, são reflexos dos fenômenos linguísticos observáveis dentro de uma comunidade.

Labov, assumiu a importância dessa perspectiva de estudo, no entanto, para ele não se pode restringir no que é “estritamente linguístico”, pois, para se chegar as explicações dos fatos, é necessário entender de modo abrangente, como e quais forças operam nas línguas. Chagas (2015)

As variáveis independentes, por sua vez, são as que mantêm vínculo direto com o social, é o conjunto de fatores extralinguísticos que impõe variação a depender da faixa etária, do gênero, da classe social, do grau de escolaridade, entre outros.

Ao considerar a importância dos condicionadores para os estudos linguísticos entende-se que o campo de discussão se torna mais frutífero ao analisar as variáveis linguísticas e sociais. Entendendo que “as variáveis não agem isoladamente mas operam por um conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes”. MOLLICA (2015, p. 27).

Portanto, ao considerar o “uso da língua dentro do contexto social” assumimos que fatos variados podem incidir alterações no repertório verbal do indivíduo ou de determinada sociedade como um todo, onde os reflexos das “forças externas interagem com forças internas”, demonstrado *in vivo* os jogos ativos da variação. DIAS (1996 p.126); REIS (2011)

2.7 Diglossia e Domínios linguísticos

Antes de apresentar os aspectos sociais da cidade de Tabatinga, consideramos importante discutir os conceitos de diglossia e domínio linguístico, pois as especificidades das relações observadas outorgam aos falantes de Tabatinga diversas situações

enunciativas, onde a escolha do código linguístico varia, dependendo com quem, e onde se fala.

De acordo com Mello (2011), o conceito de *diglossia* foi cunhado por Ferguson (1964) ao se referir as diferenças funcionais de duas variedades de uma mesma língua. Ele salienta que as línguas têm suas funções determinadas por fatores de interdependência contextuais.

E ao citar Hamel (1988), que utiliza o termo *conflito linguístico* em vez de línguas em contato, explica que a diglossia é “a parte integrante de um conflito intercultural cujos aspectos sociolinguísticos se manifestam em uma relação assimétrica entre práticas discursivas dominantes (...) e em práticas discursivas dominadas”. (1988, p. 51 *apud* Mello 2011)

A noção de funções linguísticas foi aplicada ao bilinguismo por Fishman (1968), onde na ocasião instaurou o termo *domínio linguístico* para se referir a situação em que duas línguas são usadas para determinados fins específicos e em situações diversas.

De acordo com Prudente (2011) Fishman estipulou cinco principais domínios: a família, o trabalho, a educação, a religião, e a vizinhança. A escolha de um dos códigos linguísticos a disposição do falante está sempre “condicionada” a critérios subjacentes a interação verbal, isto é, as línguas assumem a função “do que está sendo dito, de quem diz e como é dito”. (2011, p.185), o que a certo modo abre variadas possibilidades ao falante dotado de mais de um código linguístico, ficando a cargo do mesmo a decisão de onde, quando e com quem usar a língua por ele selecionada.

2.8 A variação no espaço fronteiriço: As práticas sociais e discursivas

2.8.1 Fronteira: um espaço de mudanças

De acordo com Garcia (2010) “uma fronteira pode ser vista como um portal que muda o status das pessoas e das coisas. Uma zona de transição. Com um poder quase mágico, uma fronteira pode liberar ou aprisionar. Pode antagonizar. Mas também pode integrar”.

Ao descrever sobre os aspectos gerais de Tabatinga e Letícia, Suarez (2013) atribui a fronteira brasileira um cenário pluriétnico e multicultural, que segundo ele brinda a cidade com “um mundo cosmopolita e dinâmico”, que de modo interativo são implementados pela interpenetração dos fluxos humanos e dos traços culturais peculiares.

De igual modo que Suarez, Garcia (op.cit) considera que cidades de fronteira mantêm entre si “uma fluida relação”, que implica diretamente em diferentes manifestações sociais e culturais. Ele recorda que as relações independem das linhas divisórias, e a partir das situações variadas formam a identidade sociocultural dos que ali vivem.

Assim, a respeito das diferentes culturas que se entrecruzam em Tabatinga, Suarez afirma que “defronta-se ao mesmo tempo com duas culturas e duas nacionalidades diferentes, porém complementar: a colombiana e a peruana”. E juntas formam novas visões de mundo, pois suas especificidades tornam os indivíduos “tão particularmente acostumados ao convívio com outras culturas, que a sua internacionalização não deixa de ser um imperativo natural”.

Com a discussão ora apresentada, entende-se que as cidades que vivem a dinâmica de fronteira são receptíveis às transformações, e é em virtude disso que a variação no espaço de fronteira tem sido um tema amplamente estudado nos últimos anos, pois os fenômenos que surgem a partir do contato com diferentes línguas é o motivo pelo qual muitas pesquisas têm se voltado para o fenômeno da variação linguística.

Partindo do princípio básico de que todas as línguas estão passivas de modificação, Guisan (2009:19) declara que o “sistema [linguístico] é dinâmico por essência, consistindo num organismo vivo”, e concernente a mesma discussão Mollica (2004:12) concorda ressaltando que “todo sistema linguístico encontra-se permanentemente sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade”. Nesse sentido, a Teoria da variação rompe com o “mito da homogeneidade linguística” proposto pela corrente estruturalista de Saussure e gerativistas de Chomsky. COELHO (2012), REIS (2011).

2.8.2 As práticas sociais e discursivas na fronteira

Ao discutir sobre os fatores que condicionam a variação linguística, apresentaremos agora as relações existentes no espaço de fronteira, as redes de relacionamentos, seja ela social ou familiar, e as práticas sociais – que em conjunto podem estar operando como ferramenta da variação linguística, modificando o vernáculo do falante de Tabatinga

1.1.1 Os casamentos interétnicos

Como em muitas áreas de fronteira, os casamentos constituídos por pessoas de nacionalidades diferentes são perfeitamente comuns. Uma realidade também aplicada a cidade de Tabatinga, pois casamentos entre brasileiros com colombianos e peruanos faz parte da composição familiar de muitos lares tabatinguense.

Devido a essa necessidade de sobrevivência, as famílias foram se misturando por meio de uniões oficiais e não oficiais e apresentam integrantes das duas nacionalidades. As autoridades afirmam não saber exatamente quantos estrangeiros existem em cada cidade, pois muitos possuem dupla nacionalidade e declaram uma das duas dependendo da situação (na escola, em hospitais, por exemplo). Tal nível de miscigenação deveria fazer com que pensássemos que há uma integração perfeita na região, ou seja, que na família, no trabalho ou nas ruas as diferenças nacionais foram apagadas. Entretanto, isto não ocorre, aumentando o interesse pelo estudo dessa região paradoxal. (BARBOSA, 2009)

Ao analisar o cenário sócio-familiar de Tabatinga, entendemos também que os aspectos linguísticos recaem nessa discussão, isto porque segundo as implicações comunicativas a utilização da língua no domínio familiar passa a ser remontada pela interação entre línguas diferentes, a respeito disso, Silva (2011) esclarece que se a família adotar uma política de tornar todos que ali vivem em monolíngues, então todos assim serão, se contudo, a família optar pela política de adição, logo as gerações sucessivas se tornarão bilíngues, possuindo a competência linguística nas duas línguas, criando pressões para a utilização dos dois códigos linguísticos (português e espanhol) dentro do contexto familiar. O autor também admite que “o uso da língua no lar e a transmissão para as gerações sucessoras são fundamentais para o destino de uma língua”. (2011, p.134). Isto deixa claro que a formação familiar de que muitos tabatinguenses são membros, podem atuar como meio de inovação linguística, visto a proximidade afetiva com a língua espanhola.

2.8.4 Políticas educacionais

Outro fator social que pode atuar como meio de influência é a política educacional adotada nas escolas de Tabatinga. A fim de atender a realidade linguística vivenciada por determinadas populações, foi promulgado a lei 11.161/2005 que tornou obrigatório o ensino da língua espanhola nas escolas brasileiras em região de fronteira.

Ao se enquadrar nesse requisito, desde o ano 2005 as escolas de Tabatinga dispõem em seu currículo o ensino de língua espanhola. Em termos linguístico, a fronteira brasileira e colombiana tem grande abertura para alunos estrangeiros. Isto porque o índice de alunos brasileiros em escolas colombianas, e alunos colombianos em escolas brasileiras é perfeitamente comum.

O ingresso de alunos nas escolas estrangeiras é facilitado pelo acordo entre os dois países, pois tanto o Brasil como a Colômbia não impõem restrição nas matrículas de estudantes estrangeiros em ambos os territórios, o que oferta indubitavelmente para interação em redes comunicativas diversas entre brasileiros e colombianos (português-espanhol).

Do ponto de vista político e educativo, conhecer o relacionamento que ocorre entre português e o espanhol nessas zonas de contato, torna-se condicionante, diante das políticas de integração entre os países, no sentido de reconhecer e respeitar as peculiaridades culturais e linguísticas regionais, especialmente fronteiras, e, ainda, subsidiar ações pedagógicas a tais especificidades. (ESPIGA, 2006)

Segundo Mello (2011, p.148) nesse cenário linguístico, “a escola pode funcionar como catalizador” da manutenção de dois códigos linguísticos dentro da sociedade, de igual modo Mickey (1972 *apud* Mello 2011), considera a escola como domínio linguístico privilegiado para manifestação do fenômeno bilíngue.

2.8.5 Exposição midiática – TV

De acordo com Moraes (2005, p. 301) de todos os meios de comunicação a tv é um dos que mais exerce influência nas pessoas, isto porque a televisão está presente em quase todos os lares, tornando-se uma ferramenta bastante difundida e de grande aceitação no meio social.

Com isso, as informações veiculadas pelo aparelho de televisão “não se encerram quando a programação acaba”, pois, as informações por ela projetadas repercutem nos demais segmentos sociais, em casa, no trabalho, na escola, no clube “ou em qualquer outro espaço de interação verbal”, que de maneira geral pode também contribuir para as inovações linguísticas.

A mídia televisiva em Tabatinga, é notavelmente peculiar, pois se apresenta em formato bidialetal graças à proximidade fronteira com a cidade de Letícia. Este fato

possibilita aos moradores de Tabatinga sintonizar os canais de emissoras colombianas como, Canal Uno, Canal Caracol, Canal La Señal, por esse motivo muitos falantes de Tabatinga podem acessar livremente tanto a programação brasileira quanto a colombiana.

As novelas e seriados como *Maria do bairro* (*Maria del bairo*), *A usurpadora* (*La usurpadora*), *Coração indomável* (*Corazón indomable*), *Chaves* (*El chavo*) que nas demais regiões brasileiras estão disponíveis somente em português, o falante de Tabatinga tem duas possibilidades de assistir, a edição traduzida ou na íntegra, na língua espanhola.

Este aspecto, em que a exposição midiática ultrapassa as fronteiras físicas, torna a cidade uma zona que contribui para o convívio do português e espanhol no contexto televisivo e pode ser uma fonte de deslocamento da língua espanhola para os demais domínios linguísticos de Tabatinga.

2.8.6 Atividades laborais

Um outro aspecto social que pode estar configurando o falar tabatinguense, é a presença de muitos colombianos que trabalham na fronteira brasileira, de igual modo, muitos brasileiros exercem suas profissões da cidade colombiana.

É comum que nesses ambientes conduza o falante a duas possibilidades i) dentro da dinâmica do trabalho as duas línguas sejam utilizadas, e convivam harmoniosamente; ou ii) os dois códigos linguísticos convivam compartimentados, de modo que se adote uma única língua no exercício da profissão. Nesse segundo caso, os falantes de ambos os lados da fronteira são “obrigados” a falar a língua adotada no ambiente de trabalho, podendo levá-los a absorver os traços da língua de profissão.

Nos dois casos acima citados, faz da língua uma ferramenta de “trocas simbólicas”, no primeiro caso, os colombianos que trabalham em Tabatinga, passam a utilizar livremente o espanhol, nessa situação, os demais trabalhadores ou empregadores brasileiros convivem cotidianamente com a língua espanhola, muitas pesquisas têm demonstrado que nesses contextos podem ser considerados como zonas de transição.

Por via contrária, no segundo caso, ao privilegiar uma única língua no ambiente de trabalho, brasileiros que trabalham em Letícia são “levados” a adquirir o espanhol.

Portanto, tanto o contexto (i) como o contexto (ii) podem atuar como meio de influência linguística, que em síntese podem contribuir para variação linguística na comunidade de fala de Tabatinga.

2.8.7 Festividades culturais

As festividades são a manifestação cultural das crenças e costumes dos que ali vivem. Dentro de qualquer cultura, as tradições festivas marcam concretamente a realidade íntima e particular de cada povo.

Assim como qualquer outra cidade, Tabatinga possui várias festividades. Dentre elas a tradicional festa religiosa de *Santos Anjos* é organizada todos os anos pela igreja católica. Outra grande festividade é *Festisol*, que enaltece a cultura indígena, onde é dedicado quatro dias de competição folclórica das tribos Omáguas e Tikuna representadas respectivamente pela Onça Preta e Onça pintada.

Mas, por ser naturalmente pluriétnica, algumas festividades são realizadas dentro da cidade de Letícia-Colômbia. Assim, todos os anos é realizado o *Festival de la Confraternidad Amazónica* também chamada de *Festa da união dos povos* que busca a integração cultural, esportiva, econômica entre os países que compõe a tríplice fronteira, Brasil, Colômbia e Peru.

A festa tem duração de cinco dias, e nos últimos três dias a organização das apresentações fica a cargo de cada país. Nesse evento, Brasil, Colômbia e Peru selecionam *una señorita* a fim de representar a beleza da mulher brasileira, colombiana e peruana demonstrando o que há de mais marcante e peculiar de cada povo.

Outra tradicional festa *El Festival Pirarucu de Oro*, todos os anos é realizado na Concha Acústica do parque Orellana, onde abertura fica por conta do Grupo sinfônico da Universidade Central da Colômbia, onde é entoado o hino nacional da cada país, reafirmando “la irmandad” e a integração dos países que compõe a tríade fronteira.

Nesta festa as culturas se entrecruzam através das músicas (festival de composição e interpretação), danças, ritmos e a tradicional feira gastronômica onde é possível degustar dos sabores contrastivos dos três países.

Em rápida análise contextual, é possível perceber que a sociedade tabatinguense está imersa em múltiplas culturas que não lhes são próprias, mas que pelo convívio cotidiano, as culturas se entrecruzam de modo natural, assim, Suarez (2013, p. 2) esclarece,

Os vínculos familiares que se conformam em ambos os lados da fronteira, entornos próximos e parecidos, práticas religiosas, lendas e crenças similares,

gostos alimentícios compartilhados, produto da constante e cotidiana mobilidade e o intercâmbio econômico e cultural, propiciam vínculos interativos que os fazem formar parte de uma história compartilhada.

Para Eliot (1972, *apud* Borstel 2006) “é o modo de viver e de falar de uma determinada comunidade, manifestando-se na língua, nas artes, no sistema social, nos hábitos e costumes, religião e festas”. O cenário multiétnico na qual os falantes de Tabatinga estão imersos, faz ocorrer um aspecto interessante nas placas publicitárias, pois muitos pontos comerciais explicitamente declaram o convívio entre várias línguas.



Figura 12 Festival Cultural da tríplice fronteira: La confraternidad

Fonte: Jr, 2015.



Figura 13 A beleza da mulher brasileira-colombiana e peruana

Fonte: Jr, 2015.

Outra tradicional festa *El Festival Pirarucu de Oro*, todos os anos é realizado na Concha Acústica do parque Orellana, onde abertura fica por conta do Grupo sinfônico da Universidade Central da Colômbia, onde é entoado o hino nacional da cada país, reafirmando “la irmandad” e a integração dos países que compõe a tríade fronteira.

Nesta festa as culturas se entrecruzam através das músicas (festival de composição e interpretação), danças, ritmos e a tradicional feira gastronômica onde é possível degustar dos sabores contrastivos dos três países.

Em rápida análise contextual, é possível perceber que a sociedade tabatinguense está imergida em múltiplas culturas que não lhes são próprias, mas que pelo convívio cotidiano, as culturas se entrecruzam de modo natural, assim, Suarez (2013, p. 2) esclarece,

Os vínculos familiares que se conformam em ambos os lados da fronteira, entornos próximos e parecidos, práticas religiosas, lendas e crenças similares, gostos alimentícios compartilhados, produto da constante e cotidiana mobilidade e o intercâmbio econômico e cultural, propiciam vínculos interativos que os fazem formar parte de uma história compartilhada.

Para Eliot (1972, *apud* Borstel 2006) “é o modo de viver e de falar de uma determinada comunidade, manifestando-se na língua, nas artes, no sistema social, nos

hábitos e costumes, religião e festas”. O cenário multiétnico na qual os falantes de Tabatinga estão imersos, faz ocorrer um aspecto interessante nas placas publicitárias, pois muitos pontos comerciais explicitamente declaram o convívio entre várias línguas.



Figura 14 Placa publicitária em espanhol-Avenida da Amizade

Fonte: Viana, Dayane, 2018.



Figura 15 Placa publicitária em espanhol: Avenida da Amizade.

Fonte: Viana, Dayane, 2018.



Figura 16 Placa publicitária em espanhol: rua T-12
Fonte: Viana, Dayane, 2018



Figura 17 Placa publicitária em espanhol: mercado municipal.
Fonte: Viana, Dayane, 2018.



Figura 18 Placa publicitária em espanhol: rua Santos Dumont

Fonte: Viana, Dayane, 2018.

Portanto, a realidade sociocultural de Tabatinga, confere um acentuado dinamismo de relações além de suas fronteiras, transformando o norte brasileiro em uma sociedade singular e pluriétnica “y allí se han mezclado las economías, los pueblos y las culturas, para formar una sociedad trinacional y multiétnica totalmente nueva.” (GOBERNACIÓN DEL AMAZONAS, 1999: 53).

2.9 Teorias do Léxico

De acordo com o cenário social ora apresentado, as línguas de fronteira ganham contorno social. Esse fato abre a possibilidade em ocorrer fusões entre as línguas envolvidas, chegando ao ponto de influenciar e/ou ser influenciada em vários níveis, inclusive no léxico.

Rosa (2008) considera o léxico como um conjunto de palavras que está acessível ao falante, uma categoria passiva de modificação, e “pertencente a classes abertas, isto é, a classe que, sincronicamente, podem admitir novos membros”.

Para Basílio (2004), o léxico não se limita a um conjunto de palavras, pois ao ser dinâmico, ele o considera um sistema de inovações, e dentro do processo de ampliação lexical o falante é visto como agente fundamental das variações léxicas.

No tocante aos diferentes conceitos do léxico, Azevedo (2013) observa que de acordo com DUBOIS et al (2006), o termo léxico se refere estritamente a língua, e destina

o conceito de vocabulário aplicado ao discurso, separando as unidades do sistema e da pragmática. Ele esclarece ainda que as unidades que compõe o léxico, são os lexemas, enquanto as unidades do discurso, são os vocábulos e as palavras.

Segundo Biderman (2001, p. 170) “léxicos são acervos de lexemas de uma língua” que por soberania é uma categoria variável, ela o reconhece como “um sistema aberto e em expansão”. Nesse sentido, adotamos a concepção de Biderman, por entender a categoria lexical puramente receptível a variação e diversidade linguística.

O português possui características flexivas e aglutinantes, logo, nesse processo de livre formação, o léxico se expande, se altera (...) e as mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares. (BIDERMAN, 2001, p.168).

Durante a produção verbal, o atributo de flexibilidade lexical, projeta um cenário de constante transmutação no uso de palavras. Esta abertura pode criar pressões e aumento de uso de léxicos hispânicos, mesmo sem a perda do português como língua dominante. Dito isto, entendemos que as línguas estão em constante formação, uma vez que as alterações (variações) são instigadas por fatores geográficos e sociais:

Na formação de uma língua é preciso considerar a influência pelo ambiente através da experiência social. Este contato entre língua e realidade irá determinar a linguagem como reflexo da realidade (...). (Oliveira *apud* OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 109)

Conforme Rodrigues e Baalbaki (2014) “Um aspecto fundamental de qualquer língua é a possibilidade que tem, por diferentes recursos, de ampliar e renovar seu léxico”. Ao citar Sandmann (1997) as autoras destacam três formas de expansão lexical, i) um primeiro recurso parte de palavras já existentes e dão luz a novos lexemas; ii) empréstimos linguísticos de outras línguas; iii) criações aleatórias. Segundo as autoras os três processos de ampliação lexical ocorrem porque historicamente as línguas atendem as demandas sociais e linguísticas.

2.9.1 Os empréstimos como recurso linguístico de fronteira

Como já discutido, por diversos recursos da língua o léxico está em constante expansão, sendo notavelmente marcado pelas alterações. Nos ocuparemos agora, nos

empréstimos linguísticos, pois no contato entre línguas é este que mais se observa a atuação.

De acordo com Rodrigues e Baalbaki (ibidem) os empréstimos normalmente são ocasionados pela proximidade geográfica, por intercâmbio cultural, ou por outros fatores seja ele econômico e ideológico. Para elas, há uma forte relação no processo de empréstimos que o denominam como “assimilação de material linguístico”, onde determinados elementos são transpostos de uma língua para outra.

Muitas pesquisas apontam os empréstimos linguísticos como resultado do contato entre as línguas, Mattoso Câmara Jr. (1985) esclarece que os empréstimos estão intimamente ligados com os aspectos sócio-históricos, cuja frequência de ocorrência vai depender do grau de contato entre as línguas. De acordo com Coelho et al (2015) as áreas lexicais não são delineáveis por fronteira “fixa” e “imutável” uma vez que elas se “sobrepoem, na medida em que os diferentes falares se interseccionam”, evidenciando o caráter inovador dos elementos linguístico.

McCleary (2009) advoga que a mudança lexical é um fenômeno natural e comum a todas as línguas, e considera o fenômeno como “expressão criativa humana”. E justamente através das expressões criativas que em situação de contato, o falante emprega os empréstimos muitas vezes de modo inconsciente, dessa forma, é quase inevitável que nesses contextos não haja mudanças.

Quando uma palavra é emprestada da língua **A** e começa a ser usada por pessoas que falam a língua **B** como língua materna, essas pessoas não vão pronunciar a palavra exatamente como é pronunciada por falantes nativos da língua **A**. Elas vão *adaptar* a pronúncia da palavra às regras da fonologia da língua **B**. E a palavra já começa a mudar. Já começa a ter a "cara" da língua de destino e perder um pouco suas características da língua de origem. Essas mudanças são inevitáveis. MCCLEARY (2009, P.35)

Os empréstimos, portanto, podem ser vistos como material simbólico, constituído a partir do contato com outras línguas, onde a mágica linguística dá seu toque sutil, sem descaracterizar as línguas nas quais operam. Tornando-se um recurso de novas situações e necessidades.

3. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

3.1 A seleção dos Pontos

Com o objetivo de selecionar os pontos de inquérito no qual seriam realizadas as entrevistas, foi feito um levantamento preliminar dos dados da cidade de Tabatinga, de modo que os aspectos históricos, socioeconômicos e geográficos, fossem levados em consideração.

Outro fator observado no processo de seleção dos pontos, foi a proposta de Brandão (1991, p.28) que aconselha observar entre outros fatores, o histórico da área, a posição da localidade, as áreas de diferentes dimensões e o fluxo de pessoas.

Nesse sentido, Margotti (2004) afirma que os aspectos históricos e geográficos de cada ponto merecem atenção, uma vez que, deve-se considerar “(...) as circunstâncias de colonização e ocupação para que a amostra distinga consideravelmente”. É válido ressaltar que, nos critérios geográficos também recaem as características linguísticas que balizam de modo inconsciente os falantes, permitindo que a investigação dialetal demonstre as semelhanças e as especificidades da região, como nos aponta Ferreira e Cardoso (1994, p.24):

(...) em razão da sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, o tipo de povoamento que nela processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas, da sua situação demográfica, enfim pode ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a distinguem de outras áreas.

Em vista disso, a pesquisa privilegiou quatro zonas de Tabatinga, que compreendem os bairros: Comara, Santa Rosa, Vila Paraíso, São Francisco.

Por questão de estratégia, estas localidades foram selecionadas, uma vez que, se considerou a proximidade e distanciamento dos bairros com a fronteira colombiana, para que assim, fosse possível analisar os pontos e as variáveis sociais sob maior influência do dialeto vizinho. Esse fato, nos possibilita na verificação dos continuum dialetais hispânicos nas zonas próximas e distantes, assegura-nos também analisar a difusão da influência léxica na presente comunidade, ficando os pontos assim representados.

Quadro 1 Os pontos de inquérito.

Ponto	Descrição dos pontos	Região Geográfica
01	Bairro São Francisco	Noroeste
02	Bairro Santa Rosa	Norte
03	Bairro Comara	Sudeste
04	Bairro Vila Paraíso	Leste

3.4 Descrição dos pontos de inquérito

3.4.1 Bairro São Francisco

O bairro São Francisco localiza-se na parte Noroeste do município de Tabatinga, é uma das zonas mais antiga da cidade, isto porque, foi nessa área que os primeiros migrantes nordestinos escolheram para instalar-se após o fim do ciclo da borracha. O objetivo de subsistência fez suceder o povoamento da área que hoje constitui o bairro, e atualmente possui cerca de 12 mil moradores.

O bairro foi escolhido por atender dois importantes interesses da pesquisa, 1) por ser considerado uma zona antiga; 2) pela proximidade com a cidade de Letícia, ao fazer limite com o bairro colombiano *La unión*, esse fato faz suceder algo peculiar, uma vez que moradores brasileiros possuem aos fundos de suas casas vizinhos do outro país, que sobretudo caracteriza uma proximidade física e linguística com a língua espanhola.

3.4.2 Bairro Comara

Situado na parte Sul da cidade de Tabatinga, o bairro da Comara está localizado às margens do Rio Solimões e faz limite com a comunidade indígena do Umariáçu I.

É formado por cerca de 8 mil moradores, o bairro foi escolhido por ser a área mais distante da fronteira colombiana e presume-se que o contato com o espanhol seja menos frequente, o que pode revelar ou não, se a aproximação ou distanciamento com a fronteira colombiana interferem nos aspectos da influência linguística.

3.4.3 Bairro Santa Rosa

Este bairro leva o nome de Santa Rosa em homenagem a santa padroeira do Peru, o que remete a aproximação cultural e religiosa com os países vizinhos. Com estimativa de cerca de 10 mil habitantes, localiza-se no extremo norte da cidade, é considerado uma zona antiga por ser um dos primeiros a ser povoado.

Ao fazer limite com o bairro de Letícia chamado *Colômbia*, a área de Santa Rosa também possui proximidade com a linha de fronteira. Com isto, é considerado um dos bairros com maior índice de estrangeiros residindo em solo brasileiro.

Esse fato ocasiona na aproximação entre tabatinguenses e leticianos, já que os moradores do bairro de Santa Rosa têm os terrenos de suas casas margeadas com a vizinhança colombiana, que pode representar um indicador de zona de transição dos traços da língua espanhola para o português, que posteriormente poderá ser demonstrado através dos resultados da pesquisa.

3.4.4 Bairro Vila Paraíso

Situado na parte Leste de Tabatinga, o bairro Vila Paraíso é um dos bairros mais novos da cidade, sua fundação ocorreu em 2008 em um intenso processo de ocupação. Mesmo com o curto período de existência, o bairro está em pleno desenvolvimento, e hoje conta com cerca de 8 mil moradores.

O critério da escolha do Bairro, foi justamente por 1) caracterizar-se uma zona nova da cidade, que permitirá realizar a triangulação de zonas antigas e novas e 2) pelo distanciamento com a cidade de Letícia.

3.5 O questionário

A coleta de dados foi fundamentada na combinação de duas técnicas sugerida por Brandão (1991, p. 34), trata-se da coleta mista, que consiste na aplicação do questionário semântico lexical (QSL) e de narrativas de experiência pessoal.

A confecção do questionário foi baseada no QSL aplicado no Atlas linguístico do Amazonas-ALAM, de Cruz (2004). E com o objetivo de atender a realidade sociolinguística da fronteira brasileira, algumas perguntas foram adaptadas e direcionadas

as peculiaridades vocabular da própria comunidade. No quadro abaixo, podemos observar as questões inseridas no QSL.

Quadro 2 Questões inseridas no QSL

N.QUESTÃO	DESCRIÇÃO DA QUESTÃO
10. URUBU	Como se chama a ave preta que come animal morto?
12. FRANGO	Ave de carne branca comprada congelada em supermercados.
22. PORCO	Como se chama o animal em que as orelhas e pernas são usadas para fazer feijoadas?
29.MORANGO	Qual nome da pequena fruta de cor avermelhada, com pontinhos verdes?
30. AMORA	É uma pequena fruta ácida, de cor vinho, muito usada para fazer sucos?
31. LIMÃO	É um tipo de fruta ácida usado em saladas. Quais tipos você conhece?
32. SALSÃO	É uma hortaliça de longo caule de cor verde clara, na ponta possui folhas muito usado em sopas e ensopados.
34.GRAVIOLA	Qual nome da fruta muito usada para fazer sucos que tem a casca verde como pequeno pontinhos parecido com espinhos?
48. MASSAGEM	Quando alguém trabalhou demais e está com dores nas costas, o que se pode fazer nas costas para que a pessoa melhore?
54. CURITE	Qual nome do suco congelado de frutas que é vendido nas casas dentro de saquinhos plásticos.
55. CHEETOS	Salgadinho crocante feito de milho vendidos em supermercados?

56. EMPANADAS	Qual nome do Salgadinho frito feito de massa de milho?
57. MOCILLA	Que nome recebe a linguiça feita de arroz com sangue?
58. GASEOSA	Qual nome da bebida gaseificada, vendida em garrafas de vidros?
59. ISCAS	Qual nome do prato que é feito com carne, frango, calabresas e são cortados em pequenos pedaços?
60. LECHONA	Qual nome da comida em que o porco é assado por inteiro recheado com arroz e legumes?
61. ARROZ CHAUFFA	Como se chama a comida que tem arroz de cor marrom acompanhado com carnes e frango e ovos?
62. PATAÇÃO	Como se chama a banana verde frita amassada de forma arredondada?
63. MICHELADA	Como se chama a bebida alcóolica feita com limão e servido no copo com borda de sal?
62. AREPA	Como se chama a torta feita de massa de milho branco com queijo dentro?
64. TAPIOCA	E da goma feita de mandioca já seca e torrada no forno?
65. PERICO	Como é chamado a comida feita com ovos fritos misturado com verduras?
66. SALCHIPAPA	Como se chama a comida que é feita com batata e salsichas fritas?
67. REFRESCO	Como é o nome do suco de pouca espessura é geralmente feito sem leite?
68. CHICHAMORADA	Qual é o nome do suco feito de milho queimado de cor de vinho?

69. TACATE	É feito de banana verde cozida, depois amassada e fica parecendo farofa.
70. LECHUGA	Como se chama a hortaliça que parece um repolho com folhas verdes claras?
71. FACA	Como é chamado o objeto que serve para cortar carnes, legumes e verduras?
72. AÇO	Metal utilizado para confecção de joias que não mareiam, (não ficam preto)?
73. ÁGUA SANITÁRIA	Solvente utilizado para branquear roupas
74.SACOLA	Quando vamos ao supermercado, como é o nome do objeto de plástico que trazemos as compras?
75. CANETA	Como se chama a objeto para escrever que tem várias cores, azul, preto e vermelho?
76. FLORICULTURA	Qual é o nome do lugar onde se compra flores?
77.ABSORVENTE	No período de menstruação, o que a mulher usa para que o sangramento não seja visível?
78.MAMADEIRA	Como se chama o objeto que a criança toma o leite?
79.GUARDANAPO	Como é o nome do papel que se usa para limpar a boca após a alimentação?
103. NHACA	Qual nome do odor de uma pessoa com mau cheiro?
104. MAU- OLHADO	Como se chama o olhar de uma pessoa que parece que tem inveja da outra, ódio contra os bons negócios, felicidade. Quando alguém olha assim para outra pessoa se diz que essa pessoa está botando o que na outra?
105. NHAPA	Quando uma pessoa está comprando algo e começa a pexinchar para levar para casa além do que ela pagou, como isso se chama?
106. CAGUETA	Como se chama alguém que fala para todos o segredos de seus amigos?

107. PINHATA	Em aniversários é comum ter uma caixa cheia de brinquedos e bombons. Como se chama esta caixa?
--------------	--

O questionário, é constituído com 106 perguntas, entre os mais variados campos semânticos: meio físico, fenômeno da natureza, meio biótico (fauna e flora), meio antrópico (homem e suas atividades de produção).

Dentro da metodologia geolinguística existem dois tipos de questionário, o direto e o indireto, o primeiro é o mais clássico, utilizado inclusive por Edmond Edmont requisitado por Gilliéron, neste tipo de questionário parte-se imediatamente da própria variável, exemplo: Como você pronuncia “cinquenta”? CHAMBERS; TRUDGILL (1994)

Contudo, na presente pesquisa utilizamos o questionário com perguntas indiretas, definido por Chambers; Trudgill (p.46,48), por exemplo: “Como se chama o lugar pequeno com balcão, onde se costuma ir beber” as possibilidades de respostas podem ser (bodega, bar, boteco) CARDOSO, 2010, p. 97). Esse tipo de questionário tem se demonstrado muito eficiente, pois demonstra as diferentes formas para um mesmo designativo, o que assegura com que o entrevistado revele suas respostas de modo espontâneo, revelando os léxicos comumente utilizados por ele em seu contexto real de uso.

Durante o processo de entrevista também seguimos a orientação de Caruso (2013) que aconselha que devemos eliminar qualquer possibilidade de nomear algo antes do informante, exemplo: em vez de perguntar, “Como se chama a fruta que dá no pé da banana? Pergunta-se: Como se chama aquela fruta que dá na bananeira? Evitando assim qualquer indução por parte do inquiridor.

Outro cuidado tomado, foi privilegiar as entrevistas nas residências dos informantes, apesar de muitos julgarem que o local da entrevista deve ser um lugar que traga certo “prestígio” para o informante, como prefeituras e outras localidades, essa ideia tem sido refutada, pois nestes contextos o falante tem a tendência de manter a apreensão formal que certamente irão falsear os resultados obtidos, assim, o “Paradoxo do Observador” deve ser evitado ou pelo menos tentar “anular essas armas”. CARUSO (2013)

Foi realizado também gravações em áudio de elocuições livres, na qual propomos um relato de experiência pessoal, com tempo estimado de 10 minutos, a respeito desta modalidade de elocução. Dino Pretti advoga que nesse tipo de coleta o informante tende a desprender-se da formalidade uma vez que sua atenção estará voltada para rememorar o fato a ser relatado, e movido com sentimentos mais íntimos, se reportará de maneira mais próxima a sua fala cotidiana.

O interesse da pesquisa é justamente coletar as lexias comumente por ele utilizada durante sua interação verbal com os demais falantes, assim, o relato de experiência tem o objetivo de fornecer base suplementar ao questionário, auxiliando em futuras comparações, que certamente darão maiores resultados no processo de interpretação e análise dos dados.

3.6 O perfil dos informantes

O critério de seleção dos informantes, foi baseado de acordo com Ferreira e Cardoso (1994) no qual o processo de seleção deve observar com precisão o local de nascimento do informante, naturalidade dos pais e cônjuge, idade, período de permanência no lócus e o grau de escolaridade. Acerca disso, as autoras ressaltam que “o perfil do informante, (...) convém claramente ser delineado com vista a estabelecer-se de um perfeito controle de variáveis”.

Dessa forma, a variação diageracional (idade), diagenérica (gênero) e diastrática (grau de escolaridade e classe social), diatópica (ponto geográfico) nortearam o controle das variáveis.

Elas acrescentam, que em relação à variação diatópica é aconselhável “focalizar-se no conjunto de diferenças socioculturais para que, ao definirem-se as peculiaridades regionais, manterem-se sob controle às diferenças estráticas, etária e de sexo”.

Na etapa de entrevista foi apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido no qual o informante fica ciente de sua participação e por vontade própria colabora com a pesquisa.

Assim, foram selecionados 8 informantes para cada ponto de inquérito, totalizando em 32 informantes no total, sendo, portanto, 16 homens e 16 mulheres todos brasileiros nascidos na cidade, com idade e grau de escolaridade diversos.

Essa escolha justifica-se, pois, as variáveis gênero e escolaridade, promovem a variabilidade de acordo com o grau de instrução e a formação profissional, que determinam o desdobramento discursivo do falante.

Assim, hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem a distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos. (BRANDÃO, 1991, P.26)

A dimensão diagenérica foi privilegiada na pesquisa por entendermos que a fala de homens e mulheres variam consideravelmente. Em regra geral, a fala de homens tende a não dispor de muita estilística, enquanto a fala feminina é mais conservadora da norma culta. Segundo Naro (2004), dentro da linha de tempo de modificação da língua, o fator idade oferta a pesquisa um panorama amplo da variação, pois há indícios de que ocorra um determinado congelamento linguístico, em que o falante tende a estagnar linguisticamente no período da puberdade, cujas oscilações no repertório verbal vão variar de acordo com a faixa etária analisada, e em virtude disso, que ele considera que “o processo da mudança se espelha na fala das sucessivas faixas etárias. (2004, p.46).

Em nossa pesquisa, selecionamos apenas 2 faixas etárias, que abrangem falantes de 18 a 35 e de 36 a 65 anos. Inicialmente, pretendíamos estender nossa investigação aos falantes de 65 anos em diante, no entanto, muitos alegavam que por não ter a dentição completa não falavam adequadamente e de imediato recusavam-se a participar das entrevistas.

Diante disso, estabelecemos o parâmetro diageracional de 18-35 e 36-65 anos. O perfil dos informantes foi baseado nos seguintes critérios.

Quadro 3 Perfil do informante

INFORMANTE	GÊNERO	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
1 (H1)	Homem	18-35	Ensino Fundamental completo ou incompleto

2 (M1)	Mulher	18-35	Ensino Fundamental completo ou incompleto
3 (H2)	Homem	36-65	Ensino Fundamental completo ou incompleto
4 (M2)	Mulher	36-65	Ensino Fundamental completo ou incompleto
5 (H3)	Homem	18-35	Ensino Médio completo ou incompleto
6 (M3)	Mulher	18-35	Ensino Médio completo ou incompleto

3.7 Dimensão e Parâmetros

Em conformidade com Padovani & Sanches (2016) o caráter “plural e social” norteiam os princípios da dialetologia pluridimensional, por esta razão, toda sua orientação metodológica seguem o mesmo princípio, inclusive seu conjunto de dimensão e parâmetro.

Ao propor a dimensão em forma compartimentada, Thun (1998) nos fornece a possibilidade de desvendar semelhanças e contrastes entre diferentes regiões geográficas e distintas realidades sociais. Para Romano (2014) a nova tendência pluridimensional contempla oito dimensões que busca desvendar o modo como opera a variação linguística dentro do espaço social e diatópico. Dessa forma, “o falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas dimensões”. Cardoso (2010)

De acordo com Espiga (2006) a importância de se construir as dimensões e parâmetros no processo metodológico, se dá porque só por meio deles se pode alcançar os objetivos de pesquisa. Ele revela que para estudar o contínuum do espanhol no português, requer um estudo aprofundado.

Nesse sentido, discutiremos a seguir as dimensões abordadas na pesquisa, para que assim seja possível analisar como os aspectos diatópicos e os fatos sociais operam na cidade de Tabatinga, uma vez que, o primeiro capta as diferenças geográficas e o segundo demonstra quais fatores que condicionam tais diferenças.

3.7.1 Dimensão diatópica

Esta dimensão, compreende a variação dentro do espaço geográfico e relaciona-se a “topoestaticidade dos informantes”. Dessa forma, diferentes áreas podem ser estudadas e comparadas por meio cartográfico.

Um dos questionamentos levantados na pesquisa, diz respeito a como a variação linguística opera no espaço geográfica de Tabatinga. Nesse sentido, procuramos analisar as ocorrências linguísticas, de acordo com o espaço da variação. Assim, foi possível verificar se o aspecto proximidade ou distancia com a fronteira colombiana determinam na frequência do uso de lexias do espanhol.

Para tanto, partiu-se à investigar os bairros (São Francisco e Santa Rosa) com o objetivo de analisar se pela proximidade com a cidade de Letícia, os falantes dessa área eram mais propensos a absorver lexias da língua espanhola. Selecionamos os bairros (Vila Paraíso e Comara) por apresentar-se justamente mais distantes da linha de fronteira.

Nesse cenário, a convivência diária, faz com que os moradores dos bairros São Francisco e Santa Rosa, passem a conviver diariamente com a língua vizinha, o que pode indicar uma zona de transição e deslocamento de léxicos da língua espanhola para o português de Tabatinga.

O segundo fator, é de caráter geográfico-social, pois a pouca distância entre as casas devido a extrema proximidade entre Brasil e Colômbia, faz com que, os aspectos cotidianos das duas culturas convivam lado a lado.

Dessa forma, aspectos triviais como ouvir músicas, compartilhar as festas, os costumes, o gosto culinário, a formação dos casamentos interétnicos e todos os fatores que envolvem a dinâmica de uma comunidade, podem influenciar e conseqüentemente modificar a língua daqueles que ali vivem.

3.7.3 Dimensão diastrática

De modo contrastante, a dimensão diastrática caracteriza o falante de acordo com a classe social que ele pertence. Isso nos possibilitou a demarcação das classes sociais da cidade de Tabatinga, assim foi possível verificar como a variação linguística opera nas diferentes classes sociais.

De acordo com Chambers (1995), o grau de escolaridade é um marcador linguísticos muito eficiente quando estamos investigando os fenômenos da fala. À vista

disso, a estratificação social do falante pode ser representada pelo grau de instrução, pois nele refletem “os indicadores educacionais, ocupacionais e econômico que o mesmo possui”.

Ao analisar as variáveis sociais em nossa pesquisa, selecionamos dois níveis de escolaridade, com finalidade de contrastar como a dinâmica da influência espanhola se fundem em ambos graus de escolaridade.

Assim, temos a Esc.1: que representam informantes que possuem o nível fundamental completo ou incompleto e a Esc. 2: que representam informantes com o ensino médio completo ou incompleto.

3.7.4 Dimensão diageracioanal

É o estudo da fala nas diferentes faixas etárias. Com a dimensão diageracional é possível “documentar ao vivo as diferenças que separam as gerações” mesmo dentro de pequenas cidades. Isto possibilita o conhecimento não somente da idade do falante, mas também nas diferenças que constituem o falar dos mais jovens e dos mais idosos. (POP, 1950, P. 43 APUD CARDOSO, 2010).

Nas pesquisas linguísticas, a idade do informante é reconhecidamente importante quando se deseja investigar o vernáculo de determinada comunidade. A escolha das gerações é indispensável para se verificar como as diferentes gerações posicionam-se quanto ao uso da língua.

Através desse recurso metodológico, permite-nos investigar “(...) as diferenças que separam gerações e por vezes os pequenos povoados de um município” (GARDETTE, APUD CARDOSO, 2010, P. 217)

Por esse motivo, nossa pesquisa investigou como as diferentes gerações de Tabatinga moldam seu comportamento verbal mediante o contato com o espanhol.

Para tanto, selecionamos duas faixas etária. A primeira, compreende os falantes de 18 a 35 anos, e a segunda de 36 a 65 anos.

3.7.5 Dimensão diagenérica

Nesta dimensão, o interesse de estudo se volta para a produção linguística de homens e mulheres. Aqui temos que ressaltar que a bem pouco tempo começou a desenvolver estudos acerca das diferenças na fala entre homens e mulheres.

Isso porque, por um longo tempo, a fala masculina foi considerada como ponto de referência nas pesquisas linguísticas.

Fato que podemos comprovar, quando analisamos os dados do ALF, com um número discrepante entre homens comparados as mulheres. Entretanto, atualmente é inquestionável a diferença existente na fala dos dois gêneros, o que torna indispensável considera-los quando abordamos o estudo da variação.

A variável gênero, passou então a representar uma análise importante dentro das pesquisas linguísticas. Com isso, admite-se que as variantes adquirem um valor diferente entre homens e mulheres. Insta lembrar que o valor atribuído as variantes não são de forma aleatória, mas pautadas e selecionadas dentro de um padrão sistemático.

Já é um ponto pacificado, dentro dos estudos linguísticos, que as mulheres tendem a apropriar-se das formas mais prestigiadas e possuem características mais conservadora, enquanto homens utilizam-se de elementos mais estigmatizados, sendo, portanto, mais receptivos às mudanças.

Contudo, esse fato, não pode ser aplicada e generalizada a todas as comunidades linguísticas, uma vez que, cada uma possui especificidades e singularidades, como ficou demonstrado no estudo de Labov (1966), quando realizou um estudo no inglês de New York, onde revelou um comportamento linguístico inovador por parte das mulheres e menos frequentes em homens.

Paiva (2015) também advoga que, “as diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres situam-se no plano lexical”. Assim, na investigação linguística, torna-se indispensável os estudos do comportamento verbal existente em cada gênero

Quadro 4 Dimensões e Parâmetros

Dimensão	Parâmetros
Diatópica	São Francisco ¹ , Santa Rosa ² , Comara ³ , Vila Paraíso.

Diageracional	Faixa (1) = 18 a 35 Faixa (2) = 36 a 65
Diastrática	Ensino fundamental incompleto ou completo (Esc. 1) Ensino médio completo ou incompleto (Esc. 2)
Diagenérica	Falante do sexo masculino (M) Falante do sexo feminino (F)

Modelo de Margotti (2004) *Adaptado*

3.8 Instrumentos de coleta de dados e procedimentos de aplicação

Os dados da pesquisa foram coletados em quatro bairros da cidade de Tabatinga, Vila Paraíso, Comara, São Francisco e Santa Rosa, esses últimos são literalmente ligados a cidade de Letícia.

Antes da aplicação do questionário, apresentamos a ficha do informante e a ficha de localidade para os entrevistados, onde imediatamente foram preenchidas.

Durante a apresentação, evitamos informar aos entrevistados nosso interesse em investigar as lexias hispânicas presentes na fala Tabatinguense. Utilizamos dessa estratégia a fim de não induzi-los a respostas programadas, com o objetivo apenas de satisfazer os anseios da pesquisa, fato que falseariam os resultados.

O questionário semântico lexical (QSL) foi baseado no (QSL) do Atlas linguístico do Amazonas, de Cruz (2004), no entanto, em virtude de ter uma distinta realidade linguística, algumas lexias pertinentes a fala tabatinguense foram introduzidas para compor as 106 perguntas do questionário desta pesquisa.

A aplicação do questionário teve em média uma hora de gravação, e o relato de experiência pessoal de cada informante durou em média 15 minutos. Dessa forma, houve a combinação de duas técnicas onde a recolha dos dados foi registrada a partir do questionário semântico lexical e do relato de experiência pessoal.

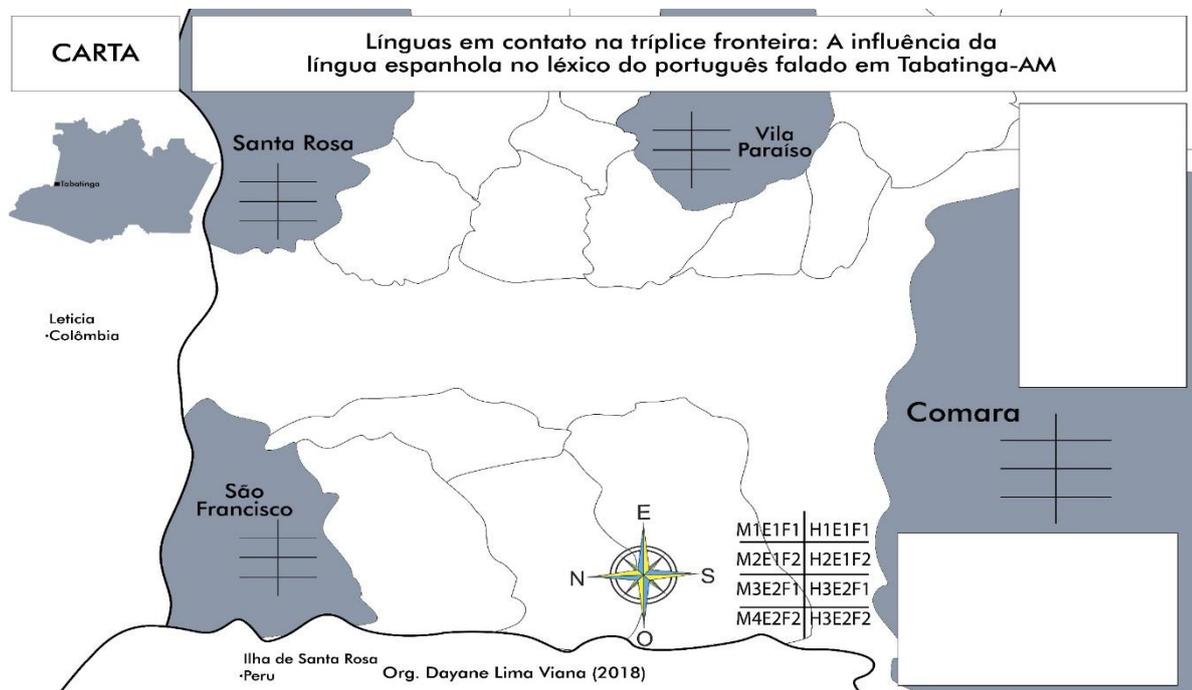
Após a aplicação do questionário, o informante era convidado a relatar um acontecimento marcante em sua vida, esta técnica segundo Pretti (2001), permite com que o entrevistado fale de modo mais natural possível de acordo com sua fala em condição cotidiana. Pois, ao rememorar os fatos a serem relatados, estará ocupado com as emoções causadas pelo acontecimento, induzindo-o a fala mais espontânea.

Ambos os dados foram gravados em aparelho gravador Sony A4. Após o término, os dados foram transcritos grafematicamente, cumprida essa etapa, demos início ao trabalho estatístico.

3.9 Tratamento estatístico e cartográfico

Com o término do levantamento oral, passamos para a transcrição dos dados na planilha *Excel*. Findos o processo de transcrição, seguimos para a etapa de confecção do mapa base no qual utilizamos o programa gráfico *Corel Draw*, indispensável no procedimento cartográfico.

Mapa 2 Mapa base da dissertação



Fonte: Viana, Dayane, 2018.

Só a partir de então, passou-se para tratamento estatístico, na qual as lexias encontradas foram submetidas no programa SGVCLIN (*Software para Geração e Visualização de Cartas Linguística*) de ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. (2014).

O SGVCLIN é um programa que segue os veios metodológico do projeto ALiB e tem a capacidade de registrar as ocorrências linguísticas e simultaneamente armazená-las em um banco de dados.

Esse recurso, nos permitirá demonstrar por meio cartográfico, como o português da cidade de Tabatinga está sendo influenciado pelos léxicos da língua espanhola.

Nesse sentido, optamos por sinalizar no mapa base, a localização mais próxima e mais distante dos pontos de inquéritos com relação a fronteira colombiana e peruana.

No aspecto cartográfico, decidimos pelo modelo de mapas pontuais mistos, que consistem em mapas que objetivam registrar as variadas formas que um mesmo referente adquire, (por exemplo, dindin, geladinho, totó, miau e curite).

Dessa forma, cada variante é representada por meio de símbolos ou cores que simultaneamente apontam para o respectivo ponto de ocorrência. Romano (2014)

Cada símbolo ou cada cor, são representações linguísticas distintas, cujas descrições são demonstradas no espaço da legenda, que é destinado para apresentar as diferentes lexias que um mesmo referente adquiri, conforme o espaço, a faixa etária, e gênero e a escolaridade do informante.

Ao citar Coriseu (1954), Cristianini (2007),) afirma que quando se pretende estudar os fenômenos da língua aos moldes da geolinguística, várias são as possibilidades de mapas que se pode utilizar.

Ela nos apresenta 6 tipologias de mapeamento considerados por Coriseu. O primeiro, é o mapa fonético, que tem a finalidade de apresentar os aspectos fonéticos da língua em diferentes pontos. Os mapas lexicais, por sua vez, pretendem demonstrar as ocorrências das diferentes variantes lexicais.

Os mapas linguísticos, visam apresentar a combinação dos aspectos, o fônico e o morfológico nos diversos pontos investigados. Coriseu nos aponta ainda, os mapas sintéticos e pontuais, o primeiro ocupa-se em determinar os limites da variação. O segundo por seu turno, não se preocupa em estabelecer tais limites, uma vez que, sua principal finalidade é demonstrar as variações em todos os pontos estudados.

Os mapas análogos conforme as palavras do próprio autor, “são esquemas que reproduzem somente os paralelos e os meridianos dos pontos investigados (...) e registram em colunas as formas encontradas”.

Embora haja diversas possibilidades e nomenclaturas de mapeamentos linguísticos, Cristianini (2007) adota o termo cartograma, pois de acordo com a autora, o cartograma tem a finalidade em demonstrar “os objetos da distribuição espacial do

interior do mapa” deixando em segundo plano as preocupações com os limites geográficos. Isto é, há maior preocupação com o “conteúdo” ou “as informações” inseridas dentro do mapa, que propriamente na determinação dos limites da variação.

Ao lançar mão da cartografia, pretendemos demonstrar como se dá o processo de influência, tanto no campo linguístico quanto nos variados estratos sociais.

Com isso, pudemos comparar as diferentes dimensões e parâmetros da pesquisa, permitindo-nos descrever como o contato (português-espanhol), está remontando o vernáculo do falante de Tabatinga.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo, destina-se a apresentação e análise dos dados e tem por objetivo demonstrar os resultados obtidos por meio de 32 entrevistas realizadas em quatro bairros da cidade de Tabatinga-AM.

Para tanto, foram entrevistados 8 informantes por ponto de inquérito, com duas faixas etária, F1: 18-35 anos, F2: 36-65 e dois níveis diferentes de escolaridade Esc.1: ensino fundamental completo e incompleto e Esc. 2: ensino médio completo e incompleto.

Antes da apresentação das cartas, consideramos importante, elucidar as informações inseridas no mapa. As formas M1, M2, M3 e M4, situadas no canto inferior, correspondem a (mulher 1, mulher 2, mulher 3 e mulher 4) e as formas H1, H2, H3 e H4, referem-se a (homem 1, homem 2, homem 3 e homem 4). Para representar as duas faixas etárias, adotamos F1 e F2, a primeira representa (informante entre 18 a 35 anos) e a segunda (informante entre 36 a 65 anos). No aspecto escolaridade, optamos por trabalhar com duas escolaridades. Assim, onde temos E1, leia-se (informante com nível fundamental completo ou incompleto) e E2 leia-se (informante com nível médio completo ou incompleto).

A partir de agora, daremos início a apresentação das cartas, conforme o espaço diatópico e pluridimensional. E passaremos a analisar com mais profundidade as considerações a respeito dos dados encontrados na pesquisa.

4.5 Apresentação das cartas linguísticas

4.5.1 Redemoinho

Como podemos observar na carta 1, registramos 4 lexias diferentes, *redemoinho* com 22 (68.75%), *rebojo* 5 (15.62%), *funil* 3 (9.38%) e *remoinho* 2 (6.25%). No tocante a escolaridade, de acordo com nossa análise, a lexia *redemoinho* obteve maior ocorrência nos dois níveis de escolaridades, isto é, 11 (68.75%) no ensino fundamental e médio. Demonstrando ser comumente utilizado como forma designativa.

No nível fundamental, foram observados ainda as formas, *funil* 2 (12.50%), *rebojo* 2 (12.50%), e *remoinho* com apenas 1 (6.25%) de ocorrência. No ensino médio, registramos as lexias, *rebojo* 3 (18.75%), *funil* 1 (6.25%) e *remoinho* 1 (6.25%).

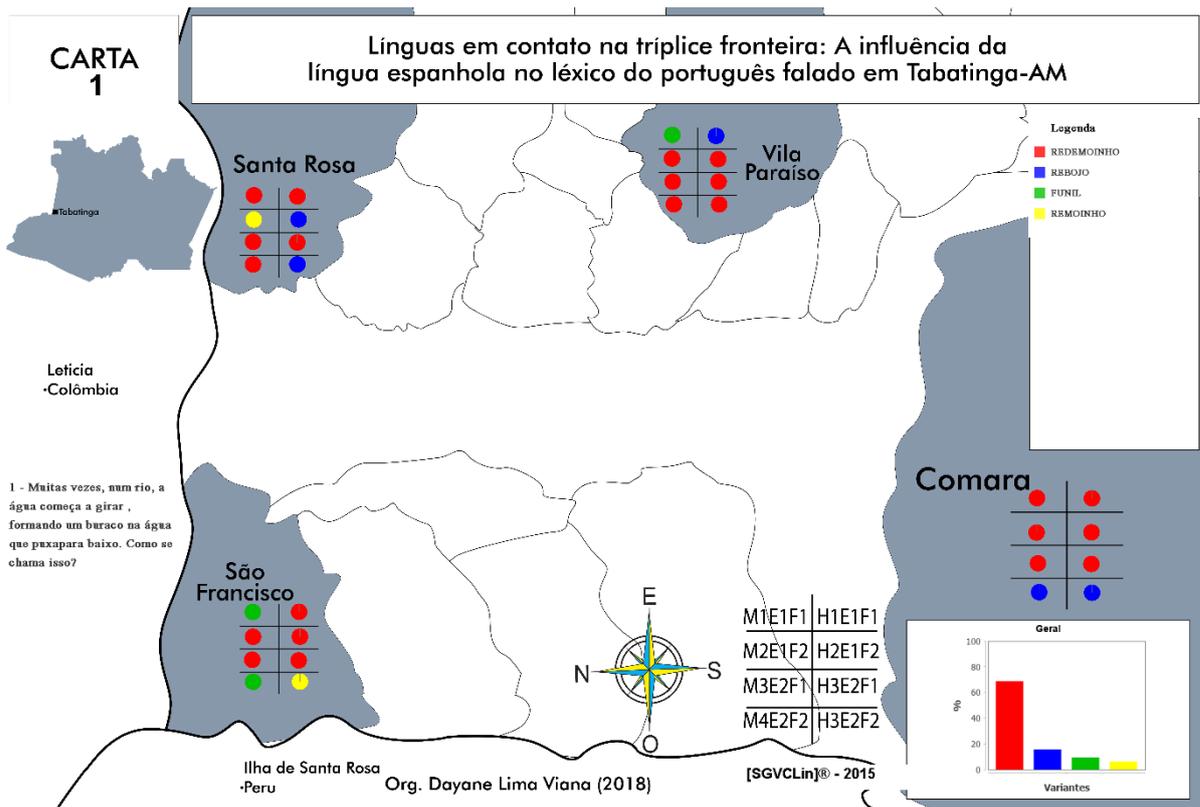
No aspecto idade, observamos que na F1 (18-35 anos), a lexia *redemoinho* foi registrada 13 (81.25%), a forma *funil* apresentou-se 2 (12.50%) e *rebojo* 1 (6.25%).

Na faixa etária 2, que compreende informantes de (36 a 65 anos), foram 9 (56.25%) para *redemoinho*, 4 (25.00%) *rebojo*, 2 (12.50%) *remoinho*.

Aqui nos vale ressaltar, que a lexia *funil* só foi observada em falantes mais jovens, enquanto que, a lexia *remoinho* foi registrada exclusivamente na fala dos mais velhos.

De acordo com a análise por gênero, constatamos que, tanto homens quanto mulheres, têm preferência pelo uso de *redemoinho* 11 (68.75%), a forma *funil* foi registrada apenas em mulheres 3 (18.75%), seguida 1 (6.25%) para *rebojo* e apenas 1 (6.25%) para a forma *remoinho*.

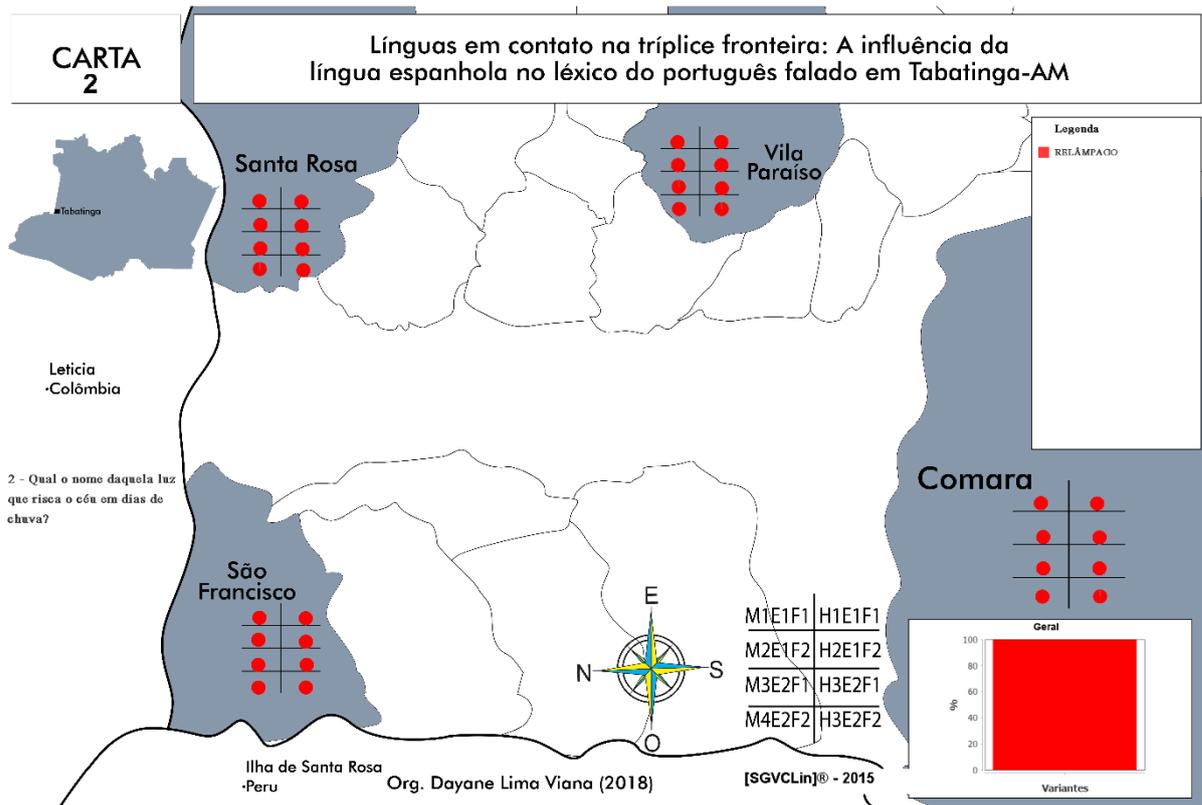
No sexo masculino, foram registrados ainda 4 (25.00%) para *rebojo*, e apenas 1 (6.25%) para *remoinho*.



4.5.2 Relâmpago

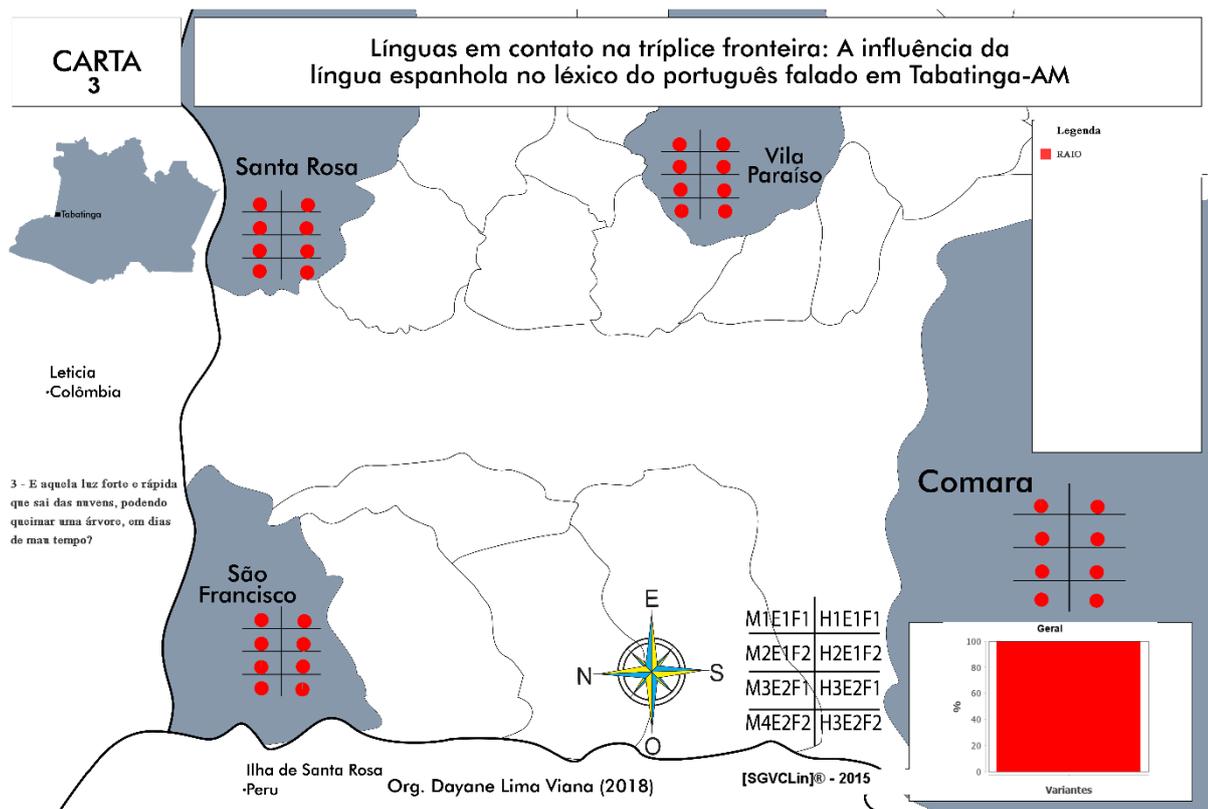
Ao analisar a carta 2, fica nítido que a lexia relâmpago é uma norma na comunidade linguística de Tabatinga.

Dessa forma, a frequência absoluta foi de 32, e a frequência relativa de 100 %, isto é, a ocorrência da lexia *relâmpago* foi declarada por todos os informantes entrevistados na pesquisa.



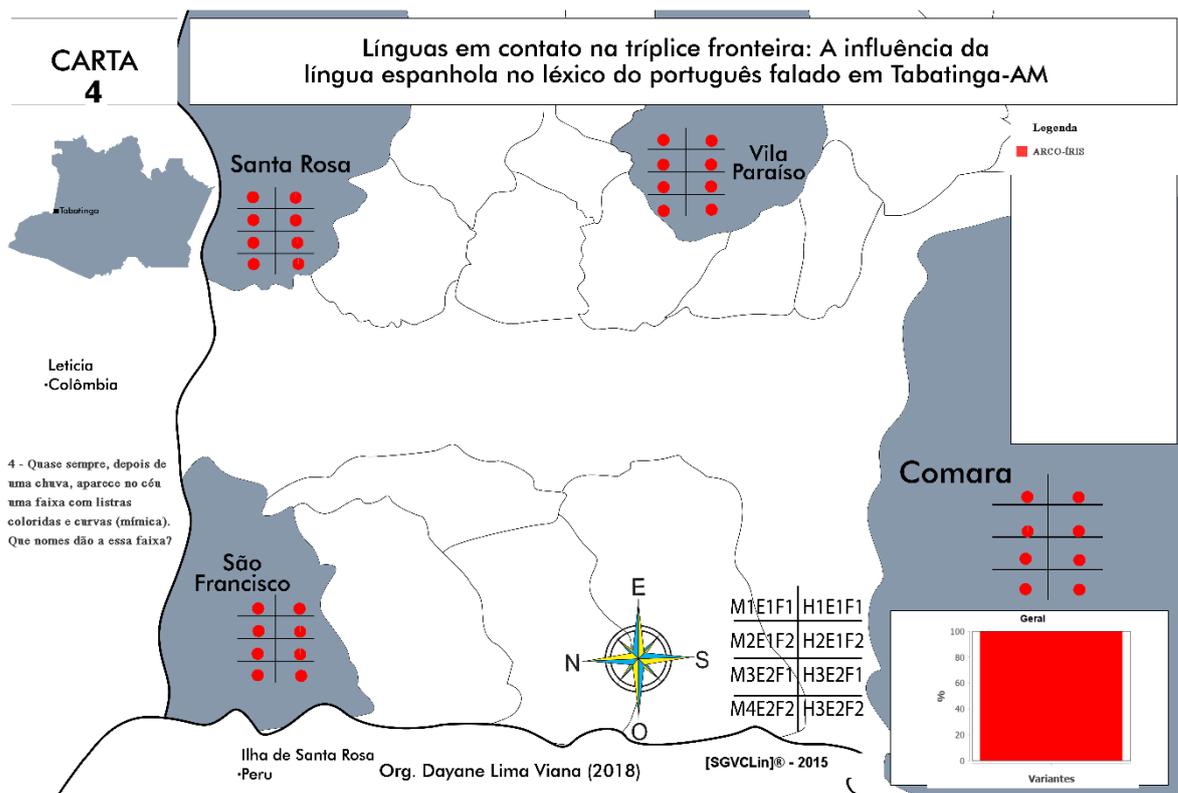
4.5.3 Raio

Como é possível verificar na carta 3, a lexia *raio* foi registrada em todos os pontos da pesquisa, ou seja, a palavra raio aparenta ser a única forma utilizada para designar o fenômeno atmosférico. Assim, ficou registrado a frequência absoluta com o índice de 32 e a frequência relativa de 100%.



4.5.4 Arco-íris

Em várias localidades do Amazonas, o fenômeno de cores é designado de muitas formas. No entanto, como se pode observar na carta 04, em nossa pesquisa a lexia *arco-íris* é indiscutivelmente dominante em todos os pontos pesquisados, com a frequência absoluta de 32 e frequência relativa de 100%.



4.5.5 Orvalho

Registramos 2 variantes léxicas, para designar as gotículas de água, que se acumulam na grama ao amanhecer.

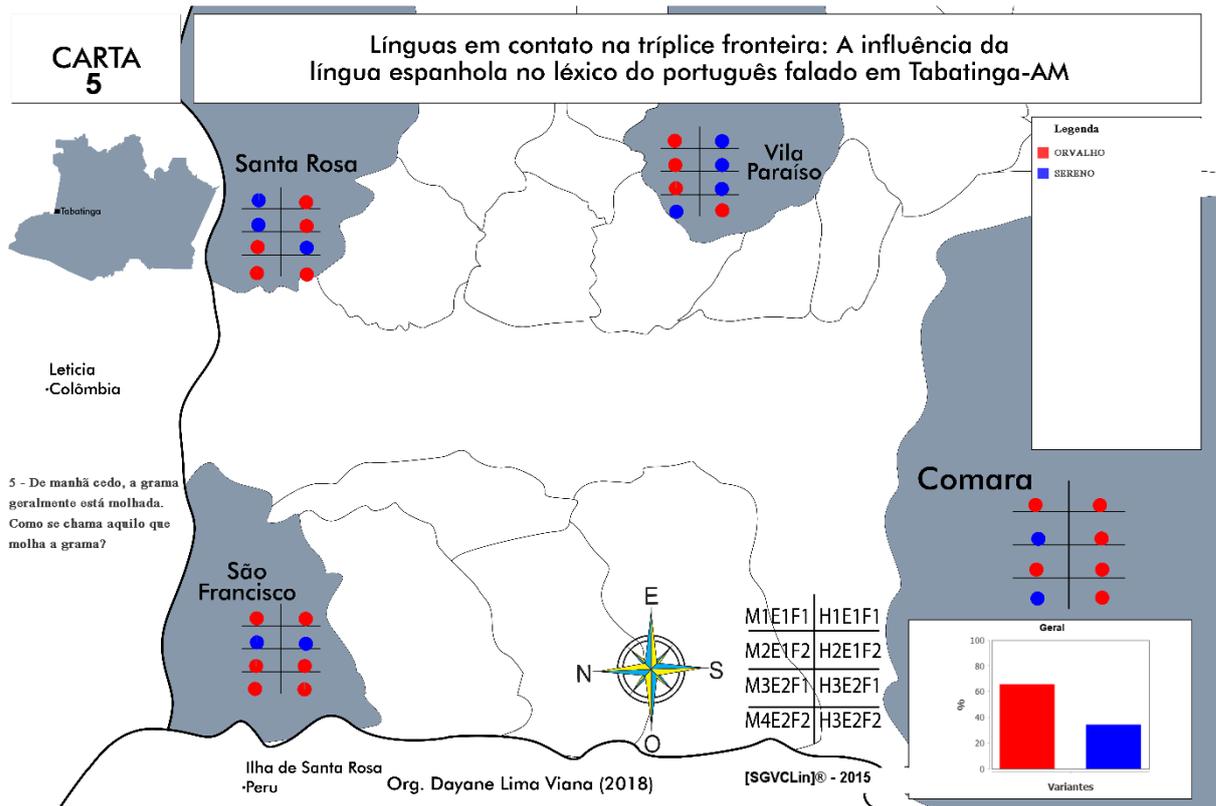
A lexia *orvalho*, se demonstrou a mais produtiva entre falantes, obteve 21 (65.62%) de ocorrência, contra 11 (43.75%) para a segunda forma *sereno*.

Verificamos também, que falantes de ambas escolaridades, têm preferência pelo uso da lexia *orvalho*, no ensino fundamental foram registrados 9 (56.25%) e 7 (43.75%) para a lexia *sereno*. No ensino médio, *orvalho* obteve 12 (75.00%) e *sereno* 4 (25.00%).

Embora os dados demonstrem a presença da lexia *orvalho* nas duas escolaridades, observamos que nos falantes de ensino médio, esse índice é mais representativo.

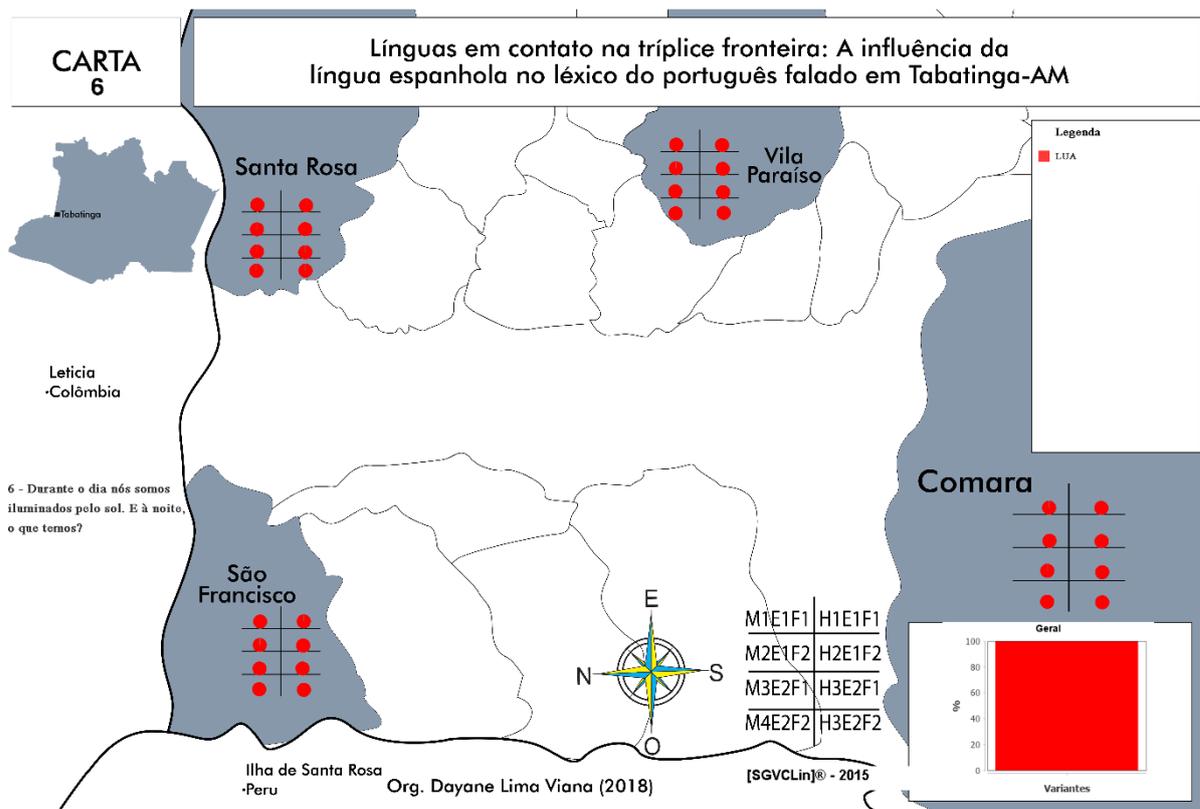
Na faixa etária 1, a recorrência do termo *orvalho* foi de 12 (75.00%), enquanto *sereno* atingiu 4 (25.00%). Na faixa etária 2, os índices para *orvalho* são de 9 (56.25%) e *sereno* ficou 7 (43.75%)

A análise da carta também revelou, um resultado estatístico semelhante, quanto ao de uso das duas lexias, assim, no sexo feminino registramos 10 (62.50%) para a forma *orvalho* e 6 (37.50%) para *sereno*. Em homens, contabilizamos 11 (68.75%) para *orvalho* e 5 (31.25%) para a lexia *sereno*.



4.5.6 Lua

Na questão 6, verificamos que a lexia *lua* está presente em todos os pontos investigados, diante disso, verificamos a frequência absoluta de 32 e a frequência relativa 100%.



4.5.7 Ontem

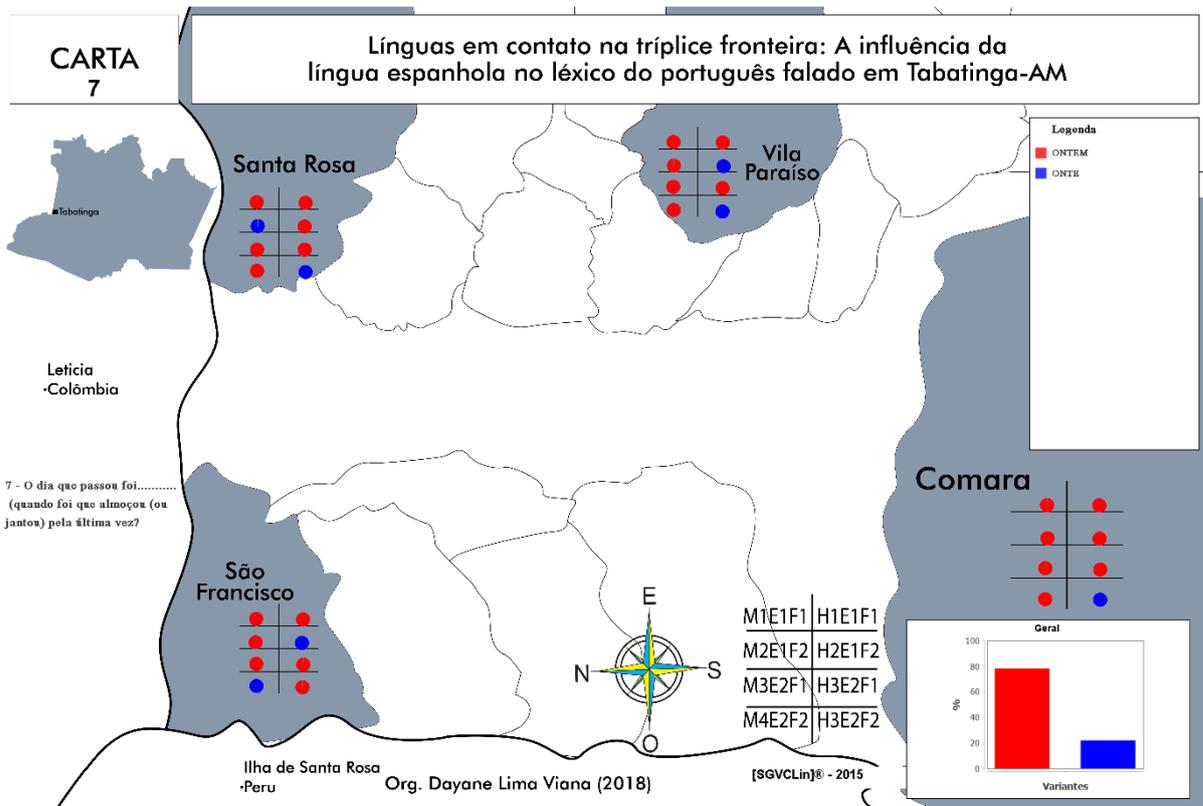
Ao se referir ao dia que passou, as formas registradas foram, *ontem* com frequência absoluta de 25 e relativa de (78.12%). *Onte*, com frequência absoluta de 7 e a relativa de (21.88%).

Ao analisarmos as ocorrências por nível de escolaridade, constatamos que os resultados da lexia *ontem*, são estatisticamente aproximados, se compararmos os níveis fundamental e médio, 13 (81.25%), 12 (75.00%) respectivamente.

A ocorrência da lexia *onte*, também teve índices aproximativos, 4 (25.00%) no ensino médio contra 3 (18.25%) no nível fundamental.

Observamos um dado interessante, quando partimos a analisar a faixa etária, pois, percebemos que a faixa etária mais jovem, em sua totalidade utiliza a lexia *ontem* 16 (100%), enquanto a faixa etária mais velha, oscila entre as duas formas, *ontem* com 9 (56.25%) e *onte* 7 (43.75%).

Cotidianamente a forma mais utilizada por homens e mulheres foi *ontem*, com 14 (87.50%) e 11 (68.75%) respectivamente, já a lexia *onte* foi proporcionalmente mais utilizada por falantes do sexo masculino 5 (31.25%) e apenas 2 (12.50%) do sexo feminino.



4.5.8 Anteontem

Como se pode verificar na carta 8, registamos 3 formas distintas para indicar o tempo passado, *antes de ontem* 11 (34.38%), *anteontem* 11 (34.38%) e *ontonte* 10 (31.25%).

No ensino fundamental, a forma mais produtiva foi *ontonte* com 7 (43.75%), seguida da forma *antes de ontem* com 6 (37.50%) e *anteontem* com 3 (18.75%).

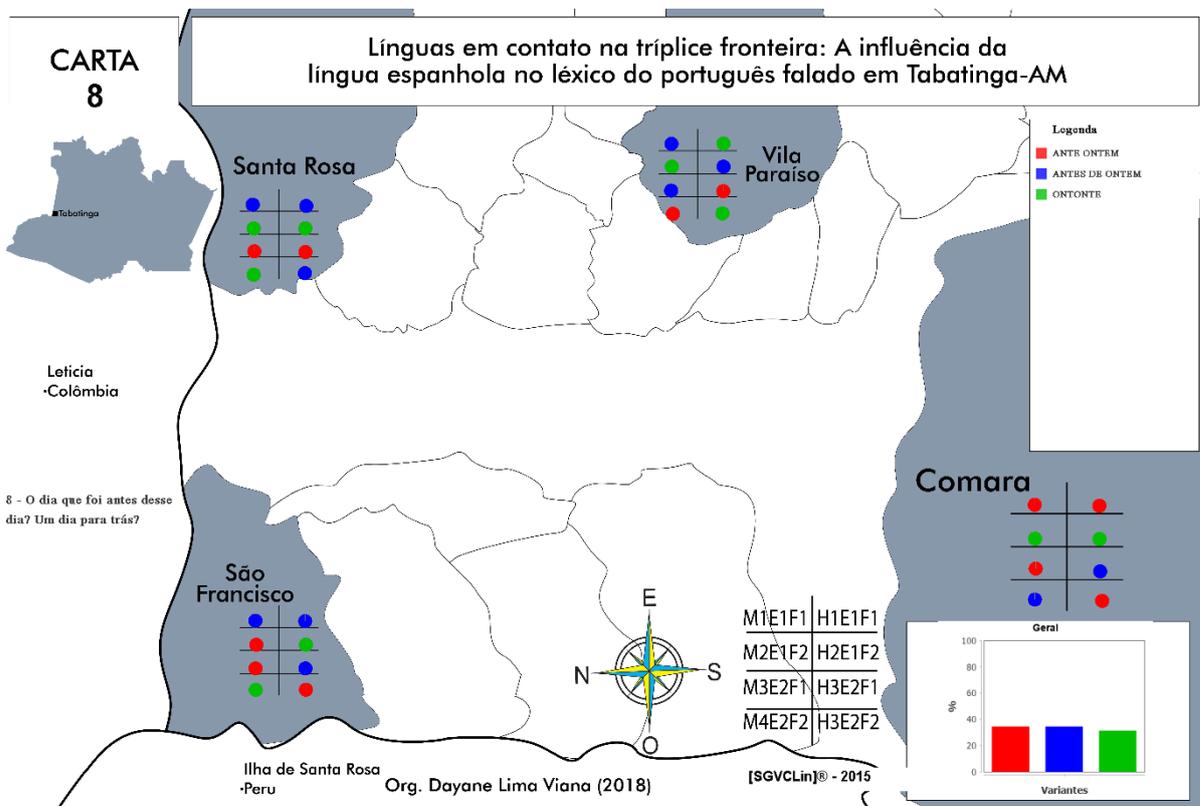
No ensino médio, constatamos que *anteontem* obteve 8 (50.00%), *antes de ontem* 5 (31.25%) e a lexia *ontonte* mais produtiva no ensino fundamental, foi a menos recorrente em falantes de ensino médio, 3 (8.75%).

Ao analisarmos a variável idade, observamos que a Faixa etária 1 (18-35), adotam com maior frequência a lexia *antes de ontem* 8 (50.00%), *anteontem* 7 (43.75%), encontramos apenas um registro para *ontonte* 1 (6.25%).

Ao cruzarmos os resultados acima com a Faixa etária 2 (36-65), é possível perceber como as diferentes gerações apropriam-se das lexias, dado que, houve apenas 1 registro da lexia *ontonte* na Faixa 1, ocorrendo justamente o oposto na Faixa 2, onde registramos 9 (56.25%) para a lexia *ontonte*, seguida de *anteontem* 4 (25.00%) e *antes de ontem* com 3 (18.75%).

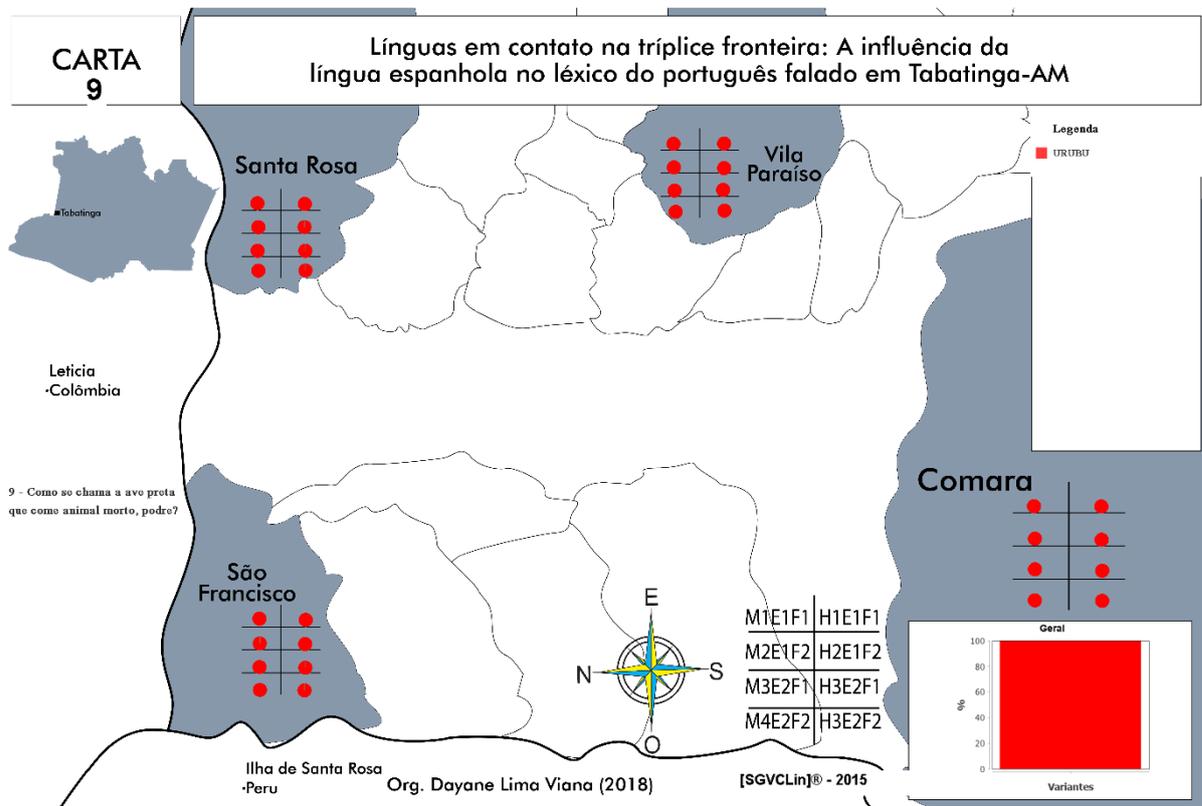
Ficou demonstrado ainda, que informantes do sexo feminino, utilizam as 3 lexias de forma bem distribuídas, *anteontem* com 6 (37.50%), *antes de ontem* 5 (31.25%) e *ontonte* 5 (31.25%).

O mesmo ocorreu quando verificamos as ocorrências no sexo masculino, *antes de ontem* com 6 (37.50%), seguida de *anteontem* 5 (31.25%) e *ontonte* 5 (31.25%) assemelhando-se aos resultados do sexo feminino.



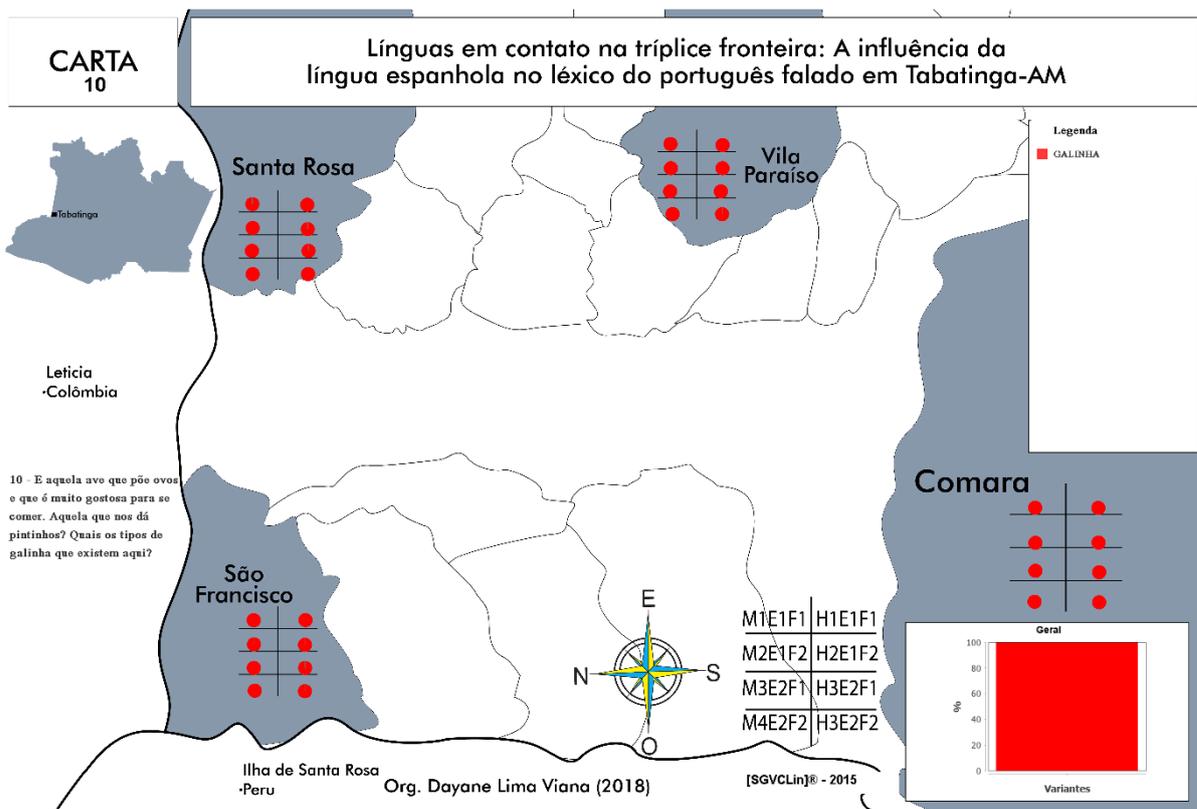
4.5.9 Urubu

Como podemos observar na carta abaixo, a lexia urubu possui utilização regular em falantes das áreas pesquisadas. Dessa forma, registramos a frequência absoluta de 32 e a frequência relativa de 100%.



4.6 Galinha

Na carta 10, a lexia galinha obteve a frequência absoluta de 32 e frequência relativa de 100%, deixando claro, que a lexia é dominante em todos os pontos pesquisados.



4.6.1 Frango

Na carta 11, é possível observar as 4 lexias encontradas, *frango* com 15 (46.68%), *galinha* 11 (34.38%), *frango congelado* 4 (12.50%) e a lexia do espanhol *pollo* com 2 (6.25%).

Com relação a variável escolaridade, *galinha* 7 (43.75%) foi a mais recorrente em falantes de ensino fundamental, seguida de *frango* 6 (37.50%), *frango congelado* 2 (12.50%) e 1(6,25%) para *pollo*.

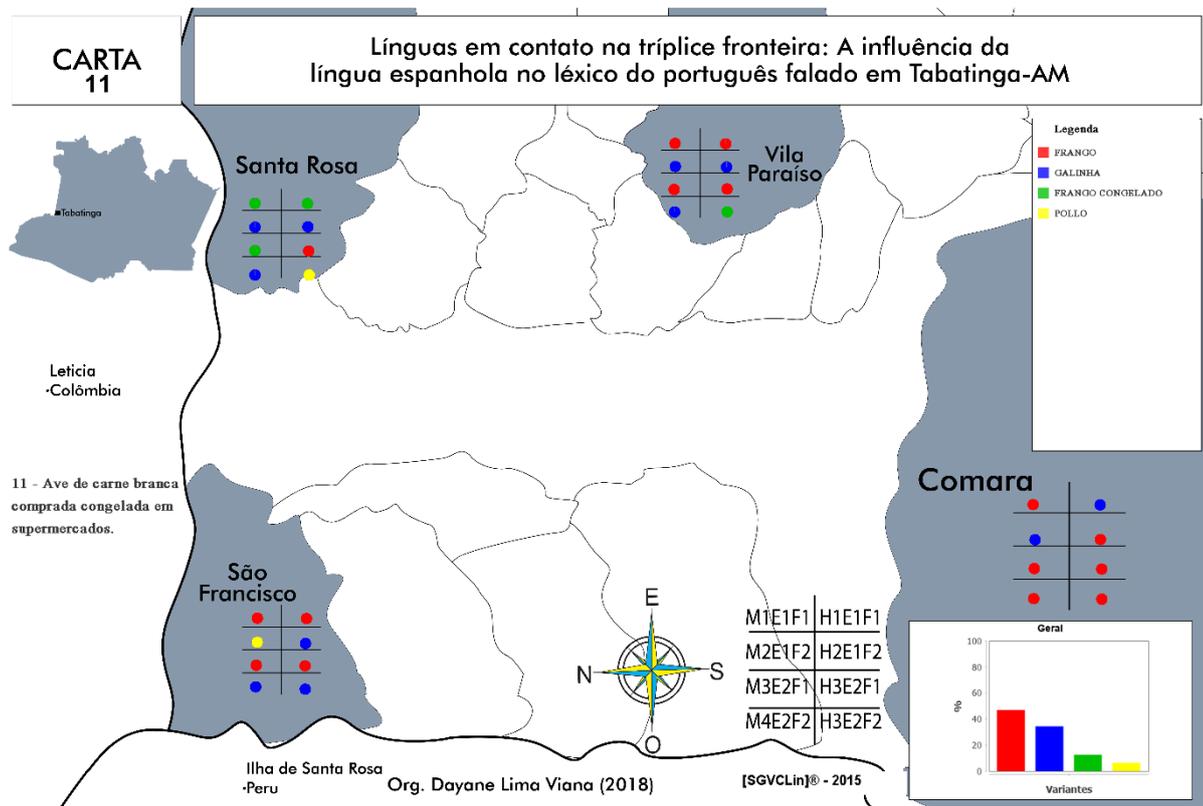
Em falantes de ensino médio, houve preferência por *frango* com 9 (56.25%), seguida de 4 (25.00%) *frango congelado* 2 (12.50%) e 1 (6.25%) para a palavra *pollo*. Desse modo, houve uma ocorrência da variante *pollo* para cada nível de escolaridade.

Ao analisar as ocorrências linguística por faixa etária, ficou claro, que informantes mais jovens preferem o uso do vocábulo *frango* 12 (75.00%), enquanto os mais velhos utilizam com maior frequência a forma *galinha* com índice de 10 (62.50%).

Na análise por gênero, notamos a preferência pela lexia *frango* por mulheres e homens com 7 (43.75%) e 8 (50.00%) respectivamente. A respeito da lexia hispânica

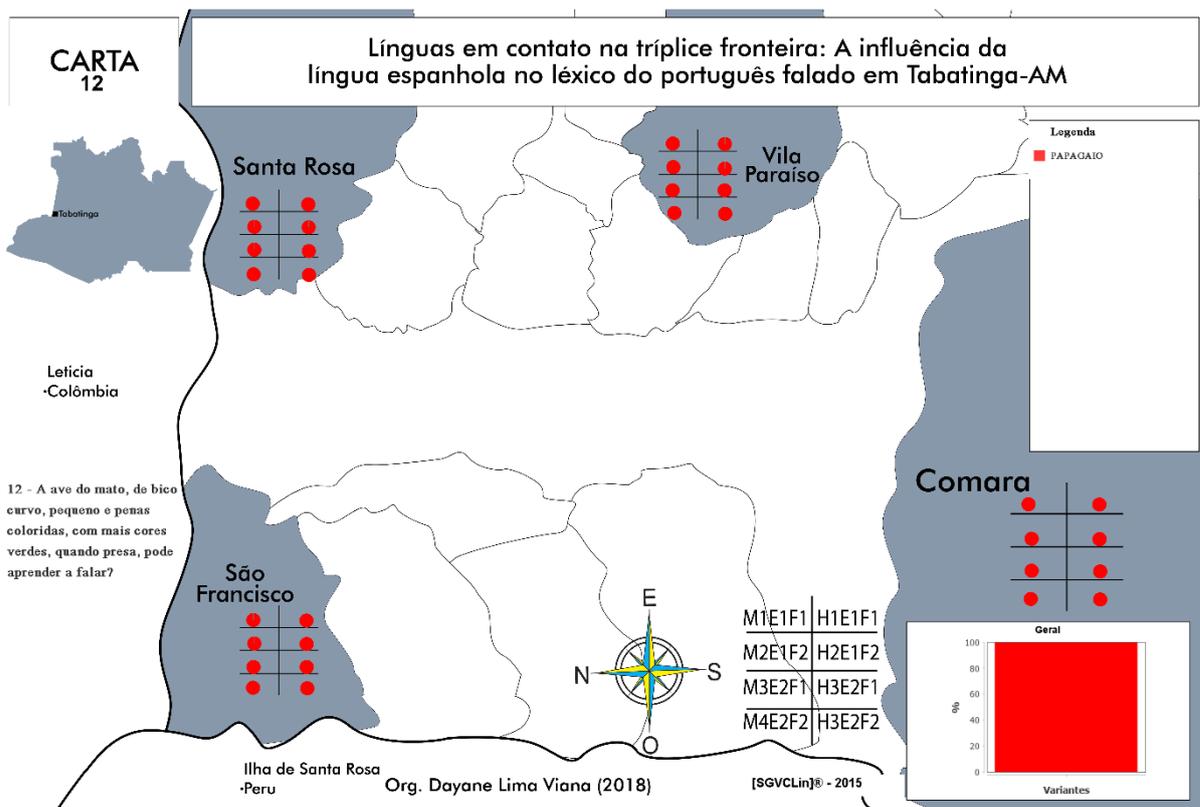
pollo, cabe-nos aqui ressaltar que foram registradas duas ocorrências, uma para cada gênero, no total de (6.25%).

Verificamos também, que a lexia *pollo*, só ocorreu nos pontos mais próximos da fronteira, 1 ocorrência no bairro São Francisco e 1 em Santa Rosa.



4.6.2 Papagaio

Ave verde, de bico curvo, que geralmente aprende a fazer repetições de sons. Como é possível analisar na carta abaixo, a única forma encontrada foi a lexia papagaio, desse modo, contabilizamos a frequência absoluta de 32 e frequência relativa de 100%.



4.6.3 Surubim

O surubim, é um peixe de couro, muito prestigiado na região. Em nossa pesquisa, a lexia surubim obteve a frequência absoluta de 30 e relativa de (93.75%).

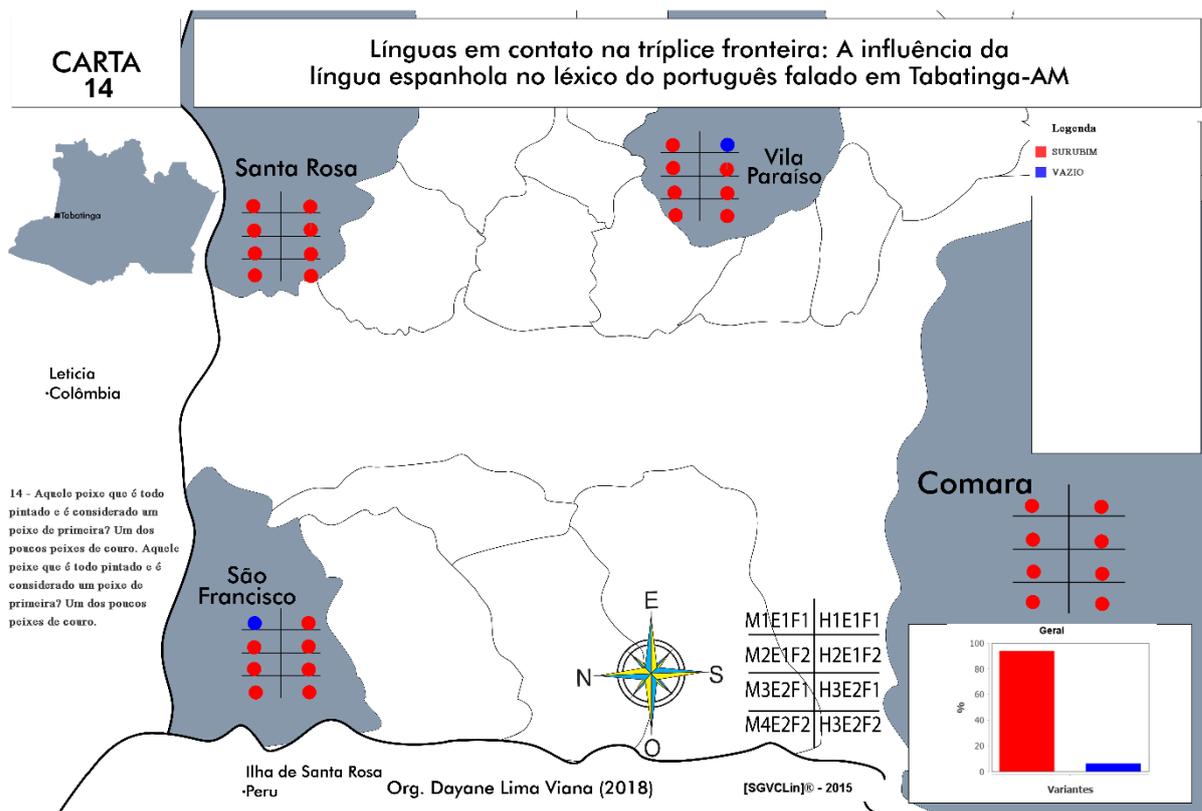
Mediante aos resultados, fica claro, que é uma forma dominante entre os falantes da cidade de Tabatinga. Registramos ainda 2 abstenções (6.25%).

Em falantes de nível fundamental, o termo surubim foi constatado 14 (87.50%). As duas abstenções também foram observadas nesta escolaridade.

Em falantes de nível médio, registramos a frequência absoluta de 16 e frequência relativa de 100% de ocorrência para a lexia surubim.

Em nossa análise por idade, nos falantes de faixa etária 1, houve o apontamento de 14 (87.50%) para a forma surubim, duas abstenções estiveram presentes nessa faixa etária. Por outro lado, na faixa etária mais velha, todos os entrevistados utilizaram a lexia surubim, 16 100.00%.

Tanto homens quanto mulheres obtiveram resultados semelhantes quanto as ocorrências, isto é, a lexia surubim computou 15 ocorrências (93.75%) e 1 (6.25%) em cada um dos gêneros.



4.6.4 Pacu

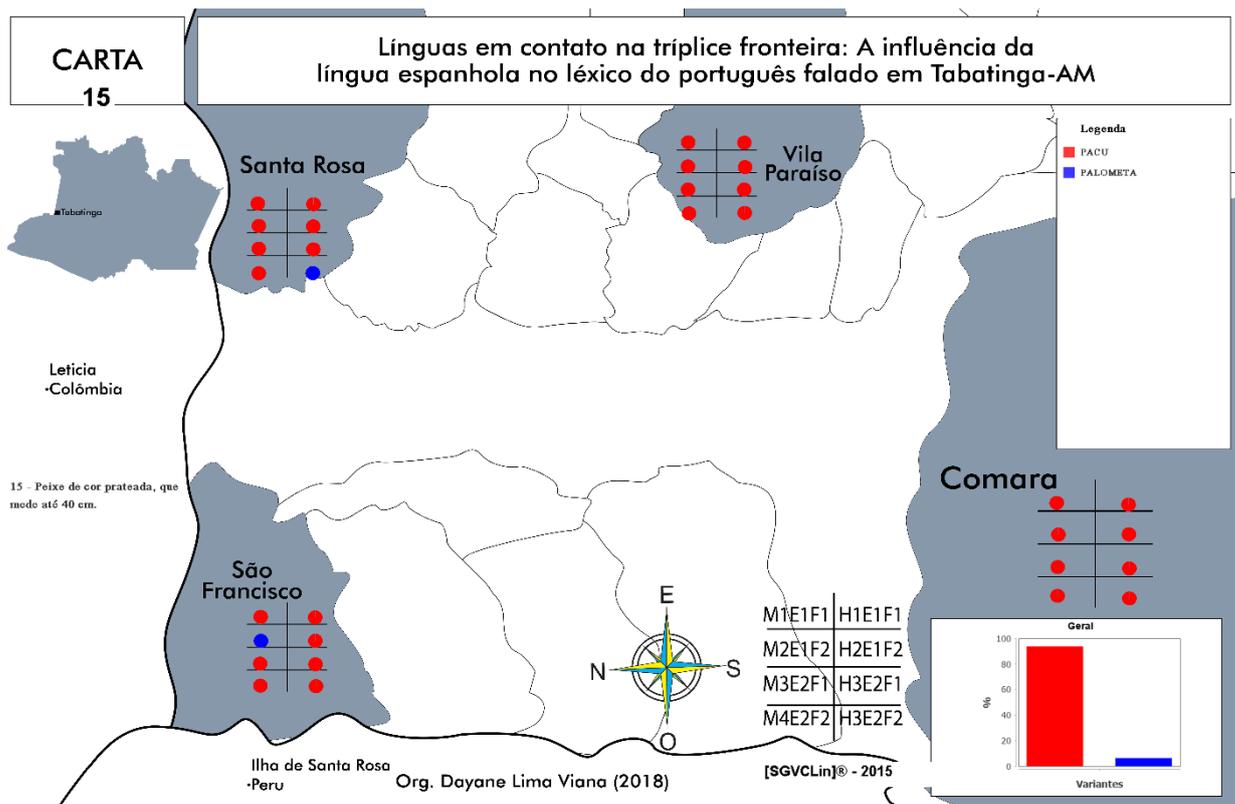
Conforme a carta 15, a lexia *pacu* obteve 30 ocorrências totalizando um percentual de (93.75 %). Um dado interessante, foi o registro da lexia hispânica *palometa* por 2 informantes, que mesmo com o baixo índice de ocorrência, se demonstrou presente no repertório verbal de falantes da cidade.

Com relação a variável escolaridade, a lexia *pacu* alcançou uma porcentagem igual nas duas escolaridades, foram computados 15 registros (93.75%) tanto no ensino fundamental e médio, registramos ainda 2 (6.25%) para a forma *palometa*, uma em cada escolaridade.

Observamos que na faixa 1, 16 (100%) dos informantes preferiram o uso de *pacu*, enquanto na faixa etária 2, observamos que a lexia *pacu* faz concorrência com a forma *palometa*. Assim, temos 14 (87.50%) para *pacu* e 2 12,50% para *palometa*, demonstrando que a variante do espanhol foi utilizada apenas por falantes mais velhos.

No fator gênero, também houve semelhanças nos resultados, pois foram computados 15 (93.75%) para *lexia pacu* tanto em homens quanto mulheres, no entanto, 2 (6.75%) preferiram o uso da palavra *palometa*.

Desse modo, a *lexia pacu* se demonstrou predominante, todavia, a forma *palometa* também se fez presente em duas ocorrências realizada por falantes dos pontos 1 e 2, isto é, os mais próximos da fronteira com a Colômbia.



4.6.5 Pirarara

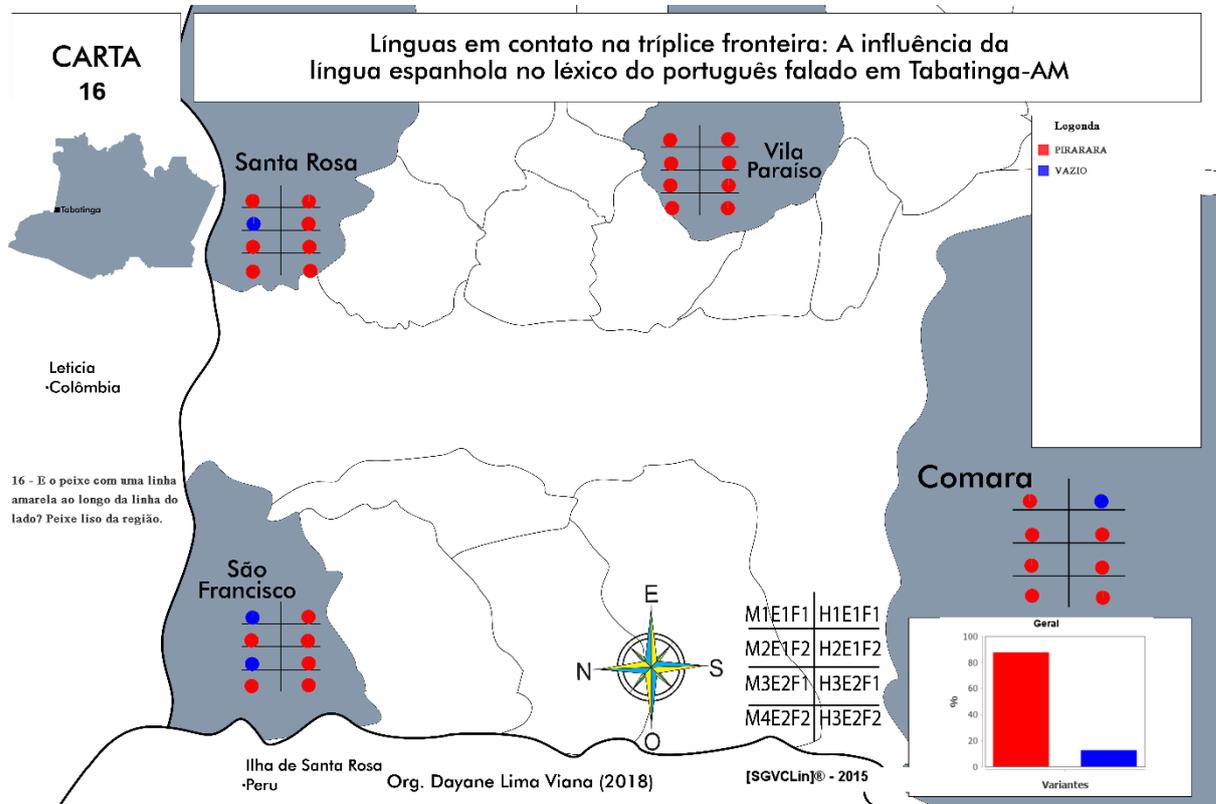
Como podemos observar na carta 16, a *lexia pirarara* pontuou 28 (87.50%), seguida de 4 (12.50%) abstenções.

Ao analisar as ocorrências em falantes de nível fundamental e médio, observamos que no nível fundamental a *lexia pirarara* obteve 13 (81.25%), seguida por 3 (18.75%).

No nível médio, a *lexia* foi produzida 15 (93.75%) registramos apenas 1 (6.25%) abstenção.

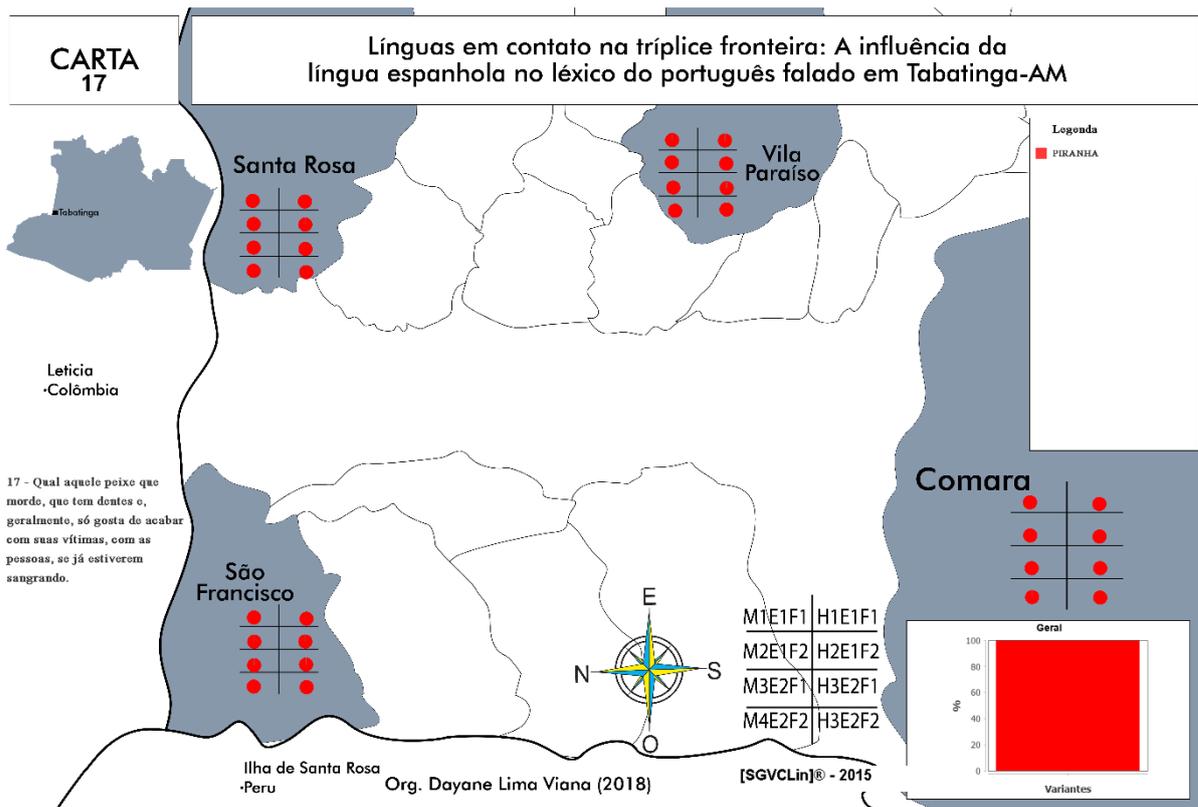
Na faixa etária 1, registramos 13 (81.25%) para a forma *pirarara* e 3 (18.75%) não responderam a questão. Já em falantes da faixa etária 36 a 65 anos, o registro foi de 15

(93.75%) para pirarara e apenas 1 (6.25%) abstenção, 13 (81.25%) das mulheres utilizaram a forma pirarara e 3 (18.75%) não souberam responder. No sexo masculino foi de 15 (93.75%) e apenas 1 (6.25%) abstenção.



4.6.6 Piranha

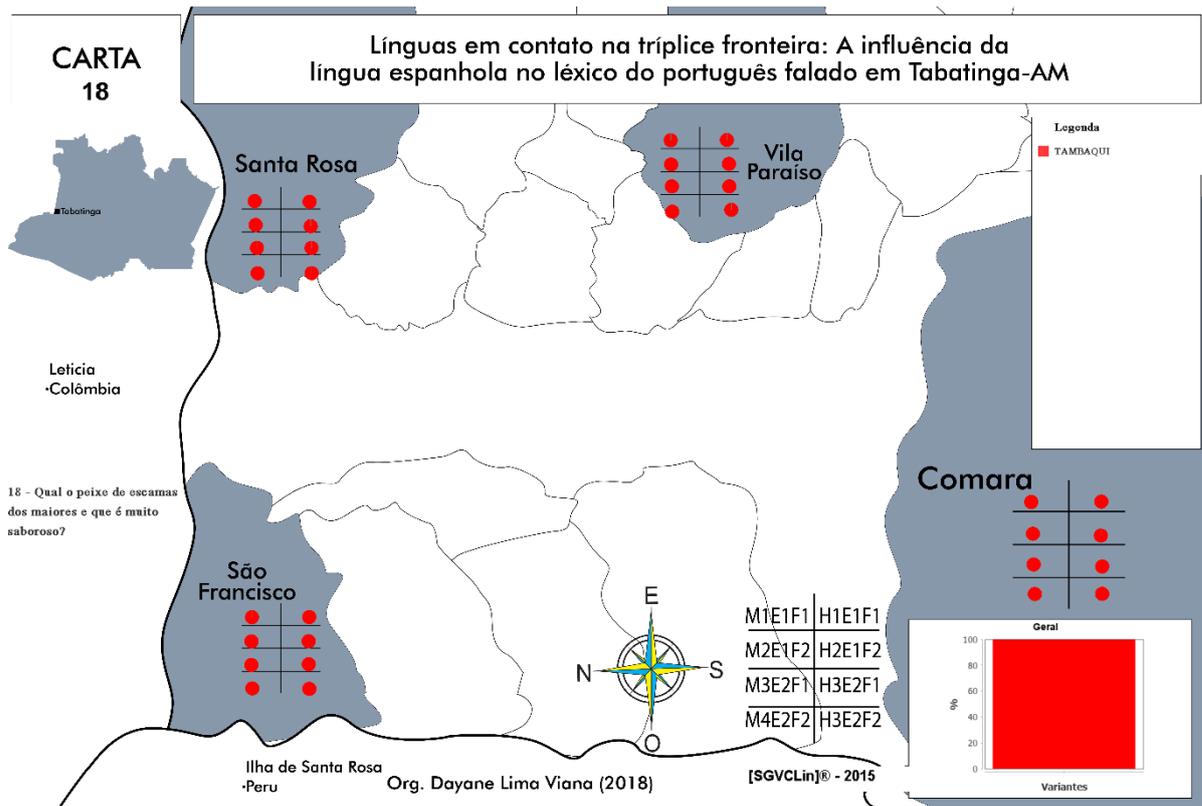
Para se referir ao peixe carnívoro de água doce, constatamos apenas a lexia piranha. Assim sendo, na carta 17, observamos a frequência absoluta de 32 e frequência relativa de 100%.



4.6.7 Tambaqui

O tambaqui é dos peixes de maior prestígio na região, é muito consumido em todo Amazonas. Por esse fato, em vários lugares do Amazonas tem possui outros designativos.

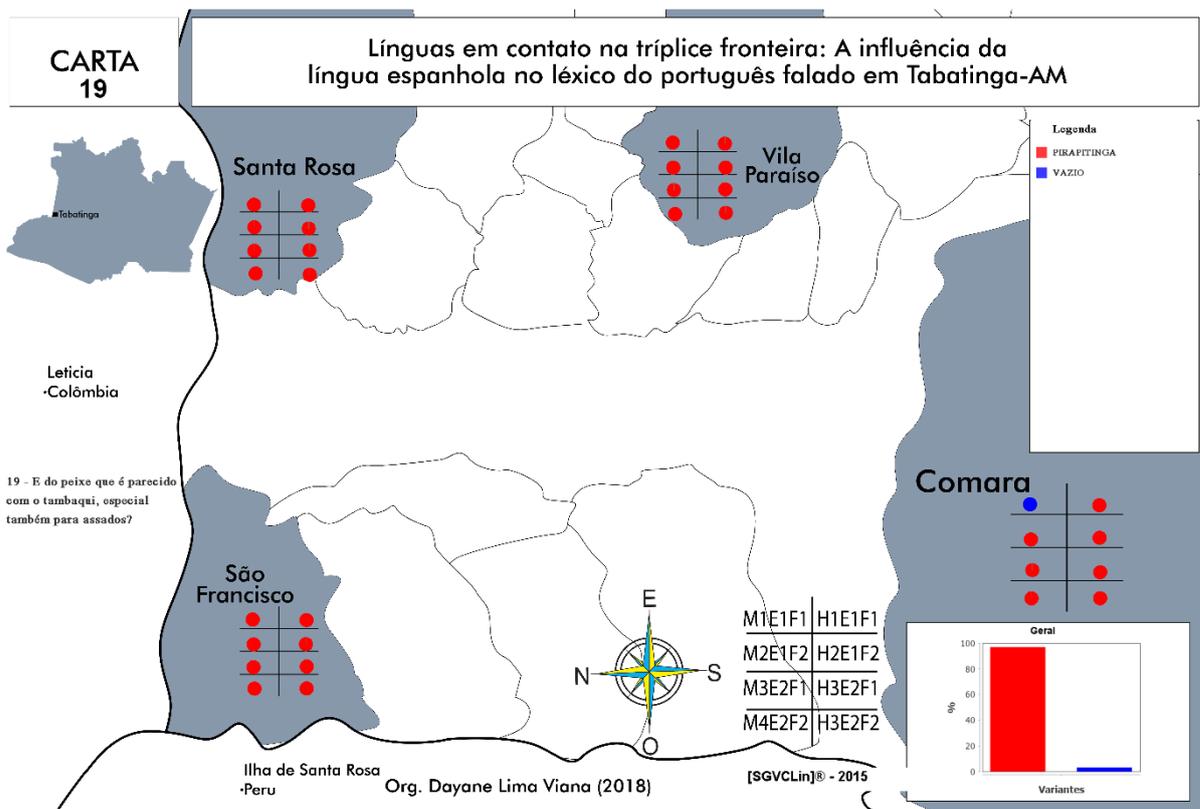
Entretanto, os resultados da nossa pesquisa demonstram que nos pontos pesquisados, da cidade de Tabatinga-AM, a lexia tambaqui é uma forma predominantemente utilizada. Ao analisar a carta temos a frequência absoluta de 32 e frequência relativa de 100%.



4.6.8 Piratinga

A forma pirapitinga, obteve a frequência absoluta de 31 e frequência relativa de (93.75%).

Houve apenas uma informante 1 (6.25%) do sexo feminino e da faixa etária, 1 que não soube responder a questão.



4.6.9 Poraqué

Como se pode verificar na carta 20, registramos 3 lexias, *poraqué*, foi a mais produtiva com 28 (87.50%), *coraqué* 2 (6.25%) e *peixe elétrico* com 2 (6.25%).

Observamos um dado interessante nas escolaridades estudadas. No nível fundamental, a lexia *poraqué* com 12 (75.00%) dividiu espaço com as lexias *peixe elétrico* 2 (12.50%), nesta escolaridade também foi registrado a lexia inusitada, *coraqué*, com (12.50%).

De perspectiva oposta, em falantes de ensino médio, constatamos o resultado de 16 (100%) para *poraqué*.

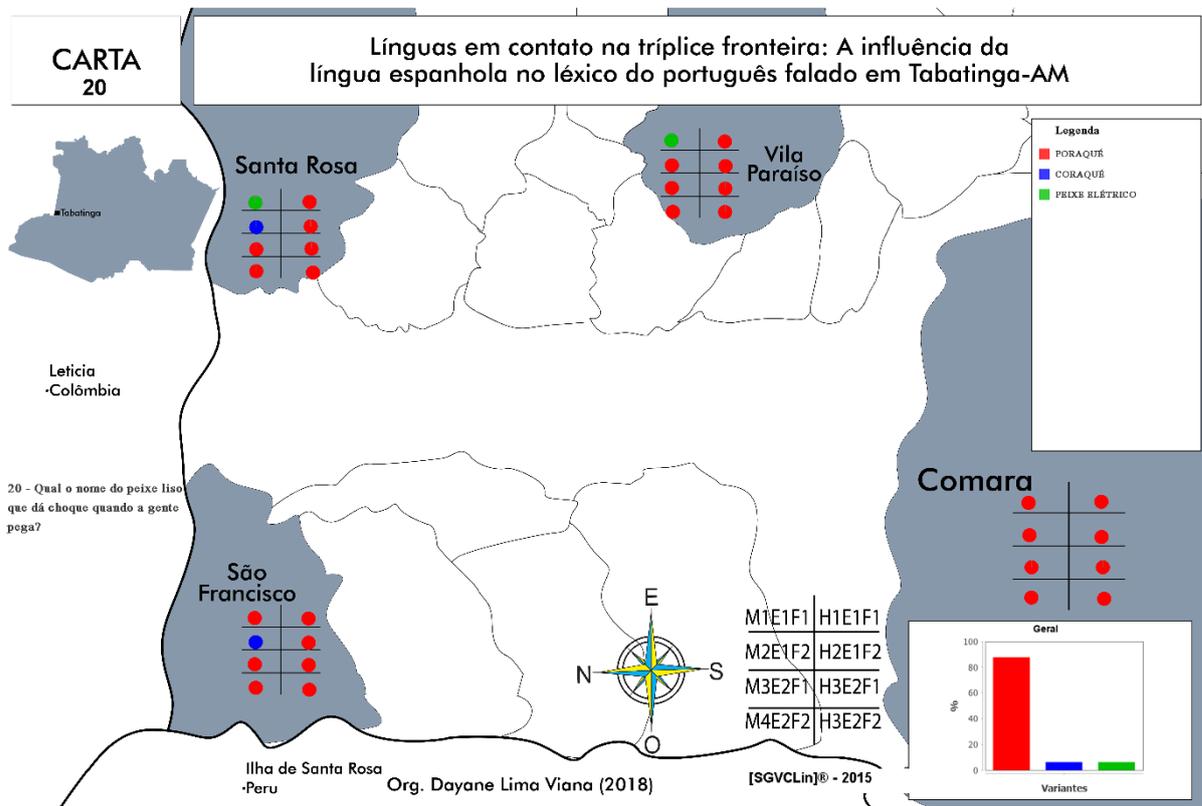
Demonstrando que, a lexia é predominante em falantes da escolaridade 2.

Percebemos também que, falantes mais jovens, optam por escolher as formas *poraqué* 14 (87.50%) e *peixe elétrico* 2 (12.50%). Enquanto na faixa etária mais velha, recorrem a *poraqué* (14.87.50%) e *coraqué* 2 (12.50%).

Com relação a análise por gênero, ficou claro, que as 3 lexias encontradas são exclusividade da fala feminina, já que os resultados demonstram que as lexias *poraqué*

12 (75.00%), *peixe elétrico* 2 (12.50%) e *coraquê* 2 (12.50%) foram apresentadas apenas na fala feminina.

A única forma registrada em homens foi *poraquê*, com a frequência absoluta de 16 e frequência relativa de 100%.



4.7 Porco

Na carta 21, registramos um alto índice para a lexia *porco* (27) 84.38%, entretanto, também, observamos a ocorrência de duas lexias diferentes, *marrano* (que corresponde a lexia do espanhol colombiano) 4 (12,50%) e *chancho* (lexia do espanhol peruano) 1 (3,12%).

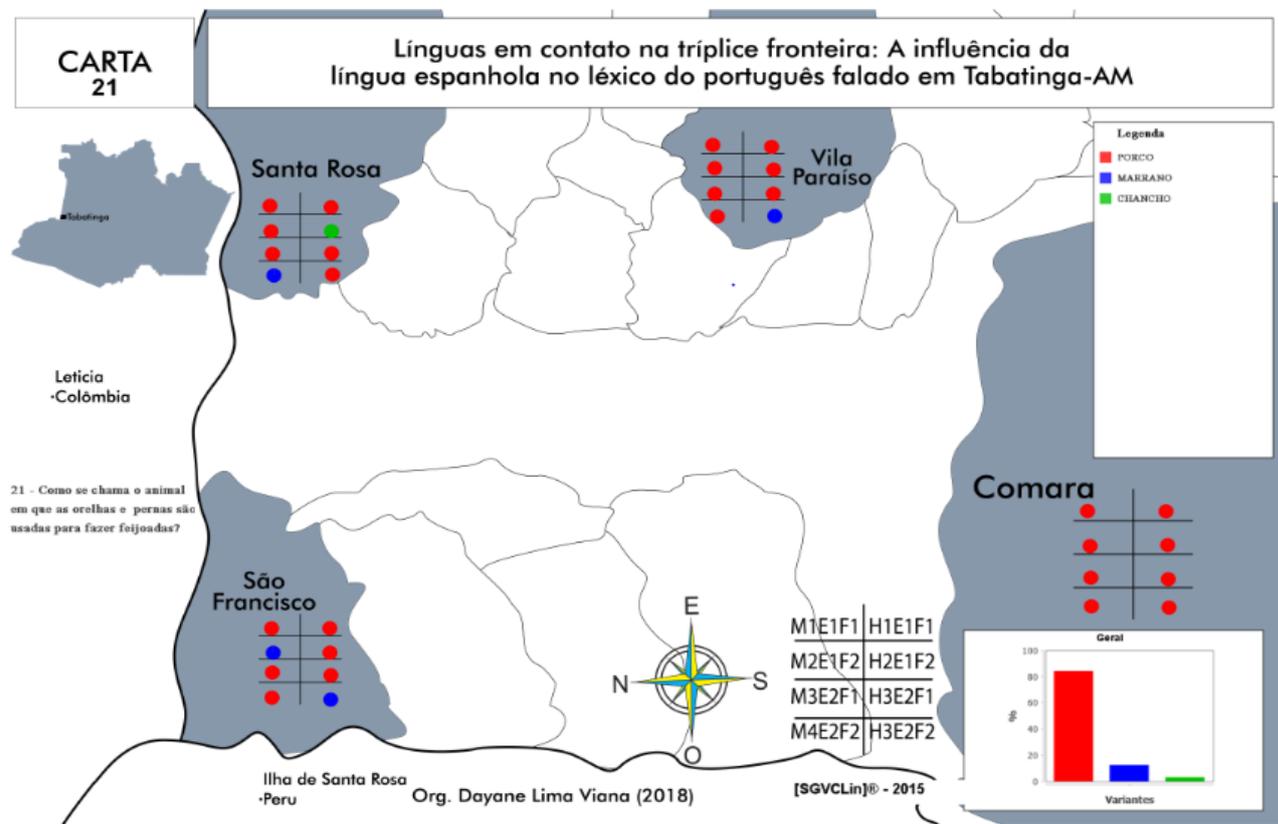
Quando analisamos as lexias de modo estratificado, foi possível perceber que em ambas escolaridades, houve a prevalência da lexia *porco*, 14 (87.50%) fundamental e 13 (81,21%) no ensino médio.

Cabe-nos aqui informar, que a lexia *marrano* 1 (6.25%) e *chancho* 1 (6.25%), só foram observadas em falantes de nível fundamental. Desse modo, as lexias do espanhol não foram observadas, em falantes de nível médio.

No que diz respeito a faixa etária, analisamos outro dado interessante, pois 100% dos informantes mais jovens, preferiram o uso da palavra *porco*, enquanto que, nos mais velhos percebemos que a dominância dessa lexia caiu para 68,75%, abrindo lugar para as formas *marrano* 4 (25.00%) e *chancho* com 1 (6.26%).

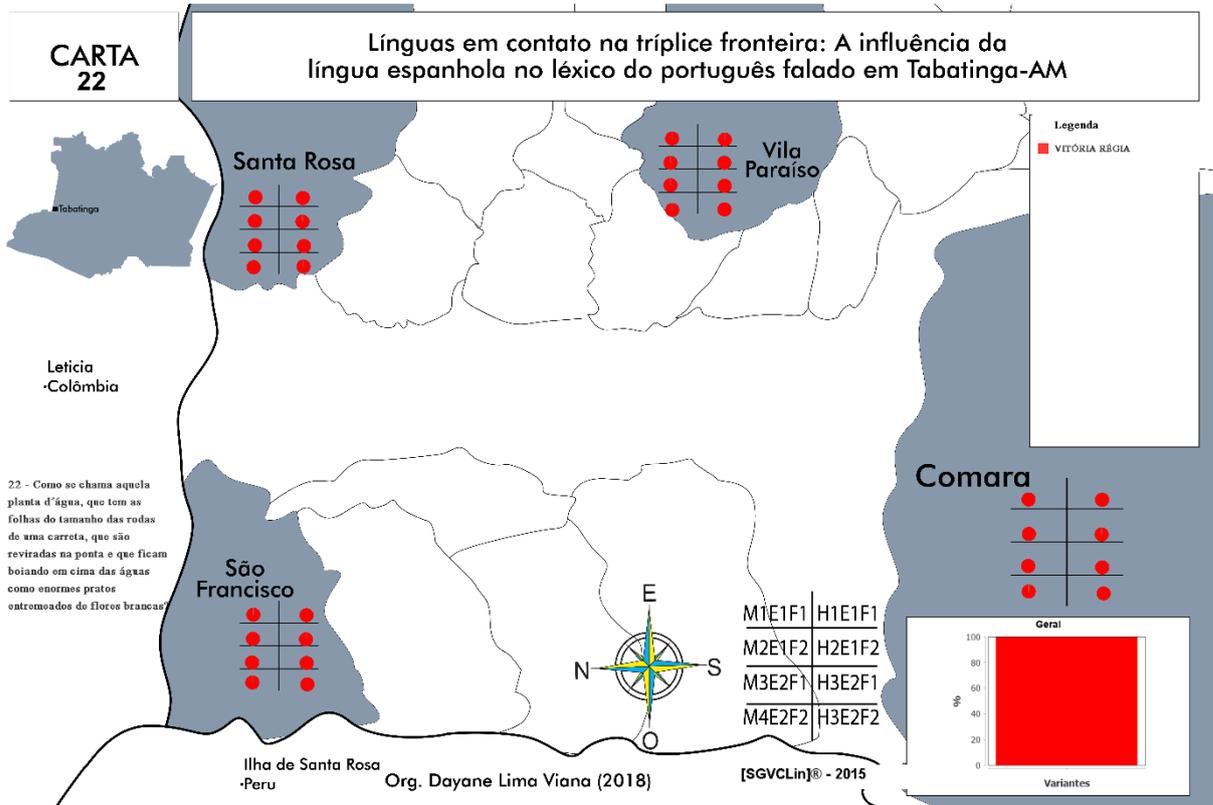
Observamos ainda, que homens e mulheres utilizam quase com a mesma frequência o a lexia *porco* com 14 (87.50%) e 15 (81.25%) respectivamente. A produção da forma *marrano* também obteve proporções iguais em ambos os gêneros, 12.50% cada um, e a lexia *chancho* foi observada apenas no gênero masculino.

Observamos também que, os registros das lexias *marrano* e *chancho*, ocorreram nos falantes do bairro São Francisco, com 2 ocorrências, 1 do Santa Rosa e 1 do Vila Paraíso.



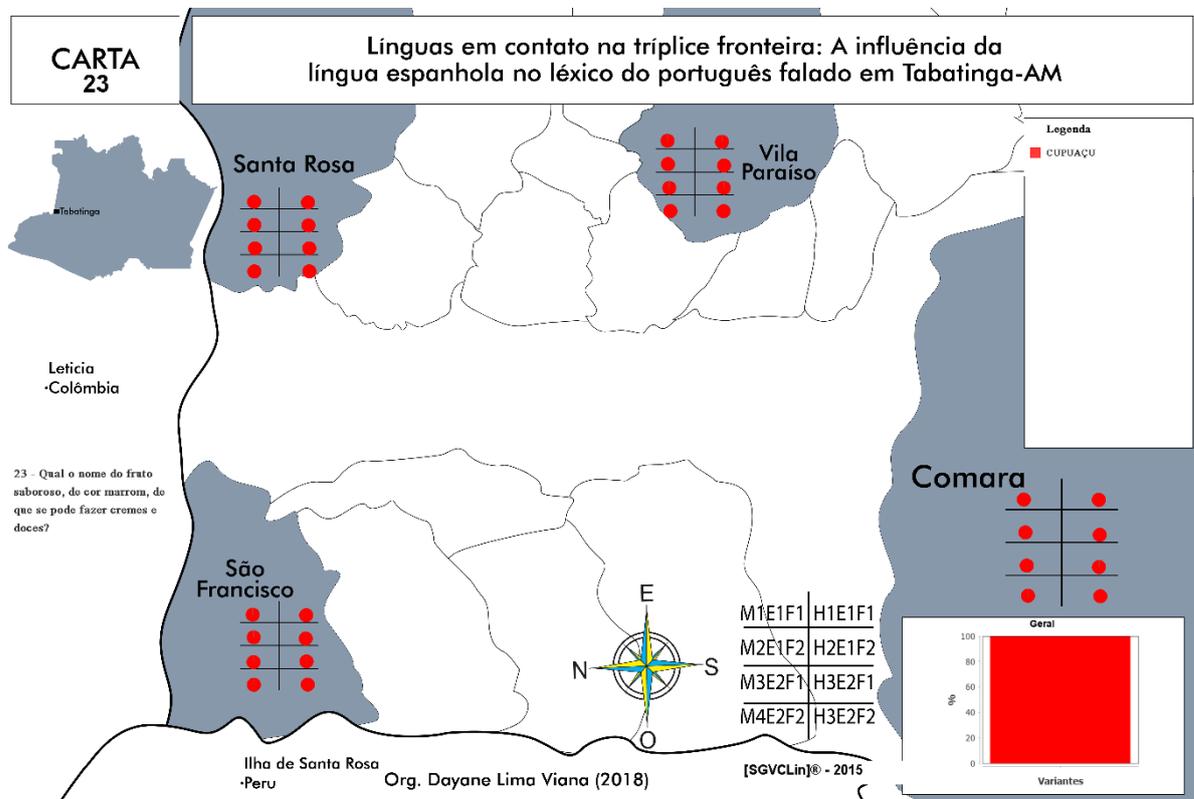
4.7.1 Vitória-régia

Em nosso estudo, ficou nítido que a lexia vitória-régia foi a única forma utilizada em todos os pontos investigados, por isso, a questão obteve a frequência relativa de 32 e frequência relativa de 100%.



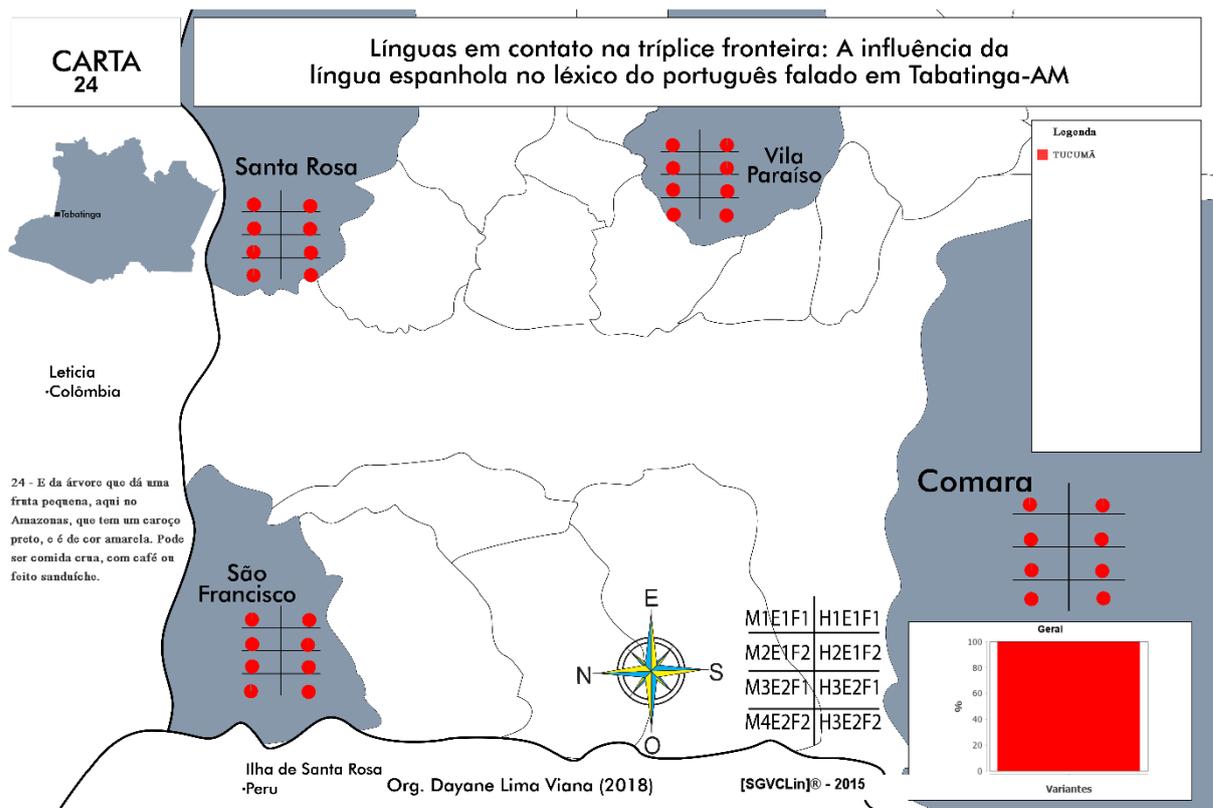
4.7.2 Cupuaçu

Todos os informantes da pesquisa apresentaram a lexia cupuaçu, deixando claro que é a única forma em uso. A frequência absoluta foi e 36 e relativa de 100%.



4.7.2 Tucumã

Fruto muito apreciado na culinária amazense, o tucumã se demonstrou presente em todos os pontos. Podemos atestar na carta 24, que todos os informantes privilegiaram o uso da lexia. Logo, obtivemos a frequência absoluta de 32 e relativa de 100%.



4.7.3 Pupunha

Na carta semântico-lexical 25, foram encontradas três formas diferentes para designar o mesmo referente.

Registramos o uso de pupunha com 26 (81,25%), *chantaduro* (lexia do espanhol colombiano) com 4 (12,50%) e *pifaio* (lexia do espanhol peruano) com 2 (6,25%) de ocorrência.

Concernente a escolaridade, verificamos que a lexia pupunha obteve o mesmo resultado nas duas escolaridades 13 (81,25%) de ocorrências (fundamental e médio).

Chantaduro 3 (18,75%), foi a segunda forma mais usada por falantes de nível fundamental, contra apenas 1 (6,25%) no ensino médio.

A lexia *pifaio* foi observada apenas em falantes do ensino médio com total de 2 (6,50%).

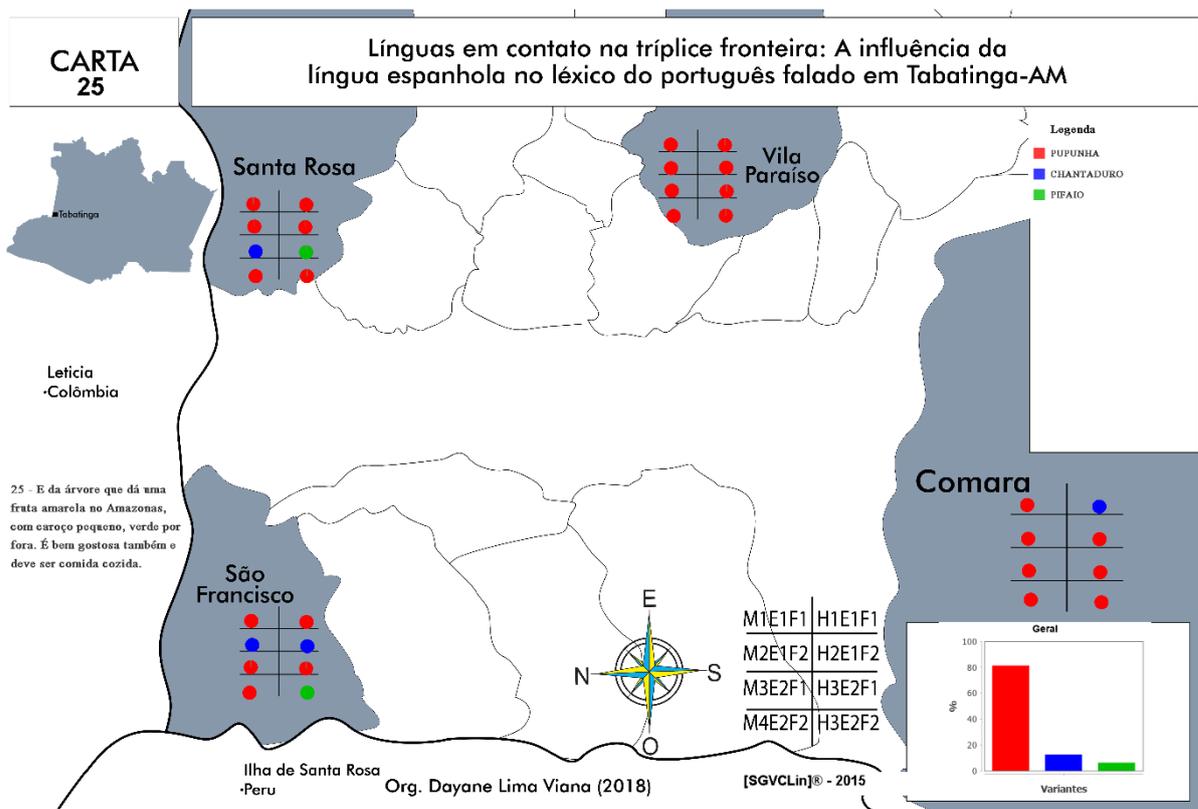
Em análise diageracional, percebemos que não houve disparidades nos resultados, pelo contrário, as porcentagens indicam que as lexias, pupunha, *chantaduro* e *pifaio* estão presente em proporções iguais nas duas faixas etárias estudadas.

Dessa forma, o programa estatístico, gerou índices semelhantes para as duas faixas, 3 (81,50%) para pupunha, 2 (12,50%) para *chantaduro* e 2 (6,25%) para *pifaio*.

Com relação a análise por gênero, ficou comprovado a preferência pela palavra pupunha tanto por homens e mulheres, 87,50% e 75,00% respectivamente.

Mas, encontramos diferença quanto ao uso de *pifaio*, sendo observada apenas em homens 2 (12,50%). Por outro lado, a lexia *chantaduro* foi registrada nos dois sexos, 2 (12,50%) para cada um dos gêneros.

Analizamos que a lexia *chantadura* teve 3 ocorrências no total, todas produzidas por moradores mais próximos da linha de fronteira, São Francisco e Santa Rosa. Observamos também que, a única ocorrência da lexia de *pifaio* foi por um morador do bairro Santa Rosa.



4.7.4 Jambo

Com 29 ocorrências e percentual de (90.62%), a lexia *jambo* teve um alto índice de produtividade. Apesar disso, houve registros do termo *pomarosa* (lexia hispânica) que mesmo com a baixa porcentagem de 3 (9.38%) demonstrou que determinados falantes recorrem a lexia estrangeira.

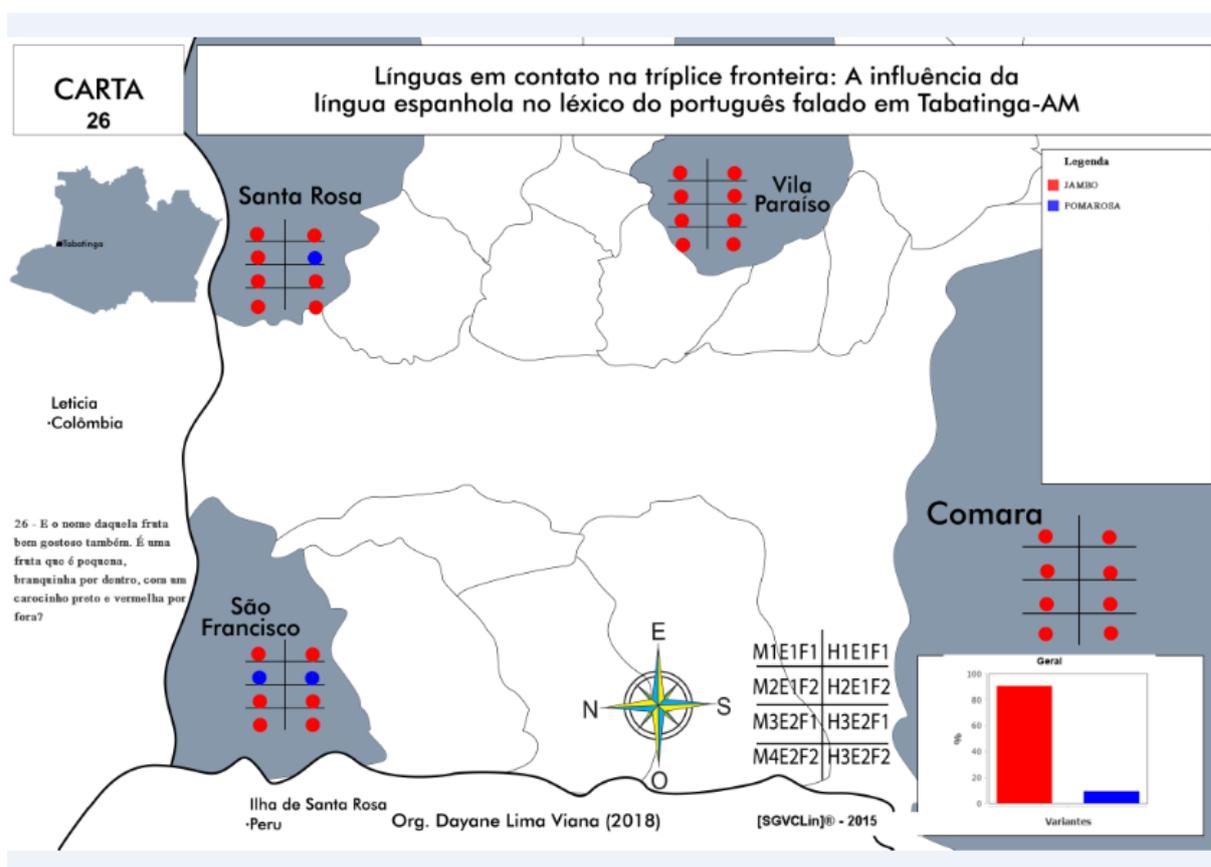
Com relação a variável escolaridade, 100% dos falantes de nível médio aderem o uso apenas da forma *jambo*, lexia pertinente ao português brasileiro. Já nos falantes de nível fundamental foi percebemos ocorrer a variação entre *jambo* com 13 (81.25%) e *pomarosa* com 3 (18.75%).

Analizamos também que a lexia *pomarosa* teve ocorrência apenas em falantes da faixa etária 2, uma vez que, 100% dos falantes da faixa etária 1 preferiram o uso exclusivo da lexia *jambo*.

Esse fato demonstra que a lexia *pomarosa* é pertinente a fala dos mais velhos, pois, 3 (18.75%) optaram pelo uso do termo.

Na análise por gênero, 15 (93.75%) dos homens têm a preferência pela lexia jambo, 14 (87.50 %) das mulheres também optaram pela lexia.

A lexia pomarosa, obteve a ocorrência de 1 (6.25%) em mulheres e 2 (12.50%) nos homens. Observamos que as 3 ocorrências, foram registradas em falantes dos bairros São Francisco e Santa Rosa.



4.7.5 Morango

Ao analisar a carta abaixo, fica evidente o predomínio de 28 (87.50%) da lexia morango. No entanto, a ocorrência de 4 (12.50%) da lexia fresa não podem ser ignorados.

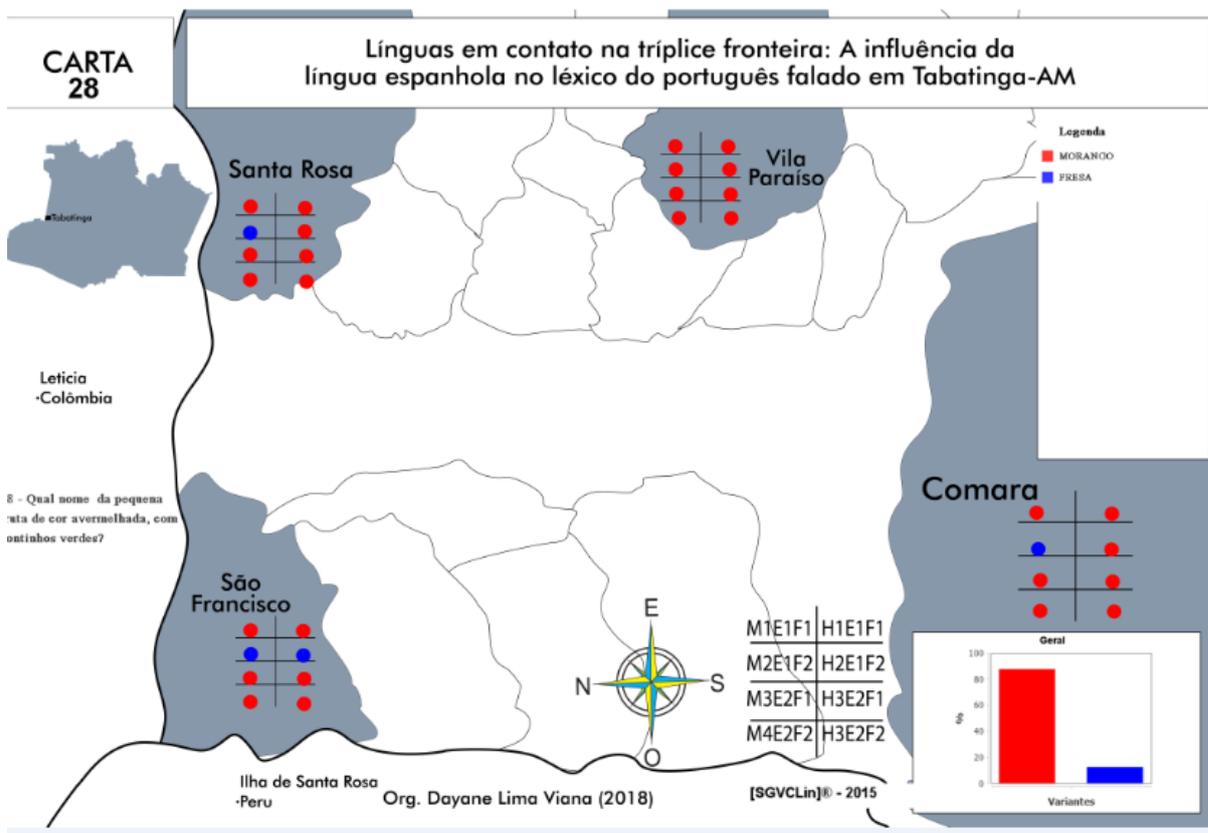
Todos os falantes de ensino médio, optaram pelo uso da lexia morango, sendo portanto, unânimes, 16 (100%).

Uma perspectiva contrária, verificamos nos falantes de ensino fundamental, isto porque, 12 (75.00%) dos entrevistados preferiram o uso de morango, mas 4 (25.00%) optaram por fresa.

Ao analisar o exposto, somos conduzidos a reconhecer que a lexia hispânica fresa é mais produtiva em informantes de ensino fundamental, embora haja o predomínio de morango.

Percebemos que, os mais jovens preferem exclusivamente a forma morango, cenário oposto da faixa etária mais velha, onde observamos que mesmo com baixa incidência a lexia fresa 4 (25.00%) está em concorrência com morango 12 (75.00%).

Comprovamos também que a lexia fresa é mais recorrente nas mulheres com o índice de 3 (18.76%) contra apenas 1 (6,25%) nos homens. Como se percebe, a lexia *fresa* obteve o total de 4 ocorrências, 3 delas foram registradas nos bairros mais próximos de Letícia e apenas 1 ocorreu no bairro Comara.



4.7.6 Amora

A ocorrência da lexia *amora* foi de 26 (81,25%), registamos também o vocábulo *mora* com 6 (18.75%).

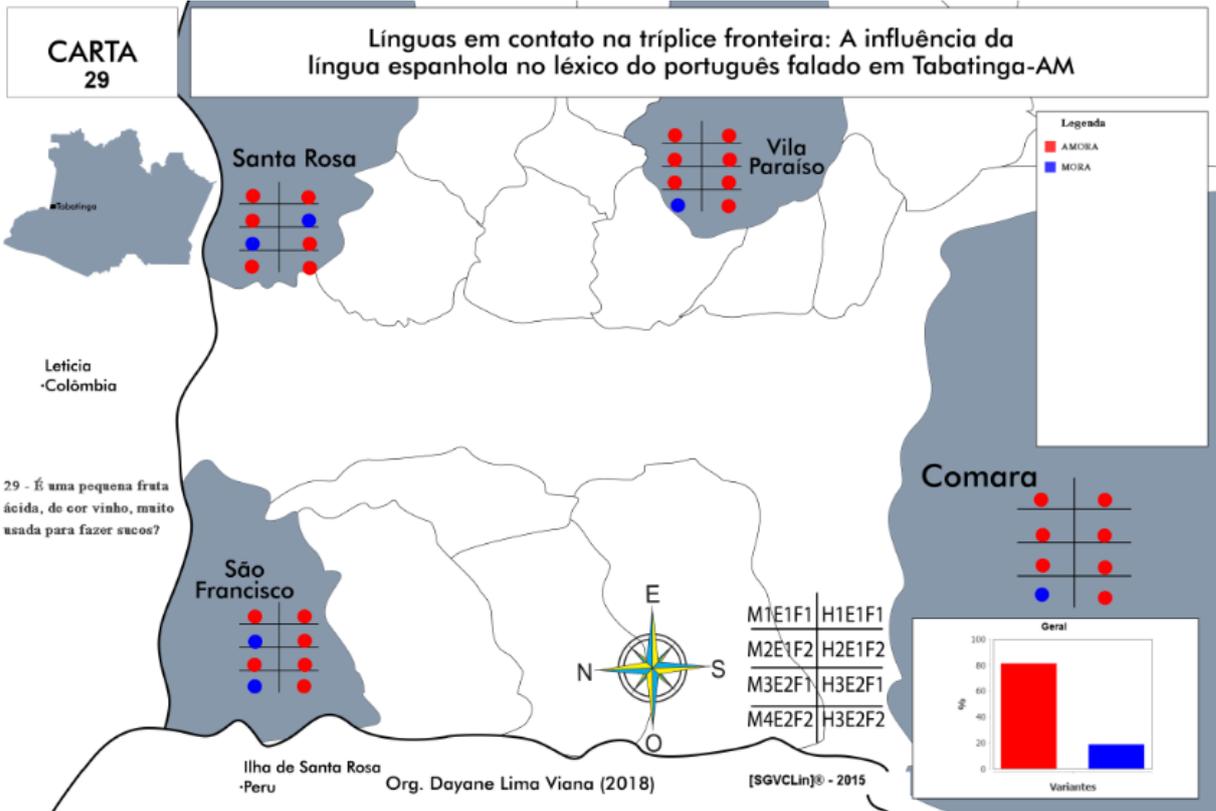
De acordo com as ocorrências por escolaridade, a palavra *amora* obteve a porcentagem de 14 (87.50%) em falantes de nível fundamental e 12 (75.00%) no nível médio. A lexia *mora* teve o índice de 12.50% por falantes da escolaridade 1 e 4 (25.00%) na escolaridade 2, Dessa forma a variante *mora* demonstrando-se levemente mais produtiva em falantes de nível médio.

Outro ponto a destacar, foi a maior prevalência da lexia hispânica *mora* em informantes mais velhos, pois os dados nos esclarecem que 15 (93.75%) dos mais jovens privilegiam a forma *amora* e apenas 1 (6.25%) elegem *mora* em seu discurso.

Em contrapartida, na faixa etária mais velha o termo *amora* aparece com 11 (68.75%) contra 6 (31.25%) para *mora*.

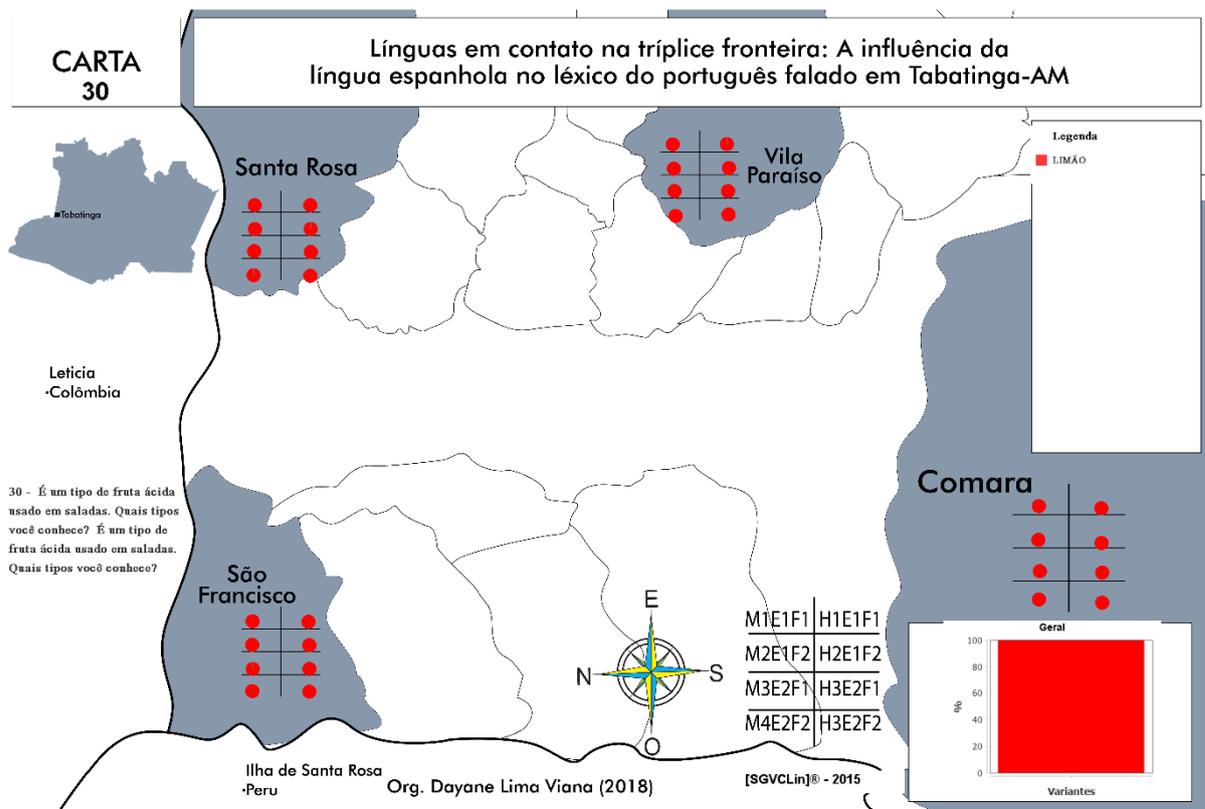
Os dados também revelam que mulheres são mais propensas na adoção da forma *mora* com 6 (31.25%), contra apenas 1 (6.25%) registro em homem.

No total a lexia *fresa* obteve 6 registros, 4 nos bairros São Francisco e Santa Rosa e 1 ocorrência para cada ponto, Vila Paraíso e Comara.



4.7.7 Limão

Como é possível perceber pelos dados da carta 30, a lexia “limão” foi a única forma encontrada, obtendo, portanto, a frequência absoluta de 32 e relativa de 100%.



4.7.8 Salsão

De acordo com os dados, a lexia *ápion* (pertinente da língua espanhola) obteve 20 (62.50%), a forma salsão (oriunda da língua portuguesa) 7 (21.88%), fizemos também o registro 5 informantes que não souberam responder à questão.

A princípio, ao analisar os níveis de escolaridades, observamos que a frequência da lexia *ápion* foi significativa, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, 11 (68.75%) e 9 (56.25%) respectivamente. A forma salsão, foi registrada 5 (31.25%) no nível fundamental e 12.50 % no nível médio.

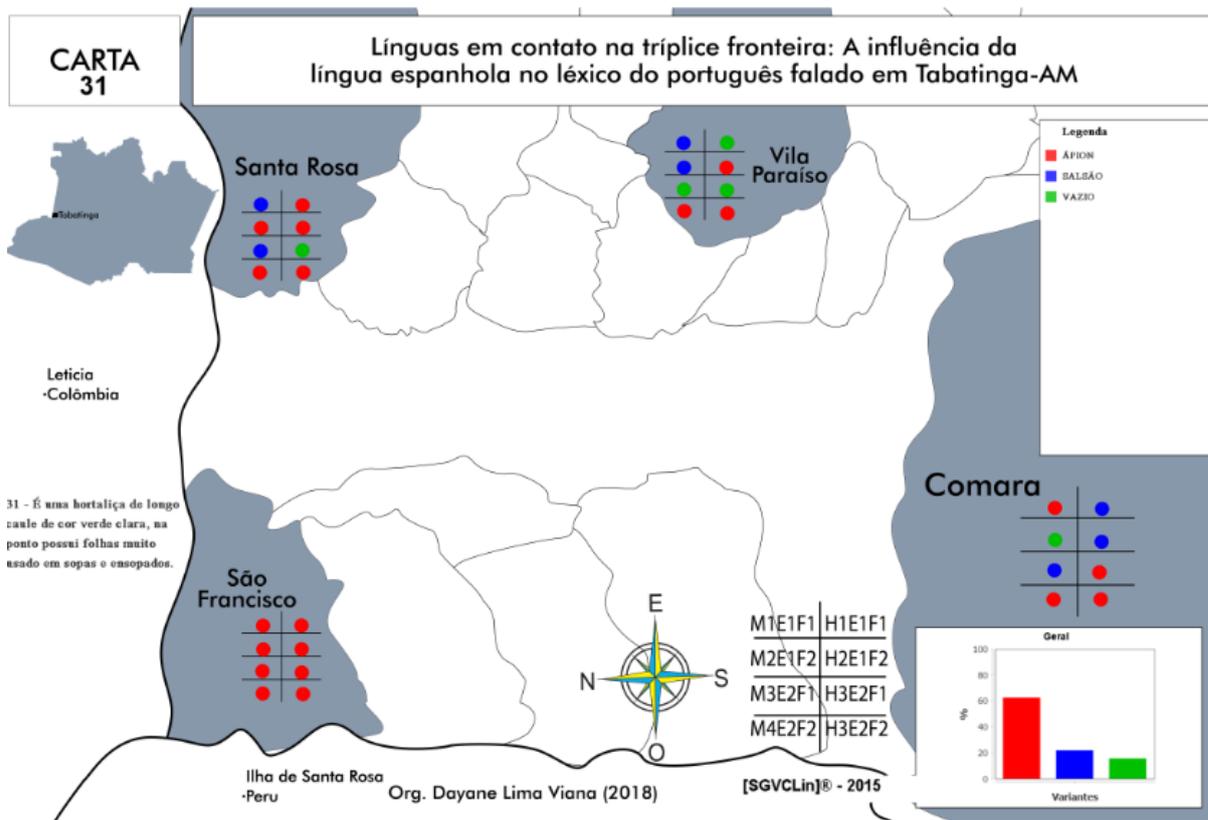
Analisando estes registros, podemos perceber que, além da presença da lexia hispânica em falantes de ambas escolaridades, verificamos também que se compararmos a forma *ápion* com salsão, constataremos a dominância da primeira.

Outra conclusão que chegamos, foi que falantes mais velhos, são os que mais recorrem a lexia *ápion*, visto que, 13 (81.25%) preferiram o uso de *ápion* e apenas 2 (12 %) optaram por utilizar a forma salsão.

Nos mais jovens, 7 (43.75%) preferiram o uso de *ápion* e 5 (31.25%) optam pela forma salsão.

Verificamos também que a lexia hispânica, foi mais utilizada por homens com 11 (68.75%) contra 9 (56.25%) em mulheres.

Observamos que a lexia *ápion* obteve 13 registros nos bairros mais próximos com a fronteira colombiana e 7 nos bairros mais distantes, Vila Paraíso e Comara.



4.8 Graviola

Como é possível perceber na carta abaixo, o percentual de ocorrência da lexia graviola é bem marcado entre os falantes.

Com o percentual de 29 (90.62%) a lexia graviola foi a mais produtiva em todos os pontos, apesar disso, também fizemos o registro de 3 (9.38%) para o uso da lexia estrangeira *guanabana*.

Ao analisar o fator escolaridade, percebemos que todos os entrevistados do ensino médio têm a preferência pela forma em português graviola, por outro lado, no nível fundamental foi observado a concorrência entre as variantes, graviola e *guanabana*.

Por outro lado, 13 falantes (81.25%) de ensino fundamental optaram falar graviola e 3 (18.75%) aderiram a palavra do espanhol *guanabana*.

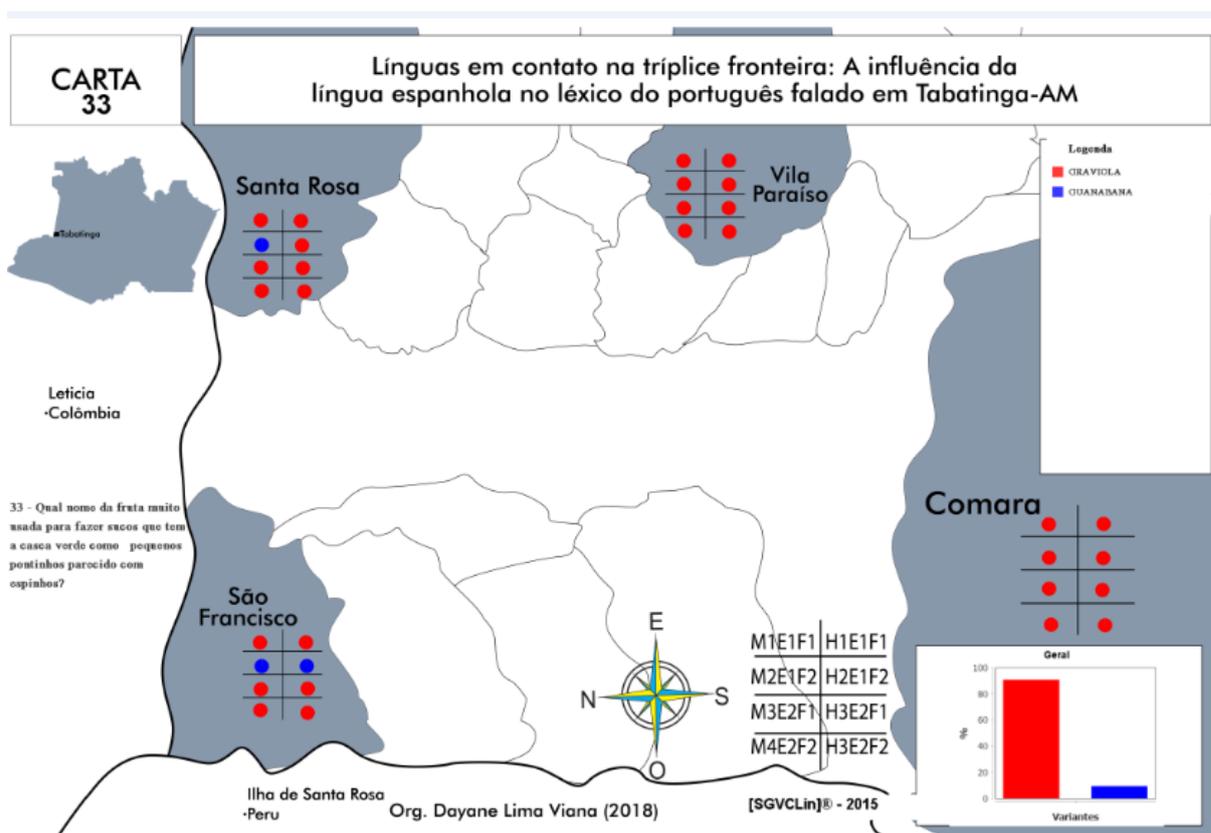
O fator geracional também nos forneceu dados interessantes, isto porque os 16 falantes (100%) entre 18 a 35 anos preferiram o uso da variante graviola, enquanto que,

na faixa etária mais velha, registramos o índice de 13 ocorrências (81.25%) para graviola e 3 (18.75%) privilegiam o uso da lexia *guanabana*.

Os indicadores também revelam que o sexo masculino tem preferência pelo o uso de graviola, com isso, registramos 15 ocorrências (93.75%) e apenas 1 (6.25) para *guanabana*.

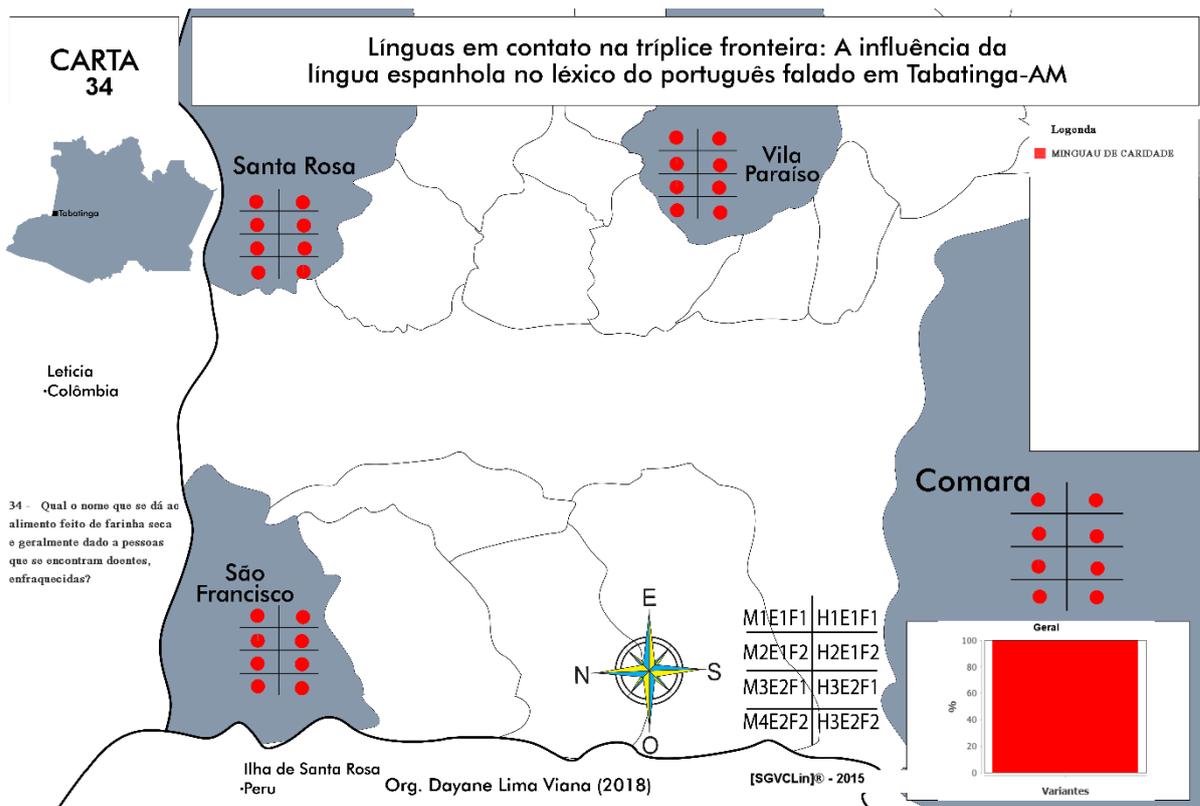
Na utilização dos termos por mulheres, foram registrados 14 ocorrências (87.50%) para graviola e 2 (12.50%) para *guanabana*.

Como podemos observar na carta, os 3 registros da lexia *guanabana*, ocorreram nos bairros São Francisco e Santa Rosa, assim, nenhuma ocorrência foi registrada nos bairros Vila Paraíso e Comara, considerados os mais distantes.



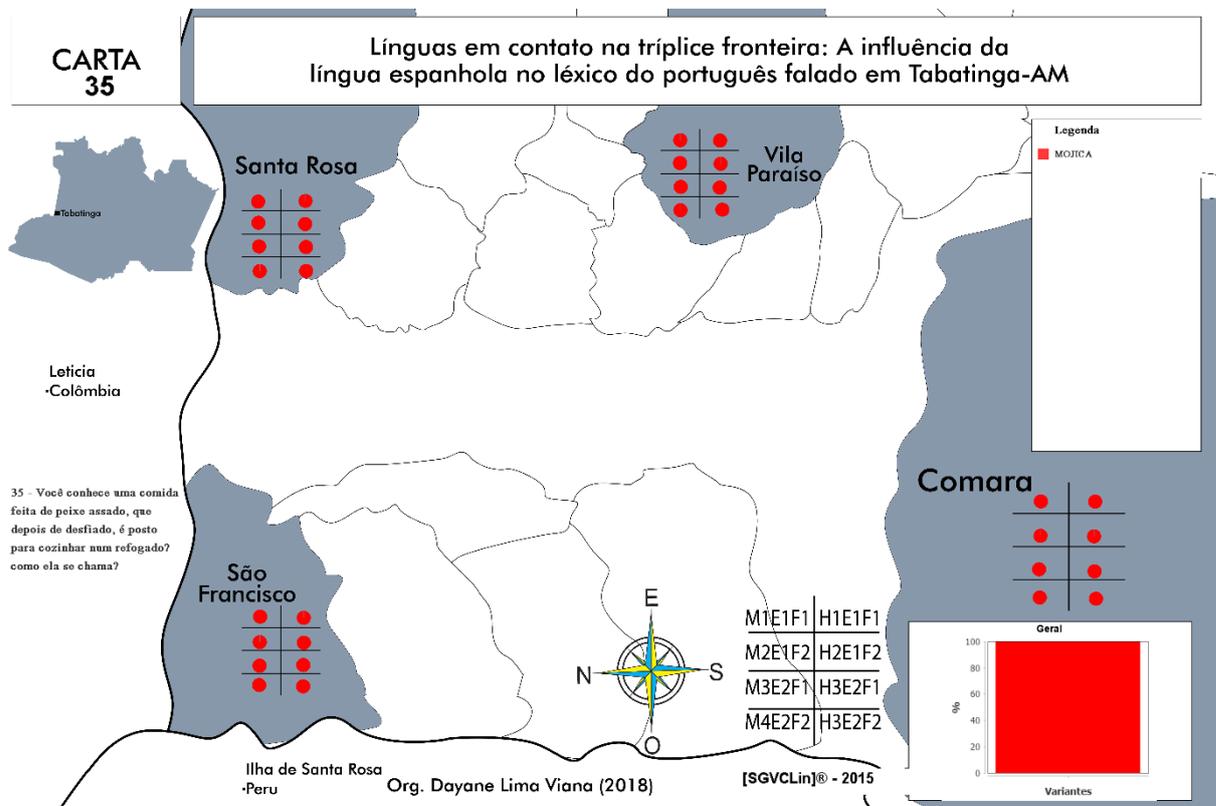
4.8.1 Mingau de caridade

O mingau de caridade é uma espécie de caldo medicinal tipicamente da região norte. Em nossa pesquisa, “mingau de caridade”, foi a única forma registrada, demonstrando a total dominância da lexia na cidade de Tabatinga.



4.8.2 Mojica

A *mojica* é um prato tipicamente da região norte, na carta 35 podemos verificar sua ocorrência em todos os pontos, desse modo, registramos a frequência absoluta de 32 e relativa de 100%.



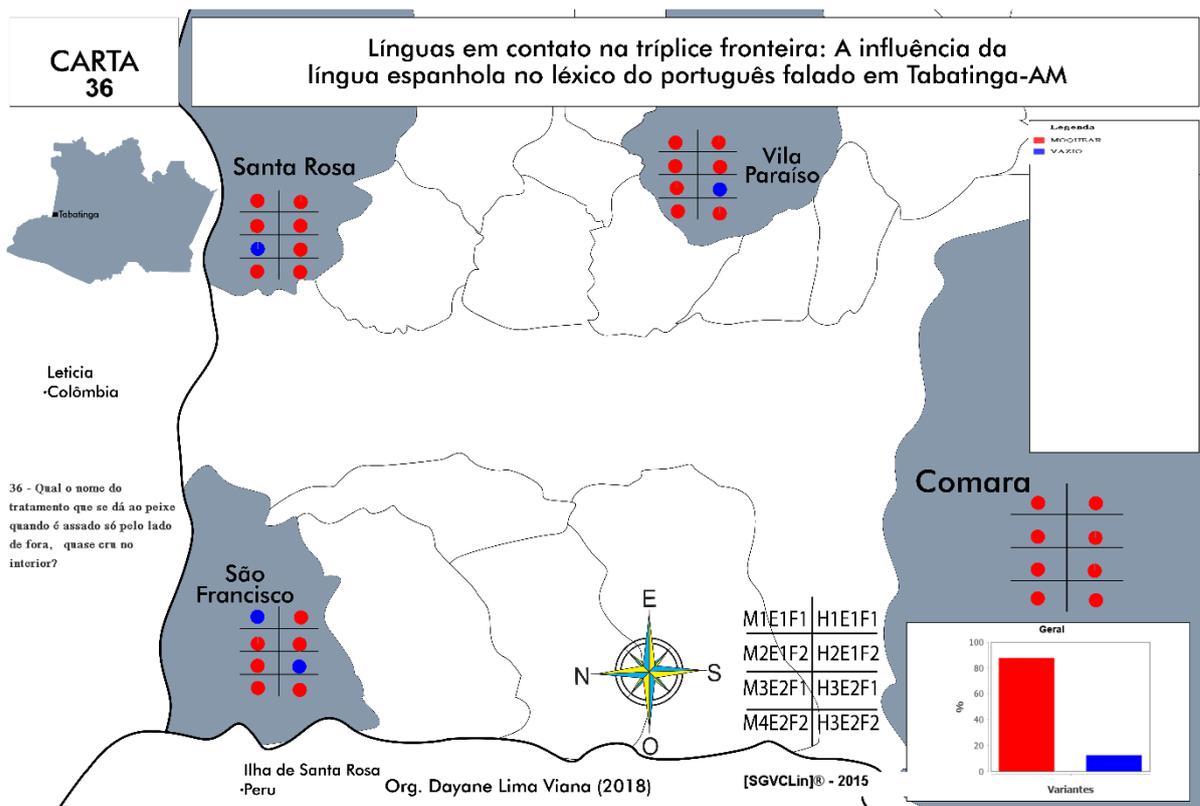
4.8.3 cMoquear

Perguntados acerca de qual o tratamento dado o peixe assado por fora e cru no seu interior, 28 (87.50%) responderam a lexia “moquear” e 4 (12.50%) não souberam responder a questão.

Em Falantes de ensino fundamental a forma moquear foi registrada 15 (93.75%), havendo apenas 1 (6.25%) de abstenção. Em informantes de nível médio a forma foi registrada 13 (81.25%) seguida de 3 (18.75%) de abstenções.

Na faixa etária mais jovem (18-35 anos), a lexia “moquear” foi constatada 12 (75.00%) e 4 (25.00%) não souberam responder a questão. Em contrapartida, na faixa etária mais velha todos responderam o vocábulo moquear, 16 (100%).

No que tange a avaliação dos resultados por gênero, homens e mulheres, obtiveram os mesmo resultado, isto é, 14 (87.50%) para a forma moquear e 2 (12.50%) abstenções para cada gênero.



4.8.4 Aguardente

Como se pode verificar na carta abaixo, registramos 4 lexias, cachaça 12 (37.50%), aguardente 9 (28.12%), corote 8 (25.00%), felina 3 (9.38%).

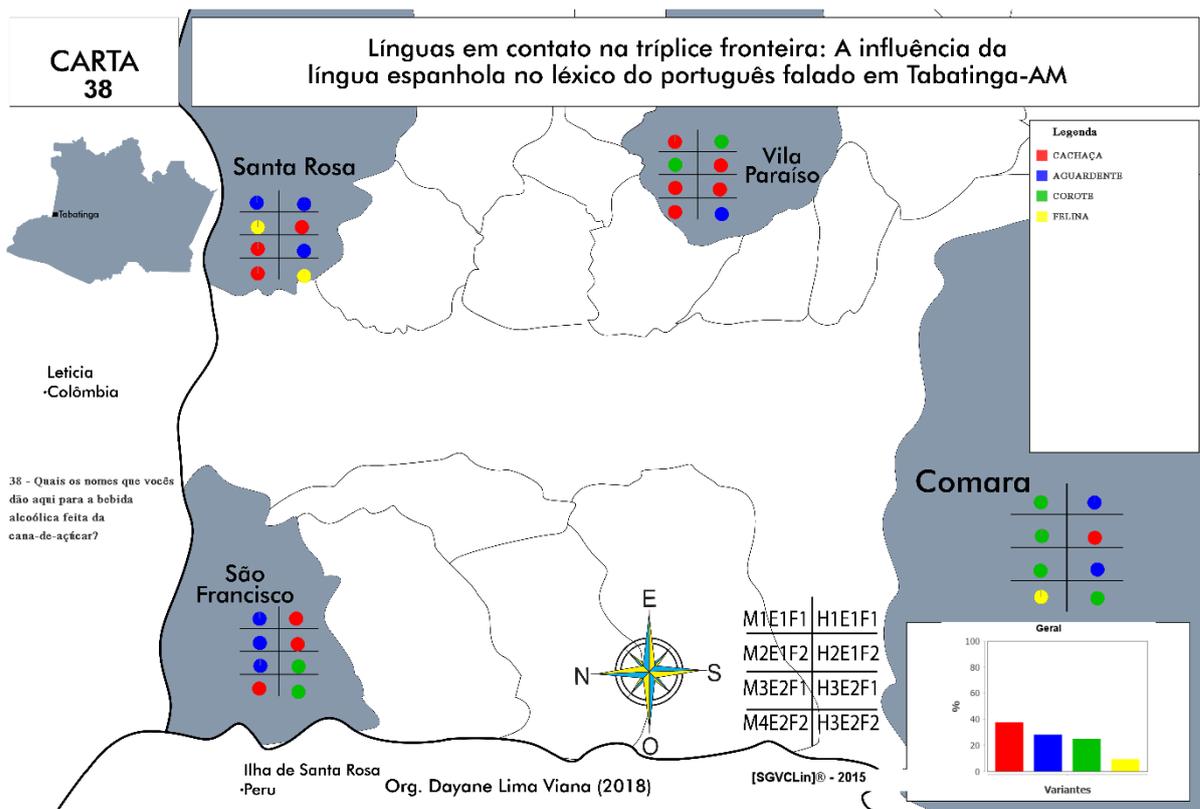
Em falantes de nível fundamental, a forma cachaça foi a mais predominante, com índice de 6 (37.50%), seguida aguardente 5 (31.25%), corote 4 (25.00%) e felina com 1 (6.25%).

De igual modo, a lexia cachaça também foi a mais produtiva em falantes de ensino médio, com 6 (37.50%), seguida de corote com 4 (25.00%), aguardente 4 (25.00%) e felina com 2 (12.50%).

Ao analisarmos as ocorrências por idade, obtivemos os seguintes dados para a faixa etária 1: aguardente 7 (43.75%), cachaça 5 (31.25%) e corote 4 (25.00%). Na faixa etária 2, temos: cachaça 7 (43.75%), corote 4 (25.00%), felina 3 (18.75%), aguardente 2 (12.50%).

Conforme os resultados obtidos, nas mulheres os índices apresentaram-se da seguinte maneira, 6 (37.50%) cachaça, 4 (25.00%) aguardente, 4 (25.00%) corote, 2 (12.50%) felina.

No sexo masculino, os índices foram: cachaça 6 (37.50%), aguardente 5 (31.25%), corote 4 (25.00%), felina 1 (6.25%).



4.8.5 Curite

O *curite* é um suco de fruta, vendido em saquinhos plásticos, muito consumido em Tabatinga.

Na pesquisa de Azevedo (2013), analisamos que em algumas cidades do Amazonas, a *lexia* ganha outras variantes como: *dindin* em Manaus, *flal* em Parintins, *miau*, *chop* e *totó* em Coari.

Um fato curioso a respeito da *lexia curite*, é a correspondência fonética e morfológica com *puriche* (forma do espanhol),

Por meio dessa análise de correspondência, podemos perceber como o contato do português com a língua espanhola, possibilita novos recursos lexicais aos falantes de Tabatinga.

Uma das hipóteses, que pode ser inferida, faz-nos considerar que no princípio, os falantes de Tabatinga, mantinham a forma *puriche*, contudo, em determinado momento, a *lexia* ganhou adaptação e levou os falantes a operar conforme as regras subjacentes do português, transformação assim, *puriche* em *curite*.

Por isso, há de se levar em consideração, que o falante opera livremente nas regras do seu sistema, esta liberdade permite o surgimento de inovações e adaptações, trazendo, portanto, a existência de novas lexias.

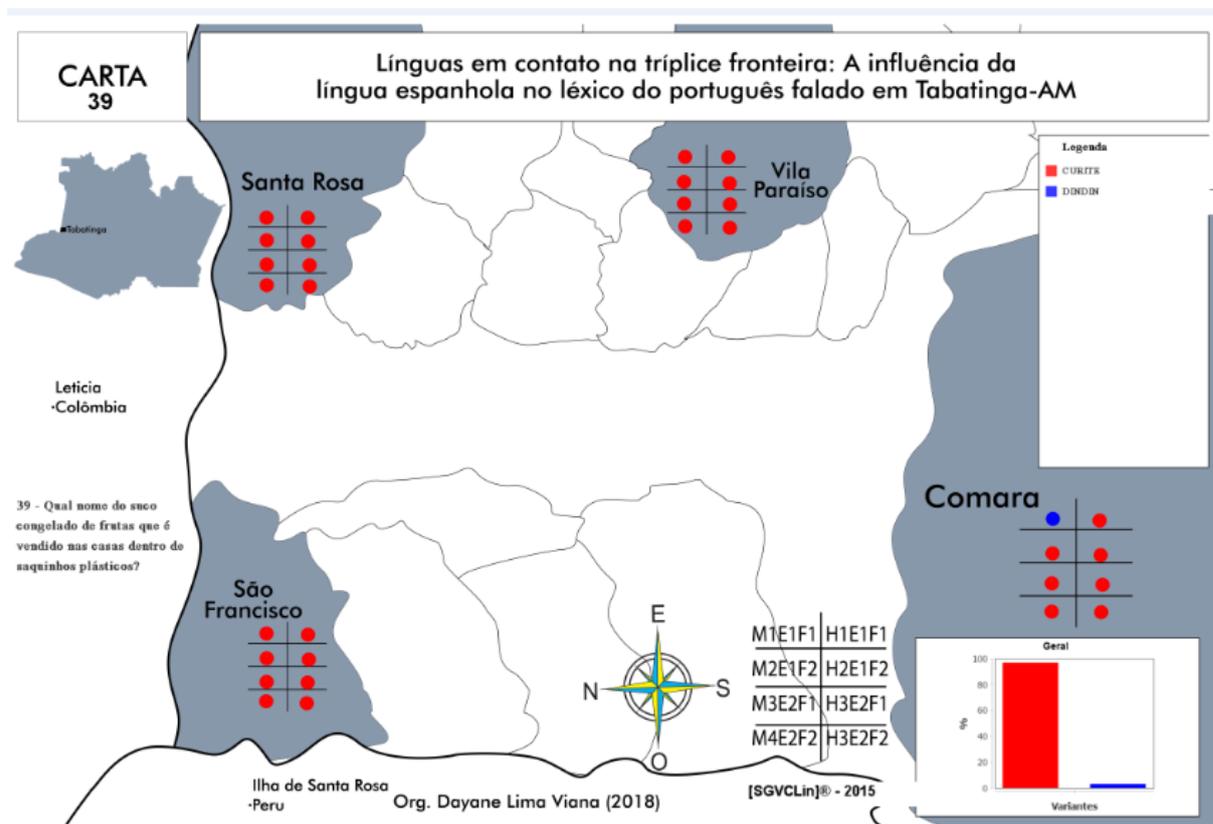
Outro dado importante, foi predomínio da forma *curite* com 31 ocorrências (96.88%) e apenas 1 ocorrência (3.12%) para lexia *dindin*.

No tocante a análise por escolaridade, constatamos que todos os falantes de nível médio utilizaram a forma *curite* totalizando (100%) de ocorrência. No nível fundamental, (93.75%) registramos apenas 1 (6.25) registro para *dindin*.

Observamos que todos os falantes da faixa etária 2, preferiram o uso da lexia *curite* 16 (100%). Em falantes da faixa etária 1, também houve prevalência de *curite* 31 (93.75%), registramos apenas 1 (6.25%) para *dindin*.

Verificamos também que, a variante *curite* ocorreu (100%) nos falantes do sexo masculino, 93.75% no sexo feminino.

Pelo exposto, percebemos que a lexia *curite* é dominante entre os falantes da cidade de Tabatinga, a única ocorrência de *dindin*, foi produzida por uma mulher da faixa etária 1, que em entrevista, relatou que passou a adotar o termo, por influência de seu esposo, que mora na capital Manaus.



4.8.6 Cheetos

São salgadinhos industrializados vendidos em supermercados, o referente ganha formas diferenciadas na fronteira brasileira, assim, temos, *cheetos* e *militos*.

Se um falante de outro lugar, quiser comprar *militos* nas cidades de Tabatinga e Letícia, certamente não será compreendido, pois em ambas cidades o uso corrente é *cheetos*.

Na carta 40, podemos observar o alto índice da ocorrência do vocábulo *cheetos*, com 30 ocorrências (93.75%), enquanto a forma *militos* aparece com apenas duas incidências, com o percentual de (6.25%).

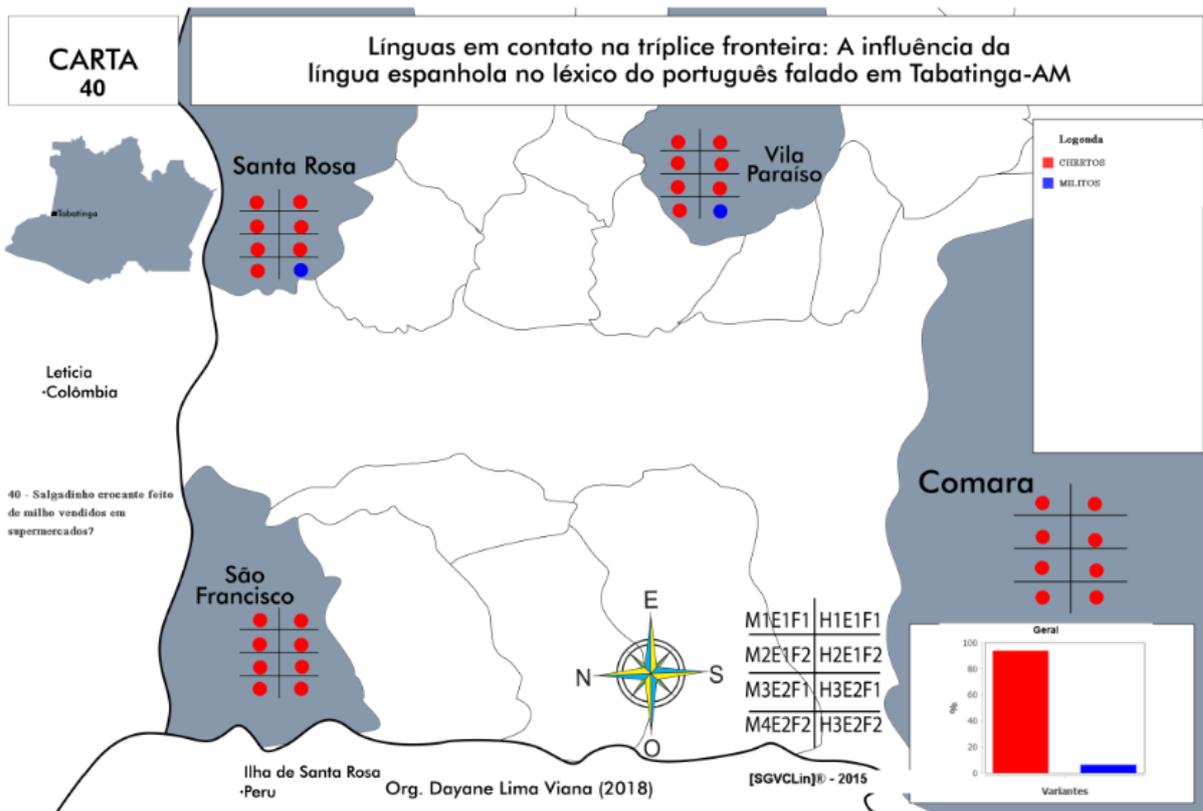
Militos, é a forma utilizada em alguns municípios, inclusive na capital Manaus. Como podemos observar na carta 40, a lexia *cheetos* domina maior parte dos pontos pesquisados.

Os índices demonstram também que os 16 entrevistados (100%) da pesquisa do nível fundamental elegem a forma *cheetos*, enquanto no ensino médio, *cheetos* obteve 14 ocorrências (87.50%), registramos apenas duas ocorrências para *militos*.

Cabe-nos ressaltar que, no tocante a faixa etária, a lexia *cheetos* foi registrada em (100%) dos informantes de idade entre 18-35 anos, enquanto na faixa etária 36-65 anos a ocorrência foi de 14 (87.50%) e apenas 2 (12.50%) para a lexia *militos*.

Também foi possível perceber que (100%) das mulheres entrevistadas privilegiaram o uso de *cheetos*, já os entrevistados do sexo masculino, 14 (87.50%) responderam *cheetos* e 2 (12.25%) optaram pelo termo *militos*.

Na carta é possível verificar, que a lexia *cheetos* é a que possui maior preferência entre os falantes, visto que apenas 2 moradores dos bairros Santa Rosa e Vila Paraíso optaram pela forma *militos*.



4.8.7 Empanadas

As empanadas são salgados feito de massa de milho, geralmente recheadas com batata e carne desfiadas. É uma iguaria tipicamente colombiana, que se tornou parte da culinária tabatinguense.

Com incidência de 26 (81.25%) empanada é uma lexia dominante, outra forma que registramos foi a variante pastel com 6 ocorrências (18.75%).

Com relação a variável escolaridade, a palavra empanada obteve um índice de 11 (68.75%) ocorrências e pastel ficou com 5 incidência (31.25%) em falantes de ensino fundamental.

Em informantes de ensino médio, foram 15 ocorrências com percentual de (93.75%) para empanada e apenas 1 ocorrência (6.25%) para pastel.

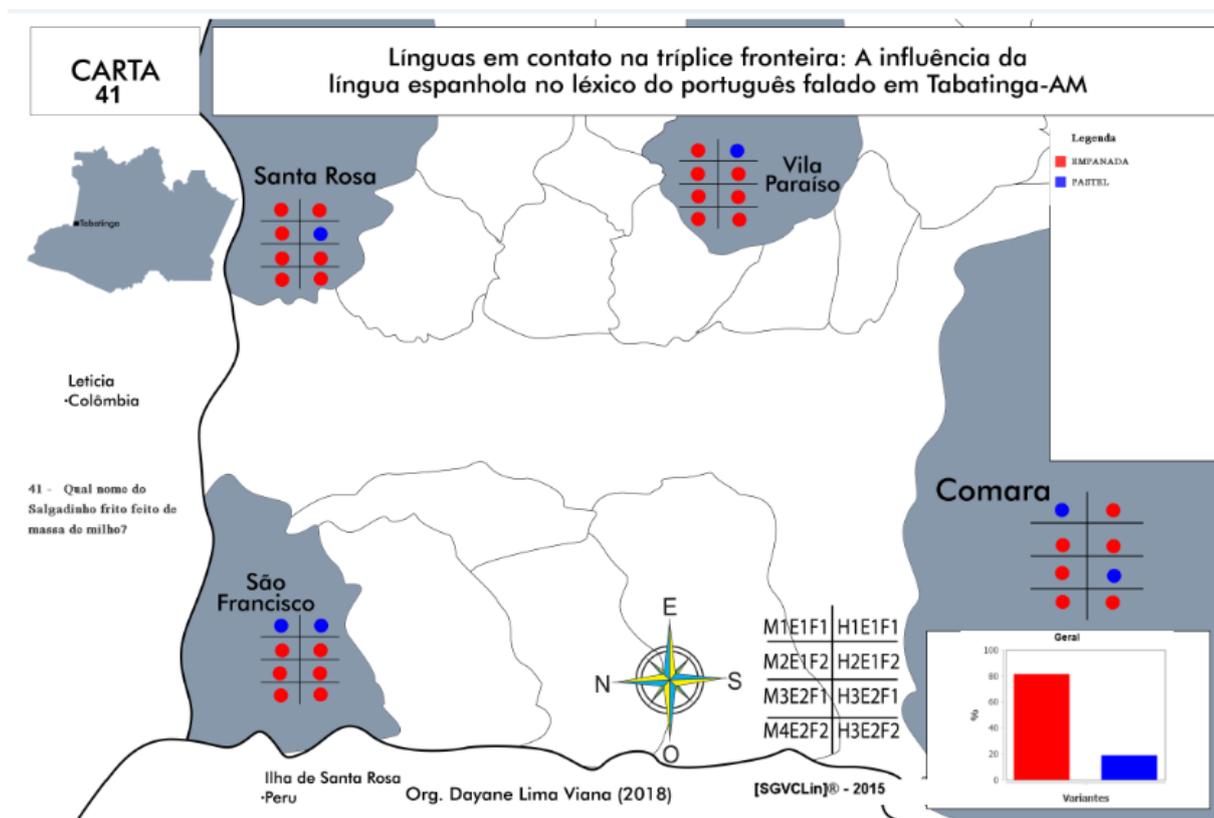
Mais uma vez, os índices de ocorrência de lexia hispânicas é mais recorrente na faixa etária 2 (os mais velhos), pois de acordo com os dados, 15 informantes (93.75%) preferem utilizar a lexia empanadas e apenas 1 (6.25%) opta pela forma pastel.

Por outro lado, os mais jovens obtiveram a incidência de 11 ocorrências para empanada (68.75%) e 5 (31.25%) para pastel.

Ao analisar as estatísticas do programa, fica claro, que as mulheres são as que mais apropriam-se da variante hispânica, com 14 ocorrências (87.50%) contra 12 (75.00%) dos homens, demonstrando uma diferença relativa.

Apenas 2 mulheres e 4 homens utilizaram a vocábulo pastel, correspondendo (12.50%) e (25.00%) respectivamente.

Dado o exposto, percebemos que a lexia empanada é bem difundida nos falantes das áreas estudadas, observamos sua dominância tanto nos bairros mais próximos quanto nos mais distantes da fronteira com Letícia. Esse pode ser um indicativo da existência de continuum linguístico.

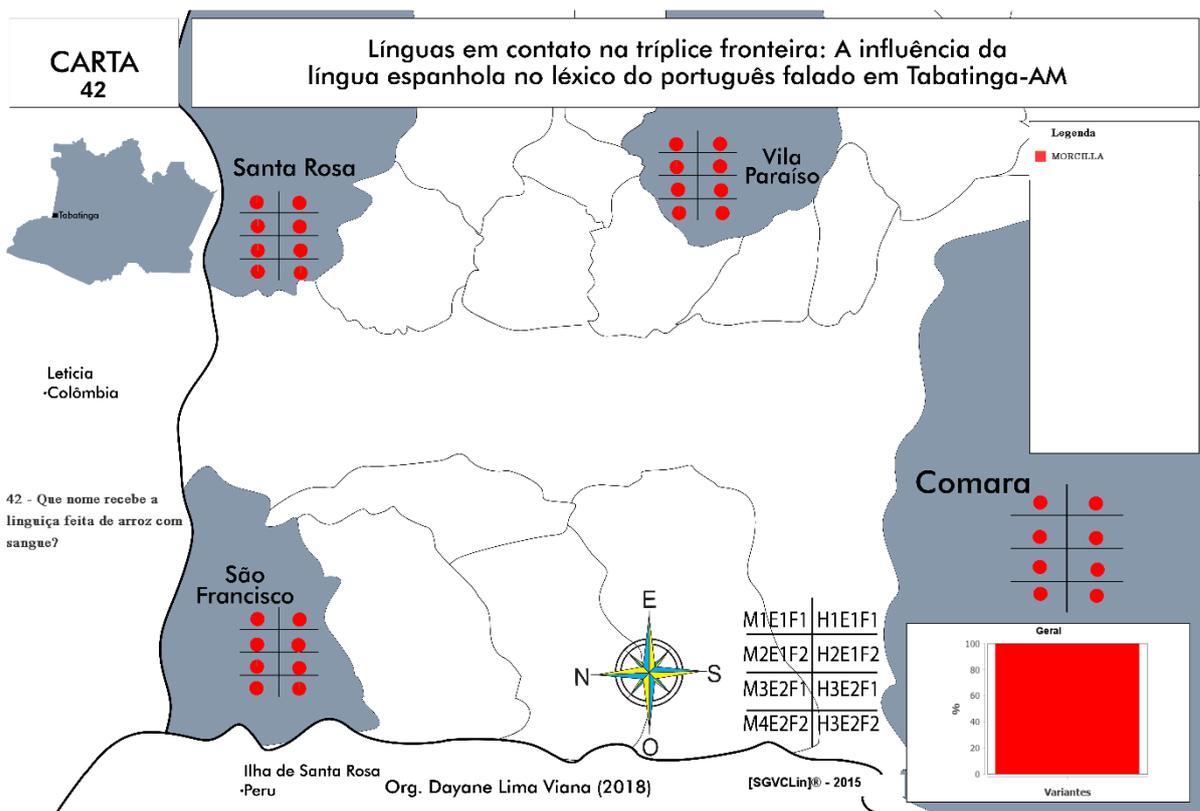


4.8.8 Morcilla

A morcilla é uma linguiça feita de sangue bovino, arroz e várias especiarias. Em várias partes de Brasil é conhecida como morcela ou chouriço.

Mas na cidade de Tabatinga, a forma usual verificada de acordo com os resultados obtidos foi morcilla, semelhante a forma usada na cidade leticianiana.

Dessa forma, a lexia hispânica obteve a frequência absoluta de 32 e frequência relativa de 100%.



4.8.9 Gaseosa

Conforme os dados da carta 43, duas variantes estão em estrita concorrência para designar a bebida gaseificada de vários sabores, refrigerante e *gaseosa* (lexia da língua espanhola), são as duas lexias que estão em variação.

O percentual de ocorrências foi de 15 para *refrigerante* (46.88%) e 17 para *gaseosa* (53.12%).

Ao analisarmos as duas variantes por escolaridade, percebemos que *gaseosa* foi mais produtivo em informantes do ensino fundamental. Foram 9 ocorrências (56.25%), contra 7 incidências (43.75%) para *refrigerante*.

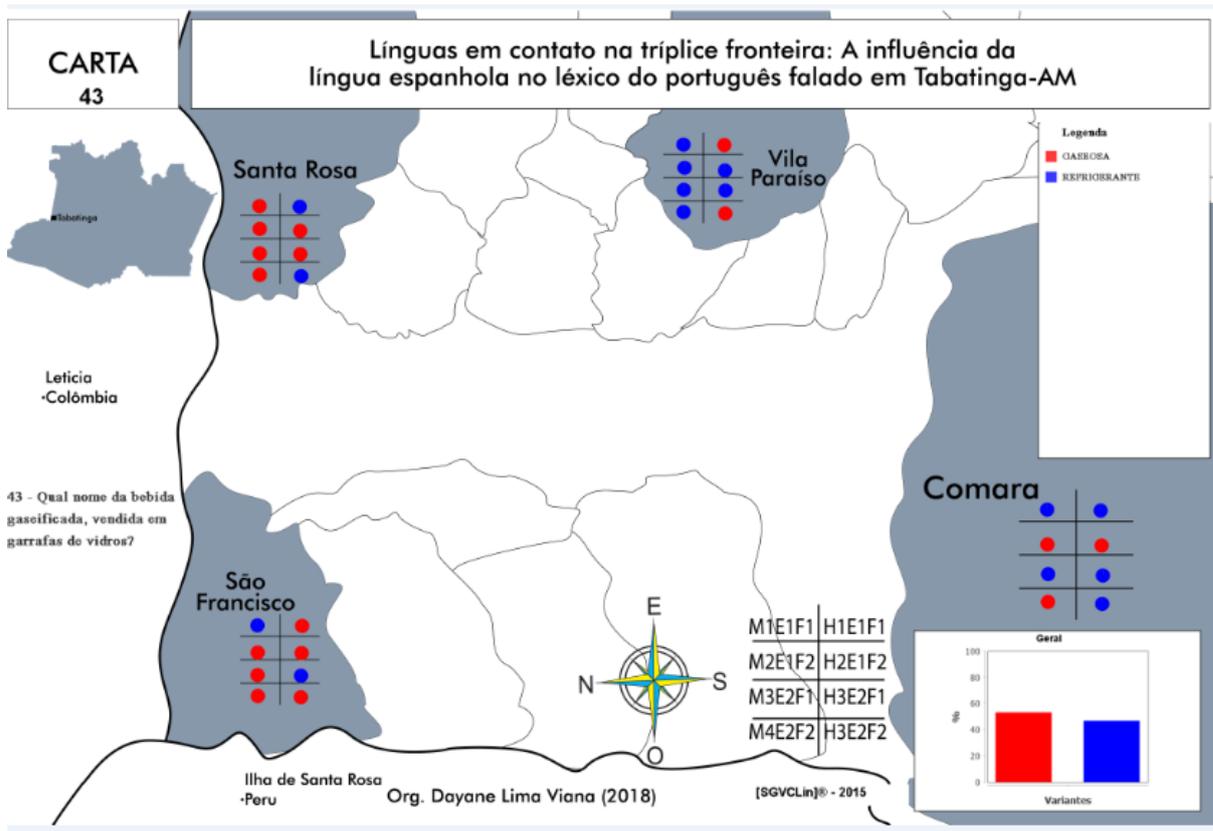
No ensino médio, a produtividade de refrigerante e *gaseosa* obteve resultados iguais, foram registradas 8 ocorrências de (50%) tanto para lexia refrigerante quanto para o vocábulo *gaseosa*. Isto é, em breve análise, os dados demonstram que as duas variantes (refrigerante e *gaseosa*) estão em extrema concorrência entre si.

No aspecto diageracional, constatamos que na faixa etária 1, houve prevalência da variante *refrigerante* com 10 ocorrências (62.50%) e 6 incidências para *gaseosa* (37.50%).

Em contrapartida, na faixa etária 2 a forma preponderante foi *gaseosa* com 11 (68.75%) e apenas 5(31.25%) para *refrigerante*.

No tocanto a análise por gênero, fica claro que há uma leve vantagem da variante *gaseosa* por parte do sexo feminino, com 9 ocorrências (56.25%) contra 7 para *refrigerante* (43.75%). No sexo masculino, houve um percentual semelhante para as duas lexias, 8 ocorrências para cada uma das variantes (50%) no total.

Em última análise da carta, é possível perceber que os pontos 1 e 2 que compreendem os bairros São Francisco e Santa Rosa, foram os mais produtivos na escolha da lexia *gaseosa*, cada um com 6 registros, 12 no total. Em contrapartida, nos bairros Vila Paraíso e Comara o índice de incidência da lexia foi menor, com 5 ocorrência no total.



4.9 Picada

Na carta 44, nossa análise volta-se a duas variantes. Assim temos, *picada*, *iscas*, e *vazio* (respostas nulas).

Picada ou iscas, são carnes cortadas em pequenos pedaços, geralmente servidas com batatas fritas. Analisaremos partir de agora como as variáveis extralinguísticas apropriam-se dessas destas lexias.

O termo *picada* é bem comum, em cardápios de restaurantes na cidade colombiana. Por isso, nos propusemos a analisar, como o deslocamento da lexia hispânica ocorre no português.

Em nossa pesquisa a utilização da lexia *picada* aparece com percentual de 16 ocorrências (50%), seguida 14 para *iscas* (43.75%), e 2 informantes não souberam responder, totalizando (6.25%).

Os índices demonstram, que a ocorrência do termo em espanhol foi mais produtivo na escolaridade 1, isto é, em falantes de nível fundamental, apresentando com 9 ocorrência (56.25%), iscas foi registrada 7 (43.75%).

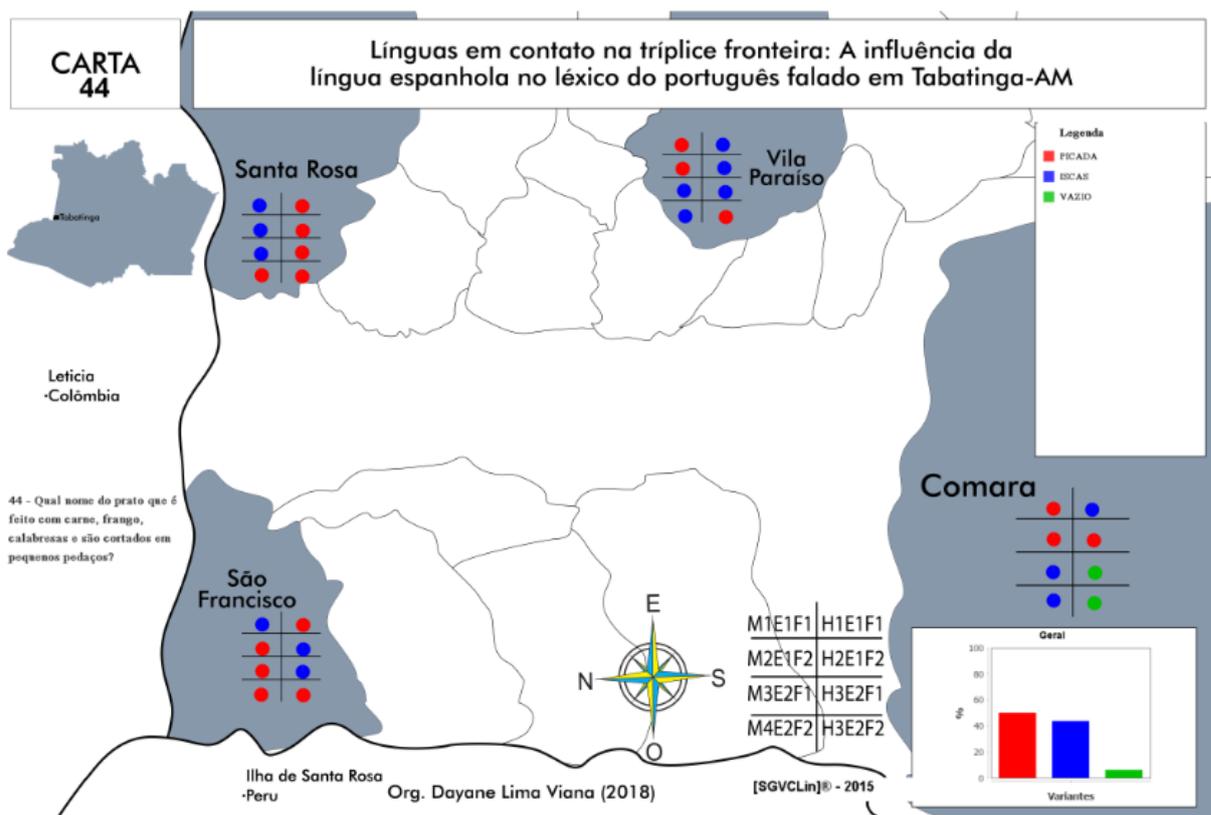
No ensino médio, iscas e picada tiveram o mesmo percentual de ocorrência 7 para cada uma das variantes, compreendendo (43.75%).

Os resultados também apontaram, que na faixa etária 1, houve maior prevalência da variante *iscas* com 9 ocorrências (56.25 %) seguida de 6 (37.50%) para *picada*.

Em contrapartida, na faixa etária 2, a lexia *picada*, foi a mais recorrente, com 10 (62.50%) e 5 (31.25%) para *iscas*. Atribuímos 2 (6.25%) para respostas vazias para cada ambas as faixas etárias.

Outro fato que ficou claro, foi extrema concorrência entre as duas variantes no que se refere a gênero. Mulheres e homens obtiveram resultados semelhantes quanto a utilização de variante *picada*, foram 8 ocorrências (50%) para ambos os gêneros. A lexia *iscas* também teve um percentual de (50% em mulheres, e nos homens esse percentual cai para (37.50%), registramos também 2 respostas vazias (12.50%).

Na análise diatópica, observamos que a lexia *picada* foi mais produtiva nos pontos 1 e 2, isto é, nos bairros mais próximos a cidade de Letícia, foram 10 ocorrência no total, contra 6 registros nos bairros Vila Paraíso e Comara, considerados os mais distantes.



4.9.1 Lechona

É um prato típico da Colômbia, mas muito apreciado pelos brasileiros da tríplex fronteira.

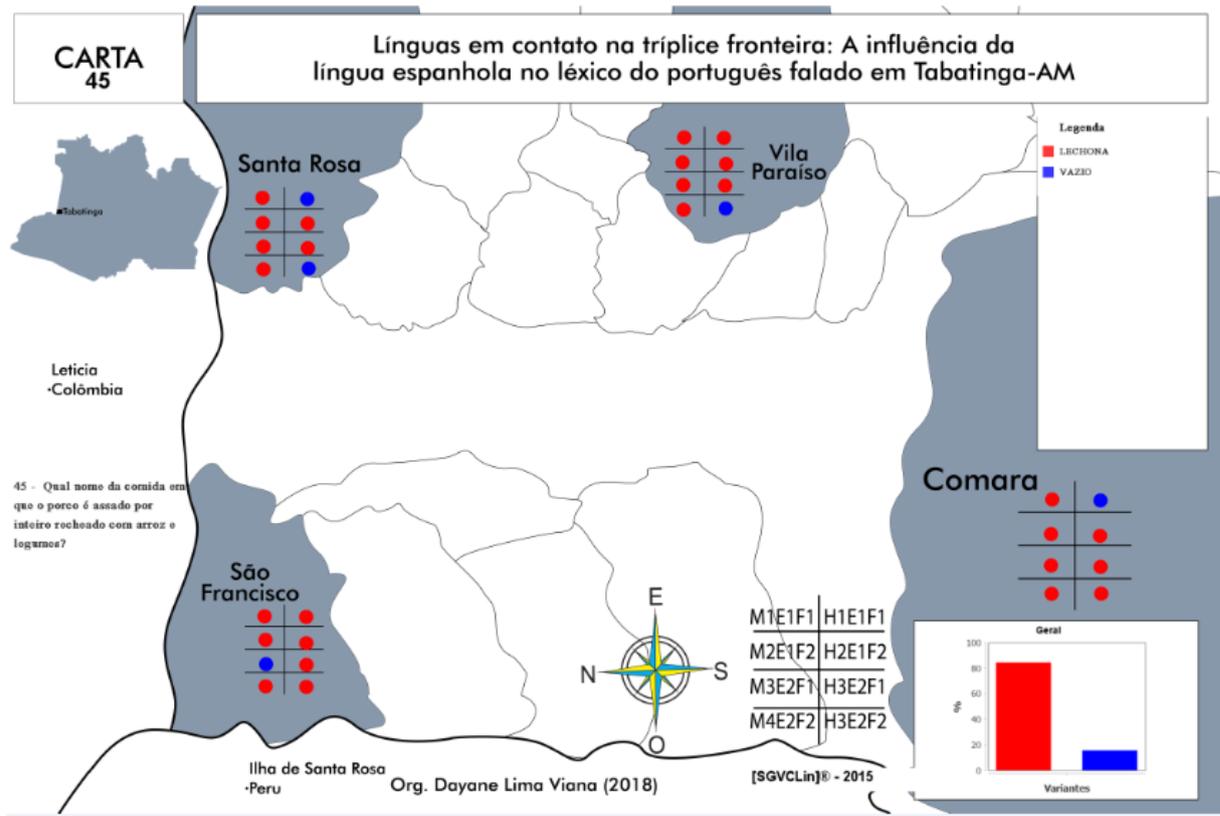
De acordo a carta semântico-lexical 45, a variante *lechona* teve uma produtividade de 27 ocorrências totalizando (84.38%), registramos ainda 5 (15.62%) informantes que não souberam responder a questão.

Em nossa análise, a lexia *lechona* teve grande ocorrência nos 2 níveis de escolaridade, 14 (87.50%) no ensino fundamental e 13 (81.25) no ensino médio, demonstrando um resultado quase emparelhado.

Tanto na faixa etária 1, quanto na faixa etária 2, os índices para lexia *lechona* foram quase coincidentes, 13 ocorrências (81.25) e 14 ocorrências (87.50%) respectivamente.

Registramos ainda 15 (93.75%) ocorrência de *lechona* em mulheres e 12 (75%) em homens. Observamos 1 abstenção em mulheres (6.25%) e 4(25 %) em homens.

Analisando a carta, também percebemos que a lexia *lechona*, se demonstrou proporcionalmente presente em todos os pontos, esse fato nos indicou a existência de uma isoléxica.



4.9.2 Arroz chauffa

Quando um turista vai comprar churrasco em Tabatinga, possivelmente será perguntado: “vai querer arroz branco ou chauffa?”

Desse modo, já podemos perceber que a lexia chauffa é bem difundida entre os tabatinguenses.

Conforme os resultados obtidos, a lexia arroz chauffa obteve o registro de 26 (81.25%), arroz chino 4 (12.50%), registramos ainda 2 (6.26%) para respostas vazias

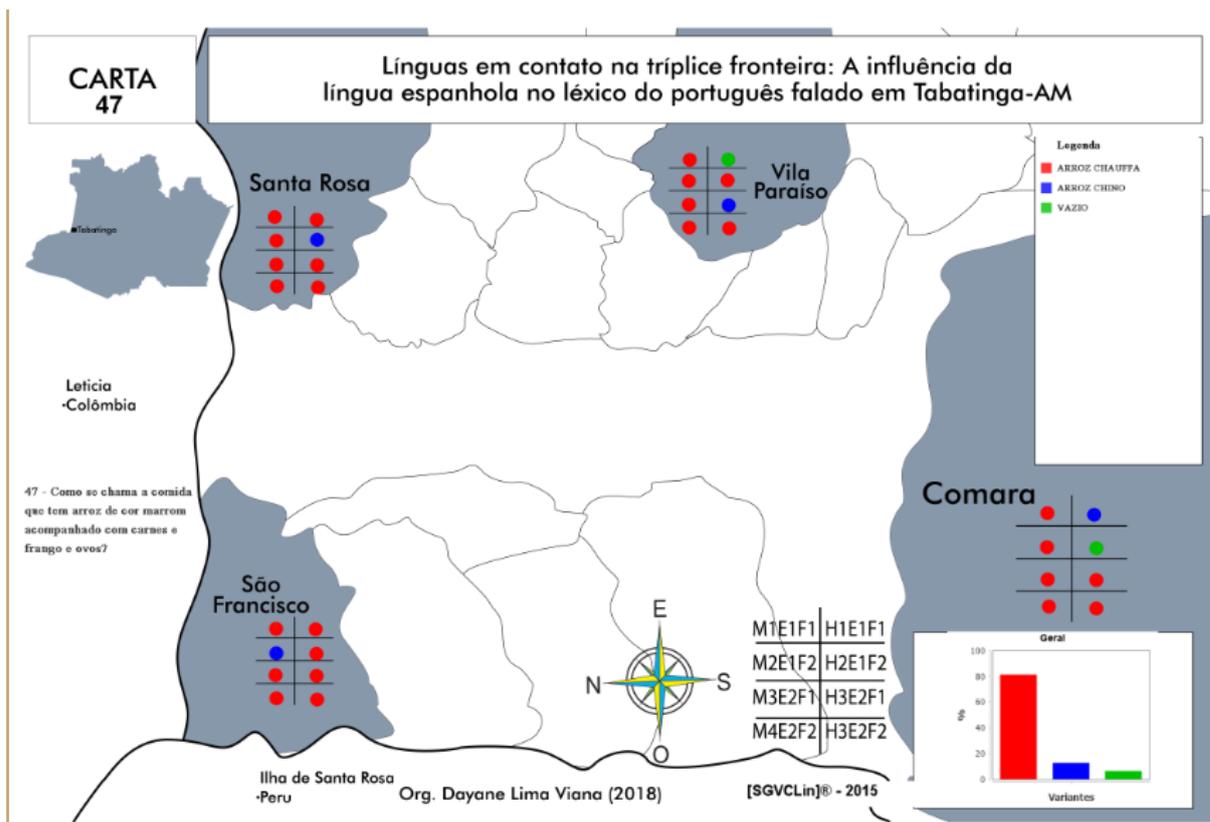
Analisando os fatores escolaridade e faixa etária temos os seguintes resultados: falantes do ensino médio são os que mais apropriam-se na lexia chauffa com 15 (93.75%), observamos apenas 1 incidência de arroz chino (6.25%).

No nível fundamental foram 11 (68.75%) registros para arroz chauffa, 3 (18.75%) arroz chico e 2 (12.50%) abstinências.

No tocante a análise por faixa etária, as duas gerações (18 a 35), e (36 a 65) apresentaram índice igual para a variante arroz chauffa com total de 13 (81.25%), 2 (12.50%) arroz chino e 1 (6.25%) abstinência para cada uma das faixas etária.

Outro fato que analisamos, foi o percurso diatópico da lexia hispânica *arroz chauffa*.

Nos pontos 1 e 2 (os mais próximos da fronteira), foi possível perceber o alto índice de ocorrência em ambos os pontos. Mesmo com uma menor ocorrência nos pontos 3 e 4, também não nos deixa dúvida, que embora com menor proporção a lexia *chauffa*, também foi a mais utilizada.



4.9.3 Patacão

Patacão e *patacón* foram as duas variantes encontradas para se referir a banana frita amassada em formato arredondada, semelhante a um crepe. Foram 28 incidências para *patacão* (87.50%) e 4 (12.50%) para *patacón*.

Devemos deixar claro, que ambos os termos são originários da língua espanhola. *Patacón* é a forma real do espanhol e *patacão* é a variante proveniente do processo que aportuguesamento.

Ao analisar as duas variantes de acordo com o grau e escolaridade, fica claro que a variação entre *patacão* e *patacón* é mais recorrente em pessoas do nível fundamental.

Os dados mostram que nessa escolaridade 13 (81.25%) dos informantes optaram pelo uso de *patacão* e 3 (18.75%) mantiveram a forma real *patacón*.

No ensino médio, 15 (93.75%) dos falantes preferiram o uso de *patacão* e apenas 1 conservaram a forma em espanhol *patacón* (6.25%).

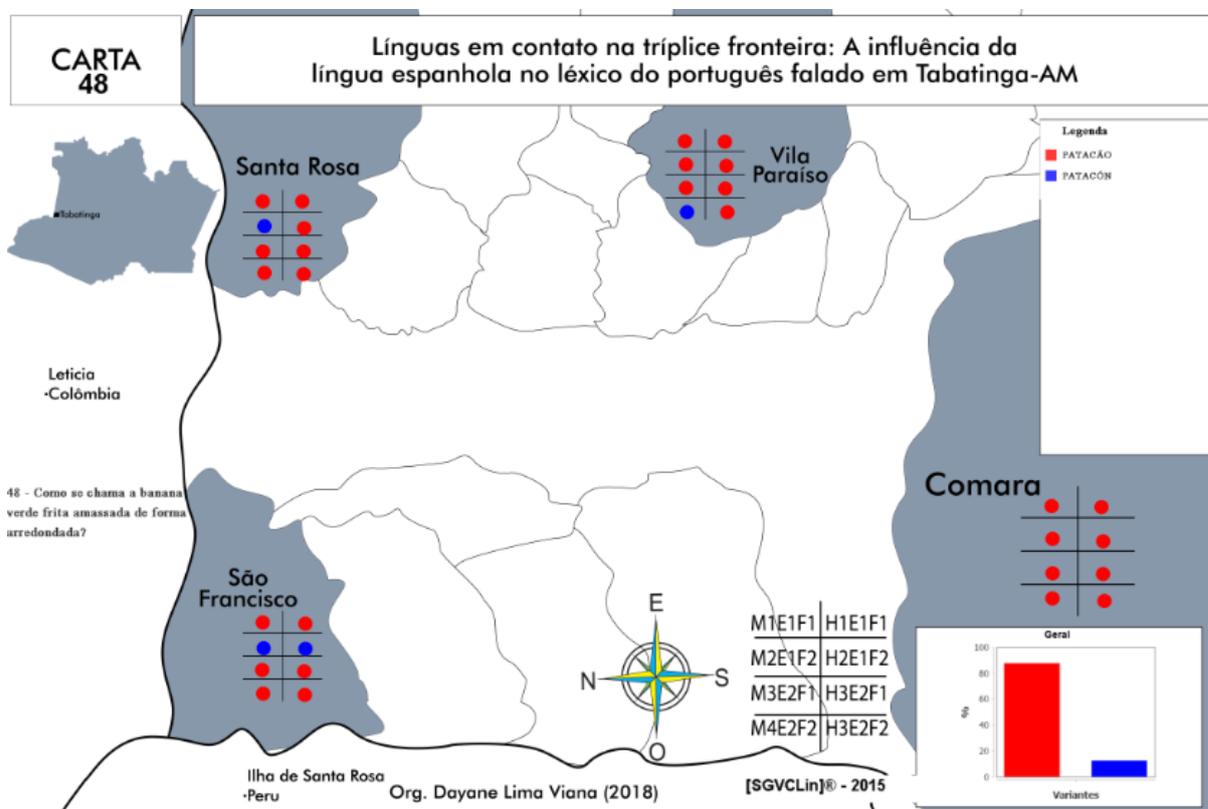
Na análise diageracional, verificamos que 100.00% dos informantes da faixa etária 1, preferiram o uso de *patacão*.

Observamos ainda que é na faixa etária 2, onde ocorre a arena da disputa entre as duas variantes, pois 12 (75.00%) utilizaram a variante patacão e 4 (25.00%) preferiram o uso da variante *patacón*.

Os dados também demonstram que a variante *patacón* é mais frequente em mulheres 3 (18.75%), contra apenas 1 (6.25%) observada em homens. 13 (81.25%) das mulheres privilegiaram a forma aportuguesada patacão, contra 15 (93.75%) dos homens.

Outro fato que ficou claro, foi a respeito do percurso diatópico das lexias, nos pontos pesquisados. Já se sabe de início que a lexia *patacão* foi a mais utilizada em todos os pontos.

Contudo, a carta nos mostra um dado interessante, pois a lexia *patacón*, só foi registrada nos pontos mais próximos da fronteira com Letícia, isto é, nos bairros São Francisco e Santa Rosa.



4.9.4 Michelada

Existem dois tipos de michelada, uma é alcoólica à base de cerveja, limão e sal, e outra é apenas suco de limão com frutas cítricas, normalmente consumida por crianças.

Conforme o carta semântico-lexical 49, a lexia hispânica *michelada* propaga-se em maior parte dos pontos.

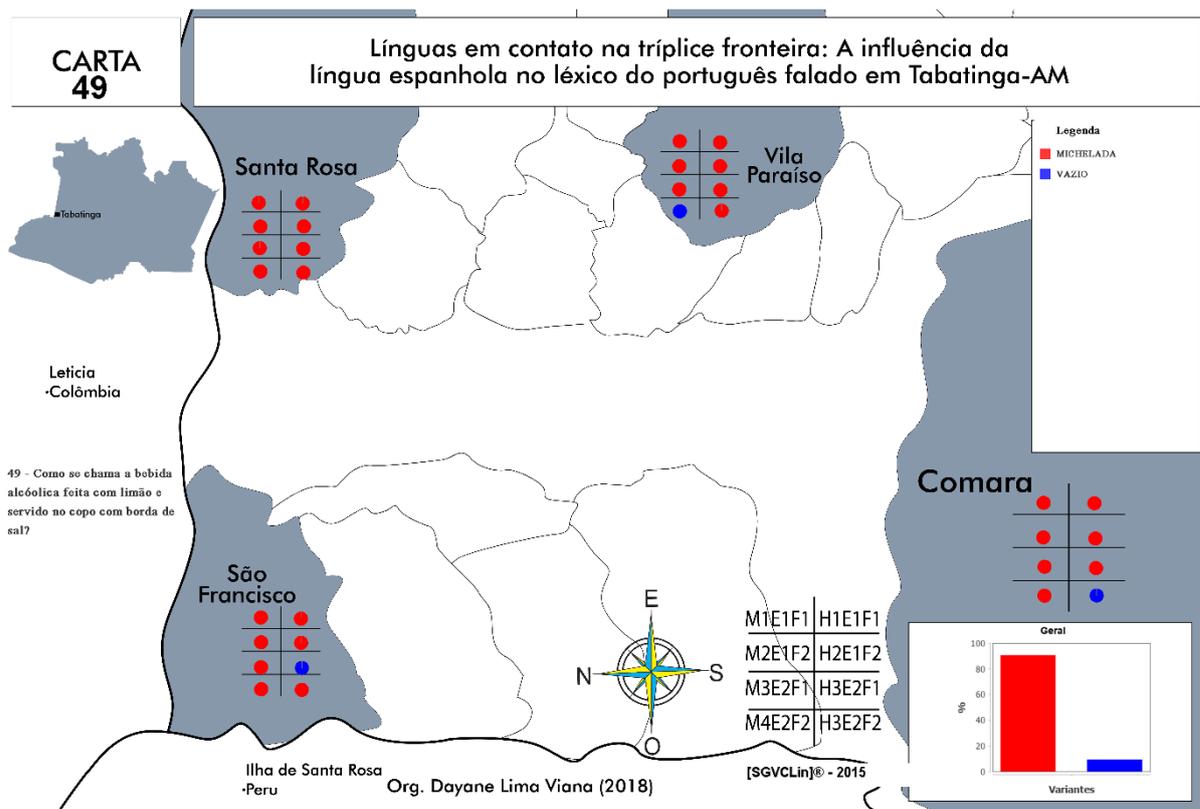
De acordo com os indicadores, foram registradas 29 (90.62%) para *michelada* e apenas 3 (38%) abstenções.

100.00% dos falantes do nível fundamental utilizaram a lexia *michelada*, no ensino médio foram 13 (81.25%) e 3 (18.75%) abstenções.

No tocante a produção da variante por idade, de acordo com a estatística a variante é mais vinculada entre os mais jovens, 15 (93.75%) e apenas 1 (6.25%) não soube responder a questão. Já na faixa etária mais velha, 14 pessoas (87.50%) optaram pela lexia *michelada* e 2 (12.50%) não souberam responder a questão.

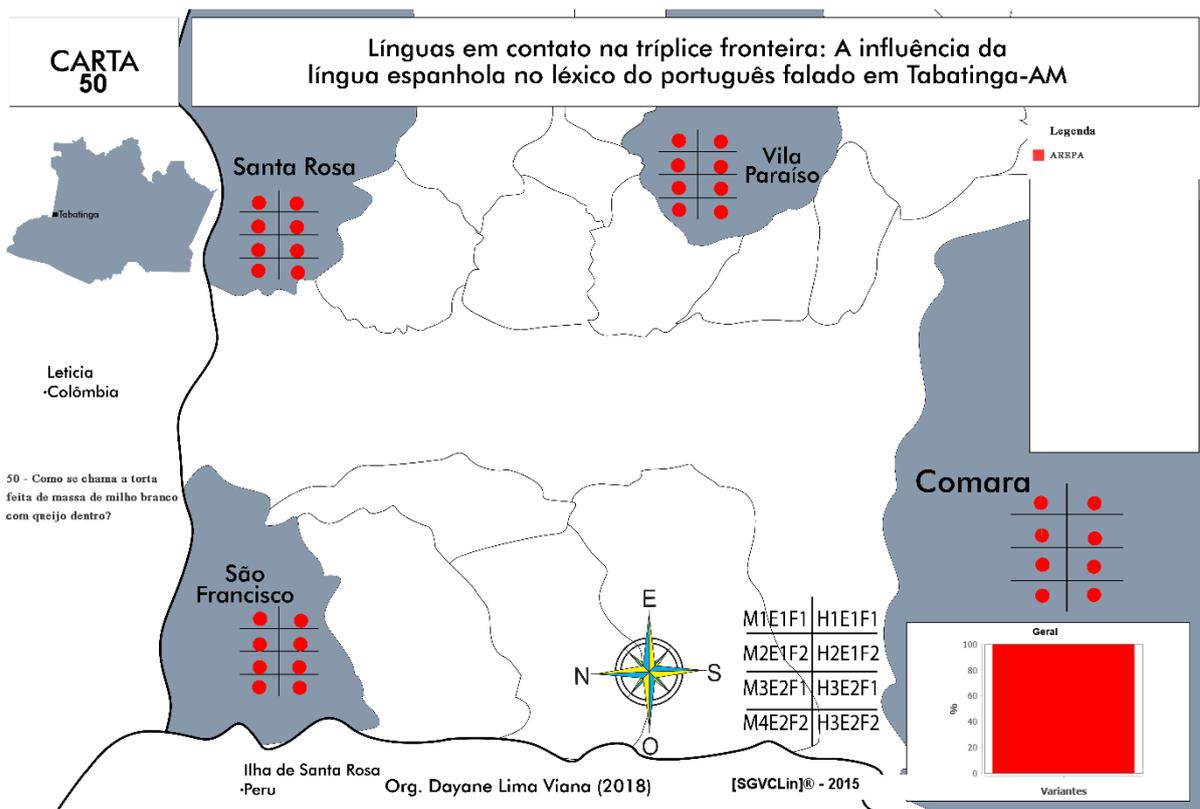
As mulheres obtiveram maior resultado com 15 (93.75%) ocorrências e apenas 1 (6.25%) abstenção. Nos homens foram, 14 (87.50%) para *michelada* e 2 (12.50%) abstenções.

Quando passamos a analisar os aspectos diatópicos, percebemos a existência de uma isoléxica, uma vez que, em todos em pontos a lexia *michelada* foi dominante e não foram registradas formas alternativas para o termo.



4.9.5 Arepa

Para designar a tortinha feita de milho branco e queijo, constatamos a frequência absoluta de 32 e relativa de 100%. A carta abaixo demonstra a dimensão que a lexia da língua espanhola se expandiu na cidade brasileira.



4.9.6 Tapioca

Tapioca e beiju foram as formas catalogas na carta 51, com percentual de 26 (81.25%), 6 (18.75%) respectivamente.

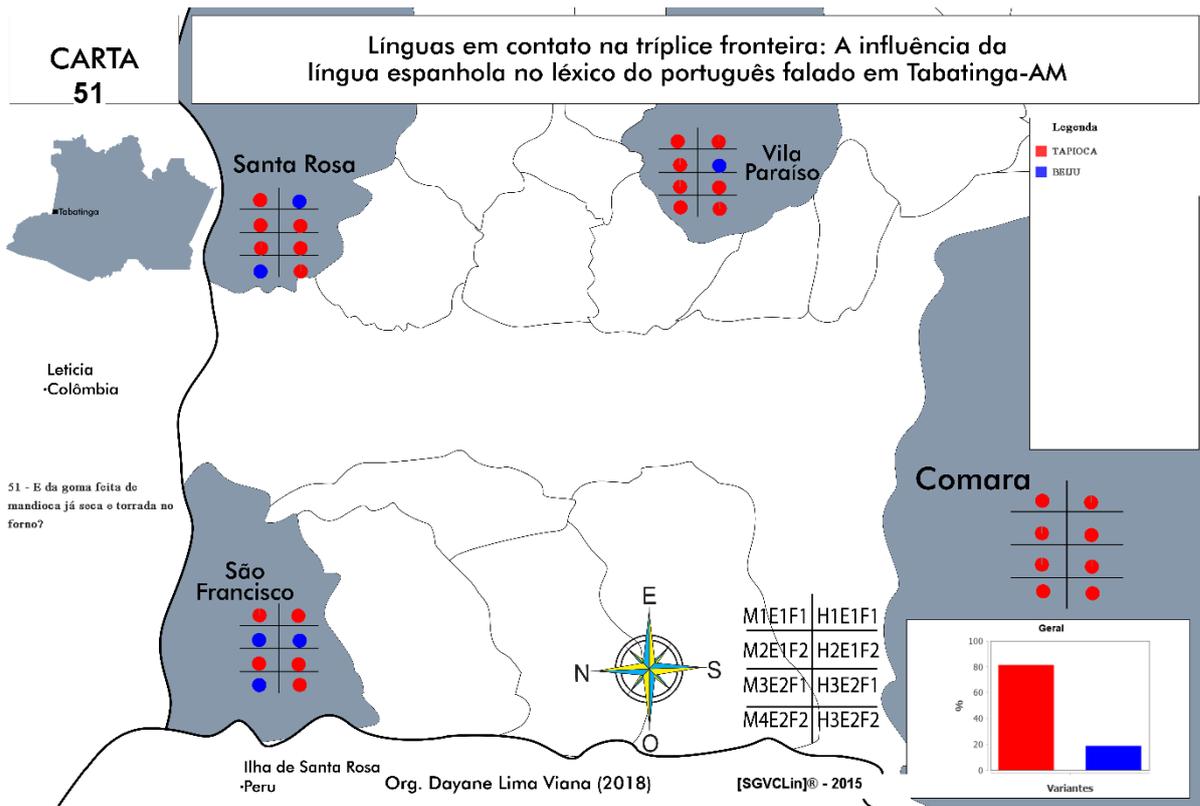
Observamos que em falantes de ensino fundamental, a lexia tapioca foi a mais utilizada com 12 (75.00%) comparado o vocábulo beiju 4 (25.00%).

No ensino médio, essa preferência é bem mais notada, com índice de 14 (87.50%) e apenas 2 (12.50%) para a lexia beiju.

A respeito da análise diageracional, observamos que na faixa etária mais jovem, a lexia tapioca foi mais produtiva 15 (93.75%), beiju ocorreu apenas 1 (6.25%).

Na faixa mais velha, registramos 11 (68.75%) de incidência para a lexia tapioca, notamos aqui um aumento da lexia beiju 3(18.75%).

Verificamos também que homens e mulheres obtiveram resultados iguais, isto é, a lexia tapioca somou 13 (81.25%) apenas 3 (18.75%) em ambos os sexos.



4.9.7 Ovos mexidos

Ao analisar a carta 52, podemos perceber 3 formas diferente para designar o mesmo referente, ovos mexidos, ovos mexidos com verduras e *perico* (lexia do espanhol).

O índice geral de ocorrência foram, 15 (46.88%) ovos mexidos, 10 (31.25%) ovos mexidos com verdura e 7 (21.88%) para a lexia *perico*.

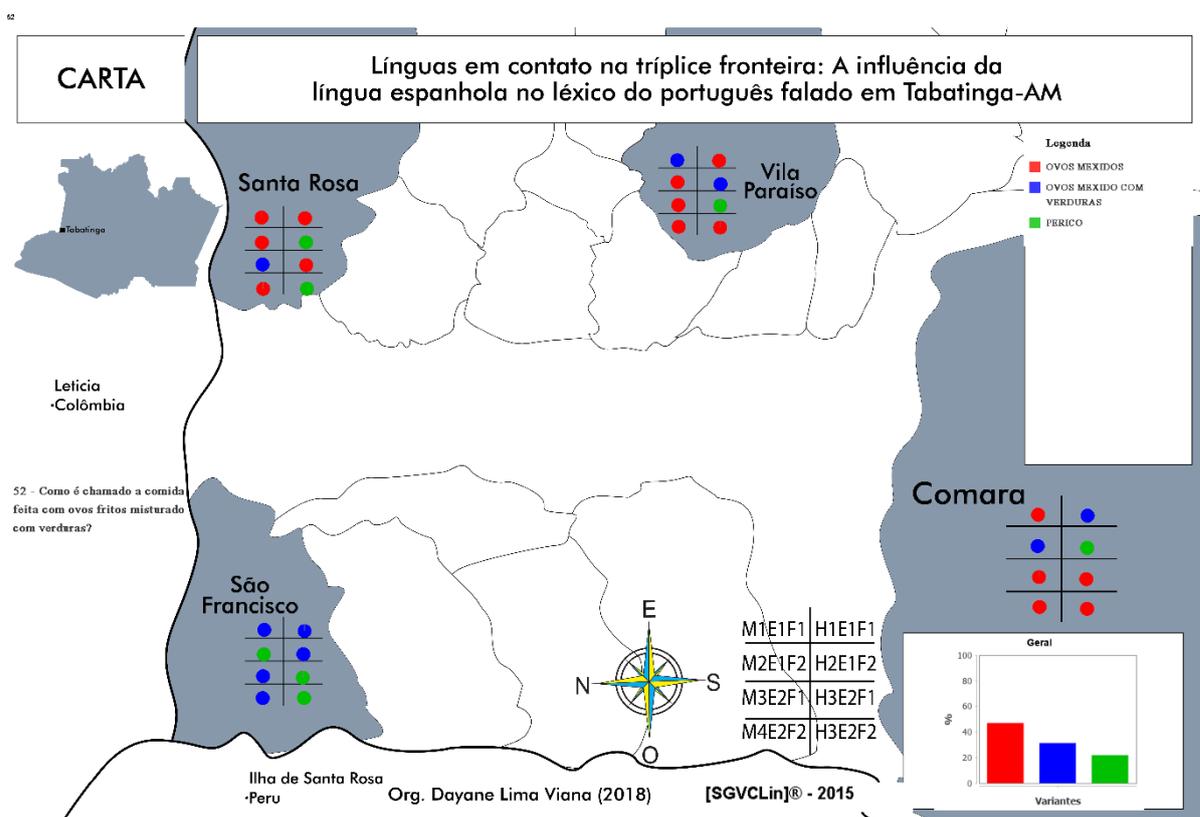
Concernente a análise por escolaridade, notamos que falantes de nível fundamental apontaram preferência pela forma ovos mexidos com verdura com 7 (43.75%), seguido de 6 (37.50%) para ovos mexidos, e 3 (18.75%) dos informantes utilizam a variante hispânica *perico*.

Em falantes do ensino médio, ovos mexidos foi o mais preponderante com 9 (56.25%), o segundo mais utilizado pela esc.2 foi a lexia *perico* com 4 (25.00%), ovos mexido com verdura obteve 3 (18.75%).

Ao analisar as ocorrências pela variável faixa etária, é possível perceber que mais uma vez a variante hispânica é mais produtiva em informantes mais velhos com 5 (31.25%) comparado a 2 (12.50%) dos mais jovens.

As outras variantes ficaram assim contabilizadas na faixa etária 1, 8 (50.00%) ovos mexidos, 6 (37.50%) ovos mexidos com verduras. Na faixa 2 foram, 7 (43.75%) para ovos mexido e 4 (25.00%) ovos mexidos com verduras

Pudemos observar também, que embora a *lexia perico*, tenha sido registrada com menor proporção, comparando as demais formas. Observamos que ela foi mais recorrente nos bairros, São Francisco e Santa Rosa, com 5 ocorrências, contra apenas 2 nos bairros Vila Paraíso de Comara.



4.9.8 Salchipapa

É um prato típico da tríplice fronteira. *Salsicha com batata e Salchipapa*, são variantes de um mesmo referente.

Em Tabatinga, o prato é comercializado com salsicha, batatas fritas e salada. Em Letícia, a *salchipapa* geralmente é feita com salsichas costeñas ou chorizos próprios da colômbia.

Em geral, as variantes apresentaram-se com os seguintes percentuais, 16 (50.00%) salsicha com batata, 10 (31.25%) para a forma em espanhol salchipapa, e 6 (18.75%) não souberam responder.

É possível observar que em ambas faixas etárias observamos a prevalência da variante salsicha com batata, 7 (43.75%) no nível fundamental e 9 (56.25%) no nível médio.

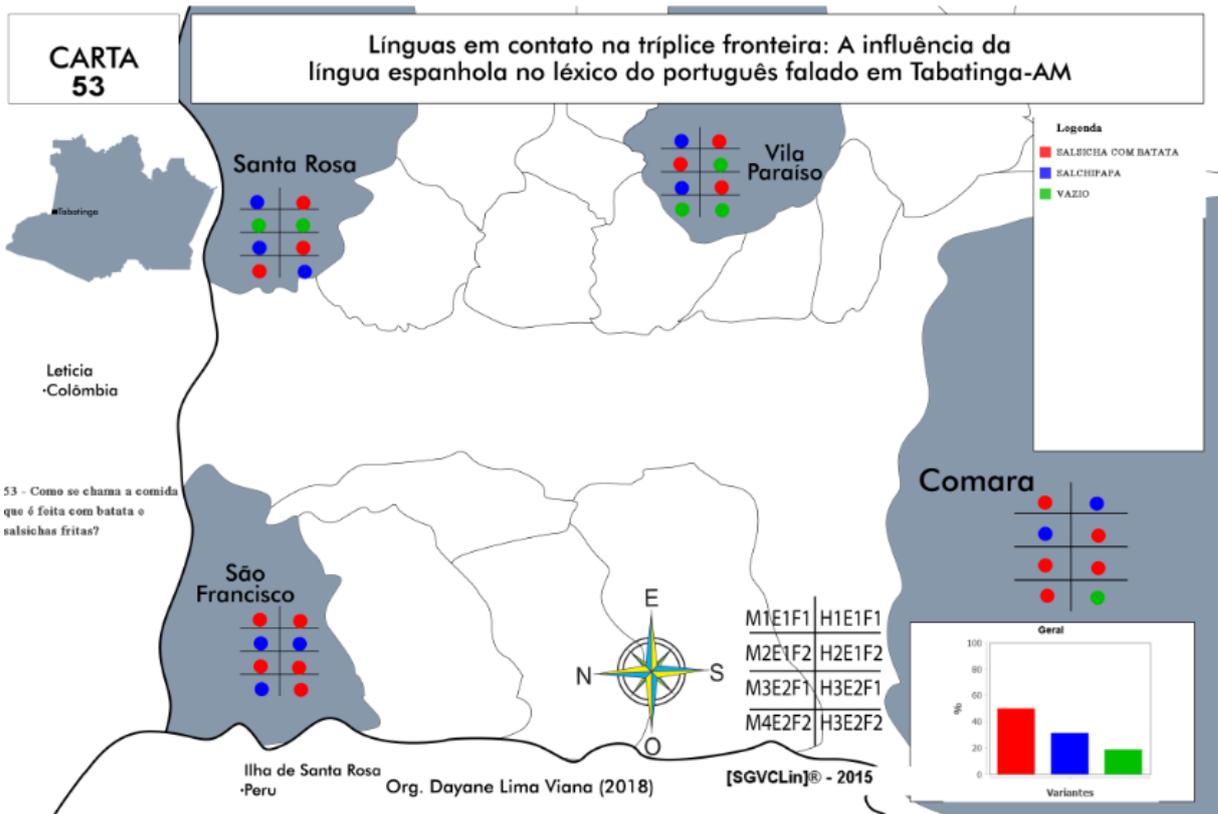
Com relação a variante *salchipapa*, registramos maior produtividade em falantes de nível fundamental com 6 (37.50%) contra 4 (25.00%) do ensino médio. Demonstrando que a lexia é mais difundida em falantes de nível fundamental.

No aspecto idade, as ocorrências demonstram ambas as faixas etárias a lexia em espanhol *salchipapa* obteve o mesmo índice de ocorrência 5 (31.25%).

A variante *salsicha com batata* obteve 11 (68.25%) ocorrência na faixa etária 1 e 5 (31.25%) na faixa etária 2, também registramos 6 informantes que não souberam responder a questão.

Os indicadores também demonstram, que o sexo feminino é mais receptivo as variantes do país vizinhos, 7 (43.75%) contra 3 (18.75%) em informantes do sexo masculino.

No aspecto diatópico, também avaliamos que, conquanto tenha sido com pouca proporção, a lexia *salchipapa* se fez presente em todos os pontos. Nos bairros, Santa Rosa e São Francisco, foram 3 ocorrências para cada bairro, no Vila Paraíso e Comara foram 2 ocorrências respectivamente.



4.9.9 Tacate

O tacate é uma espécie de farofa de banana verde cozida, normalmente consumida no café da manhã.

Conforme observamos na carta 56, duas variantes foram encontradas, *tacate* e *tacacho*.

No cômputo geral, o vocábulo *tacate* obteve 28 (87.50%) de ocorrências e *tacacho* 4 (12.50%). Antes de explorarmos os fatores extralinguísticos, consideramos importante explicar a respeito das duas variantes.

Em primeiro lugar, temos que ressaltar que a lexia *tacate* é resultado da derivação do vocábulo *tacacho*, lexia oriunda da língua espanhola.

Para explicar esta hipótese, devemos nos lançar sobre os aspectos diacrônicos. Isso nos conduz a pensar que em determinados momento histórico, falantes da fronteira brasileira apropriaram-se da lexia *tacacho* em sua forma real, entretanto, de acordo com o tempo sujeitaram a lexia às regras fonológicas e morfológicas do português, trazendo então o surgimento da lexia *tacate*. Observamos que informantes de nível fundamental, a lexia *tacate* foi a mais utilizada com 15 (93.75%) contra 1 (6.25%) de incidência para *tacacho*. Em falantes de ensino médio, foi de 13 (81.25%) para *tacate* e 3 (18.75%) para *tacacho*.

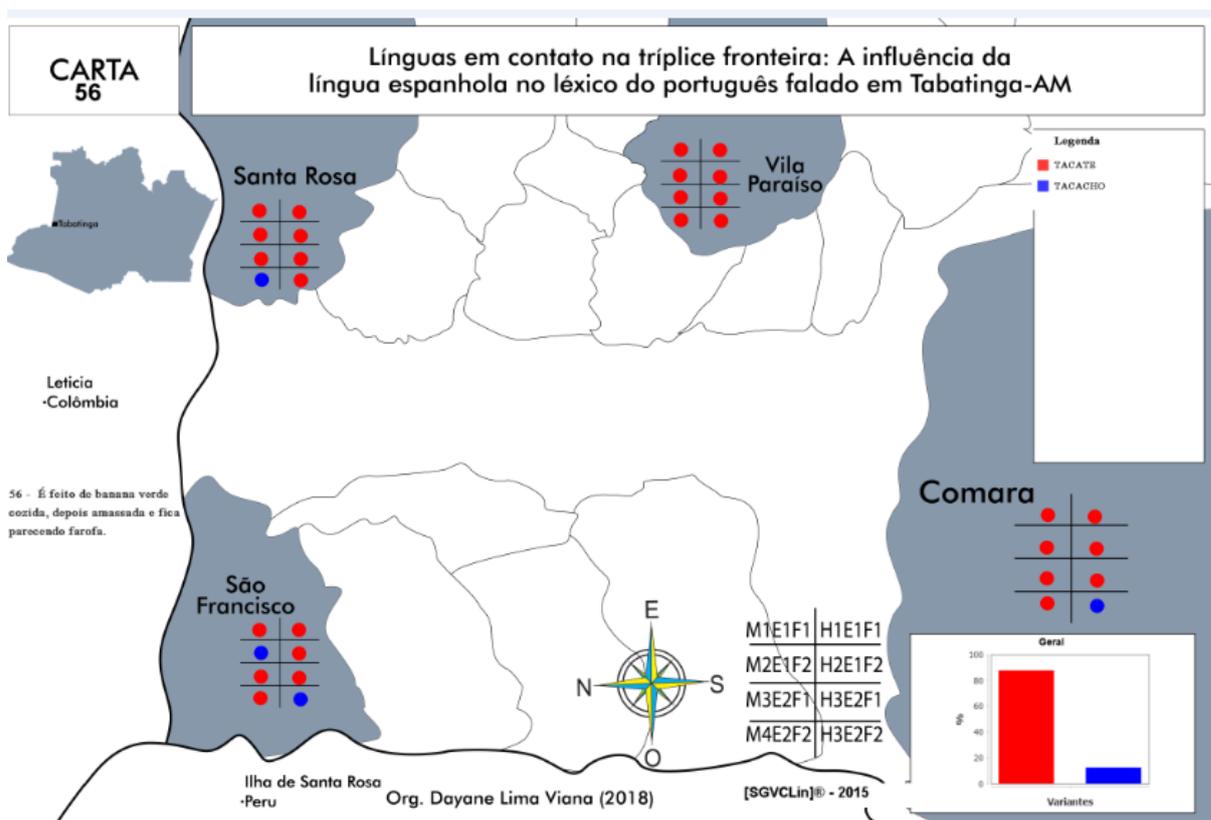
Com relação a idade, os mais jovens, em sua totalidade aderem a variante *tacate* com índice de (100.00%).

Na faixa etária 2, por seu turno, foi onde verificamos a arena da variação entre as lexias, 12 (75.00%) para *tacate* e 4 (25.00%) para *tacacho*, demonstrando que a concorrência entre ambas as lexias é exclusividade da geração mais velha.

No que tange ao gênero, de acordo com os indicadores homens e mulheres obtiveram resultados iguais com 14 (87.50%) ocorrência para *tacate* e 2 (12.50%) para *tacacho*.

Outro fato que ficou claro, foi o percurso diatópico das lexias. Já se sabe de início, que a lexia *tacate*, foi a mais utilizada em todos os pontos.

Contudo, a carta nos mostra que a lexia *tacacho*, obteve mais registros nos pontos mais próximos da fronteira com Letícia, isto é, nos bairros São Francisco e Santa Rosa, 3 no total, contra apenas 1



4.10 Lechuga

Na carta 57, registramos o uso de 3 variantes, para designar a espécie de hortaliça usualmente utilizado em sopas e saladas.

No cômputo geral obtivemos os seguintes resultados: *lechuga* com 19 (59.38%), 9 (28.12%) *alface* e 4 (12.50%) para *alface americano*.

Nos dois níveis de escolaridades (fundamental e médio) verificamos a maior utilização da lexia *lechuga* 10 (62.50%) no ensino fundamental e 9 (56.25%) no ensino médio.

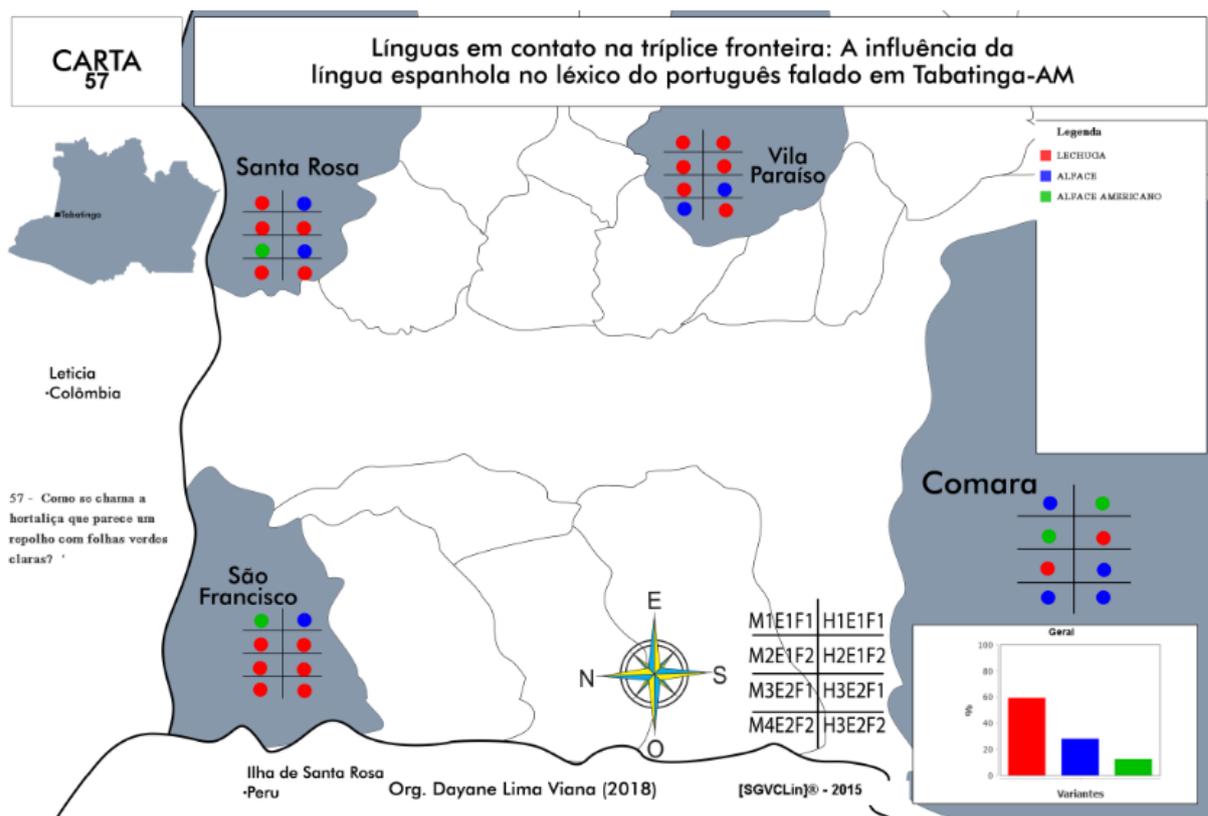
Na Esc. 1 a variante *alface* e *alface americano* obtiveram um índice igual no percentual de ambas lexias 3 (18.75%) incidência para cada variante. Em falantes da Esc. 2 o vocábulo *alface* contou com 6 (37.50%) de ocorrência e apenas 1 (6.25%) preferiu a forma *alface americano*.

Observamos ainda, que a variante *lechuga* foi a mais utilizada nas duas faixas etária. Na faixa etária 1, foram 7 (43.75%), na faixa 2, foram 12 (75.00%). Isto é, percebemos um acentuado uso em falantes mais velhos.

Ficou comprovado também, que a lexia hispânica *lechuga* obteve produtividade parecida entre os gêneros, 10 (62.50%) entre as mulheres contra 9 (56.25%) nos homens.

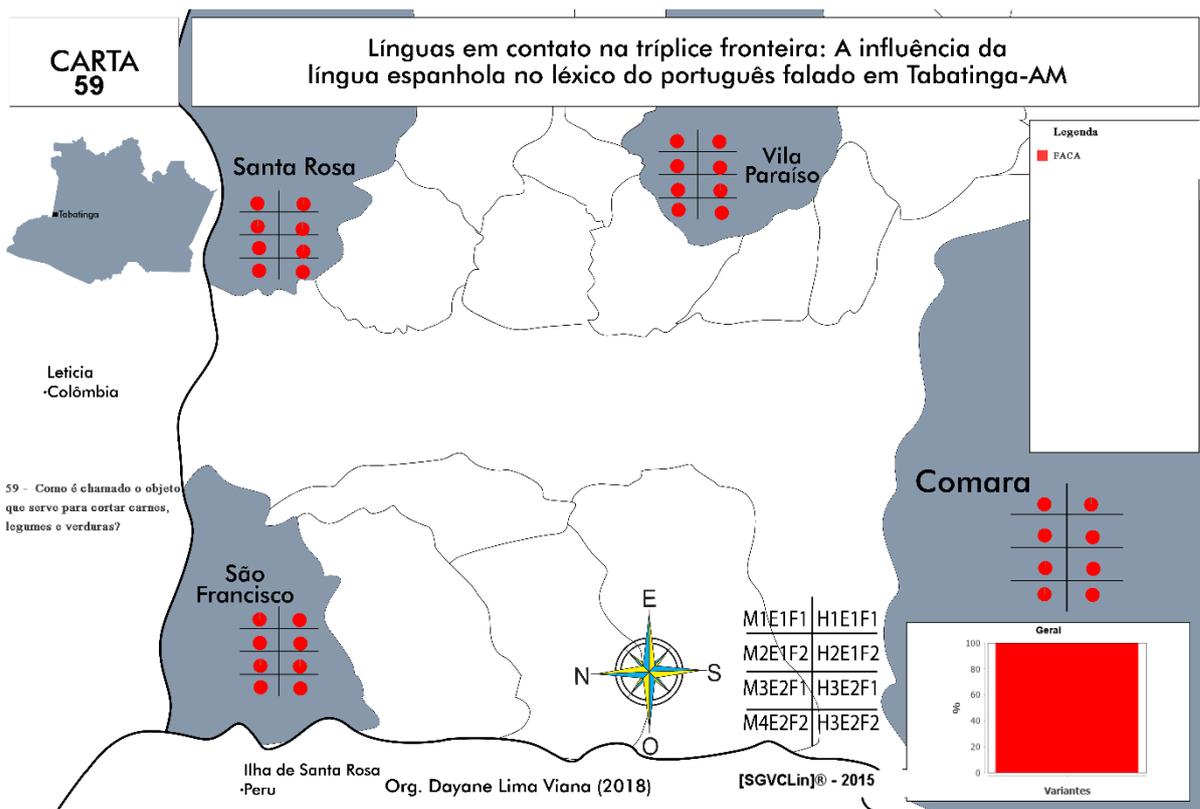
Nas mulheres, tanto os termos *alface* quanto *alface americano* pontuaram 3 (18.75%). No sexo masculino, foram contabilizados 6 (37.50%) para *alface* e apenas 1 (6.25%) para *alface americano*.

Analizamos também que a lexia *lechuga*, foi dominante nos bairros São Francisco, Santa Rosa e Vila Paraíso, percebemos o posto no bairro Comara, pois com apenas 2 ocorrência foi o que obteve menos incidência da lexia estrangeira.



4.11 Faca

Na questão 59 verificamos que a lexia *faca* é a única forma utilizada na comunidade de Tabatinga. Com a frequência absoluta de 32 e frequência relativa de 100%.



4.12 Aço

Em conformidade com a carta 60, duas variantes foram registradas para se referir ao metal utilizado na confecção de joias.

A variante aço, foi a mais utilizada com índice de 24 (70.00%) a segunda foi *acero* (lexia da língua espanhola) com 8 (25.00%).

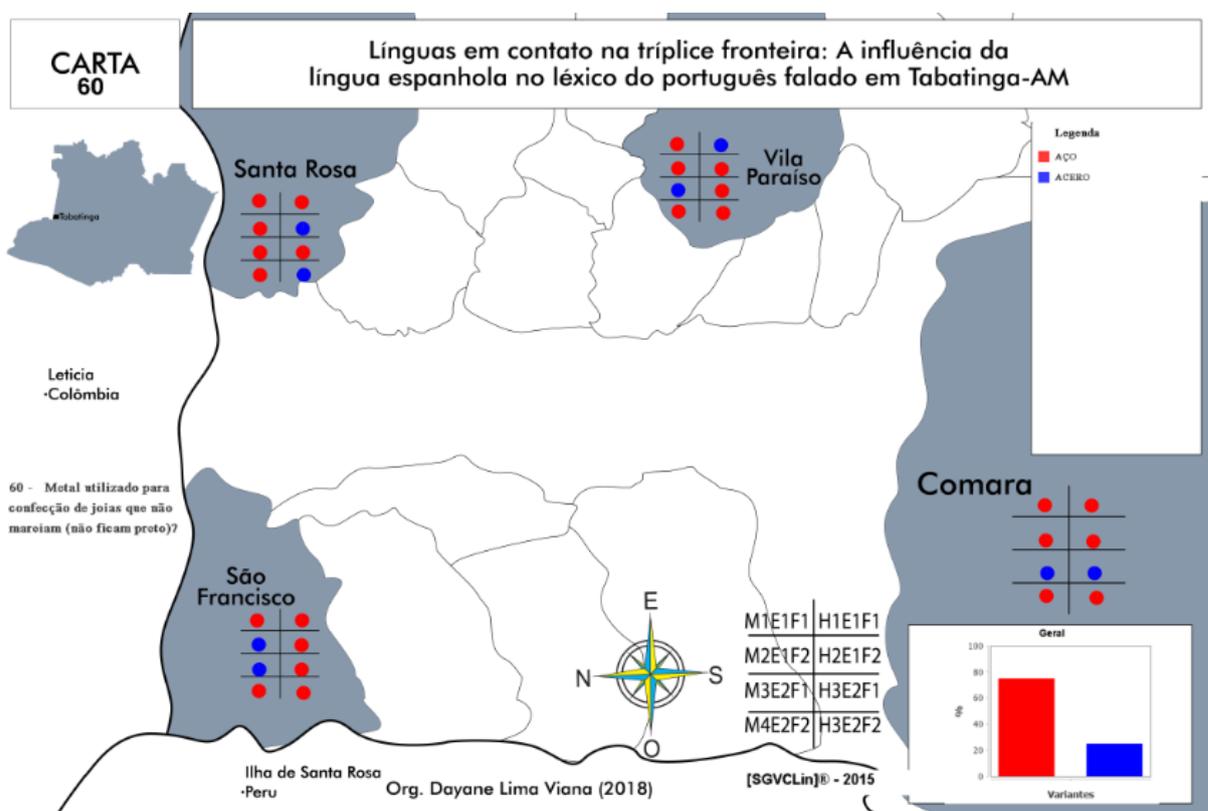
Em falantes do nível fundamental, o vocábulo aço obteve 13 (81.25%) de ocorrências contra 11 (68.75%) de incidências no nível médio.

A variante acero, foi registrada 3 (18.75%) em falantes de ensino fundamental e 5 (31.25%) do ensino médio.

Analisando as faixas etária, ocorreu um fato curioso, pois percebemos que a lexia *acero* foi mais produtiva nos mais jovens (Faixa 1) com 5 (31.25%) contra 3 (18.74%) na faixa etária 2. (Contrariando os índices até então, que sempre atestaram a maior ocorrência de variantes hispânica entre mais velhos).

No estudo, também ficou claro que com relação a variável gênero as variantes *aço* e *acero*, pontuaram os mesmos percentuais, 12 (75.00%) *aço* e 4 (25.00%) *acero* tanto para homens quanto para as mulheres.

Outro dado que observamos, foram as ocorrências linguísticas no espaço diatópico. Logo, percebemos que a lexia *acero*, obteve o mesmo índice de proporção em todos os pontos, mais precisamente 2 registros em cada bairro estudado.



4.13 Água sanitária

De modo geral, registramos o uso de duas lexias, *água sanitária* 21 (65.62%) e *decol* (variante do espanhol) com 11 (34.38%).

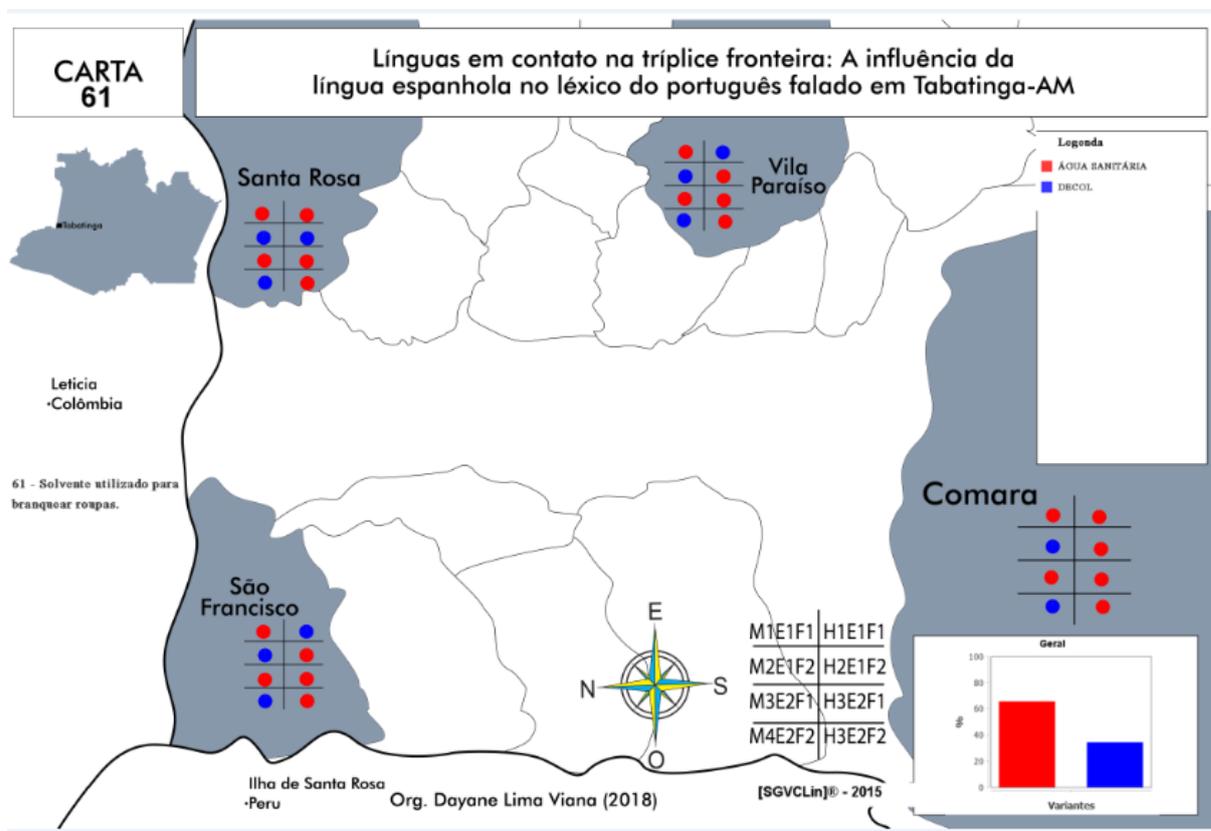
Foram 9 (56.25%) ocorrências de *água sanitária* no ensino fundamental contra 7 (47.75%) do ensino médio. Na escolaridade 1, o termo *decol* obteve o cômputo de 7 (43.75%) e 4 (25.00%) escolaridade 2. Dessa forma, os resultados demonstram que a lexia hispânica é mais recorrente em falantes de ensino fundamental.

No que tange a ocorrência por faixa etária, na faixa etária 1 observamos a preferência pela lexia *água sanitária* com 14 (87.50%) seguida de 2 (12.50%) para *decol*.

Em contrapartida, ocorre o contrário na faixa etária 2, pois analisamos que a variante *decol* teve maior preferência com índice de 9 (56.25%) seguida 7 (43.75%) para *água sanitária*.

Constatamos também que um alto índice de concorrência entre as variantes em informantes do sexo feminino, uma vez que, 8 (50.00%) mulheres preferem o uso de *água sanitária* e o mesmo percentual elegem a *variante decol*. Já no sexo masculino verificamos que 13 (81.25%) preferem o uso de *água sanitária* e 3 (18.75%) optaram por *decol*.

Ao analisar as ocorrências pela ótica diatópica, verificamos que em cada bairro, São Francisco, Santa Rosa e Vila Paraíso, registramos 3 ocorrências para a lexia *decol*. Fizemos ainda o registro de 2 ocorrências no bairro Comara.



4.14 Bar

Na questão 63, os informantes foram perguntados a respeito do lugar onde se costuma ir dançar.

Tivemos os seguintes registros. *Bar* 15 (46.88%), *discoteka* 7 (21.88%), *boate* 7 (21.88%), *danceteria* 2 (6.25) e *casa noturno* (1 (3.125)

Ao avaliarmos as ocorrências por escolaridade, ficou claro que, a lexia *boate* e *bar* são mais incidente em falantes de nível fundamental com 6 (31.25%) para ambas variantes. Ainda nessa escolaridade aparecem, *discoteka* com 3 (18.75%), *danceteria* com 2 (12.50%) e *casa noturna* com 1 (6.25%).

Na escolaridade 2, o termo *bar* foi o mais utilizado com 10 (62.50%), seguido de *discoteka* 4 (25.00%) e *boate* com 2 (12.50%).

Os índices apresentados na faixa etária 1 foram, *bar* 9 (56.25%), *boate* 6 (37.50%) *casa noturna* 1 (6.25%).

Na faixa etária 2, observamos os seguintes resultados: *discoteka* 7 (43.75%), *bar* 6 (37.50%), *danceteria* 2 (12.50%) e *boate* (6.25%)

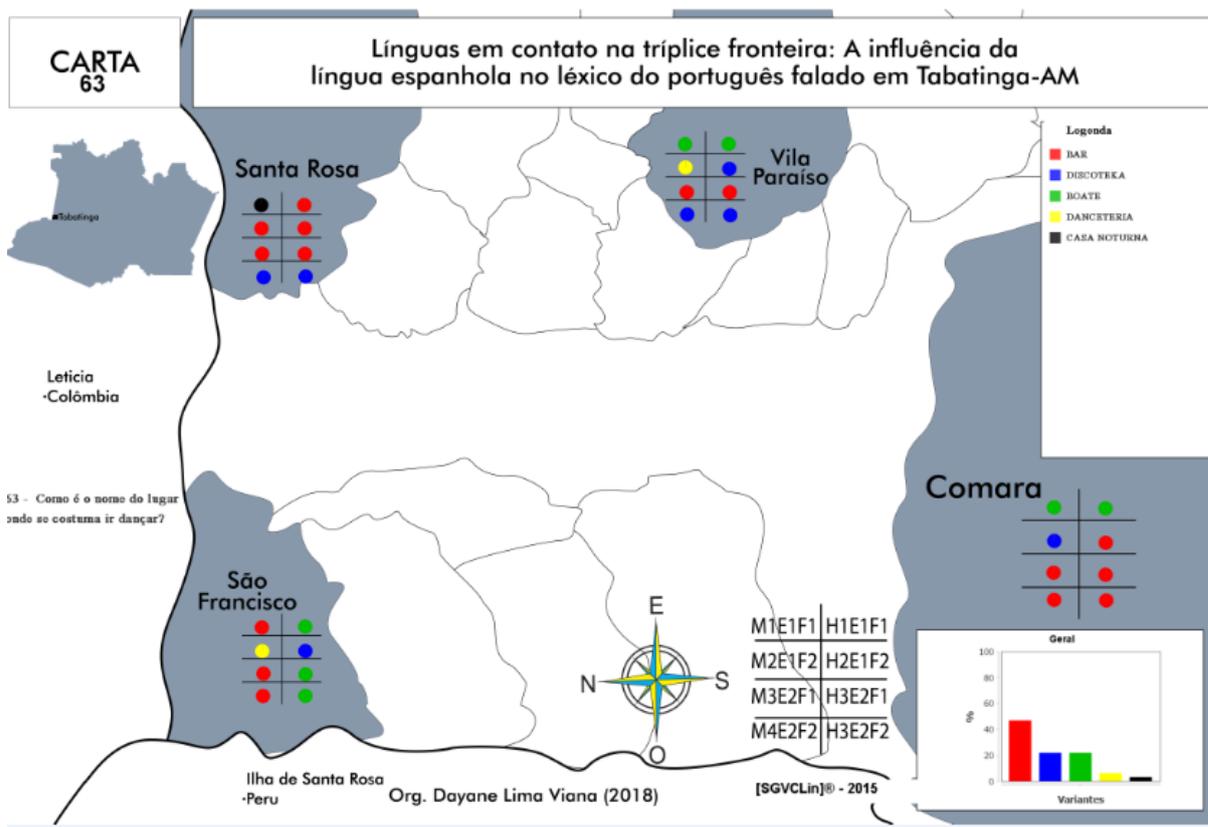
Analizamos também que o gênero feminino tem preferência pela variante *bar* com 8 (50.00%), seguido de *discoteka* 3 (18.75%), *boate* 2 (12.50%), *danceteria* com 2 (12.50%) e *casa noturna* obteve apenas 1 (6.25%) ocorrência.

A produtividade das lexias no gênero masculino foram, *bar* 7 (43.75%), *boate* 5 (31.25%), *discoteka* 4 (25.00%).

Conforme o exposto, podemos afirmar que a ocorrência da lexia hispânica *danceteria*, foi observada apenas em falantes da escolaridade 1 (nível fundamental), da faixa etária 2 (mais velhos) e de acordo com os dados apresentados é utilizado exclusivamente por mulheres.

Outra observação que fizemos foi a ocorrência da lexia *danceteria* apenas nos pontos 2 e 3, isto é, São Francisco e Vila Paraíso.

Mesmo com o baixo índice, de 1 ocorrência em cada bairro, percebemos que os dois registros foram produzidos por falantes de disposições espaciais distintas.



4.15 Caneta

Na carta 64, nossa análise volta-se para duas variantes, caneta e lapiseira.

Em termo geral, caneta obteve 27 (84.38%) de ocorrência contra 5 (15.62%) para a variante estrangeira *lapiseira* que deriva-se do vocábulo em espanhol *lapisero*.

No Brasil, caneta e lapiseira são referentes distintos. A caneta é o instrumento de escrever podendo apresentar-se de várias cores, enquanto lapiseira tem o mesmo formato e a mesma utilidade, no entanto, ao invés de tinta, se utiliza o grafites.

Contudo, o que atestamos na pesquisa, foi que ambos os termos possuem significados semanticamente equivalentes. Desse modo, caneta e lapiseira são designativos que reportam um único referente.

Tanto na escolaridade 1, quanto na escolaridade 2, forma observados a presença das duas variantes. No ensino fundamental foram computados 13 (81.25%) de ocorrências para caneta, e 3 (18.75%) para lapiseira. Na escolaridade 2, 14 (87.50%) para caneta e 2 (12.59%) para lapiseira.

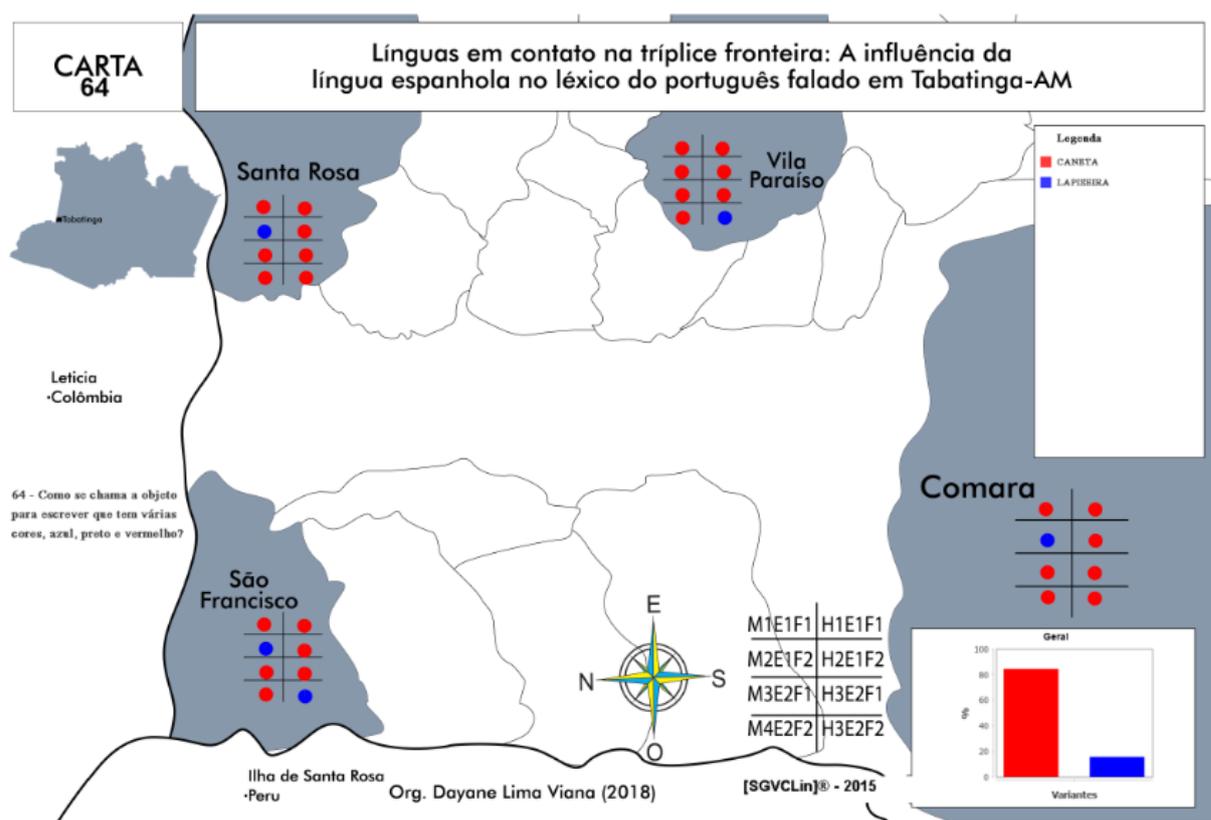
Na faixa etária 1 foram computados (100.00%) de ocorrências para caneta, o diferencial foi a variação existente entre falantes mais velhos ao se reportar sobre o termo. Foram 11 (68.75%) para caneta e 5 (31.25%) para lapiseira.

No que tange a análise por gênero, atestamos que homens e mulheres tem possuem índices comparativos quase emparelhados. O vocábulo caneta obteve 13 (81.25%) em mulheres, seguido de 3 (18.75%) para lapiseira.

No gênero masculino, a preferência pelo termo caneta é de 14 (87.50%) e 2 (12.50%) para lapiseira.

Apesar do baixo índice de lapiseira, é importante enfatizar que, mesmo que com pouca incidência comparado ao alto produtividade da variante caneta, o estudo demonstrou que a lexia lapiseira está presente no cotidiano de alguns falantes da cidade de Tabatinga.

Assim, observamos que a lexia *caneta* é incontestavelmente predominante no espaço diatópico, mas, não devemos desconsiderar os 3 registros da lexia *lapiseira* nos bairros São Francisco e Santa Rosa e os 2 nos bairros Vila Paraíso e Comara.



4.16 Floricultura

Como é possível perceber na carta semântico-lexical 65, para se referir ao lugar onde pode comprar flores, foram registradas 2 variantes, 22 (68.75%) para floricultura, 3 (9.38%) para a variante *floristeria* e 7 (21.88%) abstenções.

Antes de entrarmos na análise extralinguística, julgamos necessário dedicar algumas linhas para explicar a respeito da lexia *floristeria*.

A terminologia *eria* compõe a formação de diversas palavras da língua espanhola, dessa forma, as lexias: *panaderia*, *danceteria*, *heladeria*, *fruteria*, são palavras que demonstram a sistematização morfológica do espanhol a partir do sufixo *eria*.

Durante nossa pesquisa, observamos que, mesmo com pouca ocorrência a lexia *floristeria* se fez presente nos dois níveis de escolaridades.

No esc. 1 observamos a prevalência da variante *floricultura* com 10 (62.50%), 2 (12.50%) para *floristeria* e 4 (25.00%) abstenções.

Em falantes da esc. 2, também focou claro, a preferência pela lexia floricultura com 12 (75.00%), registramos 1 incidência para a variante *floristeria* e 3 (18.75%) abstenções.

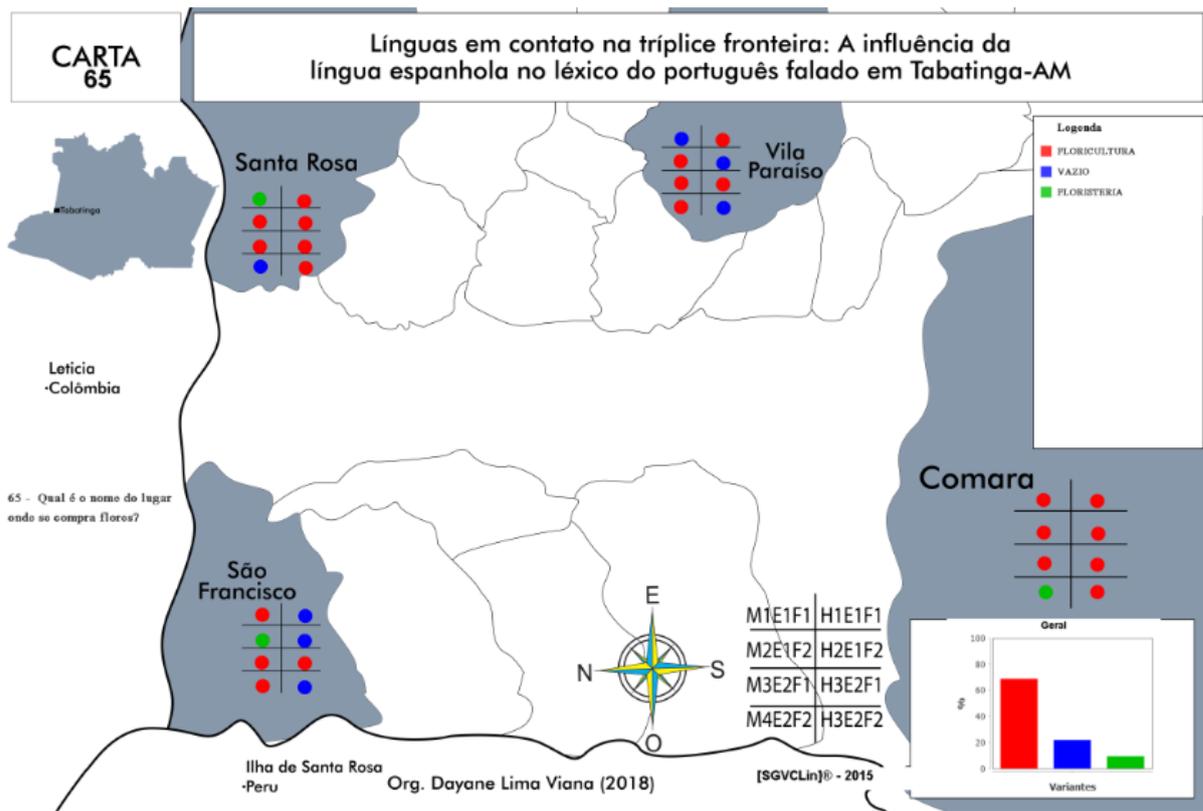
No faixa 1, a lexia *floricultura* obteve 13 (81.25%), 1 (6.25%) para *floristeria* e 2 (12.50%) abstenções.

Enquanto na faixa 2, foram 9 (56.25%) *floricultura*, 2 (12.50) para a lexia *floristeria* e 5 (31.25%) abstenções.

Verificamos que a lexia *floristeria*, foi produzida exclusivamente por mulheres 3 (18.75%), seguida de 11 (68.75%) para *floricultura* e 2 (12.50%) abstenções.

No sexo masculino, a variante *floricultura* obteve 11 (68.75%) e 5 (31.25%) abstenções.

Observamos também que a lexia floristeria ocorreu apenas nos bairros São Francisco, Santa Rosa e Comara, 1 ocorrência em cada ponto.



4.17 Absorvente

Na carta 66, nossa análise volta-se para as lexias, *absorvente*, *serena* (lexia estrangeira) e *módis*.

No cômputo geral, as variantes obtiveram os seguintes percentuais: *absorvente* 20 (62.50%), *serena* 6 (18.75%), *módis* 5 (15.62%) e 1 (3.12%) abstenções.

Concernente a análise por escolaridade, no ensino fundamental e médio a variante *absorvente* teve maior incidências, com 9 (56.25%) e 11 (68.75%) respectivamente.

Na esc. 1 o segundo termo com maior produtividade foi *serena* com 4 (25.00%) ocorrências, seguida da forma *módis* 3 (18.75%).

O segundo vocábulo com maior incidência na esc. 2 foi a variante *módis* 2 (12.50%), seguido de *serena* 2 (12.50%) e 1 (6.25%) abstenções.

Ao analisarmos a variável faixa etária, percebemos que a variação entre os mais jovens se faz apenas por duas variantes, *absorvente* 14 (87.50%) e *serena* 2 (12.50%).

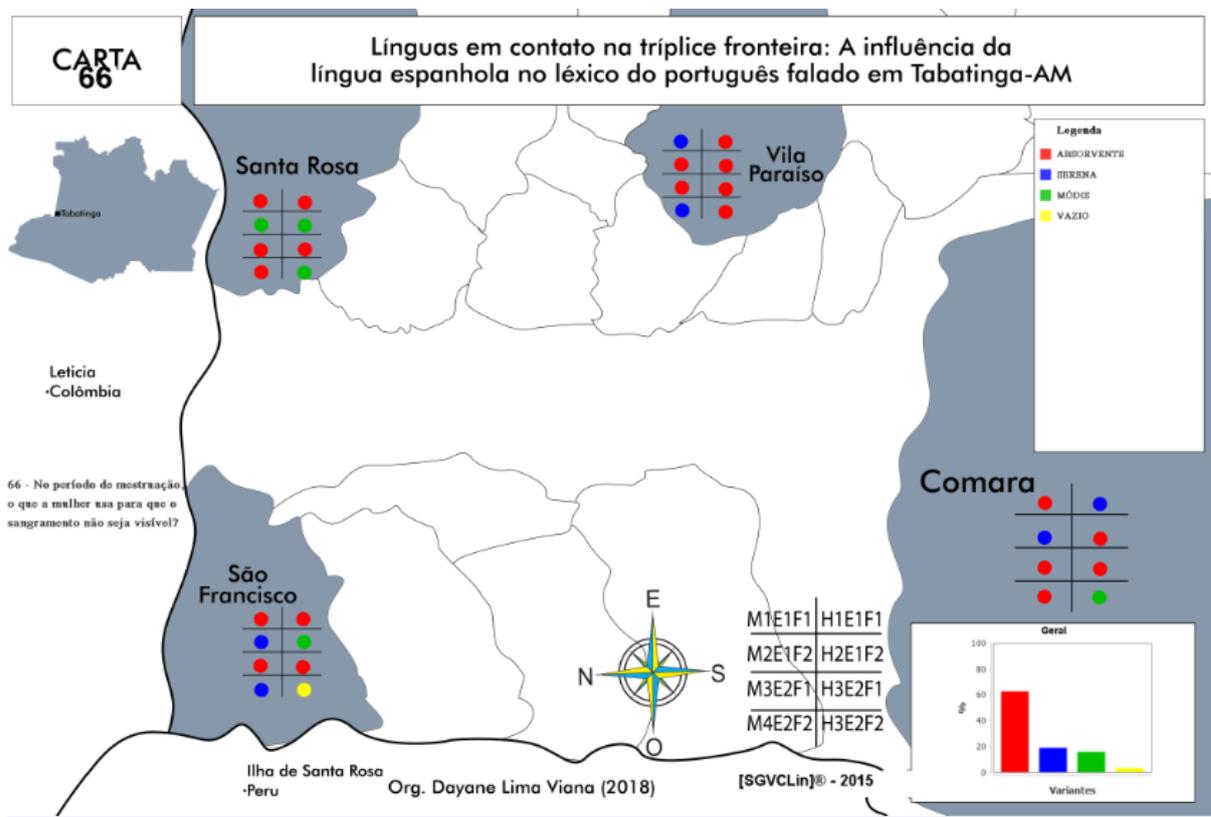
Já na faixa mais velha, foi onde percebemos a existência do campo de disputa entre as lexias, pois os dados demonstram que a forma absorvente obteve o cômputo de 6 (37.50%) ocorrência, seguida de módis (31.25%), serena 4 (25.00%) e 1 (6.25%) abstenção.

Embora tenhamos registrado certa dominância pela lexia *absorvente* nos dois gêneros, com índice de 10 (62.50%) para homens e mulheres

O diferencial entre os gêneros, foi a maior adoção de mulheres pela lexia *serena* com índice de 5 (31.25%) de ocorrências, contra apenas 1 do gênero masculino.

Por outro lado, o vocábulo *módis* teve maior ocorrência no gênero masculino com 4 (25.00%) contra apenas 1 (6.25%) ocorrências por mulheres.

Verificamos também que a lexia absorvente, foi dominante em todos os pontos. Módis foi mais produtiva em falantes do bairro Santa Rosa e a lexia hispânica *serena* foi registrada apenas nos bairros São Francisco, Vila Paraíso e Comara, com 2 registros em cada ponto.



4.18 Mamadeira

Ao se referir ao utensílio de plástico que serve para amamentar bebês, registramos duas variantes com referente semanticamente equivalentes.

O vocábulo mamadeira teve prevalência de 23 (71.88%), contra 7 (21.88%) para *tetero* (forma em espanhol) e 2 (6.26%) abstenções.

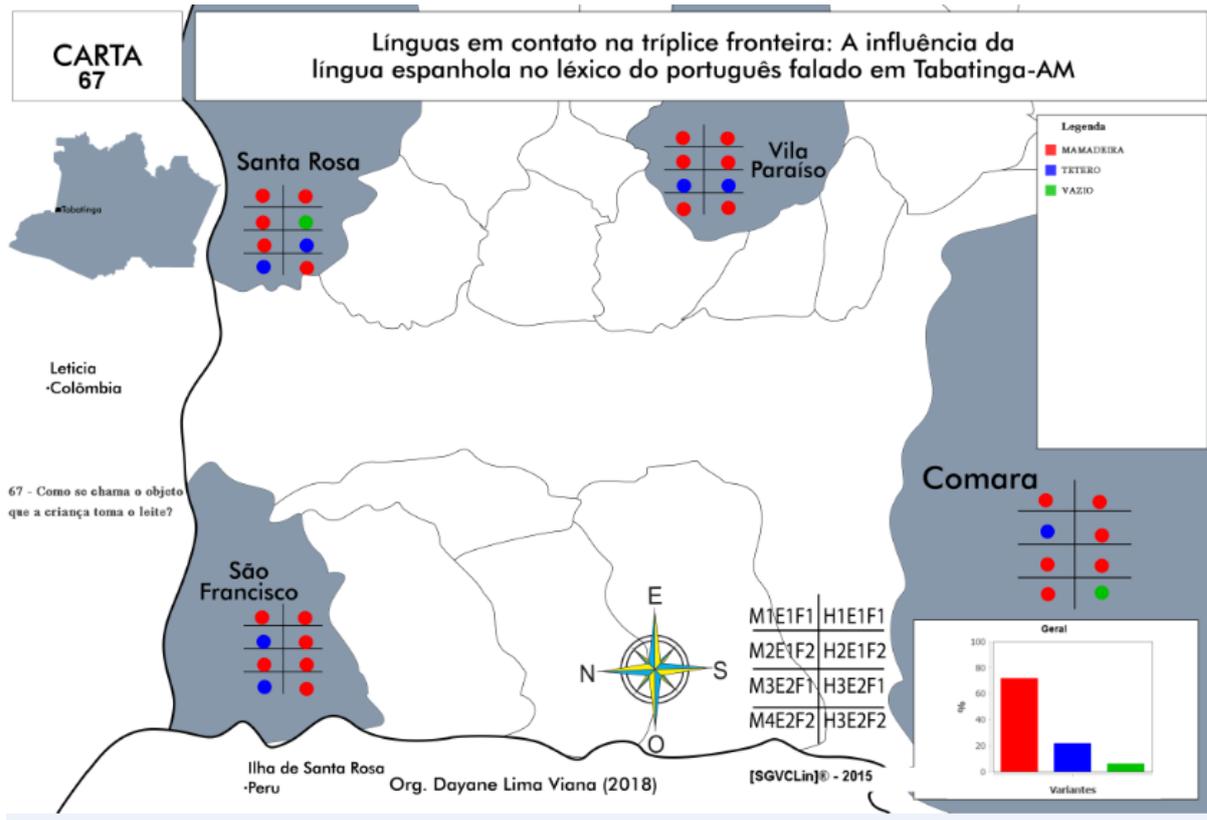
Concernente a escolaridade, os índices demonstram que no ensino fundamental e médio o termo mamadeira foi o mais utilizado, 13 (81.25%) e 10 (62.50%) respectivamente.

Houve, porém, maior incidência da lexia *tetero* em falantes de ensino médio com 5 (31.25%) contra 2 (12.50%) do nível fundamental.

Na faixa etária 1, contabilizamos 13 (81.25%) de ocorrências contra 10 (62.50%) da faixa etária 2 para a lexia mamadeira. E ao compararmos a produtividade da lexia estrangeira *tetero*, temos 3 (18.75%) na faixa etária 1 e 4 (25.00%) na faixa etária 2.

Também ficou claro que a 11 (68.75%) das mulheres aderem ao termo mamadeira e 12 (75.00%) dos homens também elegem a lexia.

Analisamos também que, a lexia *tetero* foi a mais produtiva em mulheres, com índice de 5 (31.25%) comparado a apenas 2 (12.50%) de ocorrências do gênero masculino.



4.19 Guardanapo

Guardanapo e *servilleta* são palavras utilizadas para representar o papel utilizado para limpar a boca após as refeições.

De acordo com nossa pesquisa, o vocábulo guardanapo foi mais utilizado pelos falantes, com 23 (71.88%) de ocorrências.

Todavia, não se pode relegar a ocorrência da lexia em espanhol *servilleta* com 7 (21.88%), fizemos também o registro de 2 abstenções.

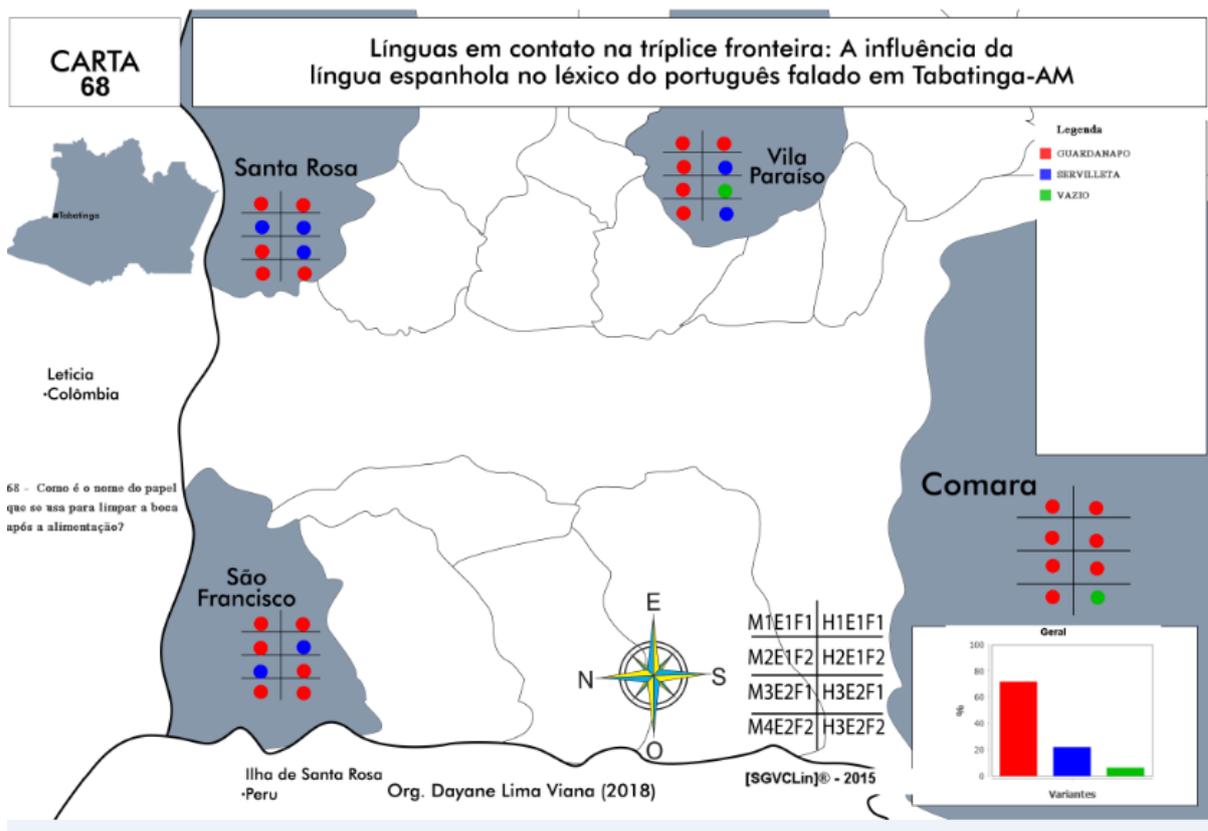
No tocante a análise por escolaridade, 12 (75.00%) dos falantes do ensino fundamental aderem ao uso de guardanapo, enquanto 4 (25.00%) preferem o uso de *servilleta*.

No ensino médio, forma 11 (68.75%) para a lexia guardanapo, (18.75%) para *servilleta* e 2 (12.50%) abstenções.

Na análise por faixa etária, em ambas gerações a lexia guardanapo foi a mais utilizada, com 13 (81.25%) e 10 (62.50%). Verificamos o uso de *Servilleta* 2 (12.50%) em falantes da faixa etária 1 e 5 (31.25%) na faixa etária 2.

Outro fato apontado, foi a maior ocorrência da lexia estrangeira em homens, pois 5 (31.25%) dos homens preferiram seu uso e apenas 2 (12.50%) das mulheres optaram por *servilleta*.

No aspecto diatópico, verificamos que a lexia *guardanapo* foi dominante em todos os pontos pesquisados, e a lexia *servilleta*, obteve o total de 5 ocorrência nos bairros São Francisco e Santa Rosa, e apenas 2 no bairro Vila Paraíso. A lexia *servilleta* não foi observada no bairro da Comara.



4.20 Pinhata

A pinhata é uma caixa decorativa utilizada em festas de aniversários. A caixa fica suspensa no teto do salão contendo bombons, doces e brinquedos. Ao final do aniversário, os convidados dirigem-se para debaixo da pinhata, nesse momento o aniversariante puxa uma corda e todos os doces e brinquedos são jogados a disposição dos convidados.

Antes de fazermos nossa análise cartográfica, precisamos explicar que a pinhata é uma tradição oriunda da Colômbia. Todavia, como já discutimos, as constantes interações culturais e discursivas entre os falantes de Tabatinga e Leticia, faz com que

brasileiros absorvam além dos aspectos culturais, visto que, estas interações fazem surgir inovações linguísticas, como é o caso da *lexia piñata*, que no português transformou-se em *pinhata*.

De forma geral, a *lexia pinhata* obteve 26 (81.25%) de ocorrências, houve também 6 (18.75%) abstenções.

Ao analisar os dados fornecidos na carta 69, é possível constatar dois pontos importantes.

O primeiro, é com relação ao alto índice de abstenção, o que pode demonstrar que a *lexia* ainda está em fase de inserção, pois registramos um alto índice de abstenção.

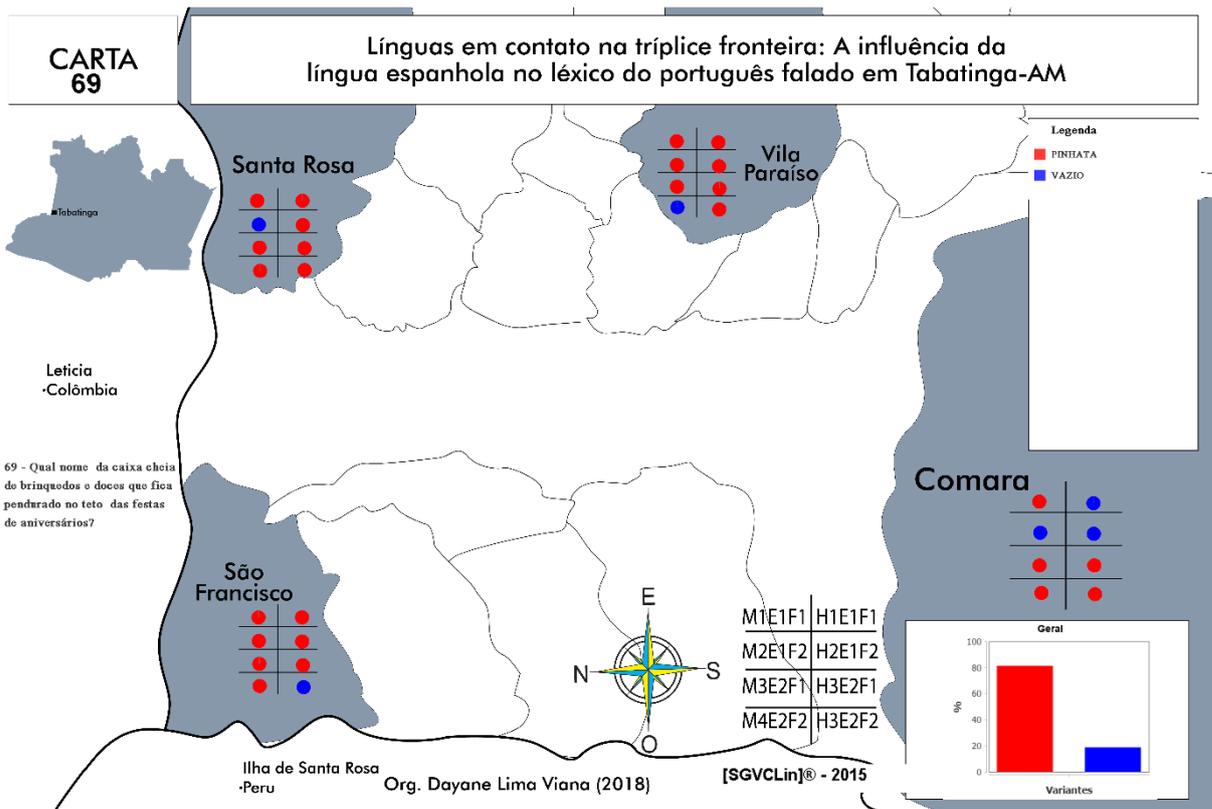
Outro fato a destacar é a predominância isolada da *lexia*, já que nenhuma outra forma foi registrada, o que demonstra que de acordo com o aspecto sincrônico não há *lexia* concorrente com a *lexia pinhata*.

No tocante a análise por escolaridade, em falantes de ensino fundamental a *lexia pinhata* obteve 12 (75.00%) e 4 (25.00%) abstenções. No ensino médio, foram 14 (87.50%) *pinhata* e 2 (12.50%) abstenções.

Em Falantes da escolaridade 1, a *lexia pinhata* foi registrado 15 (93.75%) e apenas 1 abstenção. Por outro lado, na escolaridade 2 foram 11 (68.75%) *pinhata* e 5 (31.25%) abstenções. O que pode demonstrar maior ocorrência da *lexia hispânica* na faixa etária mais jovem.

A respeito da análise por gênero, verificamos que as ocorrências entre homens e mulheres foram semelhantes, uma vez que, registramos 13 (81.25%) para *lexia pinhata* e 3 (18.75%) para abstenções em ambos os gêneros.

Os aspectos diatópicos, também foram analisados. Com isso, percebemos a existência de uma *isoléxica* na cidade de Tabatinga, pois além da dominância da *lexia pinhata*, não registramos variantes em concorrência para a forma estrangeira.



4.21 Desdentado

Na carta 70, fizemos o estudo das lexias: desdentado (53.12%), banguelo 14 (43.75%) e manguelo 1 (3.12%).

Em falantes de nível fundamental, registramos 9 (56.25%) para desdentado, 6 (37.50%) banguelo e 1 (6.25%) manguelo.

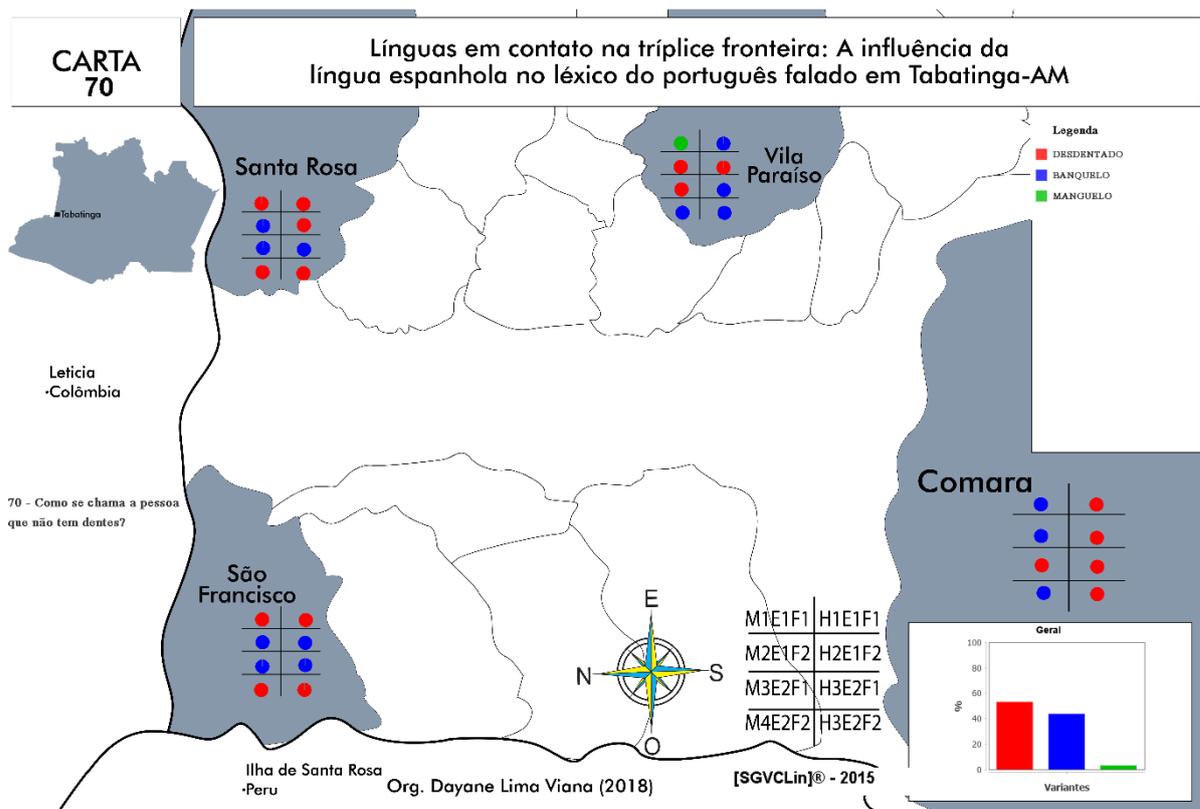
Em falantes de ensino médio, verificamos 8 (50.00%) para a lexia desdentado e 8 (50.00%) banguelo.

Com relação aos aspectos diageracionais, observamos que na faixa etária 1 as lexias desdentado 8 (50.00%) e banguelo 7 (43.75%) obtiveram quase a mesmo índice de ocorrência. Nessa faixa também que observamos a lexia manguelo com apenas uma ocorrência 1 (6.25%).

Na faixa 2, também houve resultados semelhantes, 9 (56.25%) desdentado e 7 (43.75%) banguelo.

Constatamos que as mulheres têm uma pequena preferência pela utilização da forma banguelo 8 (50.00%), seguida da 7 (43.75%) desdentado e 1 (6.25%) manguelo.

Por outro lado, os falantes de gênero masculino optam com maior frequência pela lexia desdentado 10 (62.50%) e 6 (37.50%) para banguelo.



4.22 Fanhosos

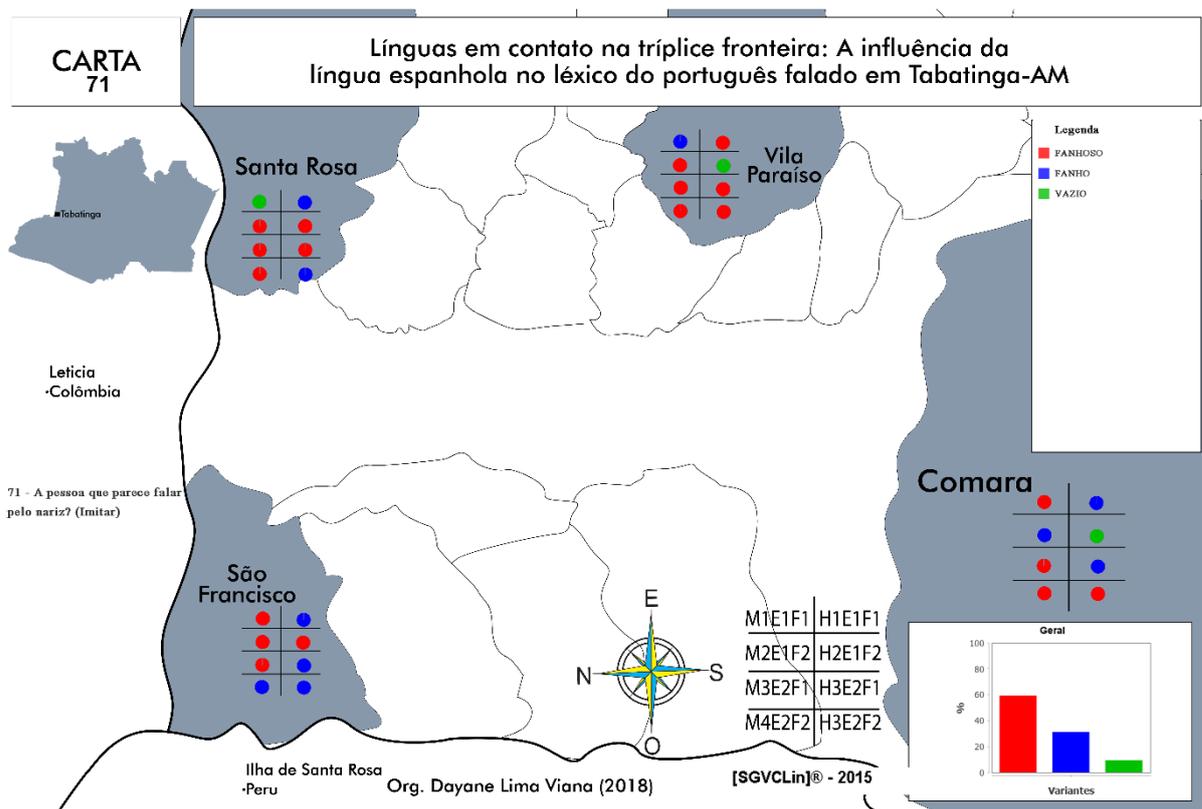
Foram encontradas 2 lexias diferentes na carta 71, fanhoso 19 (59.38%), *fanho* 10 (31.25%), registramos também 3 (9.38 %) de abstenções.

Analisando as ocorrências por escolaridade, verificamos que a lexia *fanhoso* foi a mais produtiva nas duas escolaridades, 8 (50.00%) em falantes de nível fundamental e 11 (68.75%) no nível médio. Observamos também que o vocábulo *fanho*, teve a mesma proporção em falantes de ensino fundamental e médio 5 (31.25%).

Em falantes da faixa etária 1, registramos 9 (56.25%) para *fanhoso*, 6 (37.50%) *fanho* e 1 (6.25%) abstenção.

Na Faixa etária 2, observamos que a lexia *fanhoso* obteve 10 (62.50%), *fanho* 4 (25.00 %) e 2 (12.50%) abstenções.

Tanto em mulheres quanto em homens verificamos o alto índice de ocorrência da lexia *fanhoso* com 12 (75.00%) e 7 (43.75%) respectivamente. A lexia *fanho* pontuou 3 (18.75%) no gênero feminino e 7 (43.75%) no masculino. Em ambos gêneros registramos abstenções, 1 (6.25%) em mulheres e 2 (12.50%) em homens.



4.23 Caolho

Foram verificadas 3 lexias distintas, *caolho* 20 (62.50%), *zanoi* 9 (28.12%) e *zarolho* 3 (9.38%).

A lexia com maior produtividade entre os falantes de ensino fundamental foi *caolho* com 12 (75.00%), seguida de 2 (12.50%) para *zanoi* e 2 (12.50%) para a forma *zarolho*.

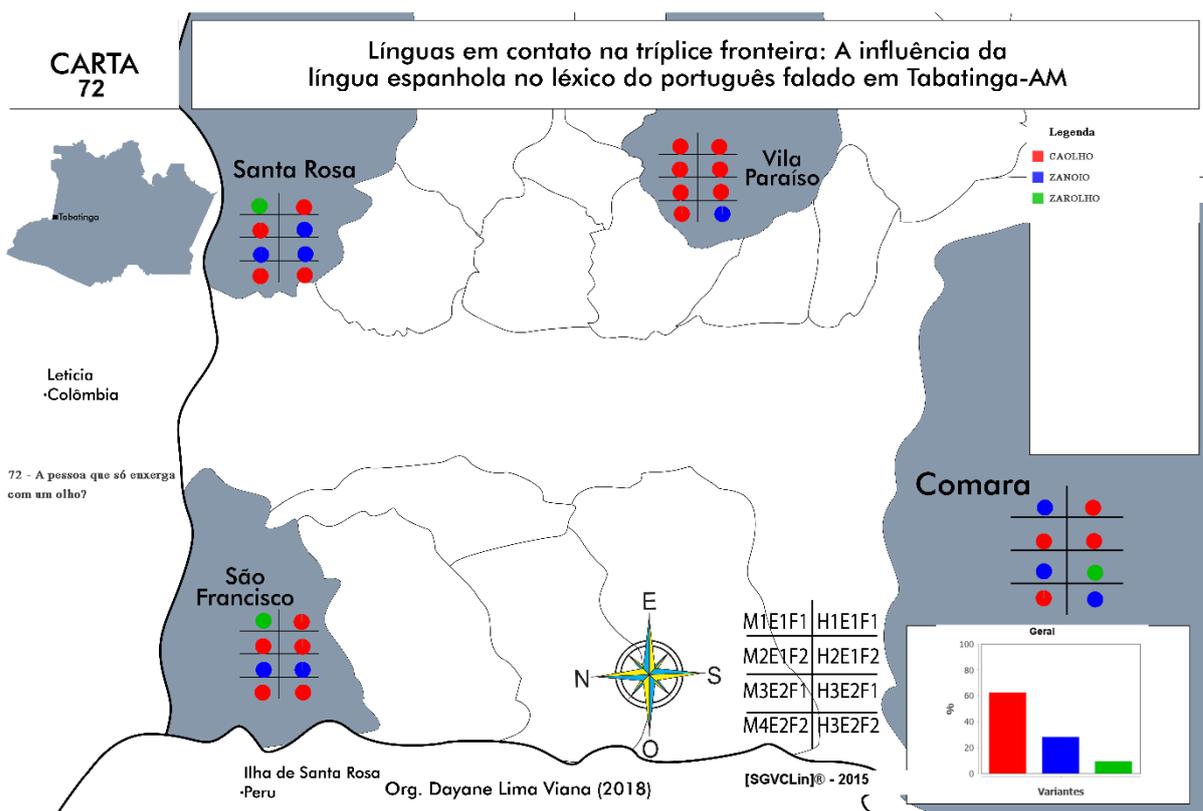
No ensino médio, também houve preferência pela lexia *caolho* com 8 (50.00%), *zanoi* 7 (43.75%) e apenas 1 (6.25%) para *zarolho*.

Em falantes da Faixa1, podemos perceber que duas lexias concorrem entre si, pois *caolho* e *zanoi*, obtiveram resultados bem próximos, 7 (43.75%) e 6 (37.50%) respectivamente. Percebemos também que a lexia *zarolho* foi registrada exclusivamente nesta faixa etária.

Por outro lado, na faixa 2, observamos que a lexia *caolho* 13 (81.25%) é bem mais utilizada comparada aos 3 (18.75%) do vocábulo *zanoi*.

No tocante a análise por gênero, tanto mulheres como homens, obtiveram resultados iguais quanto a lexia *caolho* 10 (62.50%) para ambos. A segunda forma mais comumente utilizada por mulheres é *zanoi* com 4 (25.00%) seguida de 2 (12.50%) para *zarolho*.

Observamos que a segunda forma mais usada por homens foi *zanoi* 5 (31.25%) e *zarolho* ocorreu apenas uma vez 1 (6.25%)



4.24 Vesgo

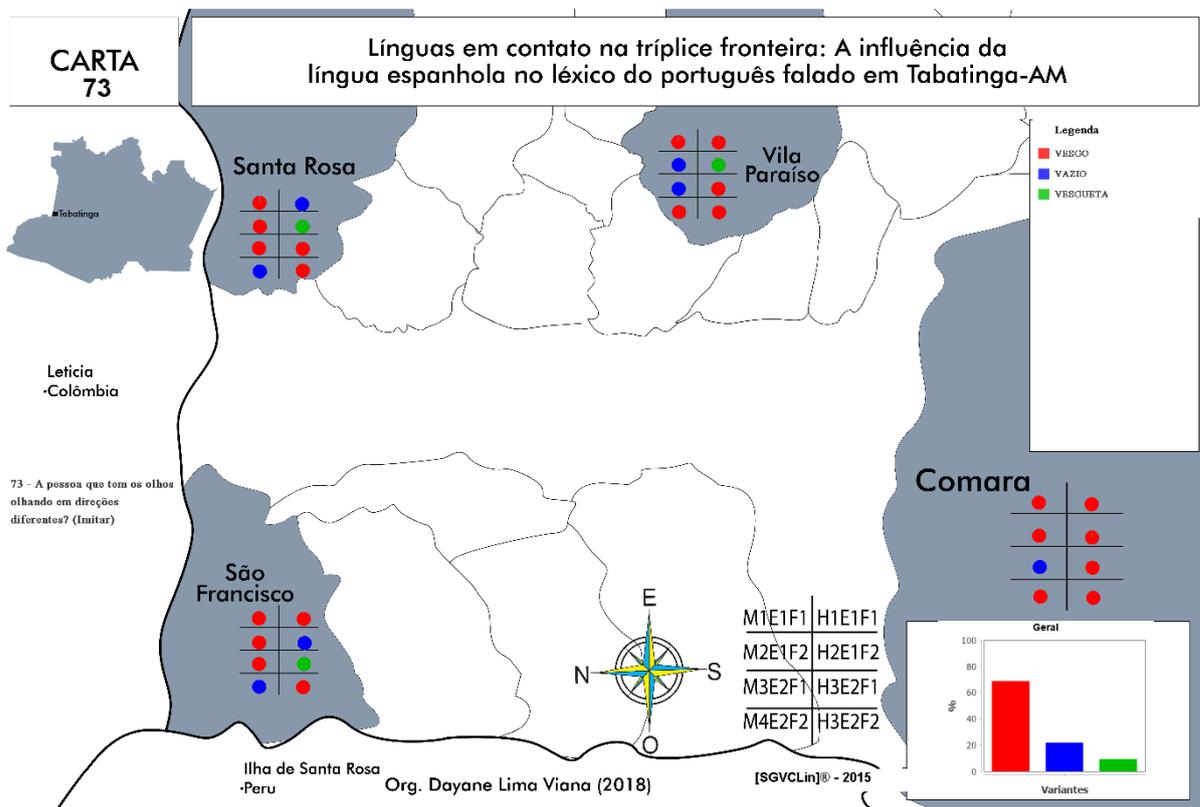
Como é possível verificar na carta 73, registramos 2 diferentes lexias. Vesgo 22 (68.75%), vesgueta 3 (9.38%). Temos que destacar também a alta incidência de abstenção nesta questão 7 (21.88%).

Em falantes de nível fundamental, houve a preferência pela lexia *vesgo* com 11 (68.75%), seguido de 3 (18.75%) de abstenções e 2 (12.50%) ocorrência da forma *vesgueta*.

Em falantes de ensino médio, a preponderância também foi da lexia *vesgo* com 11 (68.75%), seguida de 4 (25.00%) e 1 (6.25%) para a forma *vesgueta*.

As ocorrências por gêneros demonstraram que tanto homens quanto mulheres optaram pelo uso da forma *vesgo* 11 (68.75%) para ambos os gêneros. Registramos ainda, a maior incidência de abstenções em mulheres 5 (31.25%).

A lexia *vesgueta*, foi observada apenas no sexo masculino 3 (18.75%), seguida de 2 (12.50%) abstenções.



4.25 Terçol

Registramos 4 lexias diferentes, tresçol 17 (53.12%), tresçol 11 (34.38%), dordoi 2 (6.25%) e terçol 2 (6.25%).

No tocante a análise por escolaridade, observamos que em falantes de nível fundamental houve o registro de apenas 2 lexias, tresçol 10 (62.50%) e tresçol 6 (37.50%).

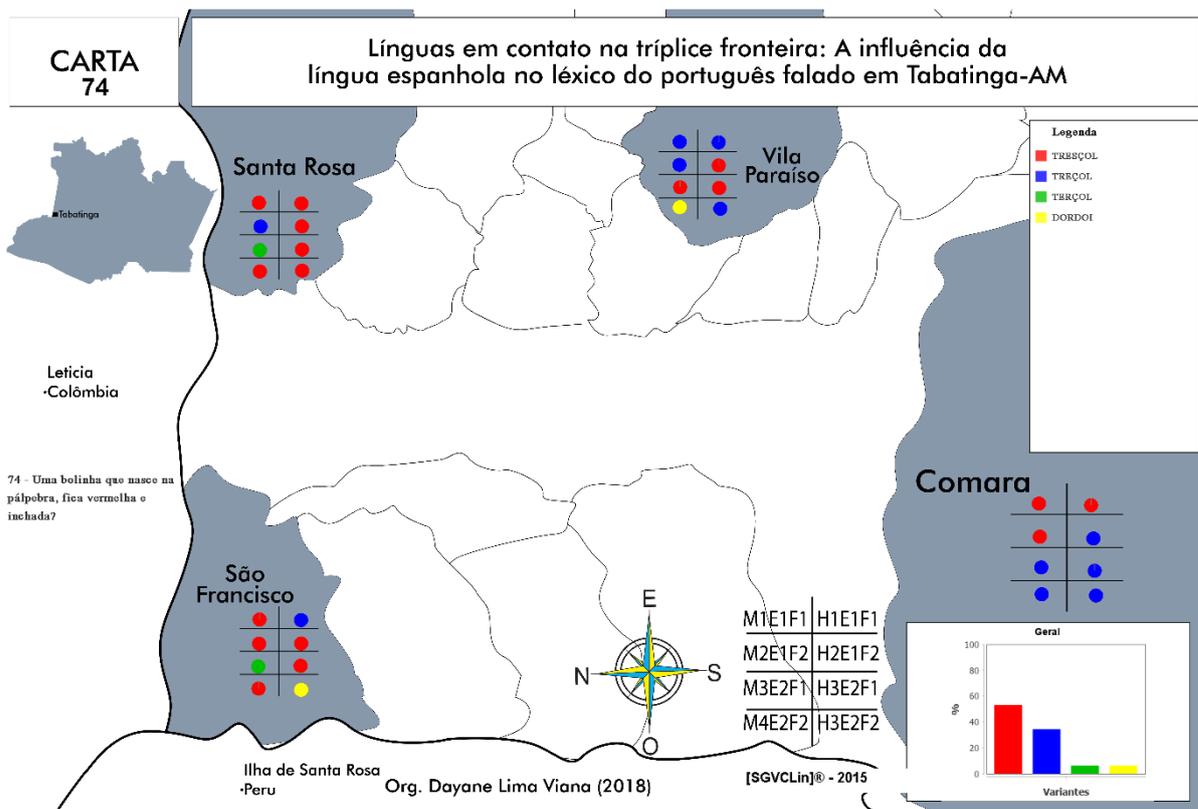
Em falantes de nível médio, foi onde foi observado a maior variação, tresçol 7 (43.75%), tresçol 5 (31.25%), dordoi 2 (12.50%) e terçol 2 (12.50%). Esta última, só foi registrada em falantes com nível médio.

Ao analisar a realizações linguísticas por faixa etária, constatamos que na faixa 1, houve mais ocorrência da forma tresçol 9 (56.25%), seguida de tresçol 5 (31.25%) e a lexia terçol com 2 (12.50%).

Na geração mais velha, a lexia mais comumente utilizada também foi tresçol, com 8 (50.00%) seguida de tresçol 6 (37.50%). A lexia dordoi 2 (12.50%) foi registrada exclusivamente nesta faixa etária.

A lexia terçol foi registrada apenas no sexo feminino com 2 (12.50%). A forma mais usualmente utilizada por mulheres foi a lexia tresçol com 8 (50.00%) seguida de tresçol 5 (31.25%) e 1 (6.25%) para a lexia dordoi.

Nos homens a forma tresçol 9 (56.25%) foi a mais utilizada, seguida de 6 (37.50%) tresçol e 1 (6.25%) para a forma dordoi.



4.26 Solução

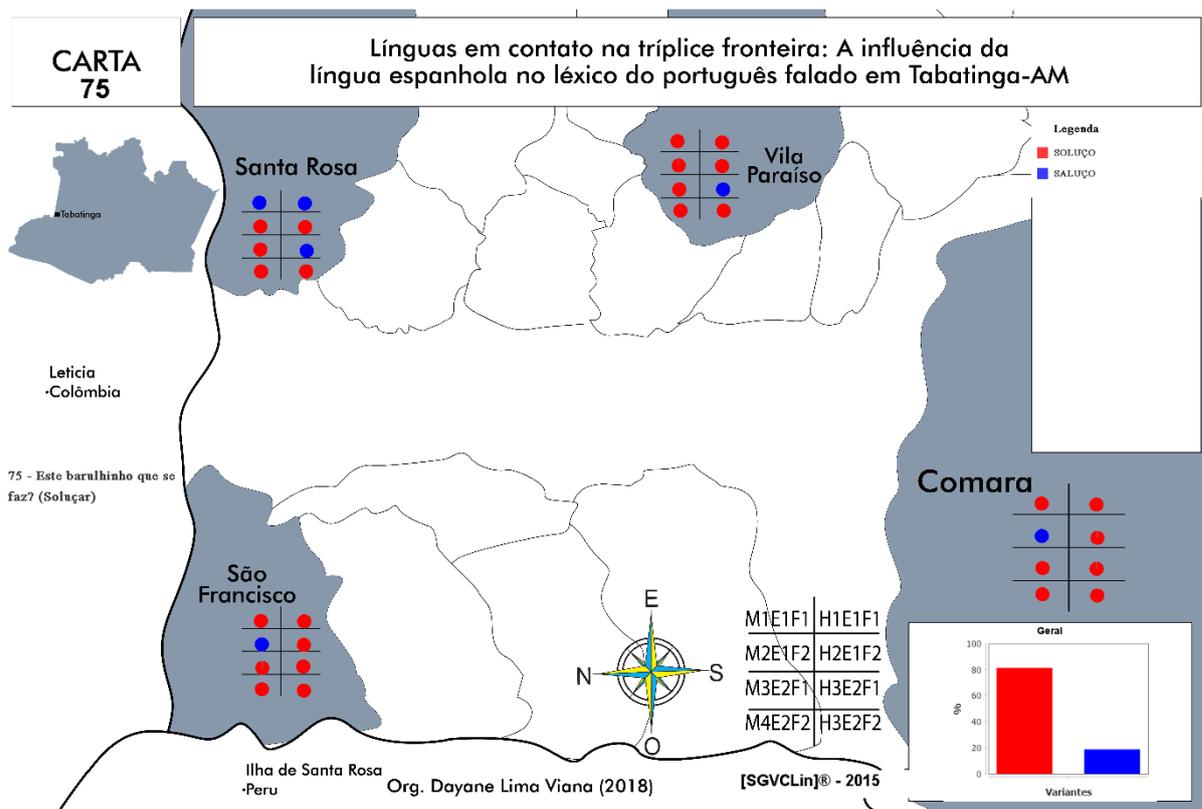
Na carta 75, constatamos o uso de 2 lexias diferentes, solução 26 (81.25%) e solução 6 (18.75%).

Com relação a análise de escolaridade, no escol.1 registramos 12 (75.00%) para a forma solução e 4 (25.00%) para solução.

Em falantes da escol. 2, a lexia solução teve incidência de 14 (87.50%) e solução 2 (12.50%).

Em falantes da faixa 1, a forma mais produzida foi solução com 12 (75.00%), seguida da 4 (25.00%). Na faixa 2, a lexia solução foi registrada 14 (87.50%) e solução com 2 (12.50%).

O estudo também demonstrou que tanto homens quanto mulheres obtiveram a mesma porcentagem para a lexia solução 13 (81.25%) e 3 (18.75%) para a forma solução.



4.27 Canhoto

Na questão 76, registramos 4 lexias, *canhoto* com 22 (68.75%), *esquerdo* 4 (12.50%), *contrário* 4 (12.50%) e *do diabo* 2 (6.25%).

Ao analisarmos o aspecto escolaridade, observamos que falantes da escolaridade 1 e 2 tem preferência pelo uso da forma *canhoto*, com 11 (68.75%) para ambos grupos de escolaridades.

A segunda forma mais usada em falantes de nível fundamental, foi o vocábulo *contrário* com 3 (18.75%) seguida de *esquerdo* com 2 (12.50%).

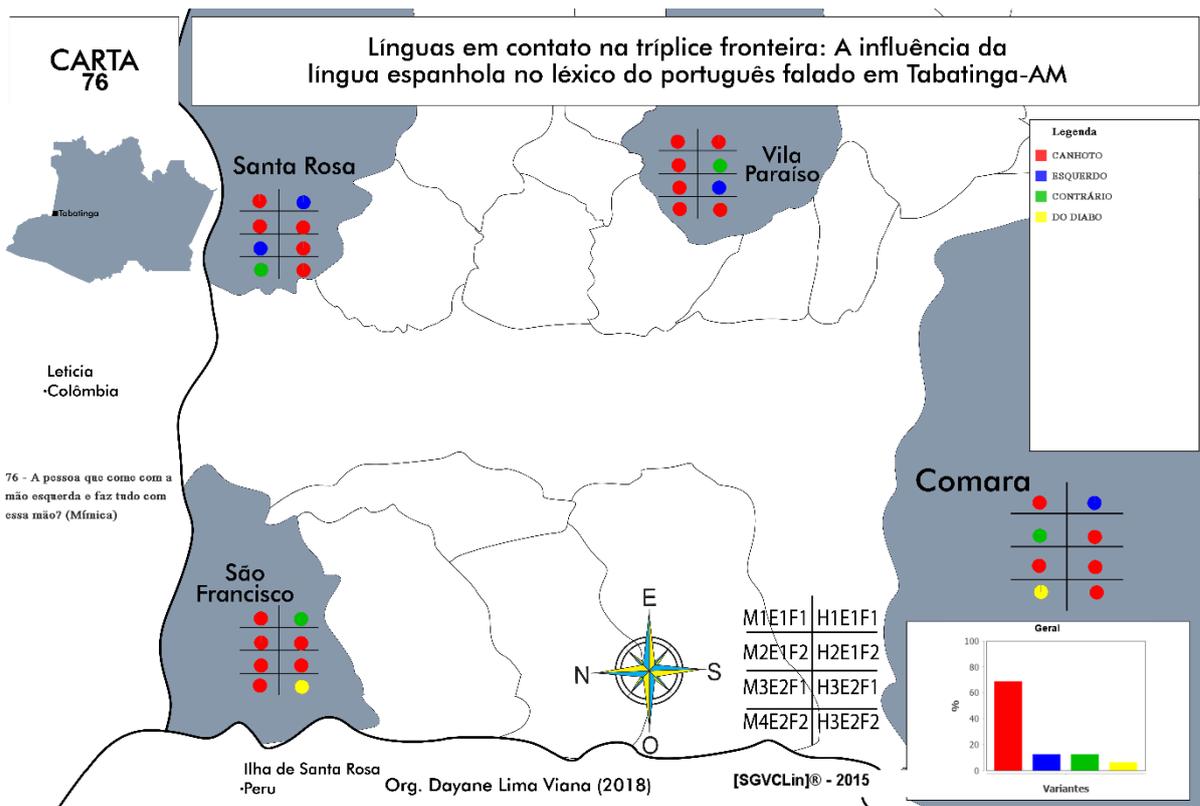
Em falantes de nível médio, a lexia *esquerdo* foi a mais utilizada com 2 (12.50%), seguida da forma *do diabo* (2 (12.50%) e *contrário* com 1 (6.25%).

Na verificação por idade, observamos que de acordo com os dados da carta 76, o vocábulo *canhoto* foi o mais produtivo nas duas faixas etária, com 11 (68.75%) cada.

Na Faixa 1, também houve 1 registro do termo *contrário*. Na faixa 2, A lexia *contrário* obteve 2 (12.50%).

Um dado interessante da carta 76, foi a ocorrência da lexia *esquerdo* 4 (25.00%) apenas em falantes mais jovens (Faixa 1). Por outro lado, a lexia *do diabo* foi registrada apenas como uso exclusivo da faixa etária 2.

Na análise por gênero, os índices foram os seguintes: no sexo feminino, foram registrados *canhoto* 12 (75.00%), *contrário* 2 (12.50%), *esquerdo* 1 (6.25%), *do diabo* 1 (6.25%). No sexo masculino, as ocorrências foram: *canhoto* 10 (62.50%), *esquerdo* 3 (18.75%), *contrário* 2 (12.50%), *do diabo* com 1 (6.25%).



4.28 Manco

De acordo com a carta abaixo, as lexias encontradas foram, *aleijado* 13 (40.62), *manco* 4 (12.50%), *coxó* 4 (12.50%) e 2 abstenções.

Na análise por escolaridade, observamos que falantes da escolaridade 1, utilizam-se com maior frequência as lexias *aleijado* 8 (50.00%) e *manco* 7 (43.75%). Registramos também 1 ocorrência para a forma *coxó*.

Por outro lado, falantes da escolaridade 2, demonstraram preferência pelo uso da lexia *manco* 6 (37.50%), seguida de *aleijado* 5 (31.25%), registramos também 2 abstenções.

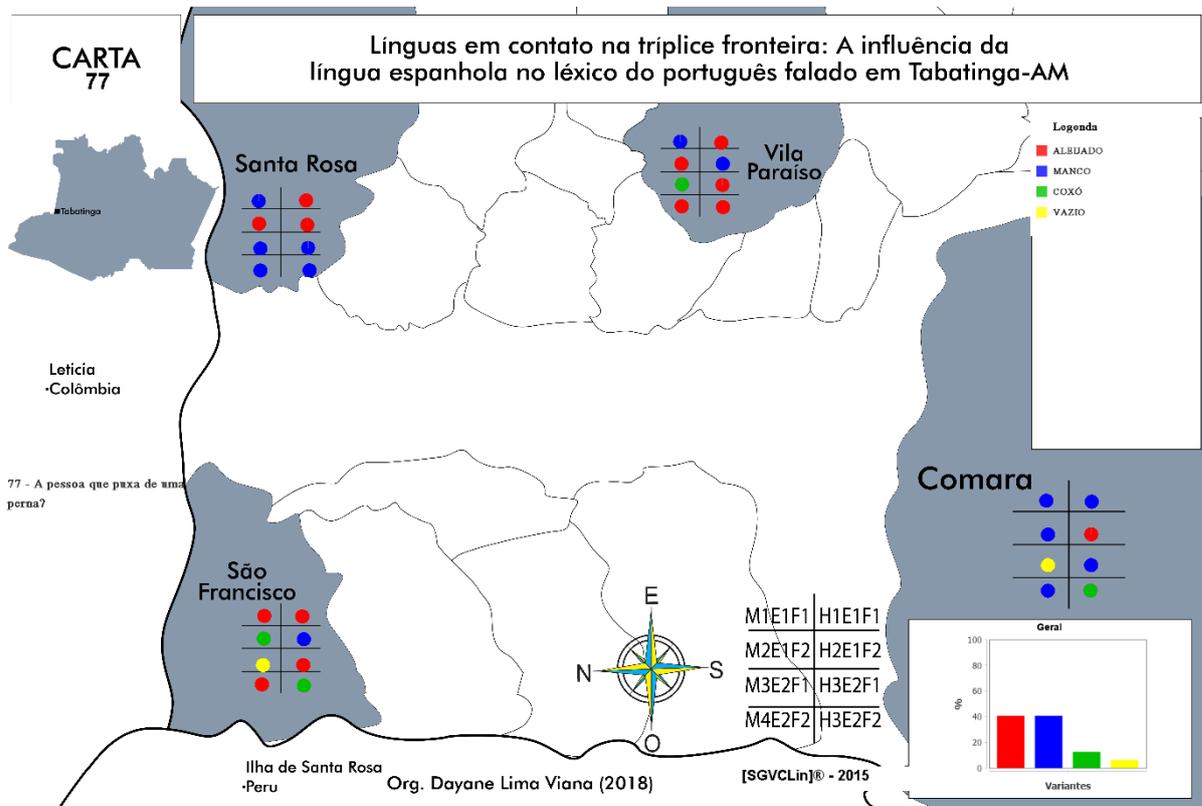
Ao analisarmos os dados segundo critérios geracional, observamos que na faixa etária 1 as lexias *manco* e *aleijado* foram as mais utilizadas, com 7 (43.75%) e 6 (37.50%) respectivamente. Registramos ainda 1 ocorrência para a forma *coxó*.

Na faixa etária 2, registramos 7 (43.75%) para o vocábulo *aleijado*, 6 (37.50%) *manco* e 3 (18.75%) para a lexia *coxó*.

O uso preferencial das mulheres foi pela lexia *manco*, com 7 (43.75%), enquanto 8 (50.00%) dos homens optaram pela forma *aleijado*.

A segunda forma mais utilizada por mulheres foi a forma *aleijado* com (5 (31.25%), seguida do vocábulo *coxó* 2 (12.50%). Registramos também 2 abstenções.

A segunda forma mais utilizada pelo sexo masculino foi a lexia *manco* com 6 (37.50%) seguida de *coxó* 2 (12.50%)



4.29 Cambota

Na carta 78, constatamos o uso de 3 lexias para designar a pessoa que possui pernas arqueadas, *cambota* 24 (75.00%), *perna de alicate* 3 (9.38%) e *cumbota* 3 (9.38%). Registramos também 2 (6.25%) ocorrências de respostas nulas.

Na escolaridade 1, registramos 12 (75.00%) para lexia *cambota*, 1 (6.25%) *perna de alicate*, 1 (6.25%) *cumbota*, nesta categoria registramos 2 (6.25%) abstenções.

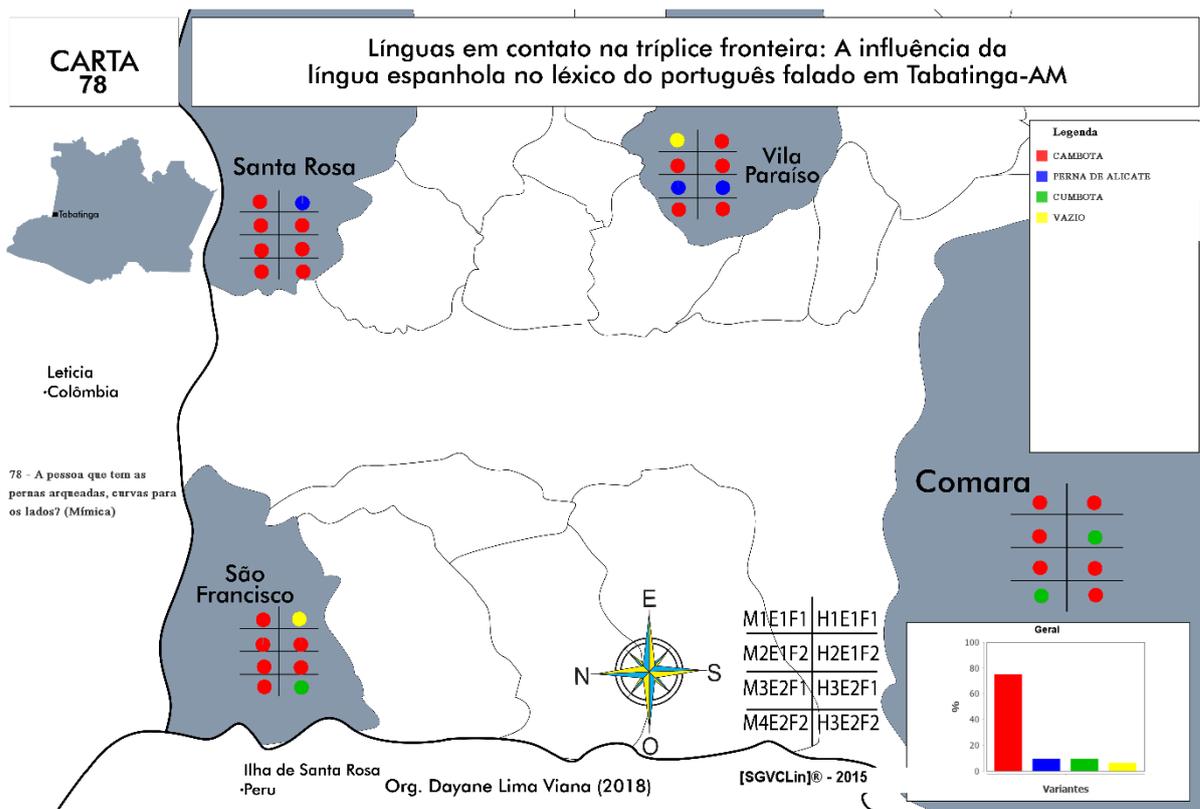
Na escolaridade 2, a lexia *cambota* também foi a mais produtiva com 12 (75.00%), seguida de 2 (12.50%) para *perna de alicate* e 2 (12.50%) para *cumbota*.

Ao analisarmos as ocorrências entre gerações, a faixa 1 obteve o índice de 11 (68.75%) de preferência para o uso de *cambota*, 3 (18.75%) dos entrevistados optam por utilizar o termo *perna de alicate*, observamos também 2 abstenções.

Na faixa 2, a lexia *cambota* obteve 13 (81.25%), seguido de 3 (18.75%) para a forma *cumbota*, esta forma se demonstrou exclusiva da faixa etária mais velha.

Homens e mulheres, preferiram o uso da lexia *cambota* 11 (68.75%) 13 (81.25%) respectivamente. No gênero feminino houve também 1 ocorrência para a forma *cumbota*, 1 para *perna de alicate* e 1 abstenção.

No gênero masculino, registramos 2 (12.50%) para cada lexia, *cumbota* e *perna de alicate*, e apenas 1 (6.25%) abstenções.



4.30 Axila

Suvaco e *axila* foram as lexias encontradas na questão 79, com 17 (53.12%) e 15 (46.88%) respectivamente.

Ao compararmos os registros por escolaridade, observamos um dado interessante, pois falantes e ensino fundamental preferiram o uso da lexia *axila* com 10 (62.50%) seguida de 6 (37.50%) para *suvaco*.

No ensino médio, ocorreu o oposto, visto que, observamos a maior preferência pelo vocábulo *suvaco* com 11 (68.75%) seguida de 5 (31.25%) para *axila*.

Verificamos que no aspecto geracional, os mais jovens optam pelo uso de forma *axila* 10 (62.50%) e 6 (37.50%) para a lexia *suvaco*.

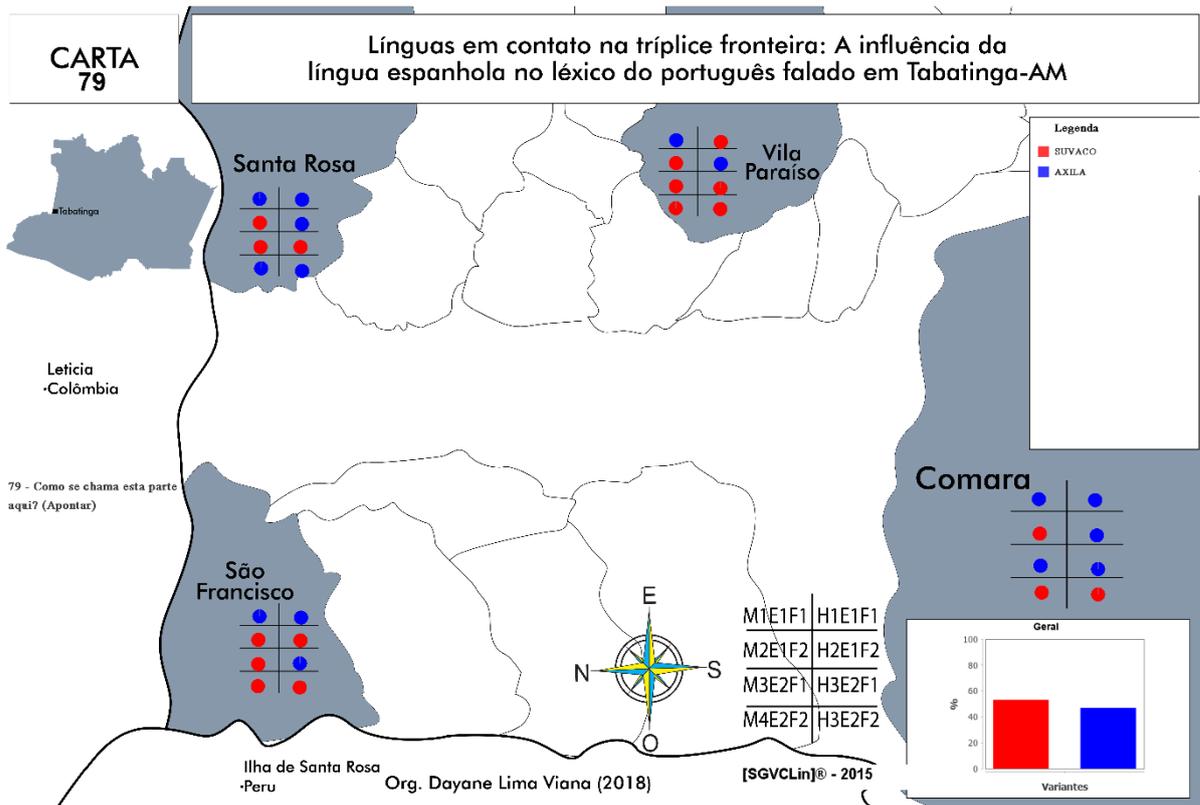
Em contrapartida, na faixa etária mais velha, houve maior índice de registro para a lexia *suvaco* com 11 (68.75%) seguida de 5 (31.25%) para o vocábulo *axila*.

A pesquisa também demonstrou que o uso da lexia *suvaco* foi mais produtiva em mulheres com 10 (62.50%) e 6 (37.50%) para *axila*. Por outro lado, os dados revelaram que o sexo masculino preferiu o uso da lexia *axila* 9 (56.25%) seguida de 7 (43.75%) para

a

forma

suvaço



4.31 Cecê

Perguntados acerca de como se chama o mau cheiro debaixo do braço, registramos 4 lexias diferentes, *cecê* 18 (56.25%), *suvaquinha* 7 (21.88), *pixé* 5 (15.62) e *macaca* 2 (6.25%).

No que se refere a escolaridade, os dados da carta demonstram falantes de ensino fundamental têm preferência pelo uso da lexia *cecê* com 11 (68.75%), seguida de 2 (12.50%) para *suvaquinha*, 2 (12.50%) *macaca* e 1 (6.25%) para *pixé*.

Em falantes de ensino médio, a lexia *cecê* foi a mais frequente com 7 (43.75%), *suvaquinha* obteve 5 (31.25%) e *pixé* obteve a maior frequência na escolaridade 2 com 4 (25.00%).

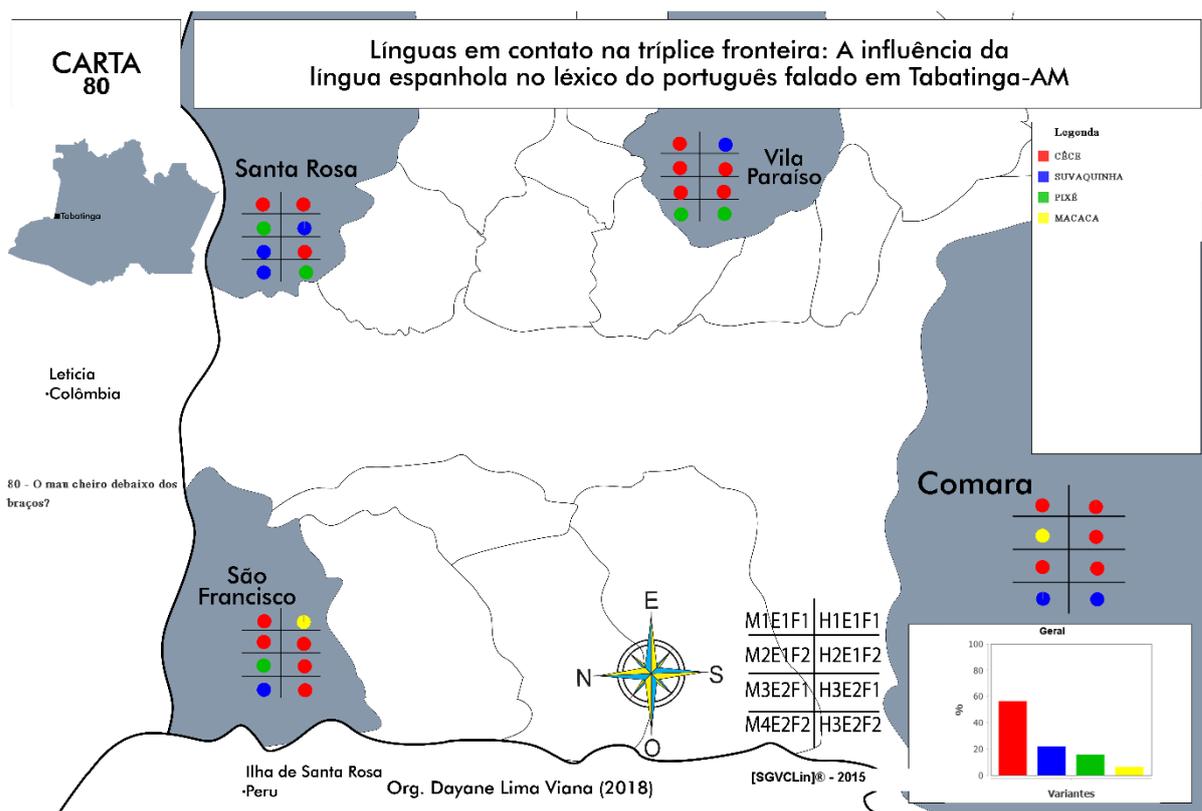
Ao analisarmos os registros de acordo com os parâmetros geracionais, percebemos que na faixa etária 1, a lexia *cecê* obteve 12 (75.00%), *suvaquinha* 2 (12.50%), *macaca* 1 (6.25%) e *pixé* 1 (6.25%).

Na faixa 2, as lexias *cecê* e *suvaquinha* demonstram maior concorrência, isto porque a primeira registrou 6 (37.50%) e a segunda 5 (31.50%), seguida de 4 (25.00%) e *macaca 1*(6.25%).

O estudo também revelou, que as lexias são utilizadas de modo variados nos dois gêneros.

Nas mulheres, houve preponderância da forma *cecê* com 8 (50.00%), seguida de *suvaquinha* 4 (25.00%), *pixé* 3 (18.75%) e *macaca* com 1 (.25%).

Nos homens, a lexia *cecê* também foi a mais utilizada com 10 (62.50%), seguida de 3 (18.75%) para *suvaquinha*, 2 (12.50%) *pixé* e 1 (6.25%) para a lexia *macaca*.



4.32 Curumim

Na carta 81, registramos 2 lexias, *criança* com 18 (56.25%) e 14 (43.75%) dos entrevistados preferiram responder a mesma lexia utilizada na pergunta, isto é, *menino*.

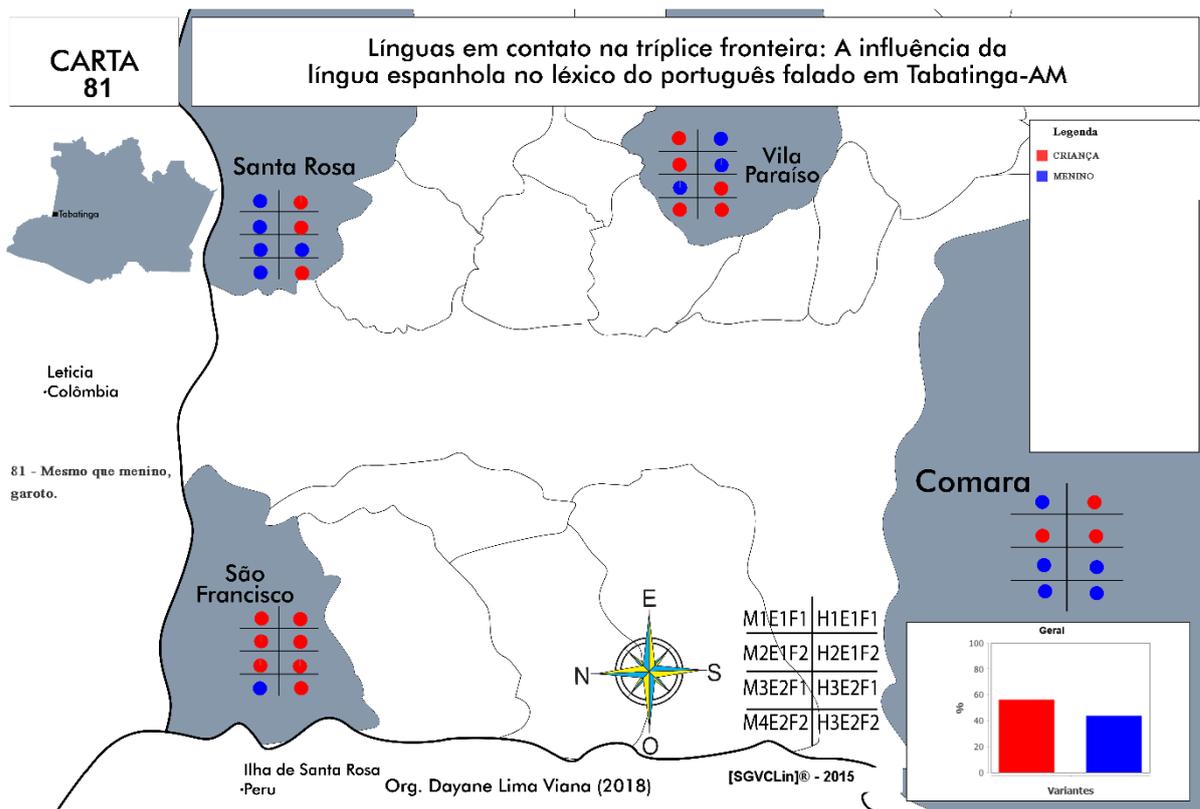
A forma *criança* foi a mais utilizada por falantes de ensino fundamental, com 11 (68.75%) a lexia *menino* obteve 5 (31.25%).

Por outro lado, a *lexia menino* foi a mais utilizada por falantes de ensino médio, com 9 (56.25%) seguido de *criança* 7 (43.75%).

No aspecto idade, a pesquisa demonstrou que falantes mais jovens entre 18 a 35 anos, utilizam as duas *lexias* de forma proporcional, 8 (50.00%) para ambas as formas.

Já na faixa etária mais velha, a *lexia criança* foi a mais usada com 10 (62.50%) seguida de 6 (37.50%) para *menino*.

Nas mulheres, a *lexia* mais observada foi *menino* com 9 (56.25%), *criança* obteve 7 (43.75%). Nos homens essa proporção foi maior, pois 11 (68.75%) deles optaram pela *lexia criança* e 5 (31.25%) pela forma *menino*.



4.33 Bêbada

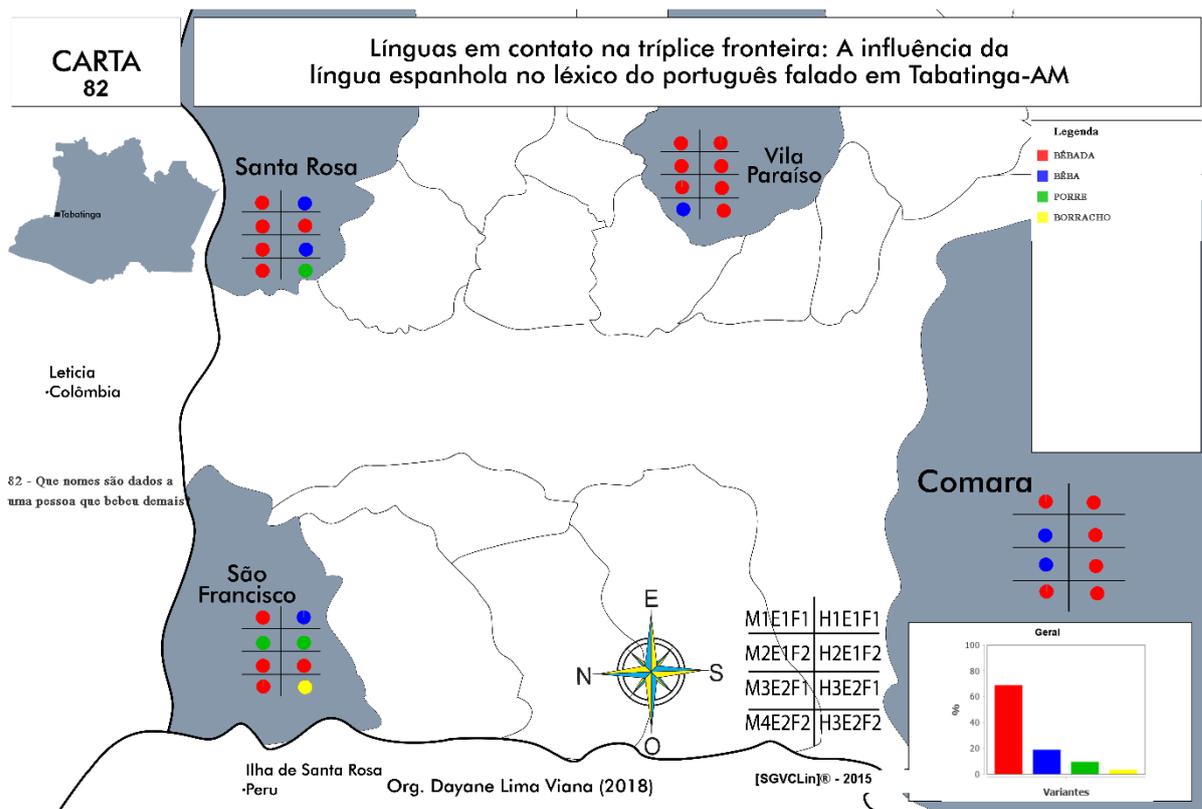
Perguntados a respeito de que nome recebe a pessoa que bebeu demais, 22 (68.75%) dos informantes optaram pela lexia *bêbada*, 6 (18.75%) *bêba*, 3 (9.38%) *porre*, 1 (3.12%) *borracho*. De acordo com a análise estratificada, observamos que em falantes de nível fundamental 11 (68.75%) optou pelo uso da lexia *bêbada*, 3 (18.75%) *bêba*, 2 (12.50%) a lexia do espanhol *porre*.

No ensino médio, a forma mais utilizada pelos informantes foi *bêbada* com 11 (68.75%), logo após veio *bêba* com 3 (18.75%), *borracho* (lexia hispânica) com 1 (6.25%) e *porre* com 1 (6.25%).

Observamos um dado interessante da carta 82, pois quando analisamos as ocorrências léxicas pelo critério de idade, verificamos que falantes mais jovens, recorrem apenas a duas lexias *bêbada* com 12 (62.50%) e *bêba* com 4 (25.00%).

Em contrapartida, nos mais velhos, a variação das lexias é bem mais visível, *bêbada* com 10 (62.50%), *porre* 3 (18.75%), *bêba* 2 (12.50%), 1 (6.25%) para a forma *borracho*, 12 (75.00%) das mulheres optaram pelo uso de *bêbada*, 3 (18.75%) por *bêba*, 1 (6.25%) *porre*. Nos homens, os registros foram, 10 (62.50%) para a lexia *bêbada*, 3 (18.75%) *bêba*, 2 (12.50%) *porre* e apenas 1 (6.25%) informante preferiu o uso de *borracho*.

Devemos aqui também dizer, que a lexia *bêbada* foi dominante em todos os pontos, verificamos ainda, que as lexias do espanhol *porre* e *borracho*, foram registradas apenas nos bairros mais próximos da fronteira com a Colômbia, isto é, os bairros Santa Rosa e São Francisco.



4.34 Massagem

Em termo geral, a variante *massagem* obteve 18 (56.25%), seguida de 10 (31.25%) para a forma *sovar* e 4 (12.50%) para *estralar*.

Com relação a escolaridade, percebemos que 11 (68.75%) dos falantes de nível fundamental preferem utilizar a forma *massagem*, enquanto 3 (18.75%) optaram pela forma *sovar* e 2 (12.50%) escolheram o uso da lexia *estralar*.

Em falante de nível médios, as lexias *sovar* e *massagear* obtiveram a mesma frequência de uso, 7 (43.75%) para ambas as formas e 2 (12.50%) para *estralar*.

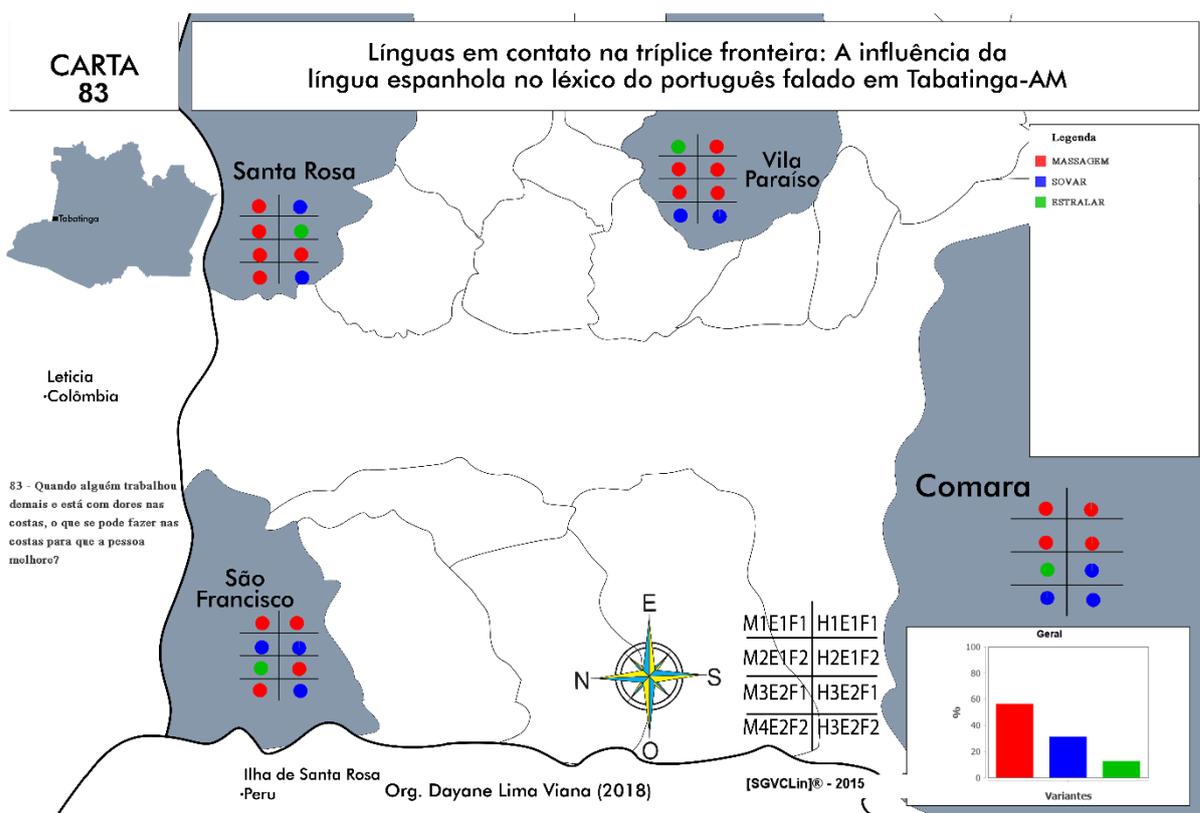
Durante análise por geração, analisamos que informantes entre 18 a 35 anos demonstraram mais preferência pela variante *massagem* com 11 (68.75%), seguida da forma *estralar* com 3 (18.75%) e *sovar* com apenas 2 (12.50%).

Sucedo o contrário na faixa etária 2, pois a lexia *sovar* a mais utilizada com 8 (50.00%), seguida de *massagem* 7 (43.75%), e 1 (6.25%) para *estralar*.

Observamos também que em ambos os gêneros as variantes *massagem* foi a mais usada, 10 (62.50%) em mulheres e 8 (50.00%) em homens. *Estralar* computou 3 (18.75%) em mulheres e apenas 1 (6.25%) do gênero masculino.

A lexia *sovar* foi mais recorrente em informantes do sexo masculino com 7 (43.75%) contra 3 (18.75%) de mulheres.

Verificamos que a lexia estrangeira *sovar*, se fez presente em todos os pontos, registramos 5 ocorrências nos bairros São Francisco e Santa Rosa e 5 nos bairros Vila Paraíso de Comara.



4.35 Menstruação

Como é possível verificar na carta 84, registramos o uso de 3 lexias diferentes, *menstruação* com 22 (68.75%), *bode* 4 (12.50%) e *bandeira vermelha* com 3 (9.38%).

De acordo com nossa pesquisa, 13(81.25%) dos falantes do nível fundamental, têm preferência pelo uso da lexia *menstruação*, e 3 (18.75%) optaram por *bandeira vermelha*.

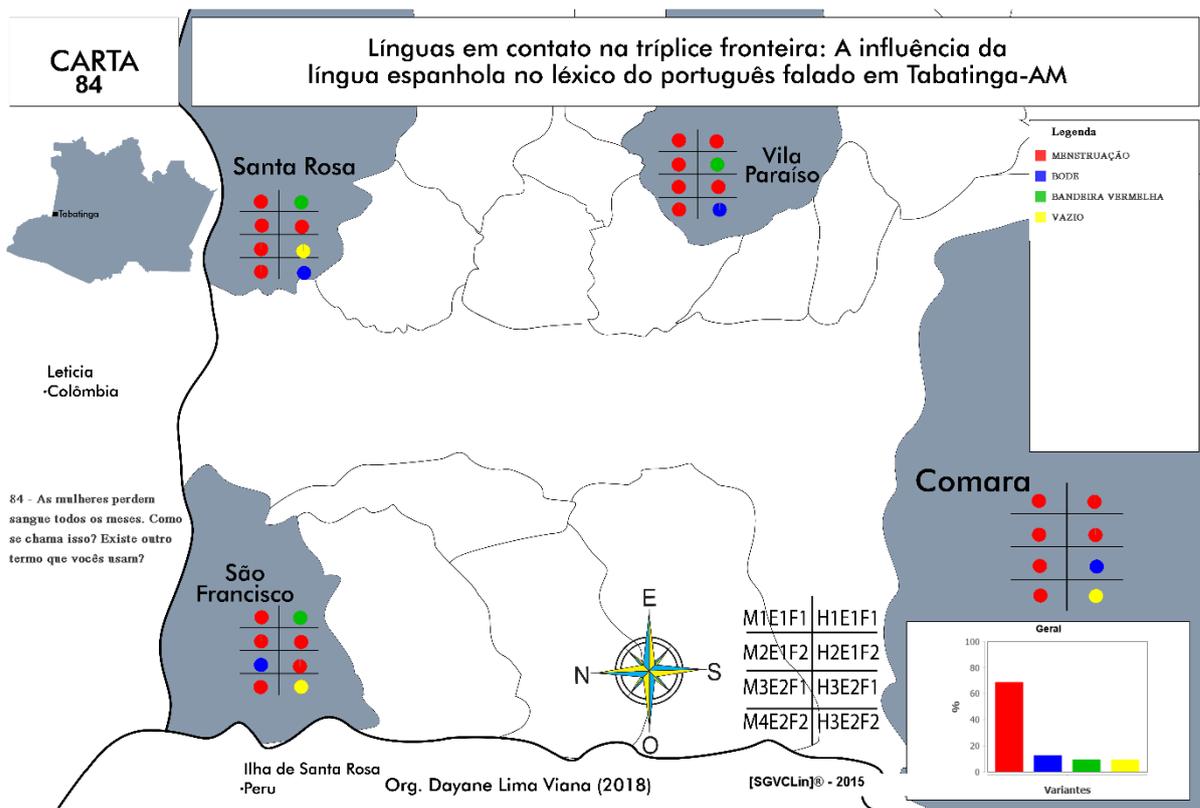
No nível médio, também observamos a maior utilização da lexia *menstruação* com 9 (56.25%), seguida de *bode* com 4 (25.00%) e 3 (18.75%) não souberam responder a questão.

Verificamos também que, 11 (68.75%) dos informantes da faixa 1, preferem o uso da lexia *menstruação*, 2 (12.50%) optaram pela forma *bode*, 2 (12.50%) *bandeira vermelha* e 1 (6.25%) não responderam a questão.

Na faixa etária 2, também observamos a preferência por *menstruação* 11 (68.75%), seguida de *bode* 2 (12.50%), registramos ainda 2 abstenções e 1 informante optou pelo uso de *bandeira vermelha*.

Também analisamos que mulheres preferem o uso da lexia *menstruação* com 15 (93.75%), registramos apenas uma ocorrência para a lexia *bode*.

No sexo masculino, registramos *menstruação* 7 (43.75%), *bode* 3 (18.75%), *bandeira vermelha* 3 (18.75%), e 3 (18.75%) abstenções.



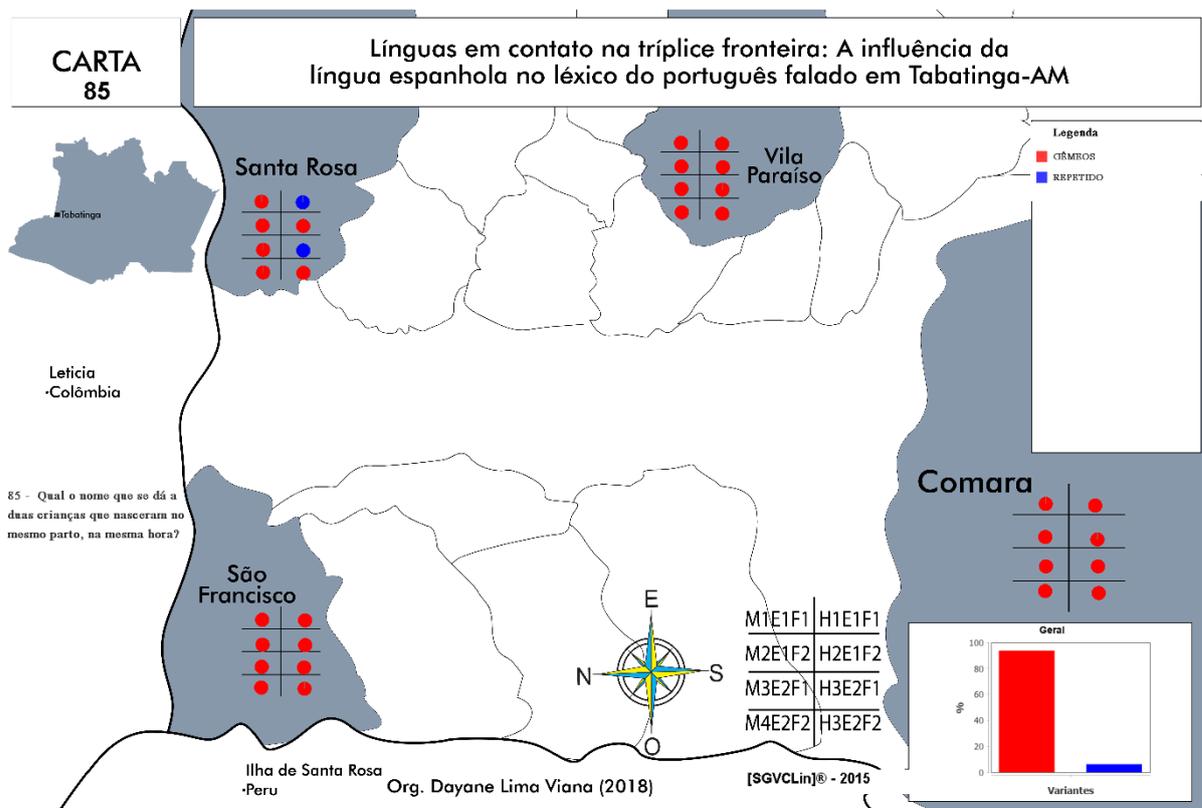
4.36 Gêmeos

Como é possível observar, constatamos a existência de duas lexias na carta 85, *gêmeos* com 30 (93.75%) e *repetido* 2 (6.25%).

Falantes de nível fundamental e médio registramos os mesmos resultados, 15 (93.75%) para a lexia *gêmeos* e 1 (6.25%) para *repetido*.

No tocante a análise diageracional, observamos em falantes mais jovens a lexia *gêmeos* obteve um percentual de 14 (87.50%) e a lexia *repetido* 2 (12.50%), esta última se demonstrou exclusiva da fala mais jovem, já que não foi observado na faixa etária mais velha.

Todas as informantes do sexo feminino, preferiram o uso da lexia *gêmeos* alcançando o índice de 16 (100.00%). Por outro lado, no sexo masculino registramos 14 (87.50%) para *gêmeos* e 2 (12.50%) para *repetido*.



4.37 Abortar

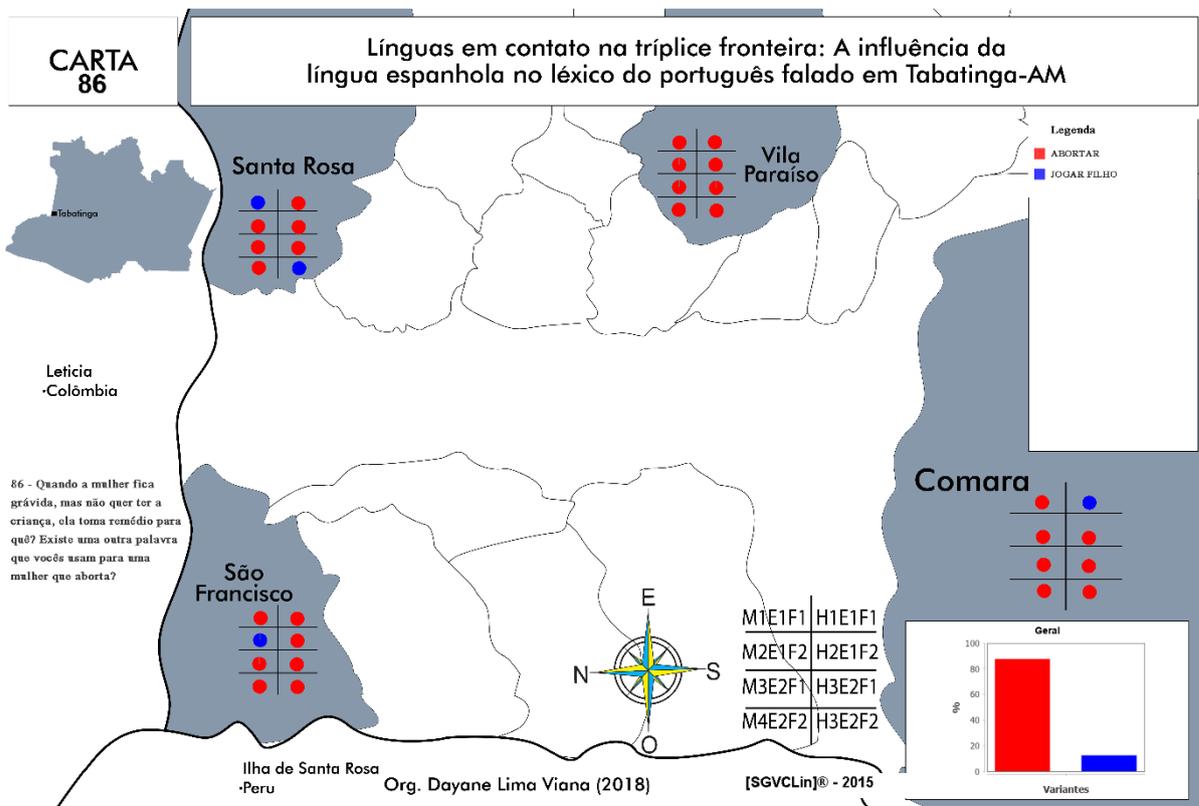
Na carta 86, registramos o uso de duas lexias, *abortar* com 28 (87.50%) e *jogar filho* com 4 (12.50%).

Em falantes de nível fundamental o vocábulo *abortar* foi registrado 13 (81.25%) e *jogar filho* 3 (18.75%). Os índices em falantes de ensino médio, foi 15 (93.75%) para *abortar* e apenas uma ocorrência da lexia *jogar filho* 1 (6.25%).

Na faixa 1, observamos o uso de 14 (87.50%) para a lexia *abortar* e 2 (12.50%) *jogar filho*.

Na faixa etária 2, *abortar* obteve 14 (87.50%) e *jogar filho* 2 (12.50%).

O estudo também demonstrou que, tanto homens quanto mulheres utilizam-se de forma igual as lexias, 14 (87.50%) para *abortar* e 2 (12.50%) *jogar filho*.



4.38 Caçula

Na carta 87, verificamos o uso de 4 lexias, *caçula* (46.88%), *caçulo* 11 (34.38%), *mais novo* 4 (12.40%) e *mais moço* 2 (6.25%).

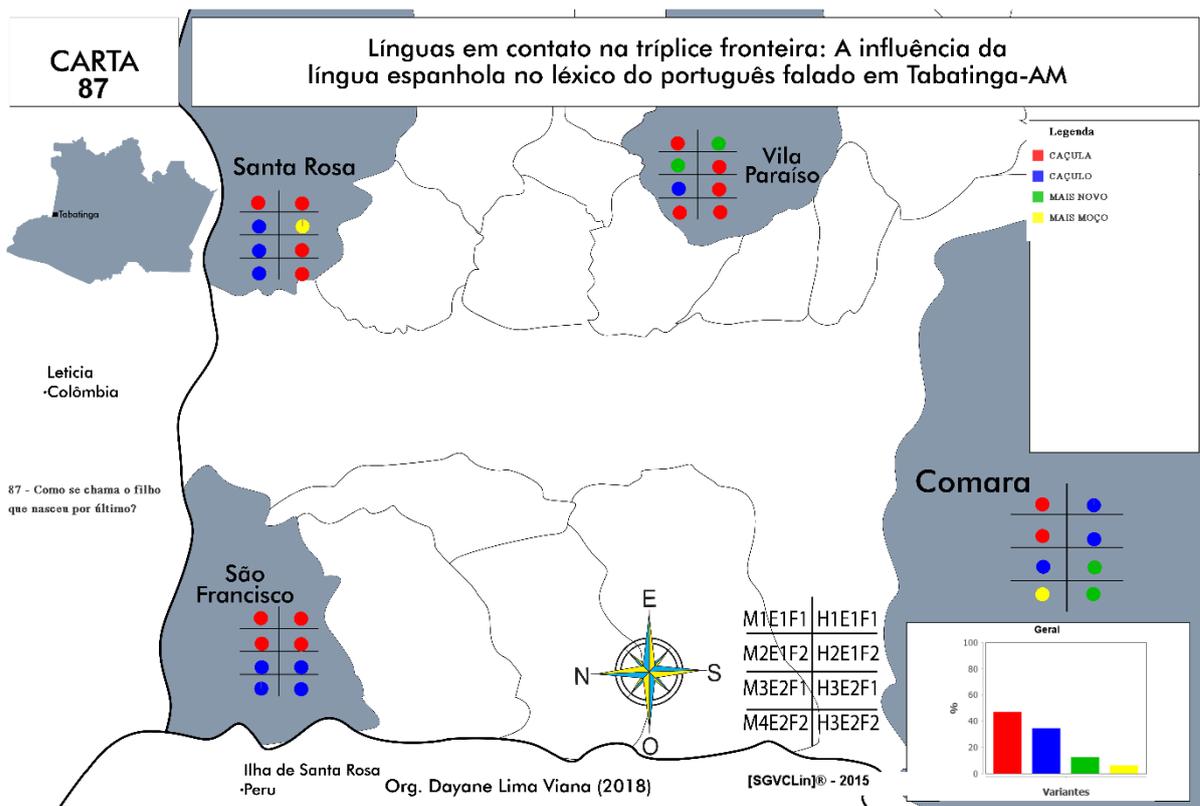
Em falantes de ensino fundamental, registramos, *caçula* 10 (62.50%), *caçulo* 3 (18.75%), *mais novo* 2 (12.50%) e *mais moço* 1 (6.25%).

Em falantes de ensino médio, *caçula* 8 (50.00%), *caçulo* 5 (31.25%), *mais novo* 2 (12.50%) e *mais moço* 1 (6.25%).

Examinamos que 8 (50.00%) dos informantes da faixa 1, preferem o uso de *caçula*, 7 (37.50%) *caçulo* e 2 (12.50%) *mais novo*. Na faixa 2, foram 7 (43.75%) para a lexia *caçula*, 5 (31.25%) *caçulo*, 2 (12.50%) *mais moço* e 2 (12.50%) *mais novo*.

No gênero feminino, a lexia *caçula* obteve 7 (43.75%), seguida de *caçulo* com também 7 (43.75%), 1 (6.25%) *mais moço* e 1 (6.25%) *mais novo*.

Em informantes do sexo masculino, registramos 8 (50.00%) para *caçula*, 4 (25.00%) *caçulo*, 3 (18.75%) *mais novo* e 1 (6.25%) para a lexia *mais moço*.



4.39 Chifrudo

Ao se referir ao homem traído pela mulher, foram registradas 3 variantes. Em termos gerais, *chifrudo* obteve 14 ocorrências com percentual de (43.75%), *cornu* 14 (43.75%) e a variante do espanhol *cabrón* (12.50%).

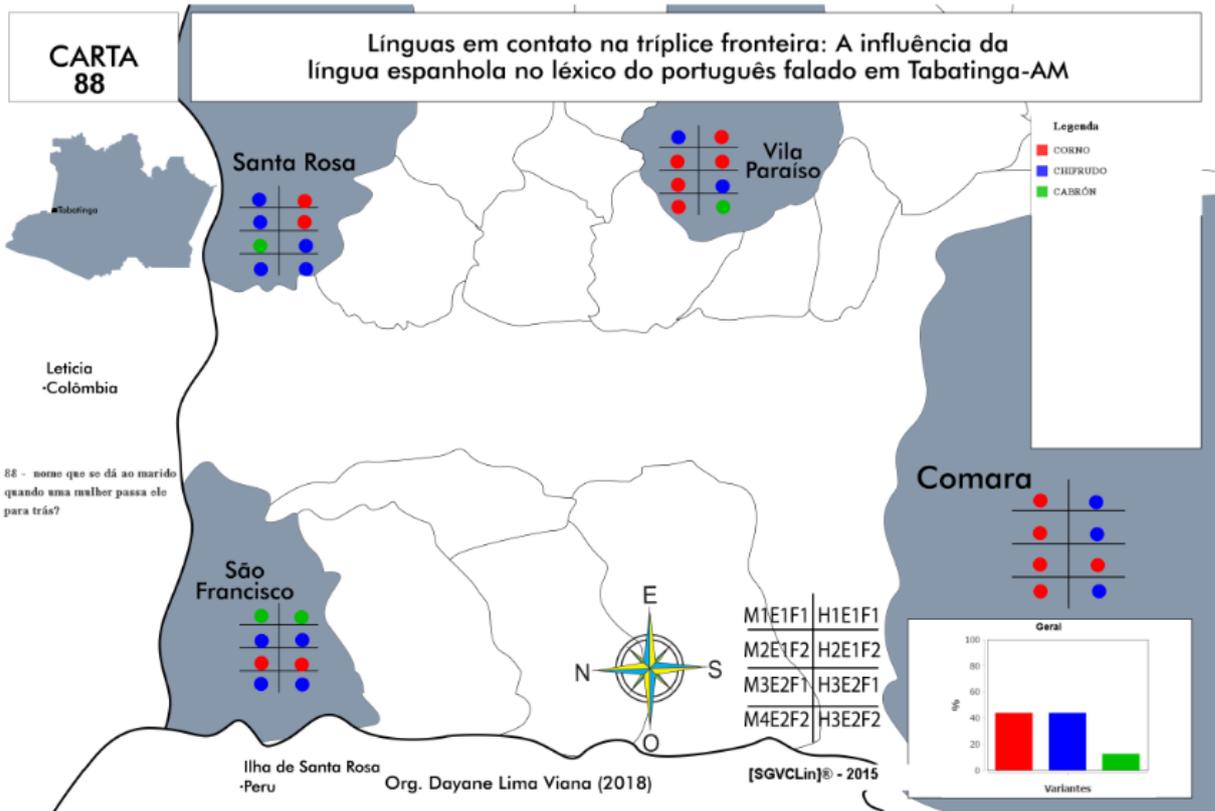
Tanto em falantes de ensino fundamental e médio, foram computados a mesma proporção de ocorrência para as 3 variantes. A lexia mais recorrente nos dois níveis foi *chifrudo* com 7 (43.75%), seguido de 7 (42.75%) *cornu* e 2 (12.50%) para *cabrón*.

Observamos que 8 (50.00%) dos falantes da faixa etária 1, preferem o uso da lexia *cornu*, seguido de 5 (31.25%) para *chifrudo* e 3 (18.75%) *cabrón*. Na Faixa etária 2, registramos a preferência pelo vocábulo *chifrudo* com 9 (56.25%), seguido de 6 (37.50%) para *cornu* e 1 (6.25%) para a lexia *cabrón*.

No que se refere a ocorrências por gênero, constatamos que informantes do sexo feminino têm preferência pelo uso da lexia *cornu* com 8 (50%), seguido de 6 (37.50%) para *chifrudo* e 2 (12.50%) para *cabrón*.

No sexo masculino, o termo *chifrudo* 8 (50.00%) foi o mais utilizado, a lexia *cornu* obteve 6 (37.50%) e 2 (12.50%) optaram pela variante *cabrón*.

Verificamos também que embora haja concorrência entre as lexias *cornu* e *chifrudo* nos 4 pontos pesquisados, observamos que a lexia estrangeira *cabrón* teve ocorrência apenas em 3 pontos, 3 registros nos São Francisco e Santa Rosa e apenas 1 no bairro Vila Paraíso.



4.40 Prostituta

Tabela 1 Frequência da carta prostituta

Variantes	Número de ocorrências	%
Puta	11	34.38%
Prostituta	8	25.00%
Garota de programa	5	15.62%
Piriguete	5	15.62%
Moza	3	9.38%

As variantes acima apresentadas, foram registradas para se referir a mulher que vende seu corpo em troca de dinheiro.

Passaremos agora a analisar como as variáveis extralinguísticas apropriam-se das variantes acima apresentadas.

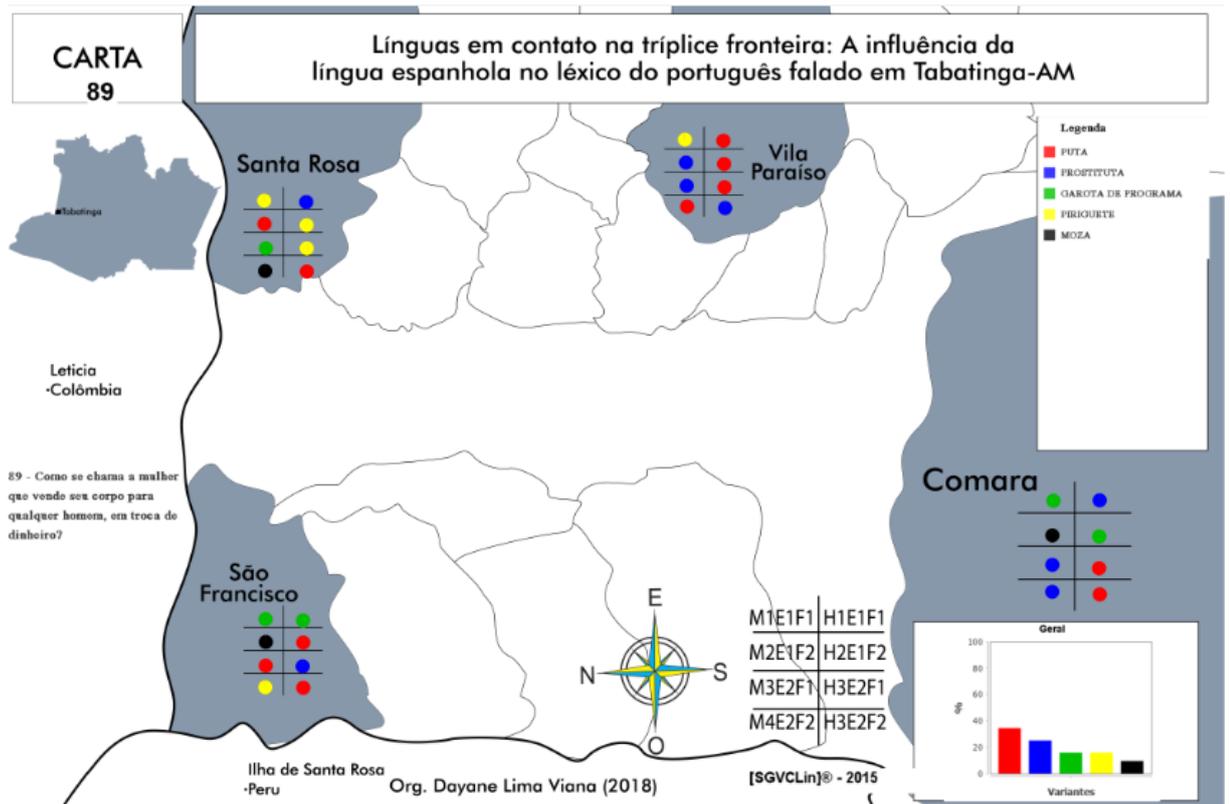
As variantes *garota de programa* e *puta* obtiveram o registro de 4 (25.00%) para cada variante. *Piriguete* e *prostituta* também tiveram um percentual semelhante 3 (18.75%) para ambas lexias. Registramos também 2 (12.50%) para a lexia do espanhol *moza*.

Já em falantes de ensino médio, verificamos a prevalência da variante *puta* com 7 ocorrências (73.75%), *prostituta* 5 (31.25%), *piriguete* 2 (12.50%), *garota de programa* 1 (6.25%), e 1 (6.25%) para a variante *moza*.

Observamos que não houve ocorrência da lexia *moza* em falantes mais jovens, em contrapartida, a variante foi produzida 3 (18.75%) por falantes mais velhos.

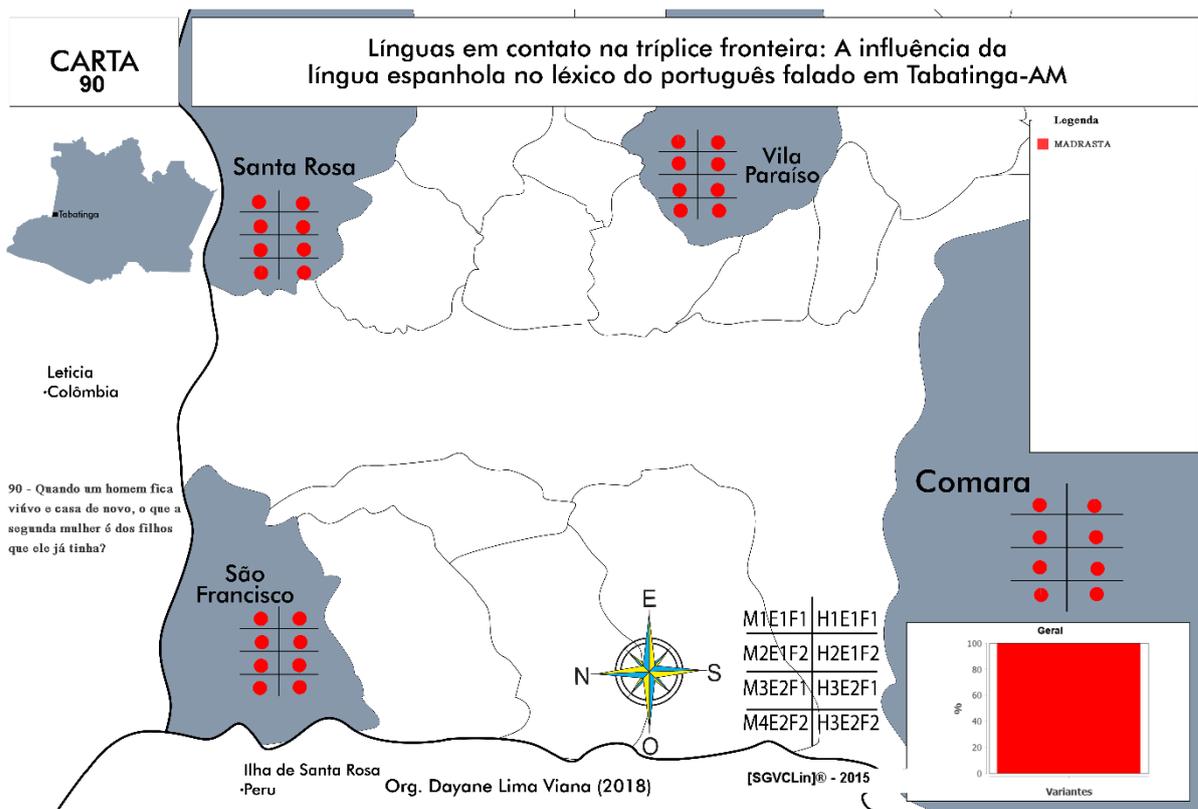
Quando passamos a analisar as ocorrências das variantes por gênero, observamos que a lexia espanhola teve ocorrência exclusivamente em mulheres 3 (18.75%) e nenhuma em falantes do sexo masculino.

Percebemos também, um alto índice de variantes na carta 89. Dentre estas, as lexias *puta* e *prostituta* foram as produtivas nos 4 pontos pesquisados. Apesar disso, não devemos desconsiderar as 3 ocorrências registradas para a lexia *moza*, uma vez que, mesmo com índice menor se fez presente nos bairros Santa Rosa, São Francisco e Comara, com 1 ocorrência em cada ponto.



4.41 Madrasta

Como é possível observar na carta abaixo, a lexia madrasta foi constatada em todos os pontos pesquisados, dessa forma, registramos a frequência absoluta de 32 e relativa de 100%.



4.42 Gay

Tabela 2 Frequência da carta Gay

Variantes	Número de ocorrências	%
Gay	13	40.62%
Homossexual	7	21.88%
Viado	7	21.88%
Panchita	3	9.38%
Tibo	2	6.25%

Na carta abaixo é possível observar, as diversas variantes existentes na fala tabatinguense.

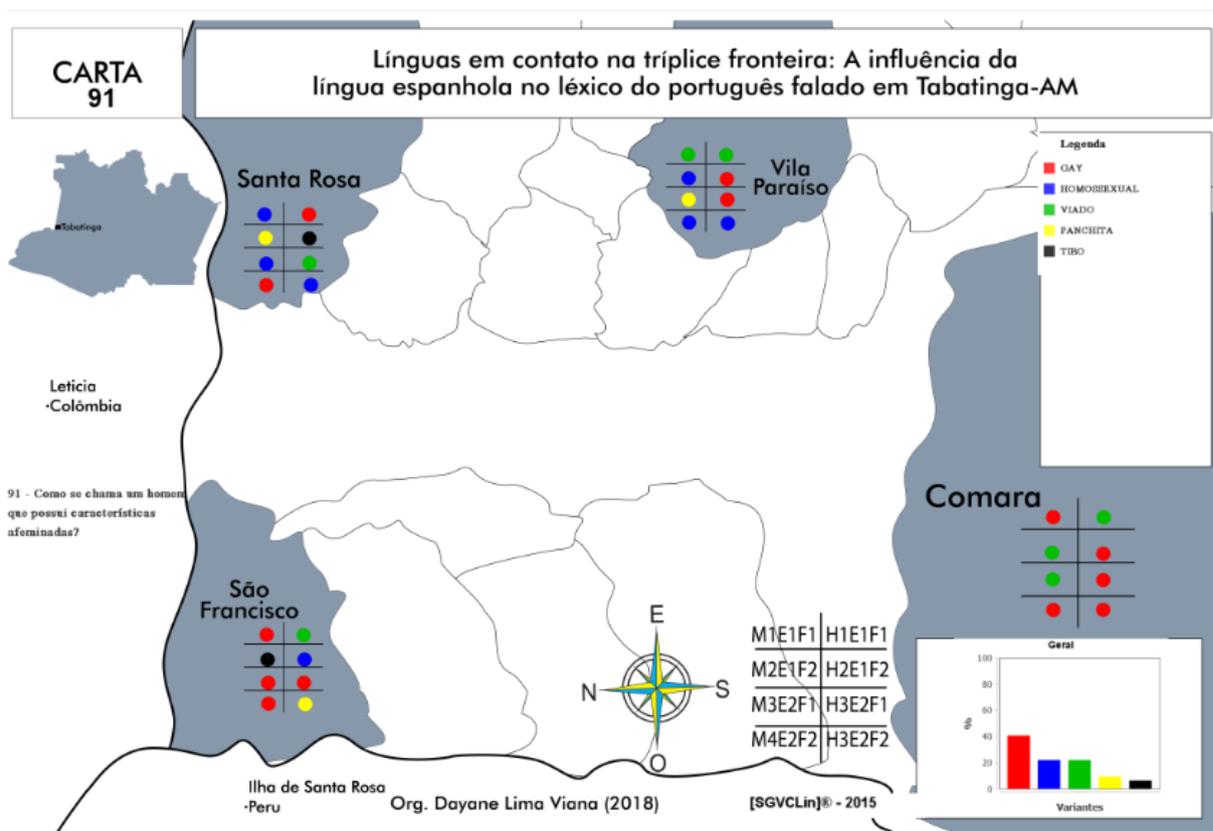
É importante aqui explicar, que as lexias *tibo* e *panchita* são pertencentes ao espanhol colombiano e peruanos.

De acordo como os indicadores, as lexias *viado* e *gay* obtiveram a mesma frequência de uso 5 (31.25%), o termo *homossexual* ficou com 3 (18.75%), *tibo* 2 (12.50%) e *panchita* 1 (6.25%).

No nível médio, verificamos que a lexia *gay* foi a mais recorrente com 8 (50.00%), seguido de 4 (25.00%) para homossexual e 2 (6.50%) para *panchita* e *viado*.

Com relação a análise por gênero, as duas lexias hispânica *tibo* e *panchita* estiveram presentes nos enunciados de ambos os gêneros. Em mulheres, a ocorrência da lexia *panchita* foi de 2 (12.50%) e *tibo* 1 (6.25%). Nos homens, a lexia *tibo* foi registrada 1 (6.25%) e *panchita* 1(6.25%).

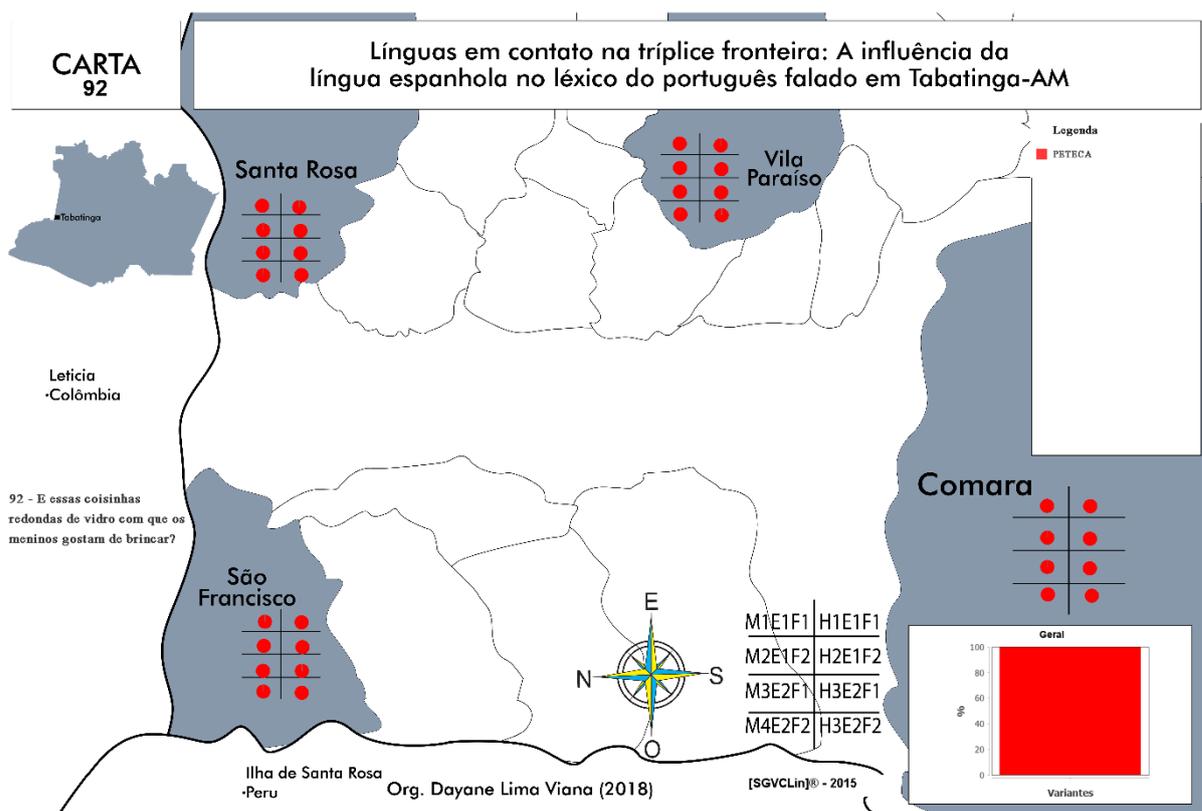
Outro fato que nos chamou atenção foi o alto índice de variantes encontradas na questão. A lexias *gay*, *homossexual*, e *viado* foram as mais utilizadas nos quatro pontos analisados. Entretanto, mesmo com baixo índice de ocorrência as lexias *panchita* e *tibo* não passou despercebidas. Pachita, foi registrada nos bairros São Francisco, Santa Rosa e Vila Paraíso. Já a lexia *tibo* foi observado apenas em falantes dos bairros mais próximos a fronteira com a Colômbia.



4.43 Peteca

Como podemos verificar na carta 92, registramos a lexia *peteca* em todos os pontos, demonstrando que os falantes das áreas estudadas não utilizam a forma *bola de gude*.

Os resultados demonstram a frequência absoluta de 32 e relativa de 100.00%.



4.44 Baladeira

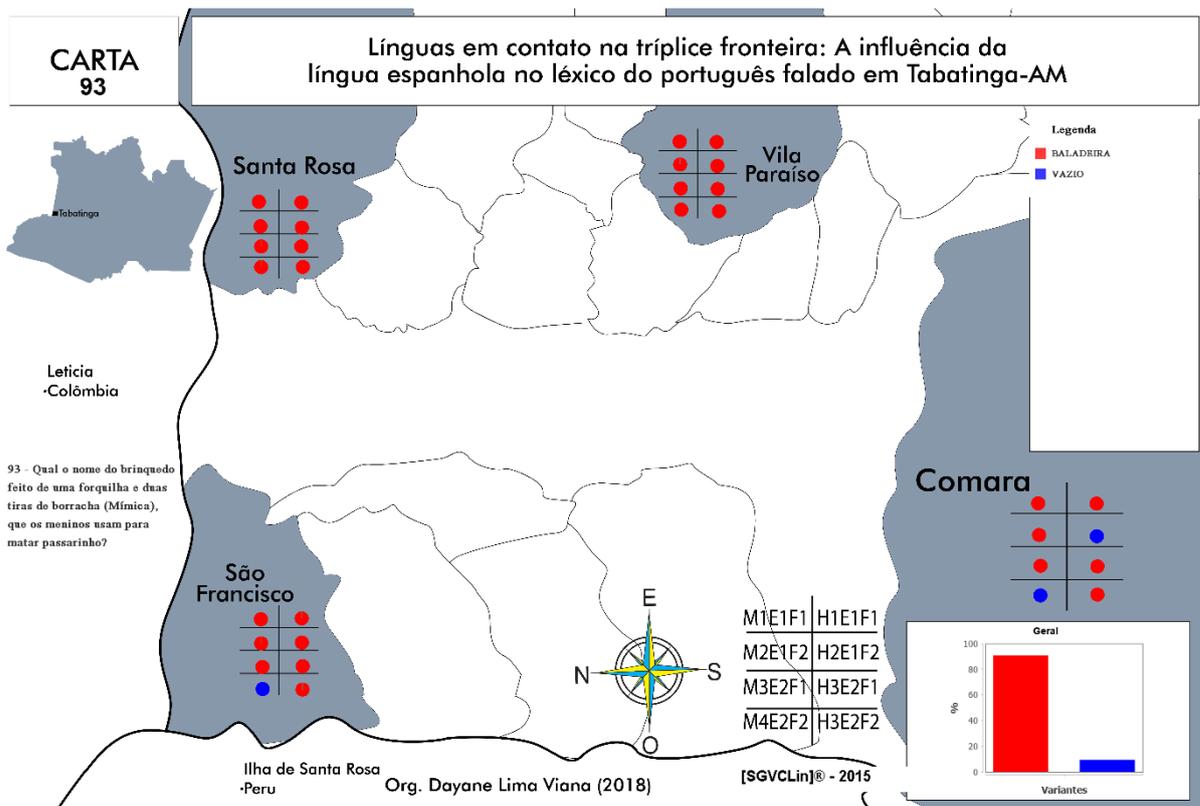
Na carta 93, examinamos a dominância da lexia *baladeira* em quase todos os pontos pesquisados, a lexia obteve 29 (90.62%) e apenas 3 (9.38%) abstenções.

Ao analisar os índices segundo o critério escolaridade, observamos que ambas escolaridades, isto é, fundamental e médio, a lexia *baladeira* foi dominante com 15 (93.75%) e 14 (87.50%) respectivamente, registramos ainda 3 abstenções, 1 informante de nível fundamental e 2 do nível médio.

A carta também demonstra, que a lexia *baladeira* está presente em (100.00%) dos falantes da faixa etária 1. Na faixa etária 2, observamos que 13 (81.25%) também utilizam a lexia. Todas as abstenções foram registradas na faixa 2.

Analisando os gêneros, verificamos que 14 (87.50%) das mulheres utilizaram a forma *baladeira* e 2 (12.50%) não souberam responder à questão.

No sexo masculino foram 15 (93.75%) de ocorrência da lexia, e apenas 1 (6.25%) abstenção.



4.45 Esconde-esconde

Como é possível verificar na carta 94, registramos a ocorrência de 3 lexias, *esconde-esconde* com 17 (53.12%), *se esconde* 9 (28.12%), *pira-esconde* 4 (12.50%) e 2 (6.25%) abstenções.

Em falantes de ensino fundamental, o uso de *esconde-esconde* foi de 14 (62.50%), *se esconde* 4 (25.00%), *pira-esconde* 1 (6.25%) e 1 (6.25%) abstenções.

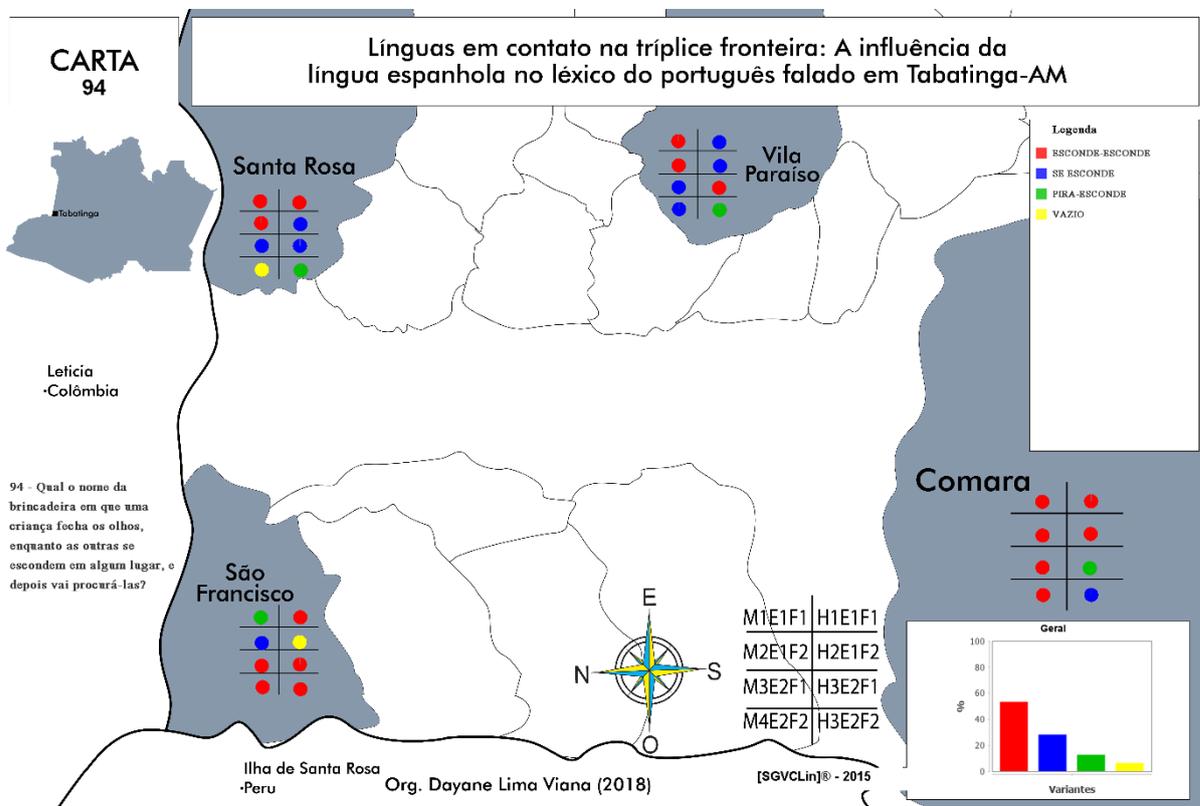
No ensino médio, o uso da lexia *esconde-esconde* também foi mais dominante com 7 (43.75%), seguido de 5 (31.25%) para a forma *se esconde*, 3 (18.75%) *pira esconde* e 1 (6.25%) abstenção.

Observado também que na faixa etária 1, a lexia *esconde-esconde* foi utilizada 10 (62.50%), se esconde 4 (25.00%) e pira esconde 2 (12.50%).

Na faixa etária 2, foram 7 (43.75%) para *esconde-esconde*, 5 (31.25%) *se esconde*, 2 (12.50%) *pira-esconde* e 2 abstenções.

Verificamos que as mulheres optaram pelo uso de *esconde-esconde* com 10 (62.50%), seguido de *se esconde* (25.00%), *pira-esconde* 1 (6.25%) e 1 abstenção.

No sexo masculino, a preferência também se manteve pela lexia *esconde-esconde* com 7 (43.75%), seguido de *se esconde* 5 (31.25%) e 3 (18.75%) para *pira-esconde*.



4.46 Cabra-cega

Na carta 95, nosso estudo se volta para duas variantes, *pata-cega* e *cabra-cega*. De modo geral, *pata-cega* foi utilizado 13 (40.62%) e *cabra-cega* 11 (34,38%). Em falantes de nível fundamental, a ocorrência da lexia *pata-cega e cabra-cega* foi proporcionalmente igual 8 (50.00%) para ambas lexias.

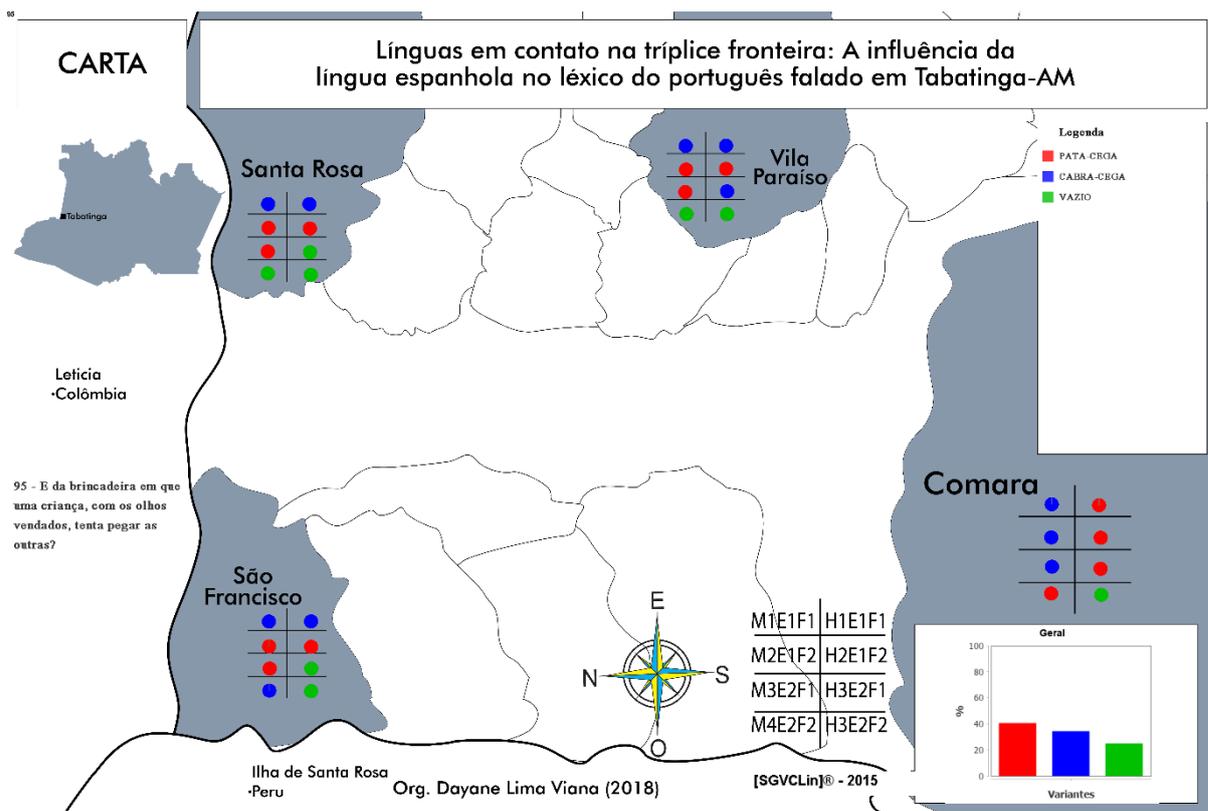
No nível médio, verificamos um fato interessante, pois metade dos entrevistados não souberam responder a questão, somando 8 (50.00%) de abstenções, 5 (31.25%) para a lexia *pata-cega* e 3 (18.75%) *cabra-cega*.

Outro fato que vale a pena explicar, é o modo diferenciado com que as diferentes faixas etárias se apropriam das lexias, uma vez que, verificamos que na faixa etária 1, houve a preferência pela lexia *cabra-cega* com 9 (56.25%), seguida de 5 (31.25%) *pata-cega* e 2 (12.50%) não responderam a questão.

De modo oposto, na faixa etária 2, registramos maior ocorrência pela lexia *pata-cega* com 8 (50.00%), também observamos um alto índice de abstenções, cerca de 6 (37.50%) e 2 (12.50%) para a lexia *cabra-cega*.

Também observamos que as mulheres utilizam as duas lexias (*pata-cega e cabra-cega*) de forma proporcional, com 7 (43.75%) para ambas lexias e 1 abstenção.

No gênero masculino, detectamos o maior índice de abstenções 6 (37.50%), as lexias *pata-cega e cabra-cega* obtiveram 6 (37.50%) e 4 (25.00%) respectivamente.



4.47 Pega pega

Na questão 96, registramos a ocorrência das lexias, *pira* com 17 (53.12%), *mancha* 9 (28.12%), e *pega pega* 3 (9.38%), observamos ainda 3 (9.38%) abstenções.

Analisamos que a lexia *pira* foi predominante nos falantes de nível fundamental com 9 (56.25%), seguida de 3 (18.75%) para *pega pega* e 1 (6.25%) *mancha*, também observamos 3 abstenções.

Nos falantes de nível médio, a forma *mancha* e *pira* obtiveram os mesmos resultados, 8 (50.00%) para cada lexia.

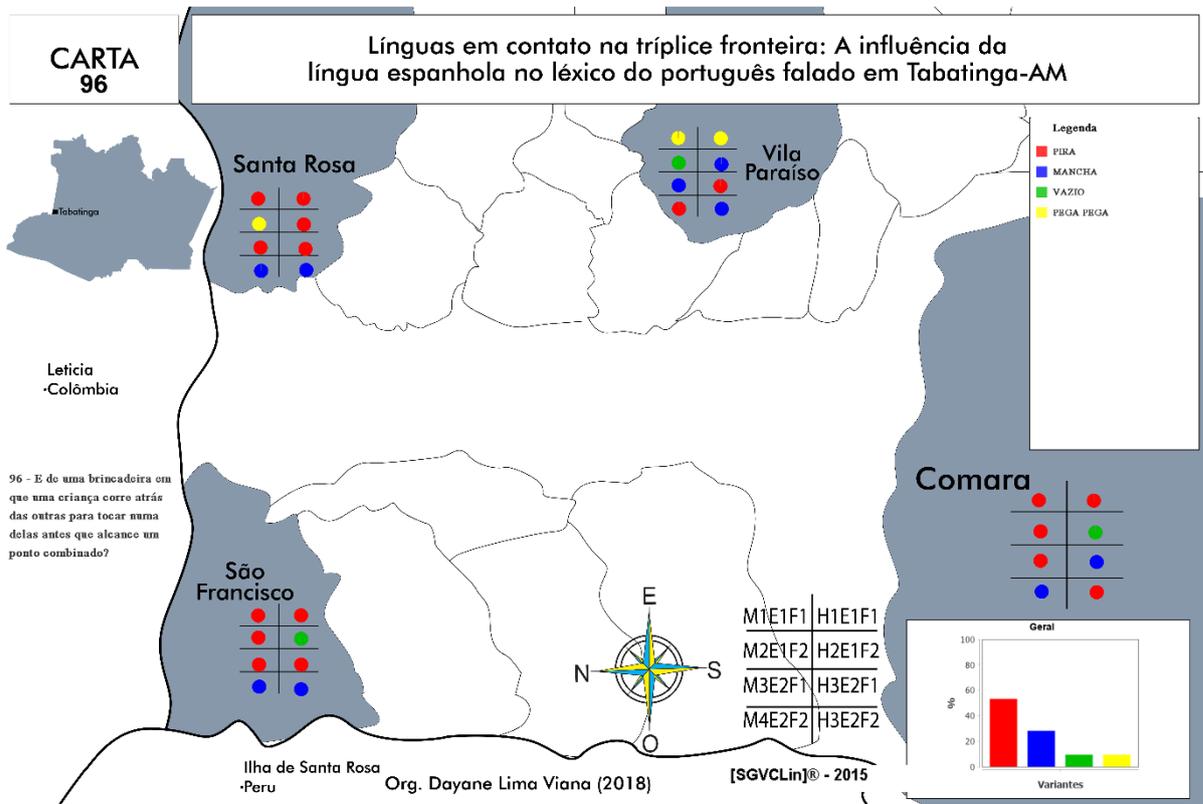
No tocante ao fator idade, observamos que ambas gerações optam por lexias diferentes. Em falantes mais jovens, observamos que a lexia *pira* foi a mais recorrente com 12 (75.00%), seguida de *mancha* 2 (12.50%) e *pega pega* 2 (12.50%).

Já nos mais velhos, verificamos a preferência pelo vocábulo *mancha* com 7 (43.75%), *pira* com 5 (31.25%), *pega pega* 1 (6.25%) e 3 (18.75%) abstenções.

De acordo com nossa análise, a lexia *pira* foi a mais utilizada tanto em homens quanto mulheres 8 (50.00%) e 9 (56.25%) respectivamente.

No gênero feminino, a lexia *mancha* obteve um percentual de 4 (25.0%), *pega pega* 2 (12.50%) e apenas 1 resposta vazia.

No gênero masculino, a lexia *mancha* teve incidência de 5 (31.25%), *pega pega* apenas 1 (6.25%) e 2 abstenções.



4.48 Amarelinha

Na carta 97, fizemos o registro de duas lexias, *amarelinha* com 20 (62.50%), *macaca* com 7 (21.88%) e 5 (15.62) abstenções.

Em falantes de nível fundamental registramos 10 (62.50%) para a forma *amarelinha*, 3 (18.75%) para a lexia *macaca* e 3 (18.75%) abstenções.

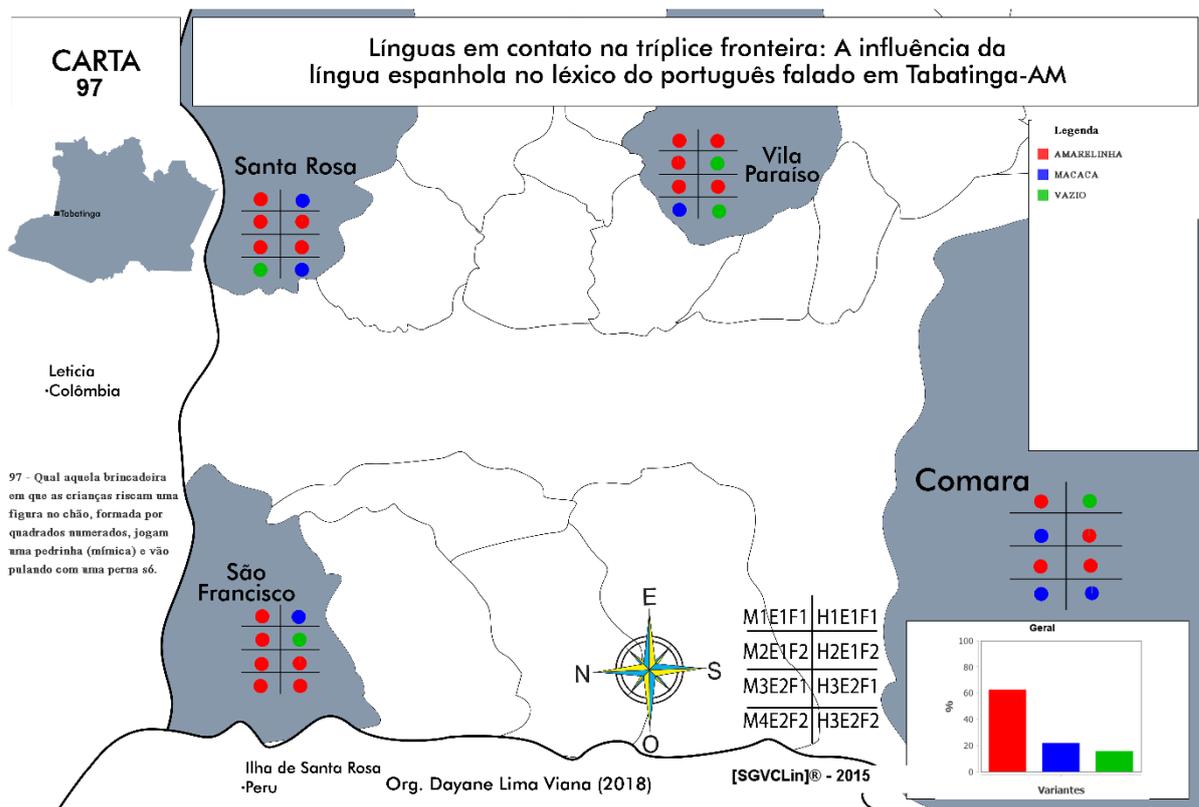
No ensino médio, a lexia *amarelinha* também foi a mais incidente com 10 (62.50%), seguida de 4 (25.00%) para a forma *macaca* e 2 (12.50%) não souberam responder a questão.

Observamos que em falantes da faixa etária 1, preferiram o uso da lexia *amarelinha* com 13 (81.25%), 2 (12.50%) optaram pelo uso de *macaca*, registramos apenas 1 abstenção.

Por outro lado, em falantes mais velhos, observamos um relativo nivelamento com relação a escolha das lexias, uma vez que, 7 (43.75%) dos informantes elegeram a forma *amarelinha* e 5 (31.25%) optaram pelo uso de *macaca*.

No gênero feminino, a lexia *amarelinha* obteve o índice de 12 (75.00%) seguida de 3 (18.75%) para a forma *macaca*, registramos apenas 1 abstenção.

No gênero masculino, 8 (50.00%) optaram por *amarelinha*, 4 (25.00%) preferiram o uso da lexia *macaca* e 4 (25.00%) não souberam responder.



4.49 ACESSA

Na carta semântico-lexical 98, nosso estudo se voltou para investigar as variantes, inxirida com 20 (62.50%), *acessa* 7 (21.88%), *arreacha* 2 (6.25%) e 2 (9.38%) abstenções.

A variante estrangeira *arreacha* ocorreu apenas em falantes de ensino fundamental, 2 (12.50%).

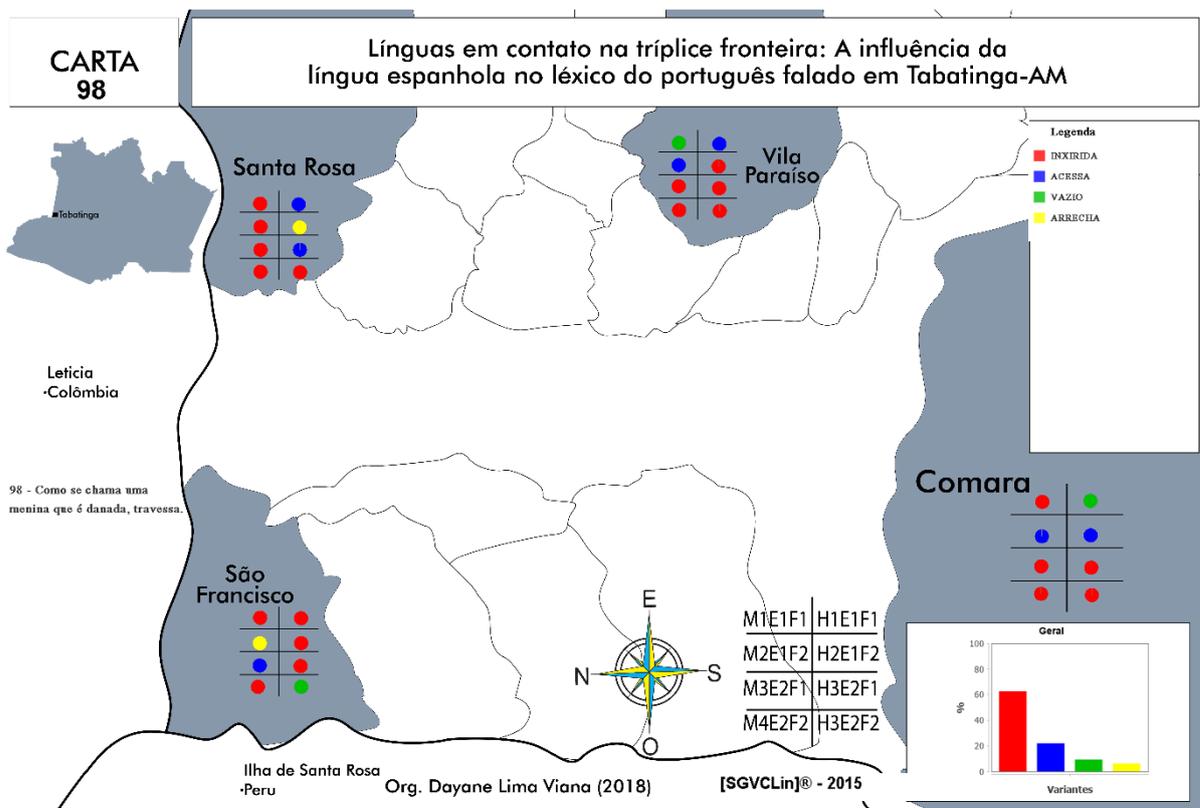
Apesar do baixo índice de ocorrência, comparado aos 7 (43.75%) *inxirida*, a variante *arreacha* demonstrou que mesmo com baixa proporção, ela se faz presente na composição vocabular de falantes da cidade de Tabatinga.

Outro fato apontado na pesquisa foi a ocorrência da lexia apenas em informantes da faixa etária 2, isto é, nos mais velhos, com 2 (12.50%).

O estudo também revelou que tanto mulheres quanto homens têm o hábito de utilizar a variante hispânica, pois segundo os registros, houve uma ocorrência para mulher e outra para homem.

Temos que mencionar, que ao analisar os aspectos diatópicos das ocorrências linguísticas, percebemos que a lexia *inxirida* foi dominante nos 4 pontos estudados.

Acessa, também se apresentou como forma alternativa com registro em todos os bairros. Observamos o contrário, com relação a lexia *arreacha*, pois registramos sua ocorrência apenas em falantes dos bairros mais próximos com a cidade de Letícia.



4.50 Avexada

Na carta 99, verificamos o uso das lexias, *avexada* com 14 (43.75%), *aperriada* com 8 (25.00%), *afobada* 6 (18.75%), *afanada* 6 (18.75%) e 2 (6.25%) abstenções.

Nesta carta percebemos o predomínio da lexia *avexada* em falantes de ensino fundamental, com índice de 5 (31,25%), seguida de *aperriada* 5 (31.25%), *afobada* 4 (25.00%), *afanada* 1 (6.25%) e 1 informante não soube responder a questão.

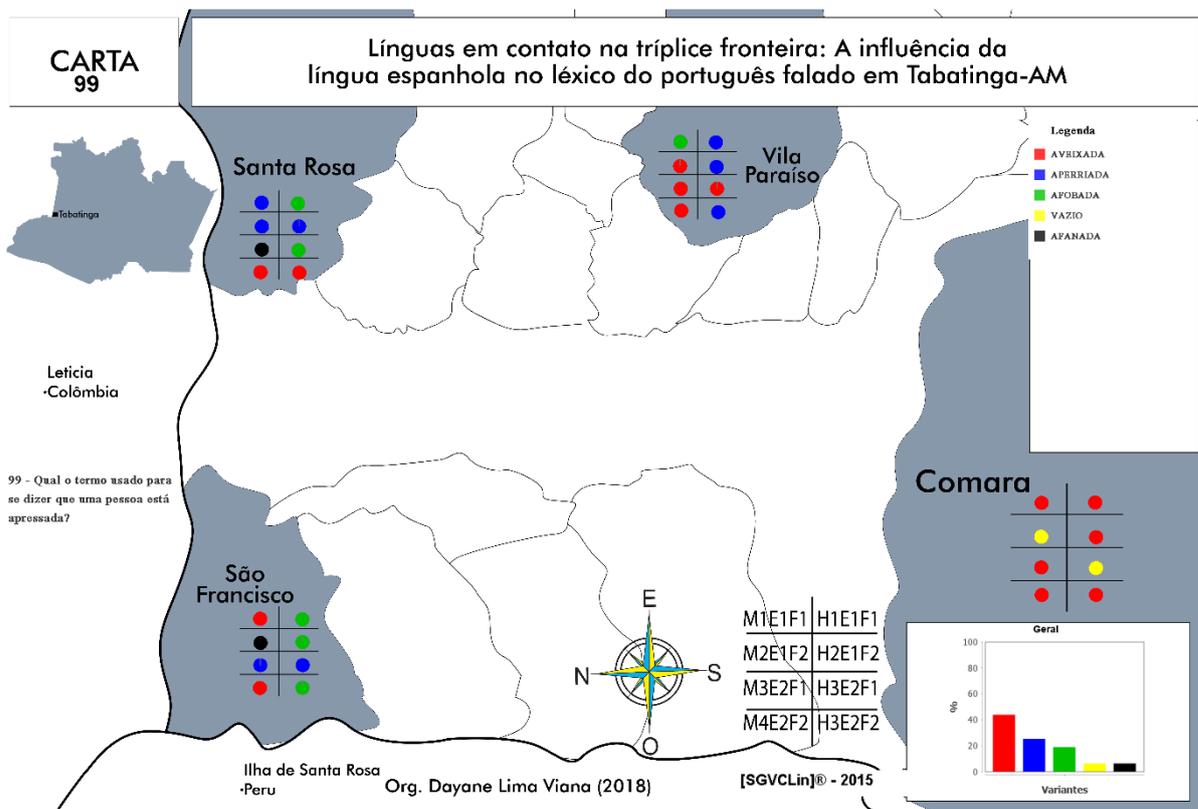
Em falantes de nível médio a lexia *avexada* obteve 9 (56.25%), *aperriada* 3 (18.75%), *afobada* 2 (12.50%), *afanada* 1 (6.25%) e 1 abstenção.

Com relação a faixa etária, os resultados foram: na faixa etária 1, *avexada* obteve 6 (37.50%), *afobada* 4 (25.00%), *aperriada* 4 (25.00%), 1 (6.25%) para a lexia *afanada* e 1 abstenção.

Na faixa etária 2, *avexada* foi a mais utilizada com 8 (50.00%), seguida de %) *aperriada* 4 (25.00%), *afobada* 2 (12.50%), *afanada* 1 (6.25%) e 1 abstenção.

Os dados também demonstraram que o gênero feminino tem preferência pelo uso de *avexada* com 9 (56.25%), seguido de *aperriada* 3 (18.75%), *afanada* 2 (12.50%), *afobada* 1 (6.25%) e 1 abstenção.

No gênero masculino, observamos que as lexias estão mais distribuídas entre os falantes, uma vez que, todas as lexias obtiveram resultados iguais, *avexada* 5 (31.25%), *afobada* 5 (31.25%), *aperriada* 5 (31.25%) e 1 abstenções.



4.51 Desmentido

Na carta 100, verificamos que 4 lexias que tem a função de nomear a fratura ou deslocamento de determinado osso do corpo humano.

A lexia mais recorrente foi *desmentido* com 22 (68.75%), seguida de *deslocado* 7 (21.88%), *entremeado* 2 (3.12%) e 1 informante respondeu a lexia *luxação*.

Com relação a análise por escolaridade, falantes de nível fundamental reproduziram 10 (62.50%) a lexia *desmentido*, 4 (25.00%) *deslocado*, *entremeado* 1 (6.25%) e *luxação* 1 (6.25%).

Em falantes de nível médio a lexia *desmentido* também parece ser a mais cotidianamente utilizada, ela apresentou-se na pesquisa com o percentual de 12 (75.00%), seguida de *deslocado* 3 (18.75%) e *entremeado* 1 (6.25%).

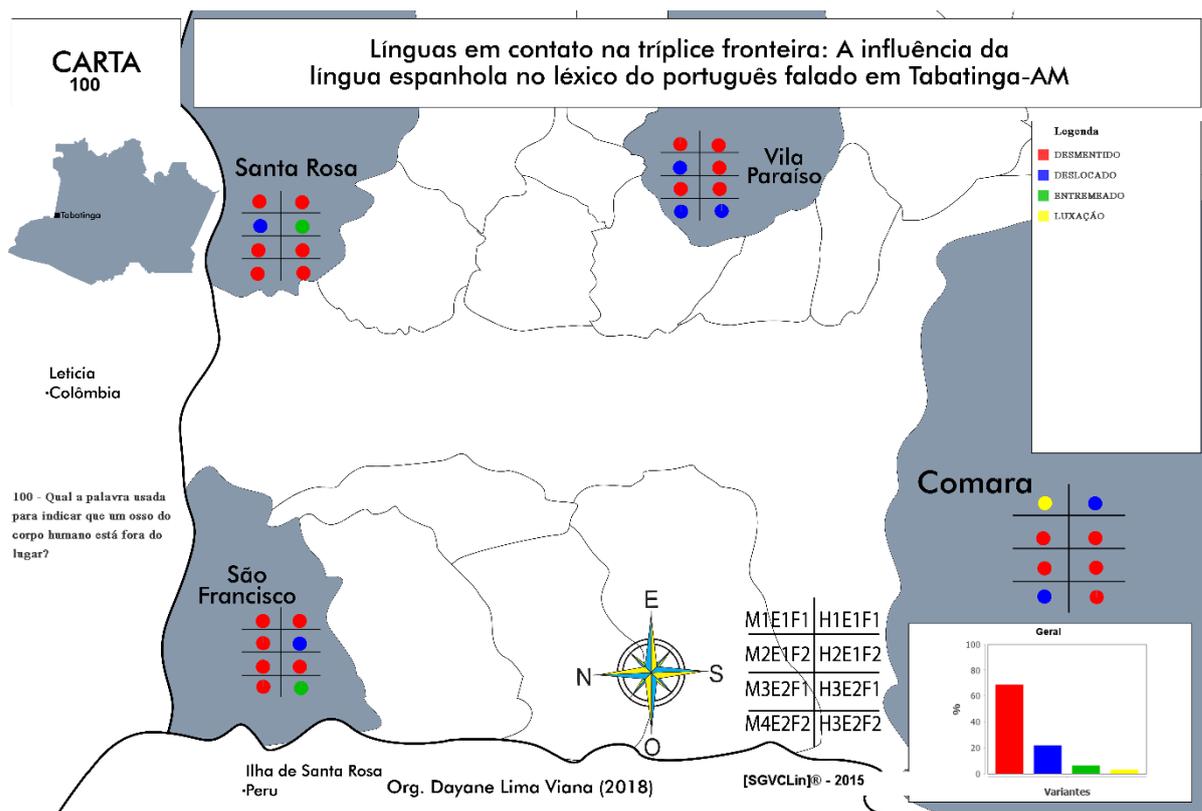
A faixa etária 1, apresentou um acentuado uso da lexia *desmentido* com 14 (87.50%), seguido das formas *luxação* 1 (6.25%) e *deslocado* 1 (6.25%).

Na faixa 2, todavia, o uso *desmentido* e *deslocado* obtiveram resultados aproximados 8 (50.00%) e 6 (37.50%) respectivamente. Registramos também 2 (12.50%) para a forma *entremeado*.

A carta também demonstra que tanto homens quanto mulheres têm preferência pela lexia *desmentido*, e ambos os gêneros tiveram o resultado de 11 (68.75%).

A forma *deslocado* foi registrado 4 (25.00%) e luxação 1 (6.25%) nas mulheres.

Já no sexo masculino a lexia *deslocado* pontuou 3 (18.75%) e *entremeado* 2 (12.50%).



4.52 Empachado

Empachado e entupido foram duas formas encontradas na carta 101, a primeira, obteve 20 (62.50%) e a segunda 11 (34.38%). Registramos apenas 1 (3.12%) abstenção.

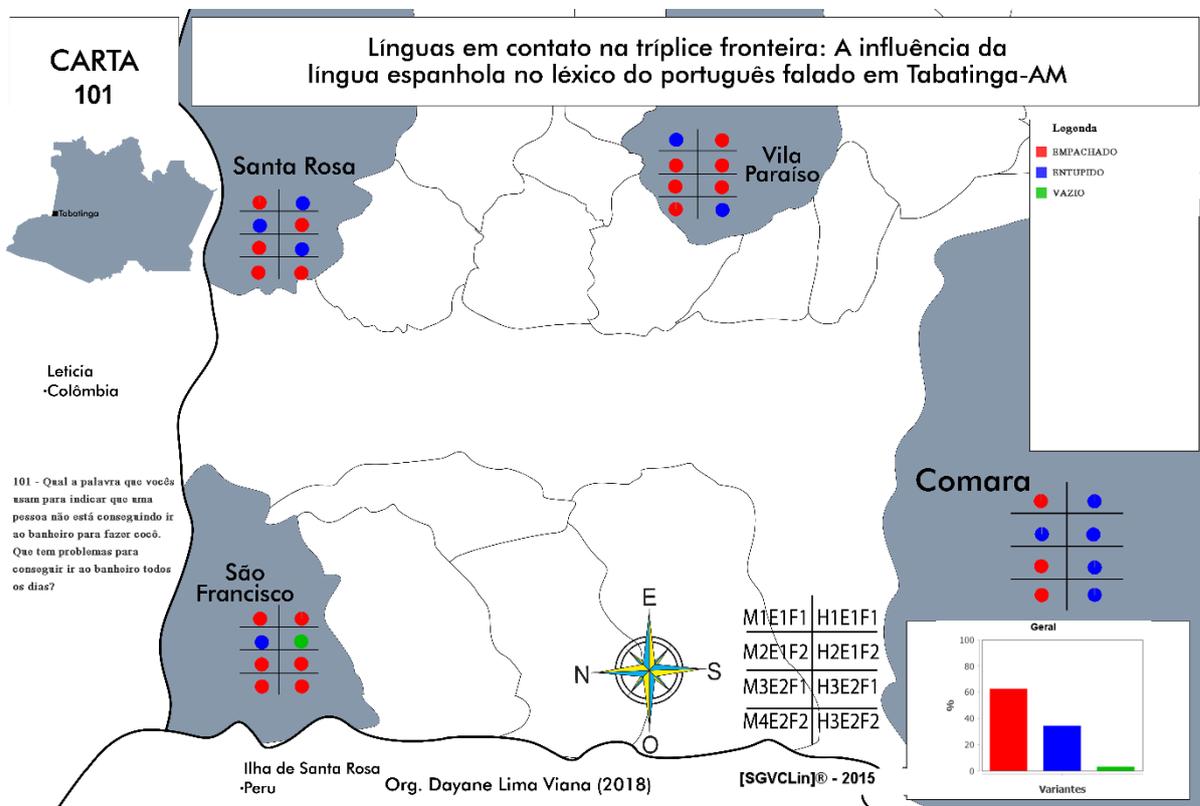
Em falantes do nível fundamental as duas lexias aparecem com índices quase semelhantes, *empachado* com 8 (50.00%) e *entupido* com 7 (43.75%), demonstrando que ambas as formas são estritamente concorrentes.

De perspectiva contrária, falantes do nível médio demonstraram preferência pela lexia *empachado*, com o percentual de 12 (75.00%) e *entupido* com apenas 4 (25.00%).

Na faixa etária 1, a lexia *empachado* foi utilizado 11 (68.75%) e *entupido* 5 (31.25%). Na faixa 2, *empachado* obteve 9 (56.25%) e *entupido* 6 (37.50%), registramos ainda 1 abstenção.

A carta deixa claro, que o gênero feminino tem maior preferência pela forma *empachado*, com o total de 12 (75.00%) e apenas 4 (25.00%) para a lexia *entupido*.

Por outro lado, no gênero masculino, o estudo revelou que ambas lexias concorrem entre si, pois ao analisar os resultados percebemos índices muito aproximados, *empachado* 8 (50.00%) e 7 (43.75%) para a forma *entupido*.



4.53 Fofoqueira

Na carta 102, o estudo se voltou para as 6 lexias registradas, *fofoqueira* 10 (31.25%), *fluxiqueira* 10 (31.25%), *cagueta* 6 (18.75%), *caga-pau* 4 (12.50%), *falso* 1 (3.12%) e *talarico* com 1 (3.12%).

Em falantes de ensino fundamental, a lexia com maior índice de uso, foi *fofoqueira* com 6 (37.50%), seguido de *fluxiqueira* 4 (25.00%), *caga-pau* 3 (18.75%), *cagueta* 2 (12.50%) e *talarico* 1 (6.25%).

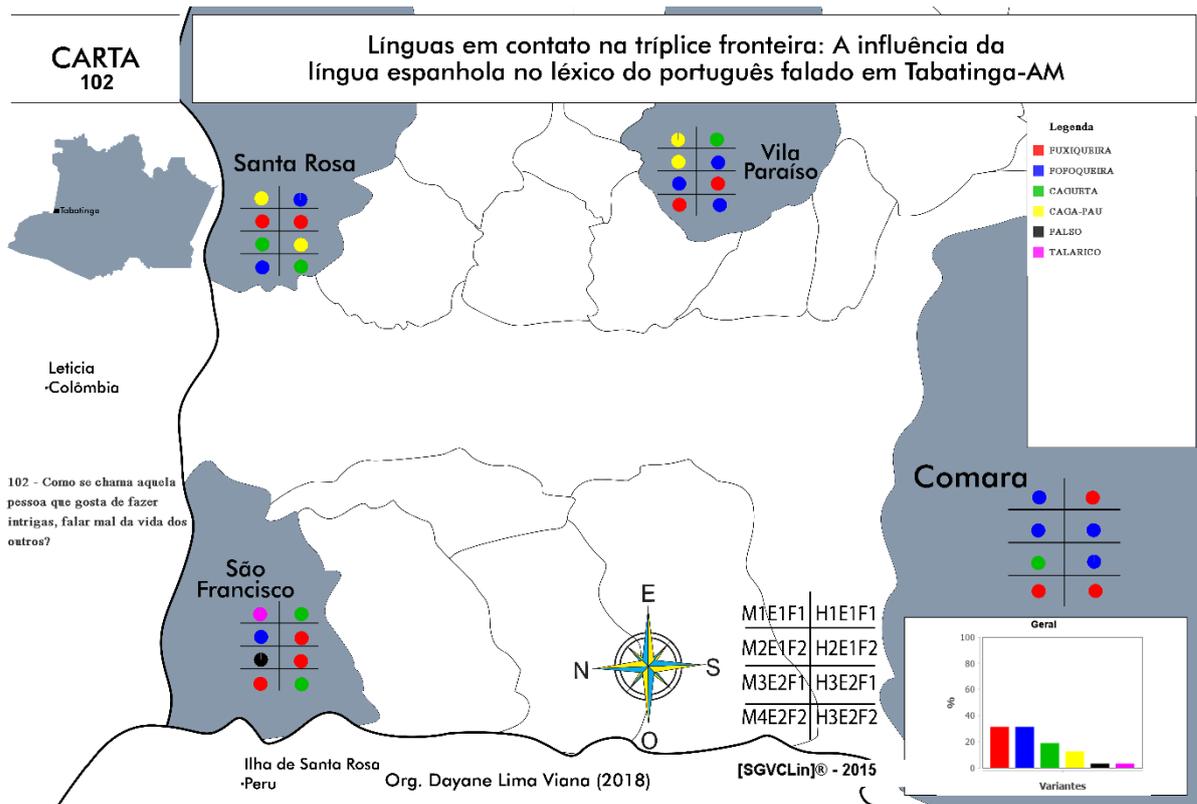
No entanto, em falantes de ensino médio, a ordem de preferência se inverteu, pois a lexia *fluxiqueiro* aparece com 6 (37.50%) e *fofoqueira* com 4 (25.00%), seguida de *cagueta* 4 (25.00%), *caga-pau* 1 (6.25%) e *falso* 1 (6.25%).

No tocante a análise por faixa etária, os mais jovens demonstraram preferência pelo uso das formas *cagueta* e *fofoqueira*, 4 (25.00%) para ambas as lexias, seguido de *caga-pau* com 3 (18.75%), *falso* 1 (6.25%) e *talarico* 1 (6.25%)

Em contrapartida, verificamos que em mais velhos, a lexia *fluxiqueira* e *fofoqueira* houve prevalência com 7 (43.75%) e 6 (37.50%) respectivamente. A lexia *cagueta* com 2 (12.50%) e *caga pau* 1 (6.25%).

No sexo feminino as ocorrências foram com *fofoqueira* 5 (31.25%), *fluxiqueira* 4 (25.00%), *caga-pau* 3 (18.75%), *cagueta* 2 (12.50%), *talarico* 1 (6.25%) e a lexia *falso* obteve 1 (6.25%).

No sexo masculino, os registros demonstraram que a lexia *fluxiqueira* é mais cotidianamente usada, seguida de *fofoqueira* 5 (31.25%), *cagueta* 4 (25.00%) e *caga-pau* 1 (6.25%).



4.54 Lesa

Tabela 3 Frequência da carta lesa

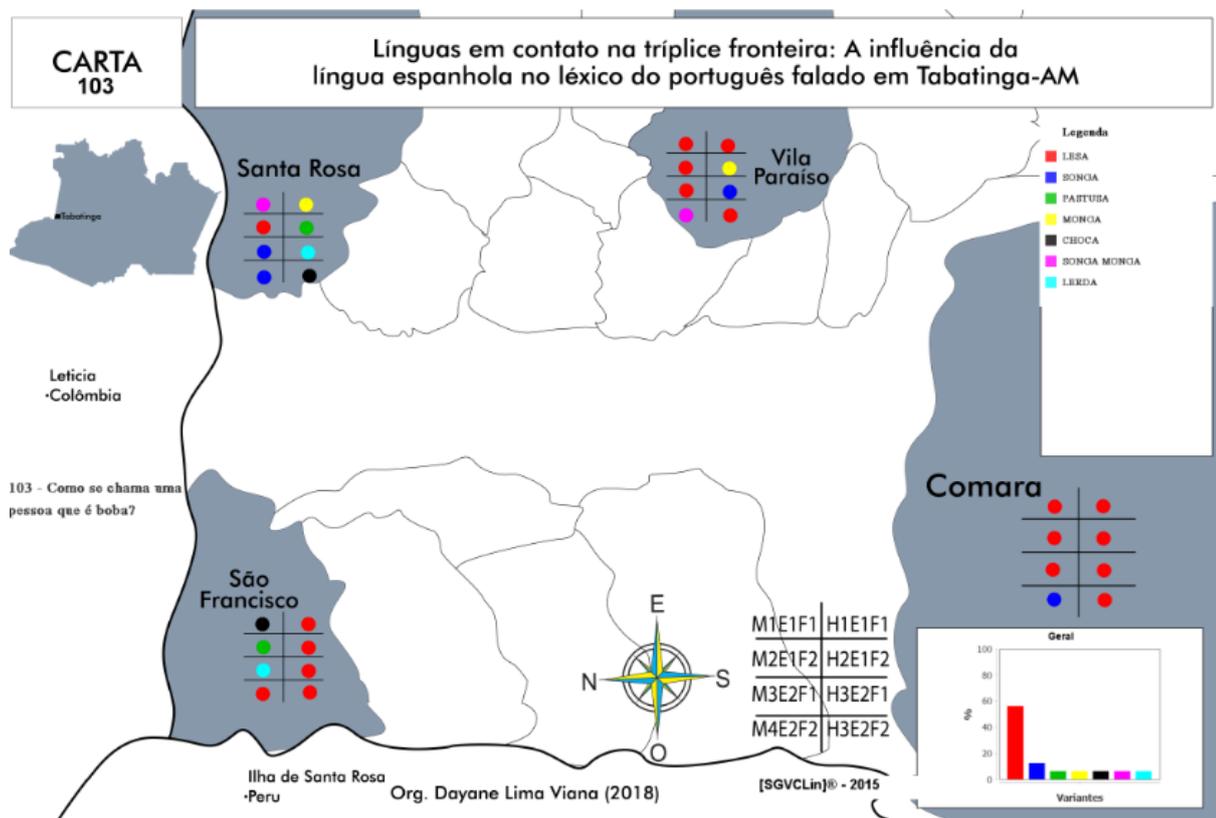
Variantes	Número de ocorrências	%
Lesas	18	56.25%
Songa	4	12.50%
Choca	2	6.25%
Pastusa	2	6.25%
Monga	2	6.25%
Songa monga	2	6.25%
Lerda	2	6.25%

As incidências por escolaridade demonstram que 10 (62%) dos informantes do nível fundamental aderem ao vocábulo *lesa*, 2 (12.50%) para a variante do espanhol *pastusa*, 2 (12.50%) para *monga* e 1 (6.25%) para cada lexia, *songa monga* e *choca*

No ensino médio, foram 8 (50.00%) para a lexia *lesa*, 4 (25.00%) *songa*, 2 (6.25%) *lerda*, 1 (6.25%) para *songa monga* e *choca*.

Como se pode observar as únicas ocorrências da lexia hispânica *pastusa* foi em falantes do ensino fundamental. Percebemos ainda que, as duas ocorrências do vocábulo hispânico foram computadas apenas em falantes da faixa entre 36-65 anos, uma ocorrência em cada gênero.

Verificamos ainda, que a lexia *pastusa*, foi registrada apenas em falantes de bairros mais próximos a cidade de Letícia, São Francisco e Santa Rosa.



4.55 Mau-olhado

Na carta 104, verificamos a ocorrência de 4 lexias, *mau-olhado* com 13 (40.62%), *olho gordo*, 11 (34.38%), *agora* 6 (18.75%) e a lexia hispânica *porcaria* com 2 (6.25%).

Nos falantes da escolaridade 1, observamos que a lexia *mau-olhado* obteve 6 (37.50%), seguida de *olho-gordo* 5 (31.25%), *agoro* 3 (18.75%) e as duas incidências da lexia *porcaria* 2 (12.50%) foi observada em falantes da escolaridade 1.

Em falantes de nível médio, *mau-olhado* foi registrado com 7 (43.75%), *olho-gordo* 6 (37.50%) e *agoro* com 3 (18.75%).

Na faixa etária 1, verificamos que a lexia *mau-olhado* obteve 7 (43.75%), seguida de 6 (37.50%) para *olho gordo* e 3 (18.75%) *agoro*.

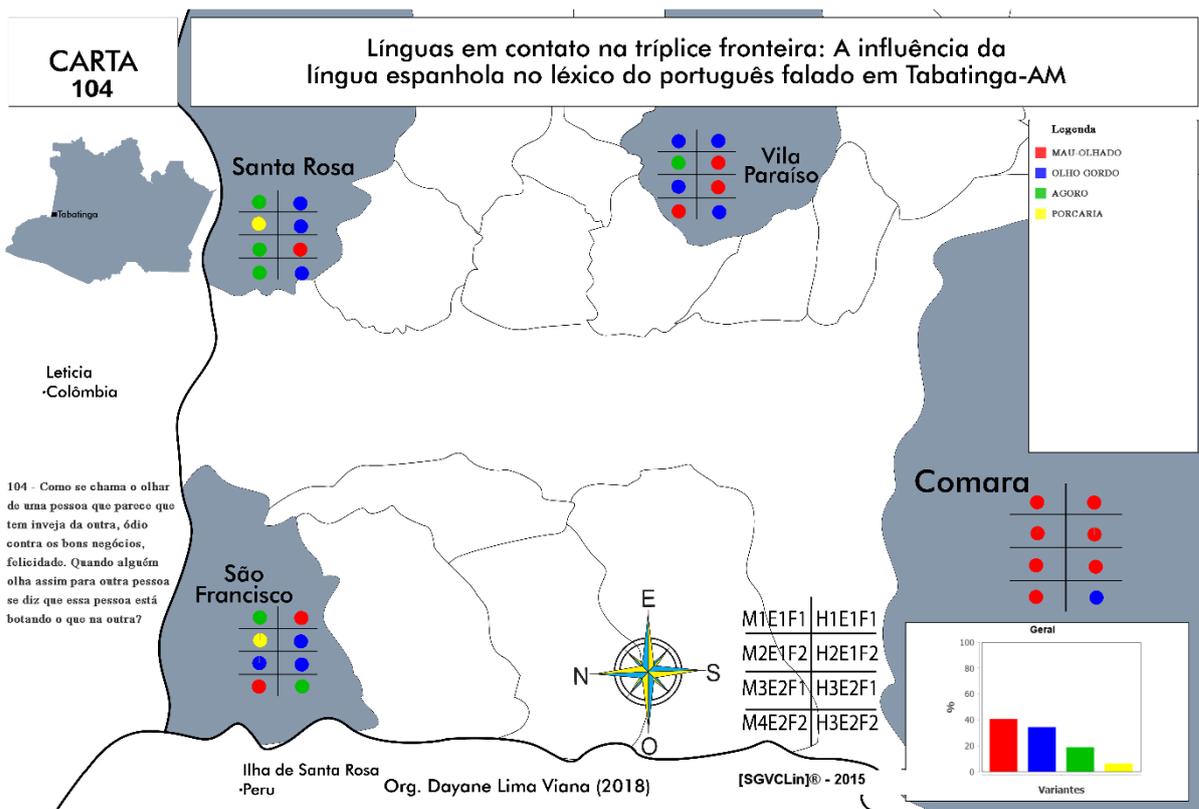
Na faixa 2, *mau olhado* teve o cômputo de 6 (37.50%), *olho gordo* 5 (31.25%), *agoro* 3 (18.75%) e *porcaria* com 2 (12.50%).

A respeito do gênero, as mulheres apresentaram um número maior de utilização da lexia, *mau-olhado* 6 (37.50%), *agoro* 5 (31.25%), *olho gordo* 3 (18.75%) e *porcaria* 2 (12.50%).

Já nos homens, observamos que as lexias *olho gordo* e *mau-olhado* possuem índices aproximados, com 8 (50.00%) e 7 (43.75%) respectivamente. Registramos também 1 (6.25%) para a lexia *agoro*.

Avaliando os aspectos diatópicos, percebemos que as lexias *mau olhado*, *olho gordo* e *agoro*, são alternativas diferentes a disposição do falante da cidade. E de acordo com a carta, foram registradas nos 4 pontos pesquisados.

Mas com relação a lexia *porcaria*, ocorre justamente o contrário, uma vez que, foi observada apenas em falantes que moram próximos a linha de fronteira.



4.56 Nhapa

Nhapa é uma palavra oriunda do espanhol. Por vezes é utilizada para oferecer a alguém algo além do que pagou.

Na carta 105, a lexia *nhapa* foi a única forma encontrada, para designar o que em várias partes do Brasil é chamado de “pechinchar”.

Vale a pena aqui ressaltar, que *nhapa* é expressão utilizada em restaurantes e comércios de Tabatinga, e não se refere ao ato de pedir um desconto, trata-se de levar para casa mais do que pagou (quantidade).

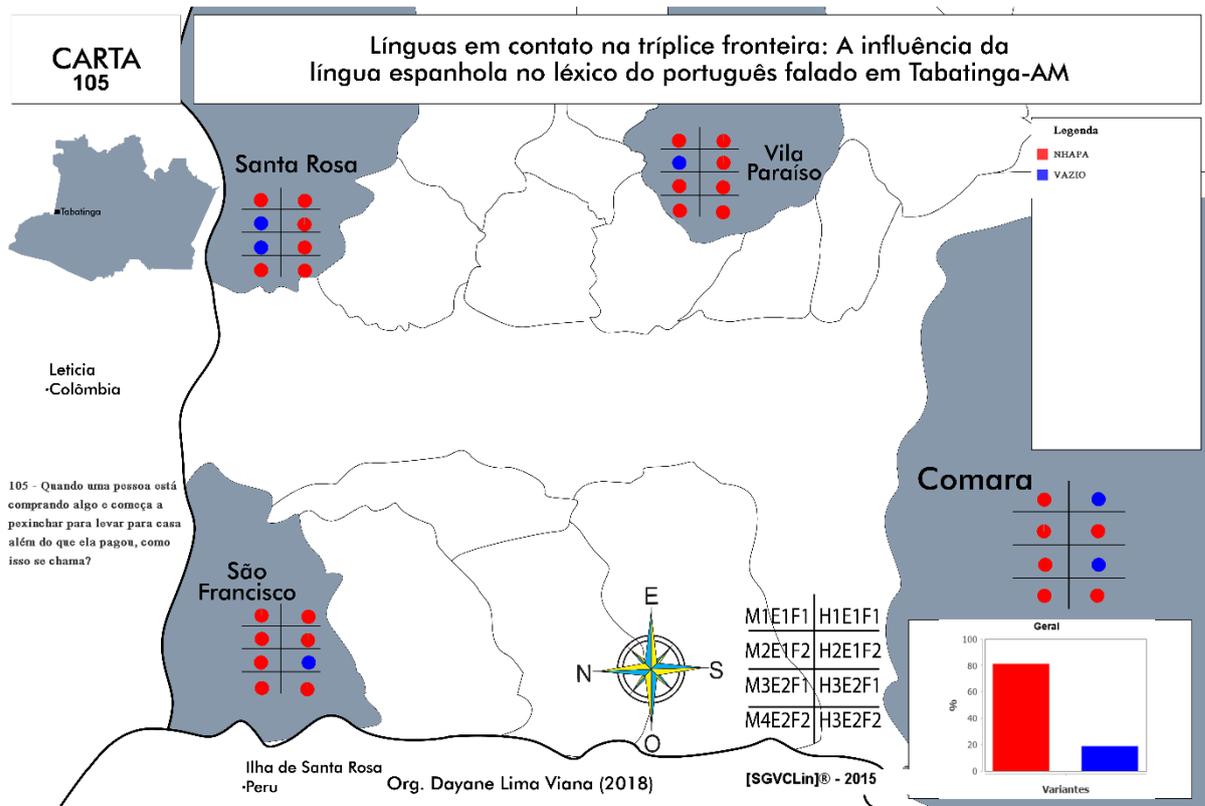
A frequência absoluta da lexia *nhapa* foi de 26 e a relativa de (81.25%), observamos ainda um índice relativamente elevado de abstenções, 6 (18.75%).

Quanto a escolaridade, tanto informantes de nível fundamental e médio, obtiveram resultados idênticos 13 (81.25%) para a lexia *nhapa* e 3 (18.75%) para abstenções.

Na análise geracional, verificamos que na faixa etária 1, *nhapa* obteve 12 (75.00%) e 4 (25.00%) abstenções. Na faixa etária 2, foram 14 (87.50%) para a lexia *nhapa* e 2 (12.50%) abstenções.

O estudo revelou que homens e mulheres apropriam-se das lexias de modo igual, 13 (81.25%) para *nhapa* e 3 (18.75) abstenções para ambos os gêneros.

Também é possível observar por meio dos dados da carta, que a lexia *nhapa* constitui uma isoléxica, visto que, é dominante em todos os pontos, não havendo, portanto, outras formas concorrentes.



4. 57 Roubando

Ao analisar a carta 106, podemos observar as 4 lexias, *pidiando* com 12 (37.50%), *roubando* 10 (31.25%), *trapaceando* 7 (21.88%) e *engolobando* 3 (9.38%).

Verificamos que em falantes de nível fundamental houve prevalência da lexia *pidiando* com 8 (50.00%), seguida da forma *roubando* 4 (25.00%), *engolobando* 3 (18.75%) e *trapaceando* com apenas 1 (6.25%).

Em falantes de ensino médio, no entanto, verificamos a prevalência da forma *trapaceando* com 6 (37.50%), *roubando* 6 (37.50%) e *pidiando* com 4 (25.00%).

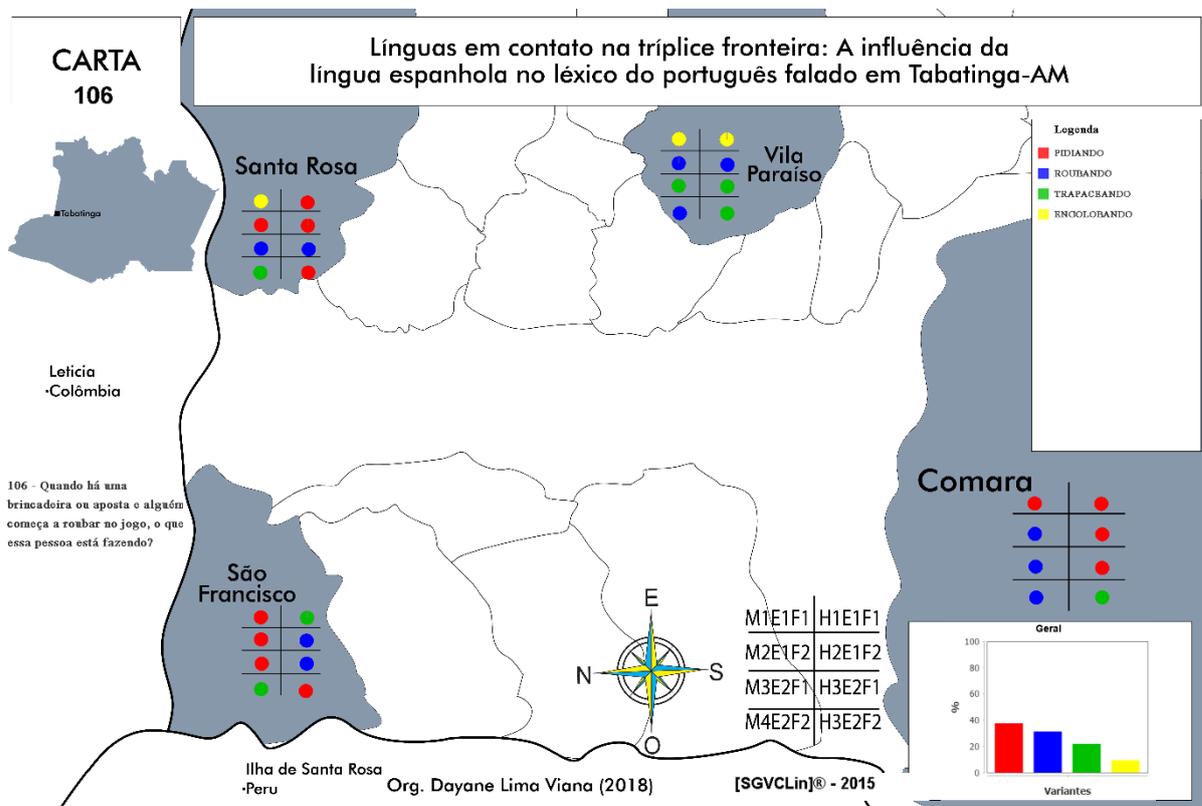
Na faixa etária 1, a lexia *pidiando* obteve 6 (37.50%) seguida de 4 (25.00%) para *roubando*, 3 (18.75%) *engolobando* e 3 (18.75%) *trapaceando*.

Na faixa 2, *pidiando* ocorreu 6 (37.50%) seguida de *roubando* 6 (37.50%) e *trapaceando* 4 (25.00%).

Ficou constado também, que a lexia *roubando* e *pidiando* foram as mais utilizadas por mulheres com índice de 6 (37.50%) e 5 (31.25%) respectivamente. A forma *Trapaceando* foi registrada 3 (18.75%) e *engolobando* 2 (12.50%).

A lexia *pidiando* foi a mais utilizada entre os homens com o percentual de 7 (43.75%), seguida de *roubando* com 4 (25.00%), *trapaceando* 4 (25.00%) e *engolobando* 1 (6.25%).

Outro dado que vale apenas mencionar é a ocorrência da lexia *pidiando* nos bairros São Francisco e Santa Rosa e Comara. Mas especificamente, é possível verificar que a ocorrência da lexia hispânica foi mais produtiva em falantes residentes dos bairros mais próximos a fronteira, com 8 ocorrências no total, contra apenas 3 dos bairros mais distantes, isso demonstra que, quanto mais próximo da cidade colombiana, maior foram os índices de ocorrências.



CONCLUSÃO

Como já discutido, as línguas são constituídas de dinamismo e heterogeneidade. Ao admitirmos esse fato, compreendemos que elas estão em um constante processo de transformação que são condicionadas por fatores diatópicos, diageracionais, diastráticos e diagenéricos, etc.

Levando em consideração esses aspectos, dedicamo-nos a estudar como a língua espanhola implementa mudanças ao português falado na cidade de Tabatinga.

Para tanto, voltamos nosso estudo para 4 bairros, São Francisco, Santa Rosa, Vila Paraíso e Comara.

A cidade de Tabatinga possui 17 bairros, porém um dos objetivos da pesquisa, era verificar como a difusão das lexias hispânicas operam dentro do espaço geográfico da cidade.

Em vista disso, selecionamos os bairros São Francisco e Santa Rosa, por fazerem divisa com a cidade colombiana. Em contraposição, selecionamos os bairros Vila Paraíso e Comara, por serem considerados os mais distantes da linha da fronteira.

Utilizamos-nos dessa estratégia, a fim de verificar se informantes mais próximos da fronteira colombiana eram mais predispostos a absorção das lexias estrangeiras, ou se esse fato nada implicaria nos processos de influência.

Outro objetivo que traçamos, foi analisar como os diferentes estratos sociais moldam seu repertório verbal a partir do contato português e espanhol. Utilizando-nos dos parâmetros pluridimensionais foi possível examinar a dinâmica das ocorrências lexicais de forma estratificada, o que permitiu-nos chegar as seguintes constatações:

Considerações diatópica

Ao analisar os dados, pudemos perceber que informantes dos bairros São Francisco e Santa Rosa, demonstraram maior frequência na utilização de lexias da língua espanhola comparado aos moradores de bairros mais distantes, como Vila Paraíso e Comara. Validando, portanto, a hipótese inicial do estudo.

Esse fato, pode ser explicado por dois fatores. O primeiro deles, é a aproximação com o território colombiano, que implica necessariamente no contato direto com os moradores do país vizinho.

Essa realidade social que determinados falantes estão imergidos, foi comentada na subseção 1.2.7, onde foi comentamos que parte da população da cidade tem os terrenos de suas casas margeados com a vizinhança colombiana.

Nesse cenário, a convivência diária faz com que os moradores dos bairros São Francisco e Santa Rosa, passem a partilhar os costumes, o gosto musical, a gastronomia, a cultura e a língua do país vizinho. Esta realidade pode ser um indicador de zona de transição e deslocamento de léxicos da língua espanhola para o português de Tabatinga.

Embora tenhamos atestado maior índice de influência em falantes de bairros mais próximos, as amostras também evidenciam mesmo que em menor proporção, os falantes das áreas mais distantes, também experimentam o continuum linguístico da língua espanhola.

Em síntese, por meio dos resultados obtidos, pudemos constatar a confirmação de nossa hipótese inicial, pois de modo geral, as cartas linguísticas revelam dois importantes aspectos que elencamos a seguir:

- i) Algumas cartas linguísticas demonstraram que as lexias da língua espanhola estão presentes tanto nos bairros mais próximos quanto nos mais distantes;
- ii) Embora o continuum acima tenha sido observado, o índice de tais ocorrências é relativamente pequeno comparado as cartas que revelam a maior ocorrência nos bairros mais próximos, isto é, São Francisco e Santa Rosa.

Insta lembrar aqui, que não tivemos pretensão inicial em afirmar que a língua espanhola é predominante na cidade de Tabatinga.

Pelo contrário, iniciamos o estudo compreendendo que o português é a língua dominante entre a população, mas admitimos que o constante contato com a língua espanhola está ofertando variabilidade no plano lexical.

Considerações Diagenérica

De forma geral, observamos que as lexias em espanhol fazem parte do contexto de uso tanto de homens quanto mulheres. Contudo, percebemos que falantes do sexo feminino são mais receptíveis a adoção de lexias da língua espanhola, essa observação ficou clara principalmente quando analisamos o campo semântico-lexical alimentação e saúde caseira.

Essa constatação, pode ser explicada sob duas perspectivas. A primeira, é o fator gastronômico, pois, de acordo com o corpus levantando, observamos um acentuado índice de empréstimos linguístico para se referir a verduras, hortaliças, legumes, frutas e principalmente a pratos típicos da fronteira, que lideram a porcentagem de utilização de lexias do espanhol por mulheres.

Como aqui já discutido, Tabatinga é marcada por um estilo interiorano onde grande parte das mulheres dedicam-se exclusivamente as tarefas do lar, o que de imediato nos conduz a pensar que essa pode ser uma das causas da apropriação de lexias hispânicas por parte de mulheres.

O segundo fator, pode estar relacionado ao grau de afetividade linguística, tema no qual abordamos na subseção 2.8.3, onde comentamos que muitas famílias de Tabatinga são constituídas a partir de casamentos interétnicos.

Dado a existência de dois códigos linguísticos dentro da mesma família, passamos a admitir o gênero feminino como o gênero mais sensíveis às transposições léxicas de uma língua para outra, demonstrando um maior percentual de uso de palavras do espanhol.

Considerações Estrática

Embora tenhamos registrado a ocorrência de variantes do espanhol em informantes de nível médio, ficou evidente que falantes da escolaridade 1 (ensino fundamental completo ou incompleto) utilizam com maior frequência de lexias hispânicas comparado a informantes da escolaridade 2 (ensino médio completo e incompleto).

Dessa forma, podemos afirmar que os dois níveis de escolaridade estudados são estratos sociais distintos que possuem comportamentos diferenciados mediante ao convívio com as variantes hispânicas.

Considerações diageracional

No aspecto diageracional, verificamos que falantes da faixa etária 2, são os que mais recorrem as lexias do espanhol em sua produção comunicativa, isto porque, quando observamos os índices geral das cartas linguísticas o uso de palavras estrangeiras foi mais produtivo nessa faixa etária.

Consequentemente, isso nos possibilita compreender que a Faixa etária 2, geração mais velha, se mostrou mais influenciada pelo uso do espanhol comparado aos mais jovens.

Diante do exposto, é possível perceber um comportamento linguístico diferenciado entre as gerações (mais jovem e mais velha).

Esse fato nos revela que a difusão das lexias do espanhol no português de Tabatinga é pautada por diferentes graus de influência, isto é, mesmo tenhamos observado maior frequência na utilização de lexias hispânicas entre os mais velhos, verificamos que a faixa etária mais jovem também está sob influência, mesmo que com regularidade distinta.

Últimas considerações

- a) Nos campos semânticos como, meio físico, fauna e o homem, constatamos dois pontos importante: (i) A concorrência de variantes em português como podemos ver nas cartas 1,5,7,8,16,19,20,70,71,72,73,74,75,78,79,80 e; (ii) um alto índice de arealizações de lexias do português, onde podemos verificar nas cartas 2,3,4, 6, 9, 10, 12, 14,17.

Dito isto, de acordo com a análise realizada nesses campos, não foram registradas nenhuma ocorrência de vocábulos em espanhol, deixando claro que a influência hispânica nestes campos não foram observadas;

- b) Em contrapartida, observamos o oposto nos campos semânticos flora, alimentação e saúde caseira e habitação (estrutura, mobília e utensílios domésticos), pois verificamos um alto índice de utilização de lexias do espanhol como podemos atestar nas cartas 25,26,28,29,31 e 33;

Para confirmar a difusão de variantes do espanhol nesses campos semânticos as cartas 39,40,41,47,48,56 e 57 apresentaram sobreposição de lexias do espanhol comparado as registradas em português, demonstrando ser um campo de grande abertura para as lexias hispânicas;

- c) Nas cartas 43,44,52,53,60,61,64,65,66,67e 68 observamos que as lexias hispânicas são estritamente concorrentes com as variantes do português. Cabe-nos dizer aqui, que no presente contemplamos o processo variacional entre uma forma e outra, mas de acordo com o tempo podem ocorrer dois processos significativos:

- (i) as variantes envolvidas poderão ainda estar em coexistência ou, (ii) o processo de mudança linguística poderá impetrar sanções a uma das formas extinguindo, portanto, a menos utilizada.
- d) De modo geral, constatamos a dominância de lexias em português nas 106 cartas linguísticas, contudo, nosso estudo também revelou alguns casos de arealizações de variantes em espanhol que podem ser verificadas nas cartas 42,45,49,50,69 demonstrando a inexistência de forma em português;

No levantamento oral, o aspecto fonético-fonológico nos chamou atenção, uma vez que observamos que além da influência lexical, o contato com a língua espanhola faz com que segmentos fônicos distintos estejam presentes na fala tabatinguense.

No entanto, em virtude do amplo campo de estudo, não nos ocupamos do fenômeno fonético-fonológico, podendo ser o estudo de futura pesquisa.

Dessa forma, compreendemos que há múltiplas possibilidades de estudos linguísticos nessa região, pois ficou claro que o contato com a língua espanhola está ofertando novas configurações ao português fronteiriço. Este estudo por sua vez, discutiu como a conjuntura social da tríplice fronteira, tem contribuído para a variação linguística dos falantes da cidade de Tabatinga.

Acreditamos que a relevância deste trabalho está no fato de ser a primeira pesquisa a investigar a variação lexical decorrente ao contato do português com a língua espanhola.

Diante disso, consideramos que nosso estudo irá contribuir às futuras pesquisas dialetológica, uma vez que, demos os primeiros passos rumo à investigação de como o fenômeno de contato tem implementado mudanças à fala tabatinguense.

Tabela 4 Lexias em espanhol

NÚMERO DA CARTA	LEXIA	FREQUÊNCIAS ABSOLUTAS E RELATIVAS
Carta 11	Pollo	2 (6.25%)
Carta 15	Palometa	2 (6.25%)
Carta 21	Chanco e marano	4 (12.50%) 1 (3.12%)
Carta 25	Chantaduro e pifaio	4 (12.50%) 2 (6.25%)
Carta 26	Pomarosa	3 (9.38%)
Carta 28	Fresa	4 (25.00%)
Carta 29	Mora	6 (18.75%)
Carta 31	Ápion	20 (62.50%)
Carta 33	Guanabana	3 (9.38%)
Carta 39	Curite	31 (96.88%)
Carta 40	Cheetos	30 (93.75%)
Carta 41	Empanadas	26 (81.25%)
Carta 42	Morcilla	31 (100.00%)
Carta 43	Gaseosa	17 (53.12%)
Carta 44	Picada	16 (50.00%)
Carta 45	Lechona	27 (84.38%)
Carta 47	Arroz chauffa	26 (81.25%)
Carta 48	Patacão e patacón	28 (87.50%) e 4 (12.50%)
Carta 49	Michelada	29 (90.62%)
Carta 50	Arepa	32 (100.00%)
Carta 52	Perico	7 (21.88%)
Carta 53	Salchipapa	10 (31.25%)
Carta 56	Tacate e tacacho	28 (87.50%) 4 (12.50%)
Carta 57	Lechuga	19 (59.38%)
Carta 60	Acero	8 (25.00%)
Carta 61	Decol	11 (34.38%)
Carta 63	Danceteria	2 (6.25%)
Carta 64	Lapiseira	5 (15.62%)
Carta 65	Floristeria	3 (9.38%)
Carta 66	Serena	6 (18.75%)

Carta 67	Tetero	7 (21.88%)
Carta 68	Servilleta	7 (21.88%)
Carta 69	Pinhata	26 (81.25%)
Carta 82	Borracho	1 (3.12%)
Carta 83	Sovar	4 (12.50%)
Carta 88	Cabrón	4 (12.50%)
Carta 89	Moza	3 (9.38%)
Carta 91	Panchita e tibo	3 (9.38%) e 2 (6.25%)
Carta 98	Arecha	2 (6.25%)
Carta 103	Pastusa	2 (6.25%)
Carta 104	Porcaria	2 (6.25%)
Carta 105	Nhapa	26 (81.25%)
Carta 106	Pidiando	12 (37.50%)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística- parte I**. In MUSSALIM, Fernanda; Bentes, Ana Crhistina (Orgs.). *Introdução a linguística : Domínios e fronteira*. v. 1.- São Paulo : Cortez, 2012, p. 23-50.

ANTENHOFEN, Cleo V. **Os contatos linguísticos na arrealização do português falado no sul do Brasil**. In ELIZAINCÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (Org.). *Espanol y Portugués: Fronteiras e Contatos*. Pelotas. UCPEL, 2008, p. 129-164.

ATAÍDE, Luíz. **Tabatinga: Crônicas fronteiriças Tabatinga** : Editorial Gente Nueva, 2017.

ARRIVÉ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspecto dialetais do português da região norte do Brasil: Um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no baixo amazonas (PA) e no médio Solimões (AM)**. Tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BARBOSA, Quezia Maria R. de Oliveira. **Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico**. Manaus. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2013.

BARRETO, Savedra, M. M. G. Bilinguismo e bilingualidade: uma proposta conceitual. In. BARRETO; SALGADO. (Orgs.). **Sociolinguística no Brasil: Uma contribuição dos estudos sobre Línguas em/de contato**. – Rio de Janeiro : 7 Letras, 2009.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BATISTA, Bryana C. L. L. **Aspectos dialetais do médio amazonas: um estudo sobre o Léxico. Manaus. 2019**. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, UFAM, Manaus, 2019.

BIDERMAM, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística : teoria lexical e computacional**.

BLOMFIELD, Leonard. *Language*. New York : Holt, Rinehart & Winston. 1933.

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* São Paulo : Parábola Editorial, 2005.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil** – São Paulo: Ática S.A, 1991
- _____ **A história e as contribuições de um projeto na linga Geolinguística.** In: Vanderci de Andrade Aguilera. (Orgs). *A geolinguística no Brasil: Trilhas a seguir, caminhos a percorrer.*- Londrina : Eduel, 2013. P. 357-370.
- BORSTEL, Clarice Von. **A Interface língua e identidade alemã no Brasil.** In: VANDRESEN, Paulino. (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico no Português da região Sul.* – Pelotas: Ed: EDUCAT, 2006. p. 281-302.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística-Parte II.** In MUSSALIM, Fernanda; Bentes, Ana Crhistina (Orgs.). *Introdução a linguística: Domínios e fronteira.* v.1.- São Paulo : Cortez, 2012, p. 23-50.
- CALLOU, D. **Quando dialetologia e sociolinguística se encontram.** *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n.41, p.29-48, jan.-jun. 2010.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica/** Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marciolino – São Paulo: Parábola, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística tradição e modernidade** – São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice. **O Atlas linguístico do Brasil: De “Nascituro” A “Adolescente”.** In: Vanderci de Andrade Aguilera. (Orgs). *A geolinguística no Brasil: Trilhas a seguir, caminhos a percorrer.*- Londrina : Eduel, 2013. p.1-12
- CHAMBERS, j. k. *Sociolinguistic Theory.* Basil Blackwell, 1995.
- CHAMBERS, J; TRUDGILL,P. **La Dialectologia;** Tradução Carmen Morán Gonzales, Eugênio Bustos Gisbert, Francisca Aliac – Madrid: Muriel,1994.
- CHAGAS, Paulo. **A mudança linguística.** In. FIORIN, Luiz, José. (Org.). *Introdução à linguística I Objetos teóricos.*- 6 . ed., 4 impressão.- São Paulo, 2015.
- CHAREILLE, Samantha. **Langues de frontieres et frontieres de langues.** In: *Revue de sociolinguistique en ligne Glottopol.* N. 4- . 2004.
- CARUZO. P. **Metodologia da pesquisa dialetológica.** In: Vanderci de Andrade Aguilera. (Orgs). *A geolinguística no Brasil: Trilhas a seguir, caminhos a percorrer.*- Londrina : Eduel, 2013. p.371-380.
- COAN, Marluce. **Tempos Variáveis: Os mais que perfeitos simples e composto e perfeito simples em variação e mudança do século XVI ao século XX.** In:

- VANDRESEN, Paulino. (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico no Português da região Sul*. – Pelotas: Ed: EDUCAT, 2006. p. 77-98.
- COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012.
- COMÉNIUS, J. A. 1648. In: CRÉPON, M. *Langues sans demeure*. Paris: Galilée, 2005. p. 56, 59.
- CORREA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. 1980 – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- COOK, V. Is Transfer the right word? Esboço de uma conferência **PRAGMATIC SYMPOSIUM**, 2000, Budapest. Disponível em: <<http://homepage.ntlworld.com/vivian.c/Writings/Papers/Transfer2000.htm>> Acesso em: agosto, 2016.
- CRYSTAL, David, Enciclopedia del lenguaje de la Universidad de Cambridge, Madrid, Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, S. A. 1994.
- CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas-ALAM**. Tese defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- DEPARTAMENTO DEL AMAZONAS, Trimestre I. Letícia: Banco de la República, 2001.
- DIAS, Juçá Fialho Vazzata. **A concordância de Número nos Predicativos e nos Participios Passivos na fala região Sul: um estudo variacionista**. Florianópolis. Dissertação de Mestrado, 1996.
- DITTMAR, Norbert. **Grundlagen der Soziolinguistik – ein Arbeitsbush mit Aufgaben**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1997.
- ELIZAINCÍN, Adolfo. **Gramáticas em contato e em conflito: Português e espanhol em América**. In MATZEUER, Carmem Lúcia Barreto et al (Org.). *Estudo da Linguagem – VII Círculo de estudo linguístico do Sul*. Pelotas : EDUCAT, 2008.
- Elizaincín, A. BEHARES, L.; BARRIOS, G. **Nos falemo brasileiro. Dialectos portugueses em Uruguay**. Montevideo, Amersur, 1987.
- ESPIGA, Jorge. **O contato do Português com o espanhol da região sul do Brasil**. In. VANDRESEN, Paulino. (Org.). **Variação, mudança e contato linguístico no Português da região Sul**. – Pelotas: Ed: EDUCAT, 2006. p. 261- 279.
- FERREIRA, Carlota; Cardoso, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994^a.

- FERGUNSON, C. A. Diglosia.: HYMES , D. (Org.) **Linguagem in culture and society: A reader in linguistics and Anthropology**. New York, Harper & Row, 1964, 429-439.
- FISHMAN, Joshua A. **The sociology of language**. Rowley: Newbury House, 1972.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: A história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- _____. **Da 'fala boa' ao português na Amazônia brasileira**. AMERINDIA: Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne. 8: 39-83, Paris, 1983.
- GARCIA, F. Cacciatore de. Fronteira iluminada. **História do Povoamento, conquista e limites do Rio Grande do sul a partir do Tratado de Tordesilhas (1420-1920)**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- GARCIA, Neiva Mara Zanin. **Estudo linguístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrantes ucranianos: Do passado ao presente**. In. SILVA, Sidney de Souza. (Org). **Línguas em Contato: Cenários de bilinguismo no Brasil**.- Campinas: Ed: Pontes, 2011. p. 225-254.
- GONÇALVES, Maria de Lurdes e ANDRADE, Ana Isabel. “**Disponibilidades e autoimplicação: desenvolvimento profissional e plurilinguismo**”, In Educação, Porto Alegre/RS, ano XXX, n.3(63), p. 457-477, set/dez, 2007, disponível em. Acesso em 04 abr. 2012.
- GROSJEAN , F. **Life with two languages: sn introduction to bilingualism**. Cambridge, Mass> Harvard University Press, 1982.
- GUISAN, Pierre. **Língua: A ambiguidade do conceito**. In. BARRETO, M. M.G.S & (Org). **Sociolinguística no Brasil: Uma contribuição dos estudos sobre línguas em contato**.- Rio de Janeiro : 7letras, 2009. P. 17-29.
- GUMPERZ, J. J. **Type of Linguistics community**. **Anthropological Linguistics** 4: 28-40, 1962.
- SALGADO. A. C. P. (Orgs). **Sociolinguística no Brasil: Uma contribuição dos estudos sobre línguas em/ de contato**. – Rio de Janeiro : 7 Letras, 2009. P.17-28.
- HOCKETT, Charles. **A Course in modern Linguistics**. New York : Mac- Millan.
- KENEDY, Eduardo, **Gerativismo**. In. Martelota, Mário. E. (Org). **Manual de Linguística**.- . 2. Ed., 3 reimpressão – São Paulo : Contexto, 2015. P. 127-139.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_ *Where does the sociolinguistic variable stop?* A response to Beatriz Lavandera. Working Papers in Sociolinguistics. Austin : Southwest Educational Development Laboratories, 1978.

_ *Padrões sociolinguísticos*,/ William Labov- tradução Marcos Magno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, parábola Editorial, 2008.

LYONS, John. *New horizons in Linguistics*. Harmondsworth: Mids Penguin, 1970.

MACNAMARA, J. **How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency?** In: KELLY, L. G. (ed). *Description et et measure du bilinguisme: um Coloque Internacional*. Toronto : University of Toronto Press. P. 555-84.

MARGOTTI, FELÍCIO Wesling. **Difusão-sócio geográfico do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Dicionário de linguística e gramática**. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. Atitudes linguísticas em uma comunidade Bilíngue do sudoeste goiano. In. SILVA, Sidney de Souza. (Org). **Línguas em Contato: Cenários de bilinguismo no Brasil**.- Campinas: Ed: Pontes, 2011. P. 141-177.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____ **Fundamentação teórica: Conceito e delimitação**. In. MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. *Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação*.- 4, ed., 3 reimpressão,- São Paulo : Contexto, 2015.

MONTEIRO, José Lemos, 1944- **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

MUSSALIN, F.; BENTES, A. (Orgs). **Introdução a Linguística: domínio e fronteiras**. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

NEGRÃO, Esmeralda; SCHER, Ana; VIOTTI, Evani. **A competência linguística**. In. FIORIN, José Fiorin. (Org.). **Introdução a linguística I. Objetos teóricos**. – São Paulo : Contexto, 2015. p. 95-120.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. (Orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

OGLIARI, Marlene Maria. **Línguas Minoritárias e situações bilíngues decorrentes: considerações sociolinguísticas**. In. VANDRESEN, Paulino. (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico no Português da região Sul*. – Pelotas: Ed: EDUCAT, 2006. p. 303-323.

PAIVA, M. C. **Variável Gênero-sexo**. In. José Luiz Fiorin. (Org.). *Introdução a linguística I. Objetos teóricos*. – São Paulo : Contexto, 2015. p. 34-42.

PETTER, Marilda. **Linguagem, língua e linguística**. In. José Luiz Fiorin. (Org.). *Introdução a linguística I. Objetos teóricos*. – São Paulo : Contexto, 2015. p. 11-24.

PEREIRA, Telma. **Fronteira Oiapoque- Sant-Georges: Línguas e políticas linguísticas em contato**. In. BARRETO, M M. G. S; SALGADO, A. C. P. *Sociolinguística no Brasil: Uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. – Rio de Janeiro : 7 Letras, 2009. p. 177-190.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **A língua como objeto da linguística**. In. FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística I Objetos teóricos**. - São Paulo : Contexto, 2015. p. 75-94.

PRETTI, Dino. **Análise de textos orais**. 5ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001 – (PROJETOS PARALELOS:V.1) *Revista Intercâmbio*, volume XIX: 23-40, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x

ROMAINE, Suzanne. **Language in society - Na Introduction to Socio-linguistics**. OXFORD: Oxford University Press, 1994.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. **[SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas**. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n.1, p.119-151, 2014

RONA, J. P. **La frontera lingüística entre el portugués y el español em el norte del Uruguay**. Porto Alegre: PUC-RS. Suplemento da revista VERITAS, 1963.

RONCATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs). **Português Brasileiro II: Contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de janeiro: EdUFF,2008

ROCHA, Patrícia Graciela da. **O Português de contato com o espanhol do sul do Brasil: Empréstimos lexicais**. Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis, 2008.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolinguística: teoría e análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

SEMINO & ESCOBAR, Maria Josefina Israel; Patrícia Mussi. **Las interferências en la frontera Uruguay-Brasil: Un estudio de caso sobre las restricciones**. In. In. SILVA, Sidney de Souza. (Org). *Línguas em Contato: Cenários de bilinguismo no Brasil*.- Campinas: Ed: Pontes, 2011. p. 335-350.

SILVA, Sidney Souza de. **A colônia do Rio Uvá: Um contexto de imigração alemã e deslocamento**. In. SILVA, Sidney Souza. (Org.). *Línguas em contato: Cenários de bilinguismo no Brasil*.- Campinas, São Paulo : Pontes Editores, 2011, p. 117-140.

SOUZA & ALBUQUERQUE, Jane Guimarães; Francisco Edviges. **Glossário bilíngue Krahô/Português: Uma contribuição para o fortalecimento da língua Krahô**. In:ALBUQUERQUE, Francisco Edviges & ALMEIDA, Severina Alves de. *Educação Escolar indígena e diversidade cultural*. – Goiânia: Ed. América, 2012. 369, p.: 22 cm.

_____.**Contato de línguas: Empréstimos linguísticos do português Krahô**, Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

STURZA, Eliana R. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras**. In Revista Ciência e Cultura. Vol.57, n. 2, São Paulo. Abril/Junho, 2005.

VANDRESEN, Paulino. Org.2. **Variação Linguística, mudança e contato linguístico no português da região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tânia. **Falares Crioulos. Línguas em Contato**. São Paulo: Ática, 1987.

WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG. Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

THUN, H. La pluridimensionalidad del Atlas Diatópico e Diastrático del Uruguay (ADDU), 1999.

THUN, H. **La Geolingüística como Lingüística Variacional General** (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). Congresso Internazionale Di Linguistica e Filologia Romanza, 21, 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). Atti. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

TRINDADE, A. M.; BEHARES, I.; FONSECA, M. C. **Educação e linguagem em áreas de fronteira Brasil-Uruguai**. Santa Maria: Palloti, 1995.

INTERNET

Aragão, M. S. Socorro do. Estudos dialetais e geolinguístico no Brasil : RRL. L II, 1-2, p. 125-140, Bucaresti, 2008. Disponível em, acesso em 14/12/2017.

Barbosa, Gabriela. Atitudes em fronteira: O caso de Tabatinga e Letícia. Caderno do CNLF, vol. XI, n: 15,68-84, 2009. Rio de Janeiro: CIEFEFIL. Círculo fluminense de estudos filológicos e linguísticos.

Calvet, Louis-Jean, *Identidad y plurilingüismo*, París, Plon, 1999.

Disponível em http://www.campus-oei.org/tres_espacios/icoquio9.htm, acesso em 12/08/2018.

Carvalho, Ana Letícia, Ferreira de. Atitude linguística de universitários Tikuna: Uma análise da situação do contato português/Tikuna. Anais do VIII SAPPIL- Estudo de linguagem, UFF, n. 1, 2017. Disponível em www.anaisdosappil.uff.br, acesso 14/06/2018.

Flory, Elizabete V. & Maria Thereza C. C. de Souza. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. **Revista Intercâmbio, volume XIX: 23-40, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x.**

Isquierdo, A. N; Romero, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALIB: Uma reflexão a partir do perfil do informante. Revista Alfa. São Paulo. V. 56, N. 3.p – 891-916, 2012. Disponível em www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a08v56n3.pdf, acesso em 23/09/2018.

Oliveira, Gilvan M. Plurilingüismo no Brasil. IPOL. 1-11, 2008. Brasília, disponível em www.lacult.unesco.org/docc/Plurilinguismo_no_Brasil.pdf, acesso em 12/07/2018.

GOROVITZ, S. A tradução como contato de línguas, Brasília, 2012 : Universidade de Brasília. Disponível em periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/download/8052/6122, aceso em 12/08/2017.

Gutierrez, M. L. Language, langue y plurilingüismo. Universidade del país Vasco. 49-59,2005, disponível em https://acceda.ulpgc.es:8443/xmlui/.../0235347_01993_0004.pdf, acesso em 12/07/2018.

McCleary, L. Sociolinguística, Florianópolis, 2009.

Montes, José, Giraldo. A dialetologia. Revista Thesaurus. Tomo. LIV. n. 2: 533-542, 1999. Bogotá. Centro virtual Cervantes, disponível em

<https://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/54/TH540021790.pdf>, acesso em 09/07/2018.

Nogueira, R. José, Batista. Território de fronteira: Brasil/ Colômbia. VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de cultura sociais. 1-19, Coimbra. Disponível em <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/RicardoNogueira.pdf>, acesso em 13/04/2017.

Oliveira, M. M. “A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia, disponível em <http://www.scielo.br/> acessado em 09/12/2017.

Padovani, Bruna F. S. Lima de. Sanches, Romário, D. Interface da sociolinguística e a dialetologia. Revista web socioleto – UPESDOL-LALIMU, V.6. n: 18, 542-567, 2016: ISSN 2178-1486, disponível em www.sociodiaeto.com.br/edicoes/24/28092016110318, acesso em 13/09/2018.

Peixoto, Paulo de Tarso. C. de. Multiculturalismo, transculturalismo, e heterogênesse urbana: Composições da diversidade para a produção do transconhecimento. Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora, n: 7, p. 2, 2009. Disponível em www.fsma.edu.br/visoes/ed08/Edicao_8_artigo3.pdf , acesso em 01/02/2018.

PINTO, Maria das Graças L. O plurilinguismo : Um trunfo. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 48, p.369- 379, 2013. Disponível em Revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/12584/9917, acesso em 08/08/2018.

REIS, P. C. Et al. A sociolinguística e o ensino de língua materna,10, 2011. Congresso Nacional de Educação-Educere, Paraná.

RODRIGUES, A. D.'I. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência Hoje*, v. 16, n. 95, nov. 1993.

Rodrigues, I. C; Baalbaki. C. A. Práticas sociais entre línguas em contato : Empréstimos linguísticos do português a Libras, Belo Horizonte, V.14, p. 1095-1120, 2014.

RODRIGUES, A. D.'I. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência Hoje*, v. 16, n. 95, nov. 1993.

Romano, Valter, P. Percurso historiográfico e metodológico da geolinguística, Revista Papéis, Vol. 18. N: 35.136-153. 2014, Campo Grande ISSN 1517-9257, disponível em seer.ufms.br/index.php/papeis/article/download/3017/2445, acesso em 14/06/2018.

Salzano, Francisco, M; Jaques, S. M. C; Neel, Janes. V. Demografia genética dos índios Ticunas da Amazônia. *Acta Amazônica* 9 (3). 517-527, 1979, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/aa/v9n3/1809-4392-aa-9-3-0517.pdf>, acesso em 23/12/2017.

Silva, J. P. et al. *Círculo Fluminense de estudos filológicos e linguístico*. Congresso Nacional de Linguística e filologia, 17, 2013, Rio de Janeiro.

Silva, dos Santos. H. *Fundamentos linguísticos: Estudos sociolinguístico*: UNIFESP, 2015. SILVA, M. E. B. da. Os estudos dialetológicos e o seu compromisso como ensino. *Cadernos da ABF*. Vol. II, nº 01. Rio de Janeiro: IELTRAS UERJ, 2003. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/volume2/numero1/06.htm>> Acesso em: 18/08/2018.

Siqueira, Ariela S. do Nascimento; Magalhães, Mayara L. Paiva; Gonçalves, Sandra Maria Godinho. *Dialetologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil*. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

Suarez. Á. G. “Tabatinga (Br) e Leticia Col): Duas cidades Gêmeas, disponível em <http://www.aebr.eu/files/publications/>, acessado em 09/12/2017.

Stelma. R. “A geografia das cidades de fronteira: Um estudo e caso de Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia), disponível em <http://www.retis.igeo.ufrj.br/> acessado em 08/12/2017.

Vanin, Aline, Aver. Considerações relevantes sobre definições sobre comunidade de fala. *Acta Scientiarum : Language and Culture*. V.31, n. 2, p.147-153, 2009, Maringá. Disponível em periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/6367/6367, acesso em 13/09/2018.

Viotti, Evani de Carvalho. *Introdução aos estudos linguísticos*. Universidade Federal de Santa Catarina, disponível em www.libras.ufsc.br/.../assets/317/TEXT0-BASE_-_VERSAO_REVISADA.pdf, acesso em 17/06/2018.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL – (QSL)

I. MEIO FÍSICO

1.Fenômenos Atmosféricos (astros, climas, etc)

01. REDEMOINHO (DO VENTO)

Que nome se dá ao vento que vai virando em roda levantando poeira, folhas e outras coisas leves?

02. RELÂMPAGO

Qual o nome daquela luz que risca o céu em dias de chuva?

03. RAIOS

E aquela luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, em dias de mau tempo?

04. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?

05. ORVALHO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como se chama aquilo que molha a grama?

06. LUA

Durante o dia nós somos iluminados pelo sol. E à noite, o que temos?

07. ONTEM

O dia que passou foi _____.
(quando foi que almoçou (ou jantou) pela última vez?

08. ANTEONTEM

O dia que foi antes desse dia? Um dia para trás?

II. MEIO BIÓTICO

2.Fauna

2.1 Aves

10. URUBU

Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?

11. GALINHA

E aquela ave que põe ovos e que é muito gostosa para se comer. Aquela que nos dá pintinhos? Quais os tipos de galinha que existem aqui?

12. FRANGO

Ave de carne branca comprada congelada em supermercados.

13. PAPAGAIO

A ave do mato, de bico curvo, pequeno e penas coloridas, com mais cores verdes, quando presa, pode aprender a falar?

2.2 *Peixes*

14. PIRARUCU

Como se chama o maior peixe de escama de água doce, considerado o bacalhau brasileiro?

15. SURUBIM

Aquele peixe que é todo pintado e é considerado um peixe de primeira? Um dos poucos peixes de couro.

16. PACU

Peixe de cor prateada, que mede até 40 cm.

17. PIRARARA

E o peixe com uma linha amarela ao longo da linha do lado? Peixe liso da região.

18. PIRANHA

Qual aquele peixe que morde, que tem dentes e, geralmente, só gosta de acabar com suas vítimas, com as pessoas, se já estiverem sangrando.

19. TAMBAQUI

Qual o peixe de escamas dos maiores e que é muito saboroso?

20. PIRAPITINGA

E do peixe que é parecido com o tambaqui, especial também para assados?

21. PORQUÊ

Qual o nome do peixe liso que dá choque quando a gente pega?

22. PORCO-MARRANO-CHANCHO

Como se chama o animal em que as orelhas e pernas são usadas para fazer feijoadas?

3. Flora

23. VITÓRIA-RÉGIA

Como se chama aquela planta d'água, que tem as folhas do tamanho das rodas de uma carreta, que são reviradas na ponta e que ficam boiando em cima das águas como enormes pratos entremeados de flores brancas?

24. CUPUAÇU

Qual o nome do fruto saboroso, de cor marrom, de que se pode fazer cremes e doces?

25. TUCUMÃ

E da árvore que dá uma fruta pequena, aqui no Amazonas, que tem um caroço preto, e é de cor amarela. Pode ser comida crua, com café ou feito sanduíche.

26. PUPUNHA

E da árvore que dá uma fruta amarela no Amazonas, com caroço pequeno, verde por fora. É bem gostosa também e deve ser comida cozida.

27. JAMBO

E o nome daquela fruta bem gostoso também. É uma fruta que é pequena, branquinha por dentro, com um carocinho preto e vermelha por fora?

28. SAPOTILHA

E aquela outra que dá uma fruta bem gostosa também. Que é pequena e marrom, tem um carocinho preto dentro.

29. MORANGO

Qual nome da pequena fruta de cor avermelhada, com pontinhos verdes?

30. AMORA

É uma pequena fruta ácida, de cor vinho, muito usada para fazer sucos?

31. LIMÃO

É um tipo de fruta ácida usado em saladas. Quais tipos você conhece?

32. SALSÃO

É uma hortaliça de longo caule de cor verde clara, na ponta possui folhas muito usado em sopas e ensopados.

33. PIMENTA CALABRESA

Qual tipo de pimenta seca utilizada para temperar churrasco?

34. GRAVIOLA

Qual nome da fruta muito usada para fazer sucos que tem a casca verde como pequeno pontinhos parecido com espinhos?

III. MEIO ANTRÓPICO

1. O Homem

35. DESDENTADO

Como se chama a pessoa que não tem dentes?

36. FANHOSO

A pessoa que parece falar pelo nariz? (Imitar)

37. CAOLHO

A pessoa que só enxerga com um olho?

38. VESGO

A pessoa que tem os olhos olhando em direções diferentes? (Imitar)

39. TERÇOL

Uma bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha?

40. SOLUÇO

Este barulhinho que se faz? (Soluçar)

41. CANHOTO

A pessoa que come com a mão esquerda e faz tudo com essa mão? (Mímica)

42. MANCO

A pessoa que puxa de uma perna?

43. CAMBOTA

A pessoa que tem as pernas arqueadas, curvas para os lados? (Mímica)

44. AXILA

Como se chama esta parte aqui? (Apontar)

45. CECÊ

O mau cheiro debaixo dos braços?

46. CURUMIN

Mesmo que menino, garoto.

47. BÊBADO

Qual nome é dado a uma pessoa que bebeu demais?

48. MASSAGEM

Quando alguém trabalhou demais e está com dores nas costas, o que se pode fazer nas costas para que a pessoa melhore?

1.1 Alimentação e Saúde (medicina caseira)

49. MINGAU DE CARIDADE

Qual o nome que se dá ao alimento feito de farinha seca e geralmente dado a pessoas que se encontram doentes, enfraquecidas?

50. MOJICA

Você conhece uma comida feita de peixe assado, que depois de desfiado, é posto para cozinhar num refogado? como ela se chama?

51. MOQUEAR

Qual o nome do tratamento que se dá ao peixe quando é assado só pelo lado de fora, quase cru no interior?

52. SARAPATEL

Qual a comida daqui que é feita com o sangue da tartaruga?

53. AGUARDENTE

Quais os nomes que vocês dão aqui para a bebida alcoólica feita da cana-de-açúcar?

54. CURITE

Qual nome do suco congelado de frutas que é vendido nas casas dentro de saquinhos plásticos?

55. CHEETOS

Salgadinho crocante feito de milho vendidos em supermercados?

56. EMPANADAS

Qual nome do Salgadinho frito feito de massa de milho?

57. MOCILLA

Que nome recebe a linguiça feita de arroz com sangue?

58. GASEOSA

Qual nome da bebida gaseificada, vendida em garrafas de vidros?

59. ISCAS

Qual nome do prato que é feito com carne, frango, calabresas e são cortados em pequenos pedaços?

60. LECHONA

Qual nome da comida em que o porco é assado por inteiro recheado com arroz e legumes?

61. ARROZ CHAUFFA

Como se chama a comida que tem arroz de cor marrom acompanhado com carnes e frango e ovos?

62. PATAÇÃO

Como se chama a banana verde frita amassada de forma arredondada?

63. MICHELADA

Como se chama a bebida alcóolica feita com limão e servido no copo com borda de sal?

62. AREPA

Como se chama a torta feita de massa de milho branco com queijo dentro?

64. TAPIOCA

E da goma feita de mandioca já seca e torrada no forno?

65. PERICO

Como é chamado a comida feita com ovos fritos misturado com verduras?

66. SALCHIPAPA

Como se chama a comida que é feita com batata e salsichas fritas?

67. REFRESCO

Como é o nome do suco de pouca espessura é geralmente feito sem leite?

68. CHICHAMORADA

Qual é o nome do suco feito de milho queimado de cor de vinho?

69. TACATE

É feito de banana verde cozida, depois amassada e fica parecendo farofa.

70. LECHUGA

Como se chama a hortaliça que parece um repolho com folhas verdes claras?

1.2 Habitação (estrutura, mobília, utensílios domésticos)

69. REDE

Como se chama aquela peça de tecido que a gente pendura para dormir, que se pode balançar e é suspensa pelos lados, geralmente pregados em paredes?

70. FACA

Como é chamado o objeto que serve para cortar carnes, legumes e verduras?

71. AÇO

Metal utilizado para confecção de joias que não mareiam, (não ficam preto)?

72. ÁGUA SANITÁRIA

Solvente utilizado para branquear roupas.

73. SACOLA

Quando vamos ao supermercado, como é o nome do objeto de plástico que trazemos as compras?

74. BOATE

Como é o nome do lugar onde se costuma ir dançar?

75. CANETA

Como se chama a objeto para escrever que tem várias cores, azul, preto e vermelho?

76. FLORICULTURA

Qual é o nome do lugar onde se compra flores?

77. ABSORVENTE

No período de menstruação, o que a mulher usa para que o sangramento não seja visível?

78. MAMADEIRA

Como se chama o objeto que a criança toma o leite?

79. GUARDANAPO

Como é o nome do papel que se usa para limpar a boca após a alimentação?

1.3 Ciclos de Vida

80. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? Existe outro termo que vocês usam?

81. GÊMEOS

Qual o nome que se dá a duas crianças que nasceram no mesmo parto, na mesma hora?

82. ABORTAR

Quando a mulher fica grávida, mas não quer ter a criança, ela toma remédio para quê? Existe uma outra palavra que vocês usam para uma mulher que aborta?

83. FILHO MAIS MOÇO

Como se chama o filho que nasceu por último?

84. CORNO

O nome que se dá ao marido quando uma mulher passa ele para trás?

85. PROSTITUTA

Como se chama a mulher que vende seu corpo para qualquer homem, em troca de dinheiro?

86. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

87.GAY

Como se chama um homem que possui características afeminadas?

1.4 Vida Social

(a) Brinquedos e Jogos Infantis

88.CAMBALHOTA

Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado? (Mímica)

89. BOLINHA DE GUDE

E essas coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

90. ESTILINGUE

Qual o nome do brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (Mímica), que os meninos usam para matar passarinho?

91 ESCONDE-ESCONDE

Qual o nome da brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras se escondem em algum lugar, e depois vai procurá-las?

92.CABRA-CEGA

E da brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?

93. PEGA-PEGA

E de uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas antes que alcance um ponto combinado?

94. AMARELINHA

Qual aquela brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só.

1.5 Expressões Populares

95 ACESA

Como se chama uma menina que é danada, travessa.

96. AVEXADO

Qual o termo usado para se dizer que uma pessoa está apressada?

97. CHOU!

Qual o termo que se usa para espantar as galinhas?

98. DESMENTIDURA

Qual a palavra usada para indicar que um osso do corpo humano está fora do lugar?

99. EMPACHADO

Qual a palavra que vocês usam para indicar que uma pessoa não está conseguindo ir ao banheiro para fazer cocô. Que tem problemas para conseguir ir ao banheiro todos os dias?

100. FUXIQUEIRO

Como se chama aquela pessoa que gosta de fazer intrigas, falar mal da vida dos outros?

85. LESA

Como se chama uma pessoa que é boba?

100. MEDONHO

Como se diz que uma pessoa é muito feia, horrorosa mesmo?

101. PITIÚ

Qual o nome que se dá ao cheiro que o peixe tem?

102. NHACA

Qual nome do odor de uma pessoa com mau cheiro?

103 MAU-OLHADO

Como se chama o olhar de uma pessoa que parece que tem inveja da outra, ódio contra os bons negócios, felicidade. Quando alguém olha assim para outra pessoa se diz que essa pessoa está botando o que na outra?

104. NHAPA

Quando uma pessoa está comprando algo e começa a pexinchar para levar para casa além do que ela pagou, como isso se chama?

105. CAGUETA

Como se chama alguém que fala para todos o segredos de seus amigos?

106. PIDIAR

Quando há uma brincadeira ou aposta e alguém começa a roubar no jogo, o que essa pessoa está fazendo?

107. PINHATA

Em aniversários é comum ter uma caixa cheia de brinquedos e bombons. Como se chama esta caixa

APÊNDICE B
FICHA DE LOCALIDADE

<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> + + </div> <p style="text-align: center; margin: 0;">LINGUAS EM CONTATO NA TRIPLICE FRONTEIRA: A INFLUENCIA DA LINGUA ESPANHOLA NO LEXICO DO PORTUGUES FALADO EM TABATINGA-AM</p> <p style="text-align: center; margin: 0;">No. do ponto: Nome: Cidade:</p>
1. NOME OFICIAL:
2. NOME REGIONAL:
3. NOMES ANTERIORES
4. ATIVIDADE ECONOMICAS PREDOMINANTES:
5. POSIÇÃO GEOGRAFICA:
6. POSIÇÃO RELATIVA COM A FRONTEIRA COLOMBIANA. A. () PROXIMO B. () DISTANTE
7. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE:

** Modelo adaptado*

APÊNDICE C

FICHA DO INFORMANTE

LÍNGUAS EM CONTATO NA TRÍPLICE FRONTEIRA: A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA ESPANHOLA NO LÉXICO DO PORTUGUÊS FALADO EM TABATINGA-AM		
No. do ponto: No. do informante:		
DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
1. NOME		SOBRENOME
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. () M B. () F	5. IDADE
6. ENDEREÇO RUA e N: BAIRRO: CEP:		
7. ESTADO CIVIL: A. () solteiro B. () casado C. () divorciado D. () viúvo		
8. NATURALIDADE	9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. A. DOMICÍLIO, ÉPOCA E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE: B. MOTIVO DO(S) AFASTAMENTO(S)		
11. ESCOLARIDADE	12. A. () BILÍNGUE B. () MONOLÍNGUE	13. OUTROS CURSOS: A. () especialização B. () profissionalizante C. () outros
14. NATURALIDADE A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		15. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. () sim B. () não 16. EM CASO NEGATIVO POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:
17. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DO BAIRRO, CIDADE)		
18. OUTRAS PROFISSÕES-OCUPAÇÕES:		19. PROFISSÃO A. do pai B. da mãe C. do cônjuge
RENDA		
20. TIPO DE RENDA A. () individual B. () familiar		
PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA		
31. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICA DO INFORMANTE:		

A. () tímido B. () vivo C. () perspicaz D. () sarcástico		
32. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:		
A. () total B. () grande C. () média D. () fraca		
33. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO		
A. () cooperativa B. () pouco cooperativa C. () agressiva D. () indiferente		
34. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:		
A. () "A" B. () "B" C. () "C" D. () "D"		
35. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE O INFORMANTE E O INQUIRIDOR:		
A. () grande B. () médio C. () pequeno D. () nenhum		
36. AMBIENTE DO INQUÉRITO		
37. OBSERVAÇÕES:		
38. NOME DOS INQUIRIDORES:	39. LOCAL DA ENTREVISTA CIDADE: UF:	40. DATA DA ENTREVISTA:
		41. DURAÇÃO:

***Modelo adaptado**